

Mikhail P. Kulakov e Maylan Schurch

AINDA QUE |CAIAM| OS CÉUS

A DRAMÁTICA HISTÓRIA DE UM PASTOR
QUE SOBREVIVEU AO REGIME SOVIÉTICO

AINDA QUE |CAIAM| OS CÉUS

A dramática história de um pastor
que sobreviveu ao regime soviético

Mikhail P. Kulakov e Maylan Schurch

Tradução
Cecília Eller Nascimento

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Apresentação

– Qual é o problema? – ele perguntou em voz baixa. – Eu fiz alguma coisa errada?

Ela não disse nada, mas o encarou atentamente, tentando de forma desesperada adverti-lo com o olhar.

– Vá para o seu intervalo, Mikhail Kulakov. Agora! Saia daqui. Deixe este lugar!

Mas ele não compreendeu. Sem suspeitar de nada, caminhou exatamente em direção à ARMADILHA.

Uma fé sólida e inabalável. Isso era tudo o que o jovem Mikhail Kulakov possuía.

O governo comunista soviético lhe tirara a profissão, a família e a liberdade. Seu crime? Servir fielmente a Deus ou, nas palavras da KGB, promover “atividades antissoviéticas”.

Ele foi preso, interrogado e depois condenado a cinco anos em campos de trabalho forçado, onde suportou amargas provações, destinadas a sufocar o espírito e minar a vontade.

Todavia, nem mesmo a perspectiva de banimento eterno numa remota vila da Sibéria ocidental o deteve de confiar firmemente nas promessas de Deus...

Ainda que os céus caíssem.

MIKHAIL P. KULAKOV dedicou cinquenta anos de atividade pastoral e administrativa à causa de Cristo na União Soviética. Sob sua liderança, a Divisão Euroasiática foi estabelecida, o primeiro seminário protestante e a primeira casa publicadora adventista da Rússia foram fundados. A realização do maior sonho de sua vida está a caminho: uma tradução precisa e contemporânea da Bíblia para o russo. O Novo Testamento já foi traduzido e a tradução do Antigo Testamento se encontra em andamento.

MAYLAN SCHURCH, pastor em Bothell, Washington, é autor e coautor de mais de dez livros, incluindo *Mil Cairão ao Teu Lado*, lançado em português pela Casa Publicadora Brasileira.



*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900 Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição neste formato

Versão 1.2

2013

Coordenação editorial: Marcos De Benedicto

Editoração: Michelson Borges e Marcos De Benedicto

Design Developer: Anderson Mendes e André Rodrigues

Projeto gráfico do livro original: André Rodrigues

Capa: Eduardo Olszewski

Imagens da Capa: Jupiterimages

Fotos Internas: cedidas pelo autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kulakov, Mikhail P.

Ainda que caíam os céus [livro eletrônico] : a
dramática história de um pastor que sobreviveu
ao regime soviético / Mikhail P. Kulakov e
Maylan Schurch ; tradução Cecília Eller
Nascimento. – Tatuí, SP : Casa Publicadora
Brasileira, 2013.
6,9 Mb ; ePub

Título original : Though the heavens fall
ISBN 978-85-345-1727-0

1. Adventistas do Sétimo Dia – União Soviética –
Biografia 2. Kulakov, Mikhail 3. Perseguição
religiosa – União Soviética I. Schurch, Maylan.
II. Título.

13-11432

CDD-286.7092

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Biografia
286.7092



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou
parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do
autor e da Editora.

12403/26382

Dedicatória

Dedico este livro à honrosa memória dos milhares de homens e mulheres fiéis a Deus, prisioneiros da própria consciência, que sacrificaram a vida pelo evangelho de Cristo nos campos de trabalho forçado da União Soviética.

Agradecimentos

Sou primeiramente grato a Deus por inúmeras bênçãos, incluindo os contatos frutíferos (em todos os sentidos) com Seu povo e organizações. Quero também agradecer àqueles que inspiraram este livro e deram contribuições valiosas para sua elaboração:

Meus pais; minha amada esposa, Anna; nossos seis filhos e nossos genros e noras. Vocês me rodearam de amor e apoiaram meus esforços em partilhar o amor de Deus com os outros.

A família mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que me forneceu a sólida base espiritual a partir da qual pude construir um lar e um ministério.

Os santos homens e mulheres da igreja. A dedicação exemplar que vocês têm demonstrado a Cristo e à Sua causa é a grande fonte da minha inspiração.

Mark Finley, amigo pessoal e antigo orador e diretor do programa de TV *It Is Written*. Ao me ouvir compartilhar uma de minhas histórias no programa, você me instigou a escrever este livro e me entrevistou pessoalmente, para poder gravar minhas experiências.

Penny Pederson, cristã comprometida da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Lakeview, Geórgia. Obrigado por digitar parte considerável do manuscrito.

Alex Swiridoff, meu parente e amigo. Obrigado por me ajudar a traduzir para o inglês algumas anotações para este livro que haviam sido escritas inicialmente em russo.

Diane e Howard Peth, membros dedicados da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Vista, no sul da Califórnia. Vocês foram os primeiros leitores de minhas versões iniciais e têm sido sábios conselheiros.

Maylan Schurch, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Bellevue e meu coautor. Seu dom como escritor, sua incansável persistência e sua experiência em produção editorial transformaram este livro em realidade.

Prefácio

Quando visitei a Europa Oriental pela primeira vez, em 1982, a ideologia comunista se encontrava fortemente enraizada em todos os aspectos da sociedade. À medida que eu conhecia os vários pastores adventistas e membros da igreja, um pensamento me impressionava repetidamente: a vida deles refletia um tipo de cristianismo profundo, moldado pelo crisol do sofrimento, algo raro no Ocidente democrático.

Quando me encontrei pela primeira vez com Mikhail Kulakov em Moscou, uma década depois, o mesmo pensamento voltou à mente: *Eis um gigante espiritual de caráter irrepreensível*. O conhecimento que ele possuía da Bíblia, seu amor pelas pessoas, seu comprometimento com a mensagem e com o movimento adventista ficavam evidentes em cada uma de nossas conversas. Nossa amizade foi se desenvolvendo e Mikhail passou a falar mais abertamente de sua longa luta pela liberdade religiosa na antiga União Soviética. Os anos passados na prisão só serviram para aprofundar sua fé. Ele servia a um Deus capaz de fortalecê-lo nos momentos mais escuros de sua existência.

A fé desse homem não era a fé superficialmente agradável do evangelho da prosperidade e da riqueza, tão difundida atualmente. Não era uma fé egoísta, que procurava dar ordens a Deus para fazer aquilo que *ele* queria; era uma busca constante por fazer aquilo que *Deus* queria de sua vida. Era um apego confiante a um Deus que estava com ele em todos os momentos. Quanto mais Mikhail compartilhava sua experiência comigo, mais eu me convencia de que essa era uma história que deveria ser contada e preservada para as gerações futuras.

Os jovens adventistas, especialmente aqueles que vivem no Ocidente, conhecem pouco acerca do sofrimento. Essa história inspiradora ampliará a visão deles. As experiências desse corajoso guerreiro da cruz são um convite para maior dedicação a Cristo para pessoas de todas as idades. Um convite para a renovação espiritual; um convite para passarmos mais tempo orando e estudando a Palavra de Deus.

Logo que conheci Mikhail Kulakov, ele se sentia relutante em revelar os detalhes de sua história. Havia pelo menos dois motivos para isso. Em primeiro lugar, Mikhail é um homem humilde e não queria se exaltar. Segundo, os crentes soviéticos sabiam das consequências de falar demais. Contudo, com o passar do

tempo e com a mudança da situação política na antiga União Soviética, insisti com ele para que compartilhasse a saga de sua vida com outras pessoas. À medida que dedicava várias horas entrevistando-o, me surpreendia ao ver que ficava cada vez mais envolvido com sua história. Por vezes, lágrimas enchiam-me os olhos; em outros momentos, um sorriso aparecia. Mais de uma vez senti o desejo de me ajoelhar e louvar a Deus.

Nos últimos anos de trabalho como líder de nossa igreja na antiga União Soviética, o pastor Kulakov teve que tomar algumas decisões muito difíceis. Nem todos, mesmo entre seus colegas, concordaram com essas decisões. Algumas vezes, os líderes precisam se erguer e defender sozinhos um ponto de vista. Neste livro, você lerá a história de um gigante espiritual que estava disposto a tomar as decisões difíceis que ele acreditava serem corretas para a causa de Deus.

A experiência de Mikhail Kulakov tem impressionado profundamente minha vida. Sinto-me mais próximo de Deus devido à nossa amizade e tenho certeza de que você chegará mais perto do Salvador ao ler a história desse querido amigo.

Em dias futuros, quando a crise realmente eclodir para o povo de Deus no fim dos tempos, todos nós extrairemos força e coragem renovadas dos heróis da fé como Mikhail Kulakov. Que sua vida se encha de fé pelo Mestre enquanto você lê estas páginas!

Mark Finley

*Vice-presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia,
Silver Spring, Maryland, Estados Unidos*



Preso!

Em outubro de 2006, a rainha Elizabeth, da Grã-Bretanha, fez sua primeira visita real a Riga, na Letônia. Equipes de reportagem de todo o mundo chegaram ao pequeno país báltico e seguiram Sua Majestade por todos os lugares. Mas o popular canal russo NTV escolheu dar ênfase a um fato intrigante da visita histórica dessa monarca: a réplica do alojamento de um campo de concentração siberiano, onde prisioneiros políticos letões ficavam confinados durante o período soviético.

Tive a oportunidade de assistir às imagens do passeio feito pela rainha transmitidas pela televisão. Ao ver as câmeras se movimentarem pelos alojamentos, meu peito enrijeceu. Embora eu soubesse que estava vendo apenas uma exposição do Museu da Ocupação da Letônia, não conseguia controlar a reação do meu coração. Eu havia conhecido esses alojamentos em outro contexto – a realidade. Após minha prisão na Letônia, passei anos em locais como esses, e quase seis décadas depois ainda conseguia sentir o gosto da comida para prisioneiros que me serviam. Ainda era capaz de sentir a cama de tábuas embaixo do corpo.

A maneira como fui parar num lugar como esse é uma espécie de retrato da vida dos cristãos praticantes durante o período da União Soviética stalinista. Deixe-me contar-lhe essa história.

Quando o verão de 1947 começou, formei-me em Artes em Ivanovo, grande cidade industrial localizada a cerca de 290 quilômetros de Moscou. Seria de se esperar que um jovem bem educado e formado como eu – mesmo na União Soviética – pudesse olhar para o futuro com pelo menos um pequeno grau de confiança.

Mas nossa família não era comum, e essa situação não se aplicava a nós, pelo menos em um aspecto. Dois anos antes, meu pai, o pastor da Igreja Adventista

do Sétimo Dia de Ivanovo, havia sido preso e estava em um campo de concentração na República de Komi, a mais de 950 quilômetros de distância na direção nordeste, fazendo trabalhos forçados. Além dos estudos, eu estava tentando continuar, durante a ausência dele, o trabalho pastoral naquela região. Mas, em tudo que fazia, sentia a ameaça de um governo hostil.

– Precisamos nos mudar – eu disse para minha mãe e para meus irmãos. – A prisão do papai está dificultando a vida para todos nós. A KGB está nos espreitando como lobos.

Minha mãe finalmente concordou.

– Afinal de contas, – disse ela – quando o apóstolo Paulo foi perseguido, ele se mudou para outro lugar. Mas para onde devemos ir?

– Um de meus amigos ouviu falar de uma vaga para professor de Artes em Daugavpils – eu disse.

Mamãe franziu a testa:

– Na Letônia?

Fiz que sim com a cabeça.

– Se nos mudarmos mil quilômetros para o oeste, talvez consigamos tirar a KGB da nossa cola.

Naquele verão, fui até Daugavpils encontrar um lugar para morarmos e, pouco tempo depois, minha mãe e meus três irmãos se uniram a mim. Daugavpils era uma pequena cidade provinciana, mas sua população multinacional a tornava um lugar interessante para se viver. Como todos falavam russo, a língua oficial, tínhamos poucas dificuldades de comunicação. Passamos a participar da comunhão com um grupo local de adventistas e nos esforçávamos ao máximo para ajudar o pastor Yanis Oltinsh em sua cautelosa busca por pessoas sedentas de conhecer ao Senhor.

Feliz por encontrar à disposição um jovem formado em Artes, o departamento local de educação logo me pôs para trabalhar. Passei a dar aulas de desenho em duas escolas de ensino médio. Uma delas tinha vários alunos de origem polonesa. Eu amava meu trabalho! O maior problema era que a Segunda Guerra Mundial, que terminara fazia pouco tempo, tinha esgotado os recursos que seriam destinados à compra de livros e material escolar. Até mesmo os equipamentos para desenho existiam em pequena quantidade.

– Quando vocês saírem, – eu dizia aos alunos no fim de cada aula – coloquem o material sobre minha mesa.

Eles passavam os equipamentos para a primeira fila e eu, então, recolhia as réguas, esquadros e compassos, colocava-os em uma caixa e levava tudo para a

próxima turma usar.

Certa tarde, na turma em que cursava o segundo ano do ensino médio na escola polonesa, fiz o pedido usual e os alunos entregaram o material, como de costume. Mas logo percebi que uma garota, de olhos grandes e bonitos, ainda estava sentada em sua carteira, com a cabeça inclinada sobre um dos esquadros. Supondo que ela não tivesse me ouvido, me aproximei.

– Marina, posso recolher o material?

Então percebi que ela estava com a cabeça abaixada porque estava escrevendo algo no esquadro. Assustada, olhou para mim e corou. Estendi a mão e ela me olhou timidamente enquanto devolvia o equipamento. Aproximei-o dos olhos e pude ler as seguintes palavras escritas com cuidado:

Apaixonei-me por ti logo da primeira vez que te vi na nossa classe. Por favor, não rias de mim. Não consigo controlar meu sentimento. Amo-te agora e vou te amar para sempre.

Não sei quem ficou com mais vergonha – se fui eu ou se foi ela!

Eu disse a você que minha família e eu não éramos pessoas “comuns” e essa era uma situação em que nossa diferença se transformava em um ponto forte. Deus usou minha sábia mãe cristã para me salvar de vários erros imaturos com o sexo oposto.

– Meninos, – ela dizia aos quatro filhos – *nunca ajam impulsionados apenas pelos sentimentos*. É preciso usar o bom senso, iluminado pela Palavra de Deus.

Algumas vezes, ficávamos balançando os pés, nos perguntando quando o sermão acabaria, mas ouvíamos o que ela tinha a dizer.

– Todos os nossos dons e habilidades, tudo o que temos e tudo o que somos nos foi dado pelo Criador – continuava ela – para servir a Ele e ao próximo. Vocês entenderam?

– Entendemos, mãe.

Ouvimos esse discurso várias vezes, sempre proferido num tom muito solene.

– E é pecado – ela acrescentava – usar esses dons e privilégios para indulgências pessoais.

– O que é “indulgência pessoal”?

– É fazer algo para satisfazer a própria vontade – ela explicou.

Certa vez, alguns anos antes, duas irmãs haviam se apaixonado por mim ao mesmo tempo (a mais jovem se chamava Sonya; vou contar um pouco mais sobre essa moça num dos próximos capítulos). Quando minha mãe ficou sabendo dessa história, me procurou para conversar, usando um tom ainda mais

sério e palavras muito bem escolhidas:

– Misha, – disse ela, usando o apelido carinhoso do meu nome Mikhail – você deve se portar de maneira nobre com as pessoas que são imaturas ou emocionalmente desequilibradas. Eu nunca vou perdoá-lo, caso você brinque com a afeição que as pessoas demonstram por você. Você se lembra da história de Davi? Ele teve sede e os soldados o ouviram falando sobre como sentia vontade de beber água de um poço de Belém. Eles passaram por território inimigo, arriscando a vida para levar-lhe a água. Mas Davi valorizou tanto a profunda devoção demonstrada por esses soldados que se recusou a satisfazer qualquer indulgência pessoal.

Mesmo ficando um pouco envergonhado por estar tendo uma conversa como essa, ouvi com atenção. Ela falava do assunto de uma perspectiva que nunca me havia passado pela mente.

– Seja prudente como José – insistiu. – Mantenha-se puro. Separe seus pensamentos e afeições para a moça especial que o Senhor lhe está preparando. Você será grandemente recompensado.

Agradeço a Deus tanto pelas palavras de minha mãe quanto por ter me ajudado a dar ouvido a elas, mesmo nas situações em que isso foi bem difícil.

E, naquele momento, minha cabeça rodava à medida que me afastava da carteira da Marina. Mas os conselhos de mamãe haviam controlado minhas emoções. E isso foi algo muito bom – por causa do que aconteceu num dia ensolarado de março, pouco mais de três semanas depois.

Naquele dia, eu estava novamente em minha classe conversando com alguns alunos durante o intervalo. Pouco depois, a coordenadora da escola, uma robusta mulher judia de cabelos pretos e cacheados, entrou na sala e parou, olhando para mim. Pude observá-la engolindo seco duas vezes.

Fitei-a novamente. *Algo está errado*, concluí. *Ela está nervosa, suas mãos estão tremendo.*

Ela veio em minha direção:

– Por que você não está no seu intervalo?

Alguns alunos olharam para ela e depois para mim.

– Eu *estou* no meu intervalo – respondi. – Só estava aqui conversando com...

– Por que você não está no seu intervalo? – ela repetiu com voz trêmula. E, depois, com um tom mais suave:

– Você precisa me acompanhar até a diretoria.

Enquanto andávamos pelo corredor, ela se virou e olhou nos meus olhos, sem dizer nada.

– Qual é o problema? – perguntei em voz baixa. – Fiz alguma coisa errada?

Ela não disse nada, mas me encarou novamente. Seus olhos negros estavam me mandando algum tipo de sinal, mas eu não conseguia compreender. Hoje me dou conta de que a mensagem que ela tentava desesperadamente comunicar era a seguinte: *Vá para o seu intervalo, Mikhail Kulakov. Agora! Saia daqui. Deixe este lugar.*

Sem suspeitar de nada, fui andando exatamente em direção à armadilha. Ela me deixou à porta e desapareceu.

Na diretoria, além da diretora, estavam dois agentes da KGB, vestidos com o escuro e grosso terno de lã característico daquela época. Exibindo suas credenciais, um dos agentes mostrou alguns papéis e disse:

– Tenho aqui uma ordem de prisão.

Estendi a mão e perguntei:

– Posso vê-la?

– Não.

Ele jogou os papéis de lado e disse quase gritando:

– Vejam só! Vejam a cobra que o poder soviético estava criando e alimentando em seu seio!

Tecnicamente, essas palavras eram dirigidas ao seu companheiro ou à diretora, mas eu sabia que, na verdade, elas eram direcionadas a mim. O método da KGB era tentar abalar o espírito do prisioneiro logo de cara.

– Levante os braços – disse o segundo agente. – Vou revistar seus bolsos.

Com os cotovelos para o alto, sentindo meu corpo sacolejar para frente e para trás pelos dedos perscrutadores do agente, minha mente fervilhava com pensamentos: *Esses agentes não são locais. Eles vieram lá de Ivanovo, mil quilômetros daqui. O que eles vão fazer comigo? Para onde irão me levar? E o que vou fazer com...*

– Venha conosco.

– Para onde vocês estão me levando? – perguntei, enquanto deixávamos a diretoria.

– Continue andando – replicou um dos agentes.

– Deixem-me ao menos entrar em contato com a minha mãe. Por favor! Permitam-me enviar uma mensagem para...

– Continue andando!

Assim que saímos, eles me colocaram rapidamente dentro de um Moskvich sedã novo e me levaram para o local do qual me lembraria ao assistir às notícias sobre a visita da rainha Elizabeth à Letônia.

Passei os quatro primeiros dias de prisão na cadeia de Daugavpils, localizada no piso térreo do prédio da KGB. Lembro-me vividamente do local onde fiquei. Era uma cela pequena, de aproximadamente dois metros por quatro. O único móvel era um banco de madeira, com cerca de um metro de comprimento. Não havia mesa, cama, janela, nem água encanada; apenas um balde que servia como vaso sanitário e uma porta com um buraco tapado pelo outro lado. Uma lâmpada fraca iluminava o ambiente.

Depois que o choque inicial passou, descobri que eu não me sentia desencorajado. *Eu já esperava que isso pudesse acontecer comigo algum dia, pensei. Não é como se estivesse enfrentando algo novo ou incomum. Meu pai, meu avô e inúmeros outros pastores adventistas do sétimo dia e de outras denominações passaram por essa experiência.*

Portanto, mental e espiritualmente eu estava preparado. “Querido Pai celestial”, orei, “neste momento quero dedicar mais uma vez minha vida a Ti. Coloco-me em Tuas mãos.”

Decidi dormir um pouco. Quando me deitei no banco, a claridade começou a me incomodar. Olhei para as paredes, mas não havia interruptor. Então coloquei o banco debaixo da lâmpada, subi e a desenrosquei. Estendi meu casaco no banco, para que servisse de “colchão”, e me deitei. Mas o sono não viria tão cedo.

Logo depois, comecei a ouvir guardas gritando do lado de fora da porta. O buraco na porta se abriu, ouvi o barulho de chaves e logo ela se escancarou. Não sei o que os carcereiros esperavam encontrar. Talvez um suicida ou uma cela vazia. Mas lá estava eu, calmamente deitado no banco, aproveitando a escuridão.

Os guardas me reprovaram severamente por ter desligado a luz. Então, depois de terem recolocado a lâmpada no lugar, arrastaram o banco para fora da cela e fui forçado a dormir no chão de concreto. Deitado no piso frio, ouvindo o barulho dos guardas passando com outros prisioneiros pela minha porta, comecei a tomar conhecimento de coisas que preferiria nunca ter sabido. Fiquei impressionado com o grito de dor abafado que um homem deu enquanto andava pelo corredor.

– Anda logo! Anda logo! – o guarda apressava. Seguiu-se a resposta em voz bem baixa:

– Por favor, espere um pouco. Eu não consigo andar rápido – disse ele. – Você viu o que eles fizeram com as minhas costas!

Então me dei conta de que o pobre homem estava sendo levado de volta para sua cela depois de um interrogatório e, provavelmente, havia sido severamente

espancado.

No dia seguinte, retiraram-me do confinamento solitário e me jogaram numa cela com vários outros prisioneiros. A maioria era formada por nacionalistas letões, acusados de várias ofensas políticas contra o novo regime soviético. Logo após terem batido a porta atrás de mim, pude sentir que eles me encaravam com olhos inquiridores. *Esse cara é russo*, eles estavam pensando. *Será que o mandaram aqui para nos espiar?*

– Quem é você? – um deles perguntou desconfiado.

– Meu nome é Kulakov. Sou professor de ensino médio.

– O que você fez, Kulakov, pra ser jogado aqui junto com a gente?

Parei um pouco.

– Sou um crente em Jesus – respondi por fim.

Eles olharam uns para os outros, com as sobrancelhas erguidas, e percebi que a tensão foi diminuindo. *No fim das contas, ele é um de nós*, pensaram. *Um pobre coitado cujas ideias não combinam com as do partido.*

Nos três dias que se seguiram, pude entretê-los com algumas histórias da Bíblia, as quais eles ouviram com alegria.

Na terceira noite de cárcere, um guarda com título de sargento me tirou da cela e me levou a uma sala mal iluminada, que concluí se tratar do escritório do comandante da KGB local. Ele permaneceu bem próximo a mim. Havia várias estantes repletas de livros junto às paredes e no centro da sala se destacava uma enorme escrivaninha, repleta de pilhas de pastas transbordando de arquivos. Sentado em uma cadeira, atrás da mesa, estava um homem russo parrudo, de meia idade, usando uniforme com insígnias de major.

É agora que começa o interrogatório, pensei. *Preciso falar bem pouco e ter extremo cuidado com o que digo. Se tiver dúvida, devo ficar calado. Não posso mentir, mas tenho que me lembrar de proteger minha mãe, meus irmãos e membros da igreja.*

O major ficou simplesmente me encarando, durante um tempo. Naquele momento, eu não fazia a menor ideia do que ele estava pensando, mas hoje, depois de anos sendo perseguido por pessoas como ele, entendo um pouco melhor.

Quem esse menino pensa que é? Isso é o que ele provavelmente perguntava para si mesmo. *Ele pode ser esperto, pode ser estudado, mas por que motivos ele ousa se opor ao poderoso Estado ateu que eu jurei defender?*

Entretanto, esse major era humano. Conheci algumas pessoas muito humanas

que tinham certeza absoluta da veracidade do ateísmo. No coração dele, é possível que houvesse perguntas que ele não queria ou não sabia expressar. O que ele fez em seguida me faz refletir se não havia uma tentativa de eliminar a própria dúvida enquanto atacava minhas convicções religiosas.

De todo modo, o que se seguiu não foi um interrogatório. Foi um longo discurso crítico. O major respirou fundo, me olhou nos olhos e disse tudo o que havia de errado com o cristianismo. Ele parecia saber que os cristãos evitam o uso de linguagem vulgar, então intencionalmente entremeava seu discurso com obscenidades e blasfêmias.

– Você foi educado no sistema escolar soviético, não foi? – ele perguntou.

Respondi que sim com a cabeça.

– Então, como é possível, por tudo o que há no mundo, que você tenha se tornado cristão? E, além disso, como você foi capaz de achar que permitiríamos que você *trabalhasse* em nosso sistema educacional, para mutilar e destruir a alma dos nossos jovens?

Como essas perguntas não eram seguidas de um desejo por obter informações e sim por pura retórica, eu não disse nada.

– Será que os soldados nazistas não mostraram a você em que tipo de deus você acredita? Ou você faz de conta que não sabe o que estava escrito na fivela do cinto do uniforme deles?

– *Gott mit uns* – eu disse.

– E, traduzindo para o russo, isso quer dizer...

– Deus conosco.

– Então como... – a voz do major aumentou de volume em tom triunfante – como você pode ser tão burro a ponto de acreditar num deus cujos seguidores fascistas destruíram a vida de milhões de crianças inocentes? Se realmente houvesse um Deus, será que Ele permitiria a morte de todas essas pessoas?

O major continuou seu discurso durante uma hora inteira, fumando um cigarro atrás do outro e ficando cada vez mais enfurecido. Na tentativa de dar o golpe final à minha fé, ele começou a me contar – usando a linguagem mais vulgar e obscena possível – alguns episódios nojentos acerca da imoralidade sexual encontrada entre monges e padres.

Em dado momento, quando pensei que seu olhar não estava direcionado a mim, passei os olhos rapidamente pela sala. Perto de onde eu estava sentado havia um banco marrom de couro sem encosto para as costas ou para os braços. Em seu assento, pude notar algumas manchas escuras e avermelhadas. *Seria sangue fresco?*

Ele percebeu que eu estava olhando para o banco. Nesse momento, finalmente cansado de falar, ele abaixou a voz para um tom quase conciliatório.

– Pode ser – disse ele – que nós precisemos colocá-lo nesse banco. Mas não esta noite. Agora estamos usando-o para os contrarrevolucionários que estão se escondendo nas florestas com armas. Sargento!

– Sim, camarada major.

– Leve-o embora daqui.

De volta à cela, alguns homens me lançaram olhares de simpatia. Eles permaneceram em silêncio reverente enquanto fiquei ajoelhado ao lado da minha parte da cama de tábuas e abri o coração a Deus em oração silenciosa. Orei por minha mãe, Stephen, Victor e David. Orei por meu pai em seu distante campo de concentração. Orei por mim também. Mas, acredite se quiser, não tive o desejo de pedir por liberdade. Como eu poderia implorar para que Deus me concedesse a liberdade, sabendo que milhões de compatriotas inocentes estavam padecendo em prisões, campos de concentração e no exílio?

Talvez uma maneira de explicar a forma como eu me sentia seja contando uma história que havia ouvido alguns anos antes.

– O que você vai ser quando se tornar adulto? – alguém perguntou ao adolescente.

– Vou ser prisioneiro – ele disse prontamente.

– Prisioneiro?! Por quê?

– Todos os homens honestos estão na prisão hoje em dia – respondeu o garoto. – Meu pai está cumprindo pena, e logo chegará minha vez.

Então como poderia eu pedir a Deus que abrisse uma exceção para mim e me libertasse, enquanto meu pai e milhares de outros cristãos estavam sentenciados a passar a vida atrás das grades? Eu considerava uma vergonha não compartilhar desse mesmo destino. Portanto, ali na minha cela, simplesmente me submeti à vontade de Deus e aos Seus planos para mim. *Senhor, tudo o que eu Te peço é que me dê forças para suportar essas dificuldades.*

Ainda ecoavam em minha mente, confundindo-se com minhas orações, os palavrões e zombarias do major. Eu não nutria ressentimentos contra ele. Não invejava sua liberdade – se é que o que ele tinha podia ser chamado de liberdade. Não me importava nem um pouco com o fato de que, enquanto a porta da cela batia por trás das minhas costas, ele se dirigia livremente em direção ao seu lar, à sua família. Ainda assim, as coisas que ele havia dito tinham ido além de me constranger e insultar. Elas me haviam deprimido. A melhor maneira de descrever meus sentimentos é usando as palavras do

famoso poeta russo Sergei Esenin: “Sentia-me como se tivesse pisado no vômito de um ébrio.”

Em minha mente agonizante, veio um pensamento: *Você trocaria de posição com ele, Misha? Você trocaria de lugar com esse oficial da KGB, se tivesse a chance?*

“Não, Senhor”, eu sussurrei com fervor. “De maneira alguma. De modo algum. A situação daquele homem é desesperadora. Ele é um completo fracasso espiritual. Mas eu tenho a Ti, e contigo encontro paz em minha alma. Por favor, Senhor, me reaviva!”

Depois dessa experiência, pude começar a dizer como Paulo: “Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação” (2 Coríntios 1:5).

Naquela noite, na cela, senti a presença de Jesus e fiquei muito grato por ter o consolo do Seu Espírito. Logo depois de me acomodar na cama de tábuas, caí num sono profundo.

Bem cedo, na manhã seguinte, um guarda me acordou bruscamente.

– Pegue suas coisas – ele disse.

Como minhas coisas se resumiam a meu casaco e boné, não foi difícil “fazer as malas”. Eu os coloquei e segui o guarda pelo corredor. Apoiados na parede daquele corredor estreito e malcheiroso estavam os dois agentes que haviam me prendido.

Um deles me entregou uma bolsa pesada bem fechada com um cordão.

– É uma encomenda da sua mãe – ele disse de maneira rude.

Em seguida, os dois me colocaram no mesmo Moskvich cinza no qual eu já havia andado antes. Um deles se sentou no banco de trás junto comigo, enquanto o outro sentou na frente com o motorista.

Era bem cedo e as ruas estavam vazias. Pude notar que estávamos indo na direção nordeste, na estrada que leva à cidade de Rezekne. Mas qual seria meu destino final? Será que eles me levariam até Riga? De uma coisa eu tinha certeza: ou iria para a prisão ou para o exílio. Provavelmente, nunca veria Daugavpils novamente. Portanto, da janela do carro meus olhos observavam atentamente a paisagem, memorizando o máximo possível do país que eu havia começado a amar.

Agora estávamos passando sobre a ponte do rio Daugava. Como eu amava nadar em suas águas calmas, ou ficar sentado nas margens levemente inclinadas, para respirar o ar fresco, com a fragrância de pinheiros! *Adeus, amado rio. Só*

Deus sabe quando o verei novamente.

Depois que passamos a ponte, o carro continuou seguindo pela área rural. A região sudeste da Letônia se chama Latgália e é um lugar tranquilo, repleto de bonitas fazendas particulares. Tinha uma paisagem bem diferente das imensas áreas descampadas de meu país natal, onde a obrigatoriedade do cultivo coletivo havia arruinado as iniciativas individuais de plantio, até que vastos territórios deixaram de ser aproveitados. As pequenas fazendas letonianas estavam ainda mais bonitas, pois era primavera. Quase toda a neve já havia derretido e o fabuloso mundo vegetal criado por Deus estava despertando de seu sono invernal.

Porém, nem mesmo toda beleza natural que me rodeava conseguiu afastar por muito tempo as preocupações sobre minha situação naquele momento. *Eles estão provavelmente me levando para um campo corretivo de trabalho forçado, pensei. E semana que vem irei completar 21 anos de idade...*

Lembrei-me de que fazia dois anos desde que mamãe havia se despedido do meu pai, quando ele foi levado para cumprir sua própria sentença de trabalho forçado. Que coragem ela demonstrou! Mas como estaria se sentindo agora que fui preso? *Senhor, por favor, dê-lhe conforto e coragem, orei. Pelo menos ela tem outros três filhos. O Stephen não corre risco de ser preso. Embora ele também esteja envolvido no ministério leigo comigo, passou cinco anos nas fileiras de frente de uma unidade militar de engenharia de campo, defendendo o país dos exércitos de Hitler. Ele tem condições de prover o sustento para nossa família. Com certeza, cuidará de todos.*

O carro entrou em Rezekne e parou perto da estação ferroviária, recém-reformada. Comecei a sentir como se meu coração estivesse congelando. Eu já havia visitado alguns amigos nessa cidade e sabia que todos os trens de Riga para Moscou paravam nessa estação.

Eles estão me levando de volta para Ivanovo.

Esse não era um bom sinal. Os líderes da cidade de Ivanovo, adeptos da ideologia comunista, e a KGB haviam deixado claro qual era sua atitude em relação aos cristãos quando capturaram meu pai e o enviaram para um campo de concentração. E agora eu estava voltando para enfrentar o mesmo destino.

Antes de sairmos do carro, o agente do banco do passageiro se virou e me encarou.

– Ouça, Kulakov, – ele disse em tom seco – nós poderíamos tê-lo algemado, acorrentado e transportado como um prisioneiro. Mas decidimos levá-lo como um passageiro comum. Se você se comportar!

– É isso mesmo! – disse o outro. – Qualquer tentativa de fuga só vai piorar sua situação. Se você tentar descer, vamos atrás para pegá-lo. Nós dois e o condutor do trem vamos ficar de olho em você o tempo inteiro e acompanhá-lo até mesmo no banheiro. Mas, se você se comportar, os outros passageiros nem precisam saber da sua situação de prisioneiro.

Na estação, sentamos em um banco: eu no meio e um agente de cada lado, esperando pelo trem. Coloquei minha bolsa debaixo do banco e, então, para ver se conseguia saber pelo menos um pouco sobre como estavam meus irmãos e minha mãe, e também para atenuar meu medo sobre o destino de Stephen, comecei a puxar conversa sobre vários assuntos, mas os guardas permaneceram em silêncio.

De repente, sem planejar, soltei as seguintes palavras:

– Vocês não prenderam meu irmão Stephen, prenderam?

– Claro que não – respondeu um deles.

– Por que nós o prenderíamos? – perguntou o outro.

Enquanto eu pensava sobre essas palavras, logo descobri que estava extremamente faminto. Não havia comido naquela manhã, pois tínhamos saído da cadeia de Daugavpils antes de servirem o café da manhã. Sempre fui grato a Deus por nunca haver perdido o apetite em tempos de crise. Uma pessoa nutrida, além de mais forte fisicamente, consegue ter um comportamento melhor.

Coloquei as mãos embaixo do banco, trouxe a bolsa para meu colo e comecei a desatar o cordão. À medida que o laço se desfazia, vi duas palavras escritas com tinta roxa: STEPHEN KULAKOV.

Lágrimas se formavam em meus olhos. *Então eles prenderam meu irmão Stephen*, pensei. *O que mamãe vai fazer agora?* Eu não tinha, naquele momento, condições de falar. Então, simplesmente mostrei aos agentes aquelas palavras.

Os olhos deles se arregalaram. Eles não haviam notado que tinham trocado, por engano, as duas bagagens que minha mãe havia preparado para seus filhos presos e levado para a prisão da KGB um dia depois de termos sido levados sob custódia.

De repente, os dois agentes ficaram muito nervosos, provavelmente se perguntando se, naquele estado emocional problemático, eu tentaria escapar. Numa tentativa de me distrair, um deles disse:

– Você gostaria de ler alguma coisa no trem?

– Eu quero ler a Bíblia.

Ele olhou para o companheiro, colocou sua pasta no colo e a abriu.

– Pronto, aí está – ele disse e me entregou minha Bíblia, a mesma que eu lera

durante a meditação matinal no dia em que me prenderam, separando-me de minha família. Dei-me conta de que, quando prenderam Stephen, esses homens também haviam feito uma busca em nossa casa e, provavelmente, confiscado a maior parte de nossos livros.

Coloquei a Bíblia no colo e abri a bolsa. Além de algumas roupas de Stephen, minha querida mãe havia colocado ali bastante comida: torradas, manteiga, queijo, maçãs, pão sem fermento e aquelas tortas de massa folhada com recheio de maçã que só ela sabia fazer. Ao levar uma daquelas tortas à boca, estremei de tristeza, pensando naquelas mãos amáveis que as haviam preparado para depois empacotá-las para os filhos que ela poderia nunca mais ver novamente.

O trem com destino a Moscou chegou à estação e nós embarcamos. Os agentes ficaram em confortáveis assentos no trem, enquanto eu fui forçado a dormir no estreito compartimento de bagagens acima da cabeça deles. Não havia camas, nem mesmo para a KGB. Meus guardiães se revezavam para dormir, para que pelo menos um deles estivesse de olho em mim. Mas, frequentemente, os dois cochilavam ao mesmo tempo.

Deitado ali, com a Bíblia no peito, tentava não pensar na cadeia de Ivanovo. Eu tinha apenas 18 anos quando meu pai fora preso e fui convocado diversas vezes para ser interrogado. A lembrança dessa experiência me fazia revirar o estômago. A mistura de cheiro de tabaco e obscenidade no ar era tão densa que, nas palavras de um ditado russo, dava até para “pendurar um machado ali”.

Qual será minha sentença?, eu me perguntava. *Provavelmente dez anos. Isso se eu conseguir sobreviver todo esse tempo. Senhor, neste momento, vou abrir a Bíblia. Por favor, mostre-me o que esperar desses anos que virão.*

Trouxe a Palavra de Deus para junto a mim. Com os dedos, abri nas páginas centrais e meus olhos repousaram sobre o Salmo 66:10-12: “Pois tu, ó Deus, nos submeteste à prova e nos refinaste como a prata. Fizeste-nos cair numa armadilha e sobre nossas costas puseste fardos. Deixaste que os inimigos cavalgassem sobre a nossa cabeça; passamos pelo fogo e pela água, mas *nos libertaste.*” Tudo, com exceção da última parte em itálico, corresponde à Nova Versão Internacional. Essa versão e as outras em língua inglesa traduzem a última frase de forma diferente. “Nos libertaste” é a expressão usada em minha versão russa.

Senhor, aceito essa mensagem como sinal de que serei testado. Passarei por dificuldades nas prisões e campos de concentração, mas o Senhor um dia me conduzirá à liberdade.

Essa promessa bíblica me tocou profundamente. Mas o que tocou ainda mais foi a proximidade que senti do Salvador e Seu cuidado tão terno, expresso de forma clara em Seu desejo de me confortar e me dar paz, justamente naquele momento. Lágrimas de gratidão encheram-me os olhos e palavras de louvor ecoaram em minha mente. Então adormeci.



Devo tudo a eles

Antes de prosseguir com minhas aventuras, acredito que, para ajudá-lo a apreciar verdadeiramente o maravilhoso amor de Deus pelo povo russo e para contextualizar melhor os fatos, de forma que seja possível entender os milagres que Ele fez em favor dos cristãos, devemos voltar mais de cem anos no tempo, ou seja, até a virada do século 20. Gostaria que você conhecesse o homem que mudou o curso da fé da nossa família – meu avô.

– Por favor, o senhor pode me ajudar?

O padre da Igreja Ortodoxa Russa olhou cauteloso para o forte fazendeiro à sua frente.

– Ajudá-lo, Stephan Victorovich? Como?

– Explicando para mim o livro do Apocalipse.

Uma pequena ruga de preocupação surgiu entre as sobrancelhas do padre.

– Por quê?

– O Apocalipse está na Bíblia, não é mesmo? E Daniel também.

– Claro. Mas por que você precisa conhecer esses livros? Talvez Deus os tenha selado para que não os entendêssemos.

– Toda a Escritura nos ensina lições, se a estudarmos – disse Stephan com convicção

O padre deu de ombros.

– Então, estude as partes que são claras – ele disse – e viva de acordo com elas. Afinal de contas, você não tem muito tempo para ser um acadêmico, tem? O senhor é viúvo. Está criando quatro filhos sozinho e é um fazendeiro de sucesso. O senhor não vai querer desperdiçar tempo precioso com os livros misteriosos da Bíblia.

Isso aconteceu em 1900. Naquele ano, Stephan Victorovich Kulakov, meu

avô por parte de pai, havia perdido a amada esposa. Ele sempre fora um homem religioso, mas, assolado com o profundo sofrimento do luto, interessou-se ainda mais pelas crenças cristãs do que antes.

Vovô Stephan vivia na vila de Tarasovka, no sul da Rússia, na região de Rostov-on-Don. Além de fazendeiro, era proprietário e cuidava do funcionamento de uma estação de cavalos e carroças, algo parecido com as paradas para cavalos do Velho Oeste norte-americano. Antes de linhas de trem cruzarem todo o país, vovô Stephan comprava cavalos e carroças e contratava pessoas para levar encomendas pelo correio. Embora seu filho mais jovem tivesse apenas dois anos de idade quando vovô morreu, ele nunca se casou novamente e assumiu total responsabilidade pela criação dos filhos.

Sendo devoto crente ortodoxo, meu avô iniciou uma busca mais profunda por Deus com a mesma energia que despendia nas outras áreas da vida. Certa vez, ele até mesmo fez uma peregrinação a Kiev – a pé – para adorar no famoso monastério onde os monges viviam em cavernas. Mas voltou desapontado com a maneira como alguns clérigos interpretavam o cristianismo. Embora nenhum ensinamento da igreja satisfizesse seu interesse pelas profecias, continuou a devorar vorazmente sua Bíblia, muitas vezes lendo com os joelhos dobrados em oração.

Stephan Kulakov não era o único russo preocupado com o futuro. O fim do século 19 anunciava dias tumultuados, com as doutrinas de Karl Max se espalhando por entre a pequena, porém crescente, classe operária urbana. Em 1905, eclodiu uma revolução em São Petersburgo que se expandiu por 1.600 quilômetros ao sul, em direção ao Mar Negro.

Esse movimento chamou rapidamente a atenção do czar, ou, pelo menos, a de seus conselheiros. Nicholas II crescera como uma pessoa tímida e indecisa, nunca se sentindo completamente preparado para governar o país. Seus conselheiros, muito mais envolvidos com a nação do que ele, o incentivaram a criar uma espécie de parlamento. Assim, com a ajuda deles, Nicholas II criou a Duma, cujo nome vem da palavra russa que significa “pensar”.

Vovô Stephan, conhecido em sua região como um homem íntegro e de convicções religiosas, foi eleito para ocupar uma posição. A partir de então, além de suas outras responsabilidades, tinha que viajar até São Petersburgo para pensar, debater, votar e tentar manter-se calmo no meio da luta entre diferentes partidos que brigavam para ter espaço no futuro da Rússia. Ele apreciava essa função, mas ainda ansiava por um conhecimento mais profundo das profecias bíblicas.

Certo dia, enquanto andava pelas ruas da grande cidade, viu um pôster interessante e parou para lê-lo.

– É isso – ele disse quase sem acreditar. – É justamente disso que preciso! Alguém está dando palestras sobre Daniel e Apocalipse.

Ele anotou com cuidado o local e horário, e foi a primeira pessoa a chegar ao local no dia indicado. Deslumbrado e feliz pelas explicações claras sobre as profecias, no término da palestra, aproximou-se do orador para pedir mais informações. Eles conversaram por um tempo. Então o palestrante colocou a mão no bolso, tirou um maço de cigarros e começou a fumar.

Stephan teve que lutar para conter o espanto. *O que esse homem está fazendo?*, pensou. *Como alguém pode explicar as Sagradas Escrituras e ainda assim fazer uso de tabaco?* Ele próprio não fumava, nem bebia, pois acreditava que esses eram hábitos incompatíveis com pessoas espirituais.

– Conte-me mais sobre você – ele perguntou ao orador.

– Sou um tradutor contratado por uma casa publicadora adventista do sétimo dia localizada em Hamburgo, Alemanha.

– Adventista do sétimo dia?

Stephan nunca ouvira falar desse nome anteriormente.

– Sim – respondeu o homem. – Os adventistas desenvolveram algumas explicações extremamente interessantes para as profecias bíblicas e estou usando material deles em minhas palestras.

– O que você pregou esta noite foi maravilhoso – Stephan disse, animado.

O homem pôs a mão no bolso, pegou um cartão e escreveu um endereço nele.

– Aqui está. Escreva para eles. Tenho certeza de que irão lhe enviar alguns livros e folhetos em russo.

Stephan escreveu imediatamente para Hamburgo, recebeu literatura e, em atitude de oração, a estudou por completo, comparando-a com a Bíblia. Depois disso, compartilhou esses ensinamentos com os filhos e parentes, sem se dar conta do trabalho importante que estava realizando e que se refletiria durante décadas depois.

Alguns anos se passaram e um missionário adventista chegou à vila de Stephan. O irmão Koch – ninguém se lembra de seu primeiro nome – nascera na Rússia, mas possuía ascendência alemã. Ele falava russo com forte sotaque e tinha dificuldades em pronunciar algumas de nossas consoantes, como o “b”, que ele falava com som de “p”. Acredito que isso deve ter provocado o riso em muitas crianças, especialmente quando ele tentava falar *lyubit*, a palavra russa

que quer dizer “amor”. Ele a pronunciava como *lupit*, que quer dizer “bater”.

Ainda assim, por mais estranho que possa parecer, as pessoas pareciam entendê-lo com facilidade.

– Havia algo diferente nele – contaram-me posteriormente alguns russos mais velhos que o conheceram – que fazia com que ele conseguisse falar claramente para nós a despeito da barreira linguística. O irmão Koch era uma pessoa profundamente espiritual. Possuía uma fé que não era baseada na sabedoria ou eloquência humana, mas no poder de Deus. Sua sinceridade, assim como seu amor por nós, causou uma impressão duradoura. Ele conseguia entrar na vida e nos sentimentos das pessoas que ensinava.

Meu pai também teve a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

– Em seus sermões, – meu pai me contou certa vez – o irmão Koch apresentava Jesus Cristo de maneira tão vívida e amorosa que pregador, tempo e lugar, tudo era esquecido. Adultos e crianças sentiam como se a cruz tivesse sido erguida no solo ao lado de onde quer que o irmão Koch estivesse pregando. Ali o Salvador era levado e pregado no madeiro. Ali Seu sangue era derramado pela remissão de nossos pecados.

Durante essa memorável visita, o irmão Koch apresentou as três mensagens angélicas para toda a família do meu avô e, no fim de sua estada, batizou vinte pessoas.

Vovô Stephan não apenas aceitou a mensagem, como também ofereceu sua espaçosa casa para servir de local de adoração para aquele pequeno grupo de crentes. Sua nova fé o deixou ainda mais preocupado com o futuro de suas crianças, já que não havia escolas adventistas na região. Então ele escolheu cautelosamente colégios estaduais para eles frequentarem e poderem se preparar melhor para a vida.

– Mas eu quero algo a mais para eles, Senhor Deus – ele orava constantemente. – Quero ver meus filhos engajados na proclamação da Tua mensagem final de misericórdia a este mundo que perece.

O Senhor ouviu a oração e, à medida que os anos se passaram, seus dois filhos, Yakov e meu pai, Peter, se tornaram pregadores adventistas e suas duas filhas, Anna e Maria, se casaram com pregadores adventistas.

Mas, juntamente com a devoção ao trabalho de Deus, vieram testes e provas inevitáveis, devido à crescente influência bolchevique.

– Estamos combatendo em uma luta de classes – gritavam os defensores inflamados em suas reuniões a céu aberto. – E vamos travar essa luta não apenas nas cidades, mas nos campos também! Daqui para frente, estamos classificando

as pessoas em três grupos: os *kulaks* (ricos), a classe média e os pobres. Os pobres são nossos protegidos, a classe média é nossa amiga e os ricos são nossos inimigos.

Devido a essa política estranha (para usar termos gentis), milhões de proprietários de terra e homens de negócios perderam suas propriedades e foram mortos ou mandados para o exílio na Sibéria.

Kulak, incidentalmente, é a palavra que origina o nome Kulakov. Vovô Stephan e sua família foram de fato perseguidos, mas não por causa do sobrenome, que lembra riqueza, ou devido aos seus recursos. Em 1927, uma década após a revolução, a luta de classes se transformou rapidamente em uma guerra religiosa, travada contra todos que abertamente professavam sua fé. Assim como Jó, na Bíblia, Stephan viu em agonia os bolcheviques tomarem posse de toda a sua propriedade e depois atacarem sua família. Seu amado genro Pavel Pilkh, marido de Anna, sua filha mais velha, foi preso em 1931 e depois morreu nas mãos de seus captores.

Sua outra filha, Maria, enviou a mensagem de que ela e o marido pastor, Vasili Swiridoff, haviam sido exilados. O filho mais velho de Stephan, meu pai, Peter, corria diariamente o risco de ser preso. Mas, para ele, o maior golpe de todos foi a notícia de que seu filho mais novo, Yakov, havia abruptamente virado as costas para a igreja e se unido a um agressivo movimento antirreligioso conhecido como Ateístas Militantes.

– Preciso de um lugar onde possa repousar minha mente cansada – disse, finalmente, vovô Stephan. Anna, que nada tinha ouvido a respeito da prisão de seu esposo, prontamente o recebeu. Ela era professora de formação, mas, como os bolcheviques canalizaram sua raiva contra os cristãos, todas as escolas se encontravam fechadas para educadores cristãos. Ela precisou, então, arranjar outro emprego, e trabalhava num ritmo frenético para conseguir ganhar dinheiro suficiente para pagar o aluguel de um apartamento miserável e para comprar comida para ela e seu garotinho, Daniel.

Anna recebeu com alegria o pai em sua casa, e fazia o melhor para que ele se sentisse tão confortável quanto possível. Quando lhe perguntei como estava o humor dele naqueles dias, ela me disse:

– O lema do papai era o mesmo de Paulo em 2 Coríntios 6:10: “Entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo muitos outros; nada tendo, mas possuindo tudo.” O que o fortaleceu, durante seus últimos dias, foi a profética Palavra de Deus e seu profundo conhecimento de Jesus Cristo.

Certa vez, ela perguntou sobre a opinião que ele tinha a respeito do avanço do comunismo.

– Eu sei que eles estão tentando construir um mundo melhor virando as costas para o capitalismo decadente – Stephan disse. – Mas estão fadados ao fracasso. É como disse Jesus: quando um cego guia outro, ambos caem no buraco. A única resposta para os problemas do mundo é a segunda vinda de Cristo. Jesus e Seus seguidores terão a palavra final.

Finalmente, em 1936, enfraquecido por todas as dificuldades que havia vivenciado, Stephan Victorovich descansou em paz.

Doze anos antes, em 1924, o filho de Stephan que se tornaria meu pai, Peter, trabalhou durante um ano em Moscou, sem sua jovem família, no que hoje seria chamado de escritório da Associação Adventista. Durante parte do tempo, ele trabalhava como contador da instituição e, no restante, era pastor auxiliar em uma das cinco igrejas de Moscou, para que os líderes pudessem avaliar que tipo de pastor ele se tornaria. (Nessa época, o governo de Stalin já estava limitando as atividades das igrejas e não havia nenhum seminário adventista, nem escola de treinamento pastoral.)

Depois de haver retornado para a fazenda em Tarasovka, não demorou muito para que chegasse seu primeiro chamado. Quase que imediatamente, ele recebeu uma carta da liderança da Associação.

Querido irmão Kulakov, dizia a carta, estamos convidando você para ser contador da Associação da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Leningrado e para pastorear uma de nossas igrejas lá.

Peter mostrou a carta para Stephan.

– Pai, – disse ele – estou um pouco preocupado com esse chamado. Eu amo o Senhor Deus e quero trabalhar em Sua seara. Mas a revolução aconteceu há menos de uma década e a economia ainda se encontra em péssimas condições. Aqui na fazenda nós conseguimos pelo menos suprir nossas necessidades. Seria o momento certo para eu me tornar pastor? Como minha família sobreviveria na cidade, onde tudo é tão caro?

Stephan pensou por um momento e então olhou diretamente nos olhos do filho.

– Filho, – disse ele calmamente – a Bíblia afirma que o homem que coloca a mão no arado e olha para trás não está apto para o trabalho do Senhor. Você já aceitou o convite de Deus para servi-Lo como ministro. Agora, deve confiar que Ele irá suprir suas necessidades.

Depois disso, Peter aceitou o chamado para Leningrado. O conselho do pai permaneceu em sua mente e o encheu de encorajamento nos anos que se seguiram. Como Peter havia suspeitado, a mudança de uma plácida fazenda para o ritmo frenético de uma metrópole trouxe vários desafios, mas ele e sua família estavam felizes. Sua nova igreja fazia parte da famosa e antiga cidade que havia sido conhecida como São Petersburgo, mas cujo nome tinha sido trocado algumas vezes, nos últimos anos. Em 1914, se tornara Petrogrado e, em 1924, o nome foi alterado novamente para homenagear Vladimir Lenin, cabeça da Revolução Russa. Caminhar pelas avenidas de Leningrado era como fazer um passeio no tempo pela história da Rússia.

Além disso, a igreja da ilha Vasilevsky estava repleta de pessoas maravilhosas e, junto com esses novos amigos, Kulakov cresceu no conhecimento de Jesus. Naquela época, ainda era possível realizar cultos abertos e até mesmo alugar auditórios para fazer reuniões evangelísticas. Portanto, era o sonho de um jovem pastor que se tornava realidade.

Mas essa realidade não duraria muito tempo, como logo descobriu outro parente meu.

Em Moscou, o irmão de minha mãe, Alexander Demidov, trabalhava duro pela igreja. Os Demidovs haviam se tornado adventistas antes da família Kulakov. Em 1925, Alexander, um jovem bem-educado, fora convidado para ser o editor da revista adventista *A Voz da Verdade*.

Feliz com o convite, Alexander deixou sua cidade natal, Taganrog, se mudou para Moscou e passou a se dedicar com vigor à nova tarefa – e ao enorme trabalho burocrático a ela relacionado. Como os comunistas acreditavam que todos os meios de produção deveriam pertencer ao Estado, nenhuma igreja tinha permissão de possuir a própria casa publicadora. Isso significava que a revista tinha que ser impressa nas gráficas do governo. Apesar das dificuldades, o trabalho duro e as habilidades diplomáticas de Alexander valeram a pena: a entrega da revista *A Voz da Verdade* se tornou extremamente confiável e pontual, e a revista ganhava cada vez mais popularidade.

Mas, num dia de 1928, tudo mudou. Alexander de repente começou a ouvir reclamações de assinantes insatisfeitos.

- Minha revista ainda não chegou.
- Onde está minha *Voz da Verdade*?
- Meus amigos ainda não receberam seus exemplares também.
- As revistas ainda não chegaram da casa de impressão – Alexander dizia, tentando acalmá-los. – Por favor, tenham um pouco de paciência.

Mas, um mês se passou, e nada da revista. Finalmente, Alexander foi até a loja de impressão. Lá, ele encontrou o gerente sentado atrás de sua escrivaninha, bebericando uma xícara de chá.

– Sente-se, camarada Demidov – disse o homem. – Creio que você está aqui para saber o que aconteceu com a revista da sua igreja.

Alexander assentiu.

– Bem, deixe-me lhe dizer o que aconteceu, camarada Demidov. Como você sabe, agora nós vivemos num Estado socialista.

Alexander concordou novamente, sentindo calafrios no estômago.

– Numa recente reunião do Partido Comunista, – continuou o gerente – os líderes discutiram sobre o que acontecerá com a religião num país em que o socialismo foi vitorioso sobre a luta de classes.

Havia uma pequena vasilha com açúcar em cubos na escrivaninha. Ele pegou um dos cubos e começou a brincar com ele.

– Os líderes do partido concordaram que a religião está fadada ao fracasso. Ela morrerá sozinha.

Alexander abriu os lábios, como se fosse dizer algo, mas os fechou novamente.

– Agora veja isso, camarada Demidov – disse o gerente. Ele colocou o cubo de açúcar sobre a xícara de chá e o deixou cair no líquido escuro. – Em poucos minutos o açúcar vai derreter e desaparecerá. Mas agora eu estou pegando uma colher, está vendo? Estou mexendo o chá com ela, e assim o açúcar derrete mais rapidamente. Entendeu?

Alexander suspirou fundo.

– Então o que você está dizendo é...

– O que eu estou dizendo é que o governo decidiu não permitir que a religião apenas siga seu curso natural e morra sozinha. Ele está tomando providências para apressar essa morte.

Ele encolheu os ombros, mostrando indiferença.

– No seu caso, isso quer dizer que de agora em diante você não poderá mais imprimir sua revista.

Alexander saiu do escritório do gerente pasmado. *O que será de nós, Senhor?*, ele orou. *O que será de nós agora?*

Enquanto isso, na casa de Peter Kulakov, em Leningrado, eu estava começando a dar meus primeiros passinhos. Havia nascido no ano anterior, em 1927. Contudo, antes que minhas perninhas fossem capazes de me levar para

longe do quarteirão onde morávamos em Leningrado, meu pai aceitou um chamado para se mudar para o sul e liderar o trabalho adventista na região da Bielorrússia. Mas, assim que chegamos lá, as autoridades locais prenderam meu pai e ordenaram que fôssemos embora. A liderança da igreja então o enviou para ser pastor em Tula, cidade localizada a 200 quilômetros ao sul de Moscou. E nos mudamos novamente.

Você consegue imaginar como foi para meu pai, homem criado numa fazenda, ter que alugar um apartamento de apenas um quarto para toda a família, agora que já haviam nascido três filhos? Porém, isso não foi nada, comparado ao que aconteceu quando eu tinha oito anos de idade.

Tarde da noite, numa primavera de 1935, ouvimos uma forte batida na porta do nosso apartamento. Minha mãe a abriu e vários agentes da NKVD (a polícia secreta da época, precursora da KGB) invadiram a sala, carregando grandes bolsas. Sem dizer uma palavra, começaram a fazer uma busca por nossas posses.

O que eles estão fazendo?, pensei aterrorizado, enquanto meus dois irmãos e eu nos encolhíamos num cantinho do apartamento. *O que dá a eles o direito de vasculhar nossas coisas? E por que eles estão jogando nossas cartas, livros e revistas religiosos em suas bolsas?*

Depois que aqueles homens confiscaram o que queriam, o líder deles colocou a mão no bolso de dentro do casaco, pegou um pedaço de papel e o entregou ao meu pai.

– Peter Stephanovich Kulakov, – ele gritou – isto é um mandado de prisão. Você tem que vir conosco imediatamente!

Os ombros de papai arquearam. Olhando para os livros e roupas espalhados naquele cômodo, ele sabia muito bem que aquela poderia ser a última vez que ele via sua família. Ele olhou para minha mãe e então virou a cabeça para deitar os olhos sobre os três garotos encolhidos no canto. Então, papai endireitou os ombros e encarou os visitantes anônimos.

– Por favor, permitam-me orar com Maria e as crianças primeiro – ele disse. E, sem esperar pela permissão, se ajoelhou com minha mãe e chamou os três meninos para chegar mais perto. Embora eu tivesse apenas oito anos de idade naquela época, nunca vou me esquecer da oração daquela noite.

– Pai celeste, por favor, abençoe e proteja Maria e os meninos. Por favor, cuide de nossa pequena igreja. Proteja-me também. Senhor, eu confio minha família e minha igreja aos Seus cuidados.

Em seguida, ele se levantou e enfrentou os captores. Eu era muito novo para conseguir ler a expressão da fisionomia impassível deles, então não sei dizer se a

oração os afetou. Mas um sentimento de paz surpreendente repousou sobre nossa família. Assim, quando os homens conduziram meu pai para fora de nosso lar e, possivelmente, para fora de nossa vida para sempre, nenhum de nós irrompeu em lágrimas. Lembramos, naquele momento, do que Jesus dissera: “Lembrem-se das palavras que Eu lhes disse: Nenhum escravo é maior do que o seu senhor. Se Me perseguiram, também perseguirão vocês. Se obedeceram à Minha palavra, também obedecerão à de vocês” (João 15:20). Não sentimos alegria ao ver nosso pai desaparecer, mas tínhamos a certeza de que a mão de Deus – a boa mão de Deus – estava sobre nós.

Anos depois, eu li um poema de William Cowper que expressa bem nossa fé e convicções:

O caminho do sofrimento e apenas ele

Leva a uma terra onde o sofrimento é desconhecido.

Ao voltar os olhos para aqueles anos, não posso deixar de reconhecer como o Senhor estava nos ensinando, com carinho e ternura, a confiar inteiramente nEle. Deus nunca permitiu que fôssemos provados além do que podíamos suportar e Seus olhos estavam sobre nós durante essas provações. No momento em que cada prova atingia seu ponto crítico, a mão de Deus era estendida e Sua voz dizia: “Até aqui e não mais.”

Com meu pai na prisão, mamãe tinha três meninos para criar sozinha e nenhuma renda para suprir nossas necessidades básicas e pagar o aluguel de nosso quartinho. Mas as coisas pioraram ainda mais. Papai era considerado um “prisioneiro político” do Estado e tanto o prisioneiro quanto seus parentes eram considerados “inimigos do povo soviético”. O governo proibia toda a iniciativa privada, o que significava que todos tinham que trabalhar para o Estado seis dias por semana, com os domingos de folga. Esse foi um golpe cruel para minha mãe, uma guardadora do sábado.

Logo depois da prisão do papai, Sergei Carpovich Stepanov bateu à nossa porta. O irmão Sergei era ancião da igreja, um homem gentil e – algo importante para nós – fotógrafo. Muitos adventistas fiéis, na busca desesperada por uma ocupação que lhes proporcionasse o sábado livre, haviam rumado para a área da fotografia. Eles ainda trabalhavam para o Estado, mas não estavam ligados a um local de trabalho em que alguém notaria a falta no sábado e delataria a pessoa.

O irmão Sergei perguntou como estávamos e nos confortou da melhor maneira que podia. Em seguida, ele se virou para minha mãe e disse:

– Maria, tenho uma proposta de trabalho para você.

Os olhos dela brilharam.

– Em que o senhor está pensando, irmão Sergei?

– Gostaria que você revelasse e imprimisse as fotografias para mim.

Minha mãe arregalou os olhos.

– Eu? Revelar fotos? Mas não sei fazer isso.

– Eu ensino. É muito fácil.

– Muito obrigada pela oportunidade – minha mãe disse animada, ainda pasma. – Onde fica o seu laboratório de fotografia?

Ele piscou os olhos:

– Aqui mesmo.

– *Aqui?*

– Isso mesmo! Vejamos...

Ele percorreu o minúsculo cômodo com os olhos.

– Vou trazer para você os produtos químicos, os equipamentos e transformaremos aquele cantinho num laboratório de fotografia – disse ele apontando. – Eu a ensinarei o que fazer. E, cada vez que você imprimir uma bateria de fotos para mim, eu a pagarei por isso.

O laboratório de fotografia, na verdade, se parecia com um grande caixote, com o tamanho exato para minha mãe e os equipamentos e nada mais. Eu e meus irmãos chamávamos aquele lugar de “toca” e, dia após dia, ela passava diversas horas ali. O irmão Sergei usava uma câmera de grande formato com negativos de vidro. A função de minha mãe era entrar na toca e se certificar de que não houvesse nenhuma claridade. Em seguida, ela ligava uma lâmpada vermelha bem fraquinha, que não danificava o papel fotográfico. Ela colocava o negativo de vidro numa moldura de madeira, dispunha o papel fotográfico no negativo e prendia bem a moldura para que houvesse contato perfeito. Depois, ligava a luz branca por alguns segundos.

Por fim, mamãe removia a moldura, tirava o papel fotográfico e o imergia no líquido de três bandejas – o primeiro servia para revelar, o segundo para congelar (ele “congelava” a revelação, para que as fotos não ficassem escuras demais) e, finalmente, o terceiro líquido fixava. As fotos eram colocadas numa bacia grande, cheia de água limpa (nos laboratórios mais bem equipados, utilizava-se água corrente) para remover todos os produtos químicos da foto.

Certo dia, mamãe estava em sua toca, trabalhando numa bateria de fotos grandes e urgentes, quando o irmão Sergei chegou.

– Terminei – ouvimos mamãe dizer lá de dentro. – Mas ainda não tive tempo de lavá-las completamente e de dar brilho.

– Não se preocupe – disse o irmão Sergei. – Vou levá-las molhadas mesmo.

A porta da toca se abriu e mamãe saiu de lá, apertando os olhos por causa da claridade. Em suas mãos estava uma grande bacia com várias fotos dentro da água.

– Aqui estão – disse ela. Ao olhar para baixo, levou um susto.

– Oh, não! O que está acontecendo?

Os filhos se aproximaram e começaram a olhar para a bacia. As fotos estavam ficando cada vez mais amarelas.

O irmão Sergei respirou fundo.

– Seu fluido fixador está muito fraco, irmã Maria – explicou. – Você o neutralizou com muitas fotos que não haviam sido lavadas corretamente na etapa de congelamento. A água do líquido congelador precisa ser trocada constantemente.

O rosto de mamãe corou fortemente de vergonha.

– Irmão Sergei, – ela disse com voz trêmula, cheia de lágrimas – estou profundamente envergonhada. Sei que os papéis fotográficos lhe custaram muito dinheiro. E agora tudo está estragado!

Meus irmãos e eu continuamos com a cabeça voltada para a bacia, mas olhávamos para o irmão Sergei com o canto dos olhos. *Será que ele vai ficar bravo?*, eu me perguntava. *Será que ele vai levar embora o equipamento e deixar minha mãe sem trabalho?*

Nunca me esquecerei do que aconteceu em seguida.

Por alguns instantes, o irmão Sergei fitou aquela bacia cheia de fotos tão importantes, todas arruinadas. Em seguida, voltou os olhos para o rosto de minha mãe.

– Irmã Maria, – disse ele gentilmente – não se preocupe. O Senhor continua me provendo dinheiro para ajudar a família do meu amado pastor Peter Kulakov.

E, enquanto falava, ele colocou a mão no bolso, tirou algumas notas de dinheiro e as entregou à mamãe.

Nessa mesma época, minha mãe descobriu que Deus, em Sua bondade, não permitira que meu pai simplesmente sumisse dentro do sistema penal soviético.

– O papai está bem aqui em Tula! – ela nos disse com alegria, certo dia. – Ele está na cadeia central, há mais ou menos dois quilômetros daqui.



O mundo não era digno deles

– Vamos lá vê-lo! – meus irmãos e eu gritamos.

Mamãe suspirou.

– As autoridades da cadeia não permitem que o visitemos e falemos com ele. Mas podemos ir e ficar do lado de fora. Pode ser que ele nos veja pela janela.

Assim, no dia seguinte, andamos os dois quilômetros e meio até a cadeia da cidade. Era um edifício grande, com janelas cheias de barras, localizado numa área aberta e rodeado por um grande fosso. As janelas deviam ficar na altura do queixo dos prisioneiros, porque tudo o que conseguíamos ver era a cabeça deles. Mas, de repente, um de nós percebeu uma mão que balançava com força numa das janelas do segundo piso. A vala nos impedia de nos aproximarmos, mas sabíamos que era papai. E ele estava fazendo algo mais, além de acenar! Ele ergueu o corpo, se agarrou a uma barra de ferro com uma das mãos e começou a fazer movimentos com a outra e com um dos braços, fazendo de conta que estava nos abraçando e nos segurando junto do seu coração.

– Papai! Papai! – Victor começou a gritar. Nós pulávamos para cima e para baixo, balançando os braços no ar.

– Fiquem quietos – minha mãe sussurrou, colocando a mão sobre a boca de Victor. – Se as autoridades souberem que seu pai está tendo contato com a família, vão transferi-lo para uma cela interior sem janelas. Só acenem.

Assim, papai não tentou falar conosco, mas continuou fazendo gestos amáveis para nós. Ficamos ali silentes, mostrando a ele através da linguagem corporal o quanto o amávamos. Isso continuou até que meu pai ficou tão cansado que não conseguia mais se segurar na barra. Então, nos viramos tristes e começamos a fazer o caminho de volta.

Fizemos muitas viagens até a beirada daquela vala. Era incrível, mas parecia

que o papai conseguia sentir quando estávamos indo, pois ele sempre era o primeiro na janela a acenar para nós. Os dois quilômetros e meio de ida sempre pareciam mais rápidos que o retorno.

– Mamãe, – perguntei certo dia – por que não tomamos o ônibus para ir à cadeia? Não é muito caro!

– Talvez não seja – respondeu ela. – Mas estou economizando cada centavo que posso, pois é difícil ganhar dinheiro sozinha para sustentar nossa família depois que papai foi preso.

– Mas meus sapatos são muito grandes e desajeitados – reclamei. – É difícil andar tanto com eles. Eles ficam saindo do meu pé.

– Misha, – respondeu ela, usando meu apelido de infância – eu os comprei um número maior do que você precisava para que eles possam durar mais. Portanto, cuide bem deles.

Então, saímos de novo em direção à cadeia. Em nosso caminho rumo à prisão, precisávamos atravessar uma ponte sobre o rio Upa. Dessa vez, quando estávamos no meio da ponte, eu diminuí o ritmo para observar a água correndo tranquilamente logo abaixo. Sem esperar essa parada abrupta, um de meus irmãos pisou no meu calcanhar e o sapato enorme pulou para fora do meu pé. Ele rolou pela beirada da ponte e caiu na água, fazendo bastante barulho!

Olhamos para mamãe e uns para os outros. Todos percebemos que não havia sido culpa de ninguém, então terminamos de cruzar a ponte e continuamos a caminhada.

Não posso deixar que papai veja meu pé descalço, pensei. Ele já tem problemas suficientes na prisão para ficar se preocupando com os recursos para o próximo par de sapatos do filho. Por isso, quando chegamos à beira da vala, tentei esconder o pé atrás da grama e da terra, para que ele não se sentisse mal.

Papai passou três meses na cadeia de Tula. O governo não se importava muito com os direitos humanos. Portanto, embora eles tenham feito algum tipo de investigação, não houve julgamento. Um comitê especial do Ministério do Interior, conhecido como Osoboe Soveshchanie, sentenciou sumariamente que meu pai fosse condenado a três anos de exílio na área mais remota da região siberiana de Krasnoyarsk, localizada a 3.600 quilômetros de Moscou.

Felizmente, as famílias tinham permissão de acompanhar o exilado. Isso provavelmente não acontecia devido à bondade do Estado. Eles faziam isso na esperança de que, dessa maneira, o causador de problemas tivesse menos motivos para escapar, retornar e voltar a disseminar “ideias religiosas decadentes” de novo.

Depois de ter se estabelecido, papai mandou uma mensagem para minha mãe. “Como aqui não tem escola para crianças da idade de Stephen”, ele escreveu (Stephen tinha 14 anos e já havia concluído o ensino fundamental), “mande-o para a casa de sua mãe em Taganrog. Você e os dois meninos mais novos podem vir ficar comigo.”

Assim, depois de nos despedirmos em lágrimas de Stephen e mandá-lo para morar com nossa avó, mamãe, Victor e eu começamos uma longa viagem de trem que nos levou até Krasnoyarsk. Mas nossa jornada ainda não tinha terminado. A vila de papai ficava a quatro dias de viagem, a maior parte pela floresta, mas ele conseguiu arranjar transporte para nós. Um casal que trabalhava numa fazenda coletiva tinha usado dois trenós para levar equipamentos até Krasnoyarsk para serem consertados e papai perguntou se eles poderiam nos dar uma carona.

Era inverno e a temperatura estava muito abaixo de zero. Por isso, mamãe havia levado um enorme casaco de pele para nos manter aquecidos. Ela até esfregou gordura de ganso em nossa testa e nariz, para que não nos queimássemos com o frio. Não havia hotéis nem pousadas ao longo dessa difícil jornada, mas, em sua mensagem para nossa mãe, papai havia explicado que havia várias casas onde poderíamos passar a noite. Descobrimos que as pessoas da Sibéria eram muito hospitaleiras. Como em sua maior parte elas eram também exiladas, mostravam grande compaixão aos recém-chegados.

Durante o inverno, todos os proprietários tinham o costume de colocar um pedaço de pão numa pequena abertura localizada em um dos troncos da varanda. Qualquer pessoa que estivesse passando por perto e estivesse faminta teria algo para comer, mesmo que não fosse passar a noite ali.

No fim do quarto dia, enquanto o sol se punha, percebemos que havia uma imensa montanha à nossa frente. Saía fumaça da chaminé de algumas pequenas casas localizadas ao pé do monte.

O fazendeiro apontou com seu chicote.

– Aí está – disse ele. – Este é o destino final da longa jornada de vocês! E olhem, acho que vejo alguém vindo em nossa direção.

Era isso mesmo! À distância pude ver meu pai, vestido com um casaco preto de pele e um enorme chapéu com protetores de orelha, vindo pela neve para nos receber. Descemos correndo do trenó e passamos voando pelos cavalos. O rosto do papai estava bem vermelho, em parte de alegria, em parte devido ao trabalho pesado na neve. Ele apertou Victor e eu num abraço caloroso. Seu bigode tocou minha bochecha e levei um susto ao perceber que ele estava cheio

de pedacinhos de gelo.

Em minha boca, pude sentir o gosto salgado das lágrimas do papai, as quais me disseram com muito mais força do que qualquer palavra como ele sentira minha falta.

Nosso novo lar era uma cabana de madeira na vila de Krasni Klyutch. A cabana em si era pequena, mas os troncos de que ela era feita eram enormes – troncos gigantes de pinheiros. E o frio de rachar os ossos que sentimos ao longo da viagem de quatro dias rapidamente desapareceu, com o fogo constante que saía da lareira. Como havia uma enorme floresta ao redor da vila, papai conseguia toda a lenha necessária para aquecer a casa.

No entanto, como diz a canção, o inverno do lado de fora era tremendo e assustador. Grandes quantidades de neve chegavam até o telhado e a neve caía com tanta frequência que meu pai precisava cavar o caminho até a porta da frente quase todos os dias. Mesmo durante o inverno, contudo, ficamos a salvo e confortáveis. Minha mãe acendia uma lâmpada de querosene e a colocava na mesa. Todos nós sentávamos em volta e passávamos longas horas lendo a Bíblia e memorizando textos que nossos pais acreditavam serem importantes para nós.

Sou muito grato a meu pai e minha mãe por terem nos mostrado através do exemplo como o conhecimento da Bíblia é prático. Todas as vezes que repito “o Senhor é meu pastor” ou “lâmpada para os meus pés é a Tua palavra”, lembro-me da chama alaranjada daquela lâmpada de querosene e da neve caindo macia no telhado.

Papai, é claro, precisava vencer a neve e o frio e ir trabalhar, pois todas as pessoas exiladas tinham a obrigação de ter um trabalho. Todos os residentes da vila eram membros de uma *kolkhoz* (fazenda coletiva), cujo dono não era nenhum indivíduo, mas o Estado. Papai procurou emprego lá.

– Quais são suas habilidades? – perguntou o gerente.

– Qualquer trabalho da fazenda – respondeu papai. – Eu cresci numa fazenda. Mas também posso ficar responsável pela contabilidade.

O gerente olhou para ele com um olhar surpreso:

– A contabilidade?

– Isso mesmo.

– Você está contratado!

O homem apontou para vários livros de registros antigos.

– Nossas finanças estão uma grande confusão. Veja se você consegue colocar ordem nesses livros para que possamos descobrir para onde todo o dinheiro está indo.

Enquanto meu pai folheava aqueles livros de registros, pensou: *O problema com as finanças desta fazenda é que ninguém até agora se importou o suficiente para dedicar tempo a elas. É isso que está errado com o sistema comunista. Se todos são igualmente proprietários de tudo, ninguém se sente responsável.* Nas semanas seguintes, ele começou a empregar o sistema financeiro que usara com seu pai na fazenda. O gerente estava maravilhado.

Logo, contudo, as autoridades comunistas regionais descobriram a respeito do trabalho de papai.

– Quem é o seu novo contador, camarada? – perguntaram ao gerente.

– O nome dele é Peter Kulakov.

– Onde você o encontrou?

O gerente fez com os ombros que não sabia.

– Eu acho que ele vem do Oeste, de perto de Moscou. Está fazendo um excelente trabalho.

– Não é sobre a qualidade do trabalho dele que viemos falar com você – as autoridades lhe disseram. – Ele é um exilado?

O gerente suspirou triste.

– Acredito que possa ser. Mas...

– Você não compreende, camarada, que todo exilado é um inimigo do Estado?

– Claro que compreendo, mas...

– E você não sabe que inimigos do Estado não podem ocupar cargos de responsabilidade que possam lhes dar acesso a informações importantes?

Dessa vez, o gerente simplesmente olhou para o chão e assentiu.

– Daqui por diante, você deve remover Kulakov de sua posição como contador.

Depois disso, papai teve que deixar de lado as finanças e andar por toda a fazenda e vila fazendo trabalho manual. Quando mamãe – uma pessoa em geral muito paciente – soube da mudança de função de papai, ficou muito chateada.

– Essas autoridades estão loucas – ela disse. – Você acabou de colocar as finanças em ordem e é assim que eles o recompensam? Mandando você consertar cercas?

Mas papai encarava toda a situação com uma postura filosófica.

– Maria, não se esqueça do verdadeiro motivo pelo qual estamos aqui – ele a lembrou. – Essa é uma bênção disfarçada, pois agora estou numa posição excelente para conhecer outras pessoas e compartilhar minhas crenças. Você não acreditaria se eu lhe dissesse quantas pessoas sentem fome e sede da Palavra de

Deus.

À medida que o tempo no exílio passava, todavia, papai ficava cada vez mais cansado. E, finalmente, quando a sentença de três anos expirou em maio de 1938, ele já não aguentava mais.

– Vamos embora – disse ele. – Imediatamente! Comecem a fazer as malas. Não ficaremos aqui nem um dia além do necessário.

Mamãe olhou para ele, confusa.

– Mas, Peter, precisamos ficar no mínimo mais uma semana.

– Por quê?

– Essa é a semana das provas finais do Misha no ensino primário. Ele precisa fazê-las para que possa depois prosseguir no ensino secundário.

Papai respondeu bravo:

– Deixe essas provas pra lá. Ele pode fazê-las quando chegarmos em Samara.

– Só mais uma semana. Por favor!

– Você não compreende, Maria? É como se um carcereiro chegasse para libertar um prisioneiro e ele dissesse: “Não, eu quero ficar mais uma semana.” Vamos sair daqui *amanhã*.

Como um pássaro selvagem cuja gaiola é repentinamente aberta, papai ansiava demais pela liberdade. “Com os pés livres e asas ansiosas para voar”, ele estava desejoso de sair voando dali tão rápido quanto possível, e para o lugar mais distante que conseguisse. Nosso destino era a grande cidade industrial de Samara, localizada a 800 quilômetros a leste de Moscou.

Eu tinha 11 anos de idade e, nos três anos anteriores, havia frequentado uma pequena escola de madeira, que contava com poucos alunos. E agora, ao invés de me sentar perto dos meus colegas e fazer as provas com os professores que eu conhecia, teria que fazê-las com professores que nunca havia visto antes, numa escola enorme, de três andares, com centenas de alunos igualmente desconhecidos.

Traumatizado e humilhado, reprovei nas provas de ortografia e gramática russa e cometi vários erros no ditado. No dia seguinte, ao andar pelo corredor da escola, a diretora me parou:

– Você é o novo aluno que chegou ontem?

– Sim, sou eu – respondi com cautela.

– Pegue sua mochila e saia agora da escola.

Fiquei olhando para ela.

– Vá! Agora! – ela disse rispidamente. – Seu ditado foi o pior de toda a

escola. É impossível educar você!

Quando cheguei em casa, meu rosto ainda estava molhado pelas lágrimas. Papai ficou chocado.

– Irei lá amanhã – ele me disse – e verei o que posso fazer. Isso não é justo!

Claro que não é justo, pai – eu pensei, mas não tive coragem de dizer. *Por que você não pôde ficar uma semana a mais em Krasni Klyutch? Lá eu teria passado nessas provas tranquilamente.*

Graças à grande habilidade diplomática de papai e à mão de Deus guiando nossa vida, a administração escolar mudou de ideia e me deu mais uma chance de fazer as provas. Dessa vez, sem toda aquela pressão que me fez até perder o rumo, consegui passar.

Embora tenha sido uma enorme bênção poder voltar do exílio, papai sabia que em lugar algum daquele país governado por ateus seria possível trabalhar como missionário em tempo integral. Em primeiro lugar, ele, como todas as outras pessoas da União Soviética, tinha a obrigação de trabalhar para o Estado. Segundo, não havia mais uma igreja organizada que pudesse lhe prover apoio financeiro. Então, seguindo o exemplo de outros adventistas, ele se tornou fotógrafo.

– Mas eu não estou desanimado – ele nos disse. E em seguida falou uma de suas frases favoritas: – Se você não pode ser livre, seja tão livre quanto puder.

Em todos os lugares que ia com sua câmera, ele cuidadosamente sondava o grau de interesse ou resistência das pessoas pela religião e começava a estudar a Bíblia em segredo com aqueles que se interessavam pelas verdades de Deus.

Embora não tivéssemos muito dinheiro, meus pais conseguiram economizar alguns rublos durante o tempo do exílio. Por isso, quando chegamos em Samara não precisamos procurar um apartamento; tivemos a chance de comprar uma habitação. Creio que “habitação” é uma palavra que consegue descrever bem aquele lugar. Eu e meus irmãos a chamávamos de “nossa casa”, mas era, na verdade, algo mais próximo de uma meia caverna. A casa fora feita escavando uma íngreme colina. A parede de trás e as duas paredes laterais eram feitas de terra. O telhado era uma continuação da colina. Assim, sempre que queríamos subir no telhado, a única coisa que precisávamos fazer era subir aquela colina e descer correndo!

Nossa caverna não possuía energia elétrica nem sistema de esgoto. Muitas vezes minha mãe mandava que eu e Victor fôssemos até uma loja, onde esperávamos numa fila por várias horas para comprar querosene, que usávamos para cozinhar as refeições e iluminar a casa à noite. A água para beber e para as

outras necessidades domésticas era fornecida pelo “Sistema de Água Corrente Misha Kulakov”. Eu tinha 11 anos de idade, e minha função era carregar dois enormes baldes numa canga de madeira colocada sobre meus ombros por alguns quarteirões até uma torneira que ficava na rua. Depois de encher os baldes, eu os prendia nas extremidades da canga, encaixava meus ombros sob ela e a levantava. É claro que eu queria que os baldes ficassem bem cheios (para que eu não precisasse realizar muitas viagens). Por isso, depois que a pesada canga estava em meus ombros, eu colocava um braço sobre cada extremidade para firmá-la. Um dia, enquanto cambaleava pela vizinhança, ouvi um vizinho dizer:

– Está vendo aquele menino? Ele parece um crucificado.

Naqueles tempos difíceis, tivemos uma grande alegria: um bebê nasceu em nossa família. Meu novo irmãozinho, David, se tornou um brinquedinho vivo para Victor e eu. Como não havia nenhuma menina na casa, eu era o filho responsável pelo cuidado do bebezinho. Assentava-me próximo ao seu bercinho e o observava durante horas, admirando sua pele delicada e seu hálito suave, maravilhado com sua impotência, suas várias necessidades e exigências. Que privilégio poder aprender assim, em primeira mão, sobre a complexidade e a fragilidade da vida humana.

Pouco antes do nascimento de David, meu pai havia convidado Anna Pilkh, sua irmã viúva, e seu filho Daniel para morar conosco em Samara. Quando eles chegaram, papai e mamãe deram um jeito de arranjar espaço para eles em nossa humilde residência. Anna, uma mulher diligente e trabalhadora, havia adquirido um pouco de conhecimento médico e conseguiu trabalho como enfermeira na estação central de trem em Samara.

Anna era uma mulher que conhecia o significado da palavra perseguição. Seu esposo, Pavel, nascido na Áustria, já era pastor adventista ordenado quando foi convocado para servir no exército austríaco durante a Primeira Guerra Mundial.

– Sou contra a guerra – ele protestou aos oficiais de sua unidade. – Deus me ordena a não matar os outros seres humanos.

Isso fez com que os soldados de sua unidade ficassem tão nervosos que, quando o exército russo começou a avançar em sua direção, eles usaram cordas para amarrar Pavel e o deixaram em uma trincheira à mercê do inimigo. Ele foi capturado e, quando chegou à Rússia, decidiu permanecer ali.

Pavel foi imediatamente trabalhar na região transcaucasiana e ajudou a fundar uma igreja em Tbilisi, na Geórgia. Posteriormente, foi trabalhar na região ao norte do Cáucaso. Ao viajar pela Rússia, tive a oportunidade de conhecer

muitos membros idosos a quem Pavel havia ministrado.

– Ele era uma pessoa muito gentil e altruísta – eles me contaram. – Ainda conseguimos nos lembrar de vê-lo caminhando descalço de vila em vila. Naquela época, os sapatos eram muito caros e raros. Por isso, ele viajava descalço, com os sapatos pendurados no pescoço pelo cadarço. Pouco antes de entrar na vila, ele os calçava.

Como aconteceu com a maioria dos membros e pastores adventistas, tio Pavel foi preso na década de 1930. Ele começou a cumprir sua sentença num campo de trabalho forçado, trabalhando na construção do Canal de Volga-Don. Durante longo período, tia Anna não sabia para onde ele havia sido levado. Finalmente, depois de receber a primeira mensagem dele, que contava de sua localização, ela viajou até aquele campo de concentração. A própria viagem era, em si, um grande sacrifício.

De maneira surpreendente, suas súplicas junto à administração e aos guardas foram ouvidas.

– Você só poderá conversar com ele por cinco minutos e somente em nossa presença – os guardas lhe disseram.

Só cinco minutos?, ela pensou. *E com os guardas por perto?*

Finalmente a porta se abriu e um homem assustadoramente magro apareceu na frente dela. Anna o encarou. *Quem é esse? Não é possível que seja o meu Pavel!*

Mas ela olhou bem dentro de seus olhos, e lá conseguiu encontrar a expressão familiar de amor, que conhecia bem. O trabalho pesado e a falta de comida não haviam diminuído o amor que ele sentia por ela, e esse amor foi a única coisa que tia Anna conseguiu reconhecer.

– Annchen, Annchen – ele repetia continuamente, enquanto os dois se abraçavam.

– Você parece tão faminto! – ela disse em lágrimas. – Você está doente. Precisa descansar.

– Deus é bom – ele sussurrou no ouvido dela. – Até neste lugar o Senhor está comigo. Ele precisa de mim para ajudar aqueles que estão morrendo sem esperança.

– Acabou o tempo! – disse um dos guardas de maneira áspera, agarrando Pavel pela mão e separando os dois, ao mesmo tempo em que conduzia Anna para fora. Ela nunca mais veria o esposo.

Pouco depois daquela visita, tia Anna recebeu uma última carta, que ela guardou com muito carinho pelo resto da vida. Ela me mostrou aquelas linhas,

escritas em papel simples e amarelado. Nunca me esquecerei das palavras ali registradas:

Minha querida Annchen,

Você sabe o quanto eu amo você e o nosso querido filho Daniel. Não percamos a coragem. O Senhor voltará em breve e, embora eu possa morrer aqui, estaremos juntos para sempre. Nada pode nos separar do amor de Deus. Mas, por enquanto, eu tenho muito trabalho a fazer por aqui.

Nós nos encontraremos novamente. Só precisamos ser pacientes.

De seu amado esposo,

Pavel

Durante décadas, minha esposa e eu, juntamente com nossos outros familiares, pensamos que Pavel havia morrido devido a uma combinação de fome, doença e dureza da vida no campo de trabalho forçado. Mas no fim do outono de 2007, quando este livro estava em sua etapa final, recebi uma informação ainda mais trágica do neto de Pavel, Mikhail Pilkh.

Nos arredores de Moscou, durante o regime soviético, havia uma área denominada Butovo, que era cercada de alto grau de confidencialidade. Foi apenas depois do colapso da União Soviética que aprendemos o nome completo daquele local: o polígono Butovsky (a linha de tiro Butovo). Dentro de um recinto para prisioneiros políticos comandado pela NKVD, mais de vinte mil pessoas de todas as camadas sociais foram executadas e enterradas em fossos, que eram sepulturas coletivas. De acordo com um artigo on-line do *New York Times*, escrito por Sophia Kishkovsky, no dia 8 de junho de 2007, as vítimas incluíam desde “camponeses e operários até generais czaristas, clérigos da Igreja Ortodoxa Russa, comunistas alemães, escritores letões, inválidos e mesmo lavandeiros chineses residentes em Moscou – dezenas deles foram executados como inimigos do povo”.

E pelo menos um adventista do sétimo dia.

Ativistas dos direitos humanos descobriram algumas listas de nomes de pessoas que foram assassinadas ali e as colocaram na internet. Os executores possuíam registros de uma eficiência assustadora. Quando Mikhail Pilkh fez uma busca por aqueles nomes, encontrou a seguinte linha:

“Pilkh/Pavel-Ivanovich/1895/Áustria/09.03.37”

Pavel Pilkh tinha 42 anos de idade quando foi executado em 1937.

Durante aqueles tempos de provação, Deus, em Seu imenso amor, nos proveu

várias fontes de encorajamento. Durante os cultos familiares, nós, juntamente com tia Anna e seu filho Daniel, extraíamos força não só da Palavra de Deus, mas também do maravilhoso hinário adventista russo chamado *Salmos de Sião*. Esse livro foi impresso e encadernado com material de primeira qualidade na gráfica do Estado, em 1927, quase um ano antes de o governo banir todo tipo de impressão de origem religiosa. Esse banimento durou setenta anos.

As músicas do *Salmos de Sião* eram excelentes. Algumas haviam sido traduzidas do inglês e do alemão, mas muitas foram escritas por servos de Deus russos, pessoas profundamente espirituais, cujas músicas, em sua maioria, expressavam seu conhecimento íntimo do amor e cuidado de Deus, enquanto sofriam perseguições por parte do governo czarista.

Alguns dos melhores hinos foram escritos e traduzidos por Yan Wilson. Não é exagero dizer que, enquanto eu escrevo essas palavras, oitenta anos após a publicação daquele hinário, nenhum culto em todo o vasto território russo é realizado sem que seja cantada pelo menos uma das músicas escritas ou traduzidas por aquele homem.

Em nossa casa na cidade de Samara nos apegávamos àquele maravilhoso hinário e cantávamos:

Nos braços amoráveis de Cristo

Eu olho sem medo para o futuro

Ao lutar com meu inimigo poderoso

Jesus é minha fortaleza.

Essa é a versão para o russo que Yan Wilson fez do hino “Salvo em Jesus” [HASD, nº 534]. (Ao invés de simplesmente recorrer à versão inglesa dessa música, optei por traduzir do russo, para que você possa entender melhor o sentido dessas frases que tanto nos encorajavam durante aqueles tempos difíceis.)

Enquanto eu cantava ali na nossa residência em Samara, meus olhos se dirigiam ao canto da página do hinário e fitavam as iniciais . B. O “R” ao contrário tem som de “ya” em russo, e o “b” tem som de “v”. Yan Wilson (nós pronunciamos Vilson), o líder adventista por trás dessas modestas iniciais, foi um herói para mim e para todos os outros adventistas russos.

Embora eu só viesse a saber vários anos depois, na mesma época em que meu pai se encontrava na cadeia de Tula, Yan Wilson, na época com 54 anos de idade, e sua esposa foram capturados pela polícia secreta e estavam exilados num campo de trabalho forçado a centenas de quilômetros a nordeste de Moscou. Deixe-me pausar por um momento a minha história para lhe contar a

dele.

Se o sobrenome de Yan Wilson lhe parece inglês, não é por acaso. É muito provável que seja mesmo. Não temos conhecimento da procedência exata do nome, mas sabemos que, quase dois séculos atrás, enquanto viajavam provenientes ou dos Estados Unidos ou da Grã-Bretanha, seus antepassados passaram por um naufrágio perto de uma praia europeia e se estabeleceram na Europa Central, antes de se mudar para a Letônia. No meio do século 19, o pai de Yan se mudou com a família para o leste, em São Petersburgo, na Rússia, onde o eminente Conde Shuvalov o contratou como guarda florestal. Yan, um dos nove filhos, nasceu em 1883.

Ninguém sabe ao certo quando Yan Yanovich Wilson se tornou adventista, mas aos 26 anos de idade ele já fazia parte da liderança da Igreja Adventista na Rússia. A vida não era fácil durante o regime czarista, mas se tornou muito mais perigosa depois de 1917, quando os bolcheviques ateus tomaram o poder. Eles começaram a caçar e destruir intelectuais e pensadores de todos os tipos, incluindo os cristãos. Ainda assim, Yan continuava a se esquivar das autoridades e no começo da década de 1920 capacitava jovens adventistas para o ministério.

– Vocês precisam *conhecer* a Palavra de Deus – disse ele a um grupo de trinta jovens que se reuniam na casa de um próspero dono de engenho chamado Burmistrov. – Não é simplesmente saber *sobre* ela, mas *conhecê-la*. Vocês só se tornarão ministros eficazes se tiverem uma fé bem fundamentada.

Ele agarrava a Bíblia com mãos e a erguia bem alto.

– Desafio vocês a não apenas aprender versos que deem base a doutrinas bíblicas. *Desafio vocês a conhecerem cada capítulo deste livro.*

Nesse momento, os alunos estavam boquiabertos.

– Você quer que nós memorizemos a Bíblia inteira? – eles perguntaram espantados.

Ele deu de ombros.

– Quanto mais textos vocês souberem de cor, melhor – respondeu. – Mas quero que vocês pelo menos sejam capazes de fazer um resumo de qualquer capítulo que eu lhes perguntar. Isso não é opcional. É uma *exigência*. Aqui – disse ele, entregando a Bíblia a um dos alunos. – Façam um teste comigo e vou lhes dizer o conteúdo do capítulo.

Para a surpresa dos alunos, eles descobriram naquele dia que o pastor Wilson, além de conseguir fazer um resumo de cada capítulo, conseguia citar grande parte deles de cor! De olhos arregalados, começaram a estudar. Dia após dia, o professor os interrogava e progressivamente o conhecimento da Bíblia de

cada um aumentava. Posteriormente, tive a oportunidade de conhecer vários desses alunos que se tornaram obreiros hábeis para Cristo, líderes cuja fundamentação bíblica era tão forte que foram capazes de resistir às ideologias sedutoras amplamente divulgadas pelo governo soviético e encorajar outros a fazer o mesmo.

Vários anos depois, após a queda do comunismo, tive a chance de conhecer Wanda, filha de Yan Wilson, que me relatou uma história comovente de sua captura final.

Ela me contou que em 1937 seu pai foi exilado de Moscou e enviado para a cidade provinciana de Lipetsk. Assim como meu próprio pai, Wilson não permitiu que isso o detivesse de compartilhar sua fé e começou a realizar cultos numa pequena casa. Contudo, entre os adoradores havia um informante disfarçado, que o delatou à NKVD.

– Cheguei do trabalho certa noite – ela me disse – e descobri que meus pais não estavam mais lá. Os vizinhos me contaram que a polícia havia passado o dia inteiro fazendo buscas em nossa casa.

Depois de uma noite de insônia, Wanda foi correndo até a sede da NKVD para descobrir o que havia acontecido. Ela foi enviada ao escritório do interrogador de seus pais. Durante a conversa, descobriu que a esposa dele havia sido sua colega de escola. Isso ajudou a “quebrar o gelo”.

– Preciso ver meus pais – disse ela.

Ele suspirou.

– Não posso permitir que você faça isso. É contra as normas.

– Por favor, apenas por alguns minutos – ela implorou.

O interrogador olhou incomodado ao seu redor e abaixou o tom de voz:

– Vou ser muito franco. Mesmo ocupando uma boa posição no sistema, vivo em constante medo. Contudo, – disse ele sussurrando – tenho um plano. Mas você precisa colaborar.

Wanda se inclinou na direção do homem e disse:

– Farei o que for preciso.

– Seus pais estão em celas separadas – ele explicou. – Porém, uma vez por semana, numa hora predeterminada, eles serão trazidos à minha sala para serem interrogados. Se você estiver aqui nesse horário, acredito que posso fazer com que vocês se encontrem.

– Toda semana? – ela perguntou animada.

– Possivelmente – disse ele. – Mas só durante alguns minutos.

Em suas breves conversas com os pais nas semanas seguintes, Wanda

descobriu que eles haviam sido acusados de “agitação antissoviética”, assim como vários outros líderes religiosos também presos.

– Isso não é verdade – Wanda repetiu com insistência ao interrogador numa das vezes em que se encontrou com ele. – Meus pais não estão trabalhando contrariamente aos interesses do Estado.

– Acredito no que você está dizendo – disse ele.

– Então você pode ajudá-los?

Visivelmente triste, ele sinalizou que não com a cabeça.

– Não há nada que eu possa fazer.

Os Wilson foram interrogados durante três meses. Durante esse período, Wanda teve a oportunidade de visitá-los brevemente todas as semanas, com a ajuda do interrogador e também de um dos guardas da prisão que era filho de um vizinho gentil. Mas, depois desse tempo, veio a terrível notícia de que seus pais seriam mandados para um campo de trabalho forçado na região polar da União Soviética.

Wanda quase não teve tempo para fazer alguma coisa depois que recebeu essa notícia. Ela preparou rapidamente uma caixa com comida e correu até a prisão. À distância, observou seus pais e outros prisioneiros políticos, juntamente com ladrões insensíveis, assassinos e outros criminosos, serem escoltados pelos guardas diretamente da prisão para a estação de trem e levados pela plataforma em direção aos vagões de carga.

Wanda agarrou a caixa de alimentos e correu em direção aos guardas.

– Por favor, – ela disse, tentando tomar fôlego – deixem-me entregar isto ao meu pai e à minha mãe!

Um dos guardas a empurrou com tanta força que ela caiu para trás.

Nesse momento, os Wilson já estavam dentro do vagão de carga, e a filha corria desesperada de um lado para o outro tentando encontrar uma janela ou porta destrancada. O trem começou a se mover e a ganhar velocidade. Tomada pelo sofrimento, e ainda com a caixa em mãos, Wanda começou a correr atrás do trem. De repente, ela tropeçou em um dos trilhos e caiu com o rosto no chão. A caixa saltou à sua frente e pães caseiros, ovos cozidos e maçãs se espalharam por todo lado. Ela ficou deitada ali onde havia caído, soluçando e pressionando o rosto contra o chão.

Mais tarde, Wanda descobriu que, depois que seus pais chegaram a um acampamento de trânsito, foram separados e nunca mais se viram. A mãe, enfermeira experiente, foi mandada para trabalhar no hospital de um dos campos. Mas o pai não conseguiu sobreviver às duras condições dos campos de

trabalho forçado, onde prisioneiros famintos brigavam às vezes até à morte por um pedaço de pão. Pelo que Wanda sabe, Yan Wilson – líder adventista e compositor de hinos – morreu como mártir em 1939 de doença e exaustão.

No fim da década de 1920 e nos anos de 1930, milhares de pessoas morreram de fome, doença e perseguição na União Soviética. Esse destino também afetou minha família. Duas meninas nasceram em nossa casa antes de mim, mas morreram cedo, uma depois da outra, por causa de epidemias e das condições precárias de vida, que se tornaram ainda piores com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Sou muito grato aos meus pais pelos três irmãos que eles me deram, pois sem eles eu teria sido privado de várias experiências importantes e alegrias duradouras. Mas a falta de uma irmã fez com que eu fosse tímido e me comportasse de maneira estranha perto de meninas.

Nossa extrema pobreza piorava ainda mais as coisas.

– Pai, mãe, – disse eu certo dia no fim daquele outono – estou precisando muito de um casaco quente para o inverno.

– Amanhã vou comprar um casaco para você, então – disse-me papai. – Não temos muito dinheiro, mas vou ver o que posso fazer.

No dia seguinte, ele chegou em casa com um casaco – xadrez, de gola branca e de pele de coelho.

Eu engoli seco.

– Pai, esse casaco é de *menina*!

– Eu só tinha dinheiro para este – disse ele. – Você vai ter que usá-lo. Não quero que fique doente por causa do frio.

Então não tive escolha. Precisei usar aquele casaco assim mesmo. Você deve imaginar como as outras crianças da escola me tratavam. Elas zombavam de mim sem dó.

Mamãe sabia como eu me sentia. Certa vez, quando estávamos sozinhos na casa, ela chegou perto de mim e me abraçou:

– Misha, eu sei o que você sente sobre aquele casaco. Fico tão triste por essa situação! Mas você não percebe que, neste momento, seu bondoso pai e eu não podemos fazer nada para mudar isso? Por favor, seja paciente. Talvez no próximo inverno consigamos comprar algo mais adequado para você.

Funguei algumas vezes, para tentar conter o choro. Ela esperou um momento e disse:

– Estamos passando por dificuldades porque seguimos a Jesus Cristo, Misha. Mas um dia em Seu reino Ele nos dará lindos mantos de justiça para vestir.

E então ela começou a recitar, de cor, os seguintes versos de Hebreus 11:

“Outros enfrentaram zombaria e açoites; outros ainda foram acorrentados e colocados na prisão, apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos e maltratados. O mundo não era digno deles. Vagaram pelos desertos e montes, pelas cavernas e grutas. Todos estes receberam bom testemunho por meio da fé; no entanto, nenhum deles recebeu o que havia sido prometido” (v. 36-39).



Bem-aventurados os perseguidos

Para meu alívio, o inverno do casaco xadrez de menina finalmente chegou ao fim e, dentro de um ano, nos mudamos de Samara para Maikop e de lá para Ivanovo, localizada a 280 quilômetros ao leste de Moscou.

Duas semanas depois de chegarmos a essa cidade, a Segunda Guerra Mundial começou, trazendo estrondosa destruição ao Ocidente. E, embora os nazistas tenham quebrado rapidamente seu pacto de não invasão ao território russo e conquanto a Rússia tenha perdido vinte milhões de soldados, o país conseguiu permanecer em pé. Mas seria apenas em 1945 que Hitler veria sua derrota.

De 1942 a 1947, estudei na Escola de Artes da cidade ao mesmo tempo em que auxiliava papai no trabalho missionário. Ele organizou vários pequenos grupos de crentes em Ivanovo e nas cidades vizinhas e realizávamos cultos clandestinos em nossa casa. Em agosto de 1945, tarde da noite e longe das luzes da cidade, meu pai batizou secretamente oito pessoas, inclusive eu. Naquela época, eu contava com 18 anos de idade.

De vez em quando, eu viajava para Moscou no fim de semana e ia à igreja lá. Foi nessa época que me tornei amigo do pastor G. A. Grigoryev. Logo após meu batismo, fiz uma visita a ele.

– Mikhail, – ele disse sussurrando, depois do culto de sábado – preciso falar com você.

– Claro – eu disse.

– Em particular.

Quando estávamos sozinhos, ele me alertou:

– Você precisa ser mais cuidadoso.

Eu o olhei confuso.

– Mais cuidadoso? Como assim?

– Eu vi você conversando com o irmão Ivan.

– É verdade, conheci mesmo um homem chamado Ivan.

O tom da voz do pastor Grigoryev ficou bem sério.

– Tenho observado o irmão Ivan. Percebi que, assim que ele o viu, esperou pacientemente até ter uma oportunidade de conversar com você.

Meus olhos se arregalaram.

– Então você acha que ele é...

– Um informante? Acredito que sim.

Ele olhou ao redor e falou baixinho:

– Ele sempre repara em qualquer visitante ou novo membro. Então, tenha cuidado quando voltar para Ivanovo. Nunca se sabe. Algumas pessoas enviadas pela KGB nos fazem acreditar que elas de fato amam o Senhor.

Quando voltei para casa, encontrei meus pais conversando com um membro idoso da igreja, que havia sido batizado comigo e que chamarei de Sr. Klanov. Ele nos contou que, na década de 1930, havia sido preso e perdido sua família. Segundo ele, quase morrera de fome no campo de trabalho forçado, mas havia obtido a liberdade de maneira miraculosa. Conteí ao irmão Klanov e aos meus pais tudo o que o pastor Grigoryev havia me dito a respeito de suas suspeitas do irmão Ivan.

Logo depois dessa conversa, meu pai foi preso. Algumas semanas depois, fui convocado para ser interrogado na sede da KGB em Ivanovo.

– É verdade – perguntou meu interrogador – que em Moscou o pastor Grigoryev falou com você sobre um homem chamado Ivan?

Comecei a sentir pontadas na pele. Pensei comigo mesmo: *Além desse tal de Ivan ser mesmo um informante, também temos um espião aqui mesmo, o “santo” do irmão Klanov! O que eu fiz dando com a língua nos dentes?*

E então, durante os próximos milissegundos, uma luta começou a ser travada em minha mente. Meu pai e minha mãe haviam me ensinado a ser honesto, educado e a respeitar as autoridades. Por outro lado, eu não queria dizer nada que pudesse colocar em perigo a vida do pastor Grigoryev. A pergunta do interrogador me pegou desprevenido.

O que eu digo agora?, comecei a me perguntar.

– Kulakov, – resmungou o interrogador – responda à pergunta!

Eu não podia simplesmente me negar a responder. Anos mais tarde, descobri que nos Estados Unidos e em outros países civilizados do mundo pessoas acusadas têm o direito de se recusar a se incriminar. Não havia essa permissão

legal no sistema soviético. Eu tinha que dar alguma resposta.

Minha preocupação não era se eu seria punido. Todos os meus pensamentos e emoções se concentravam na tentativa de responder uma única questão: *Como posso me comportar e falar de forma tão confiável de modo a proteger meu querido amigo pastor Grigoryev e ao mesmo tempo manter a consciência limpa?* Eu conhecia a promessa feita por Jesus de que o Espírito Santo nos ensinaria o que dizer em momentos de crise como esse. Mas, ao mesmo tempo, tinha que reconhecer como eu havia deixado de atentar para o real sentido de outra afirmação de Jesus: “Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos. Portanto, sejam astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mateus 10:16).

Então menti.

– Não me lembro – disse eu, sentindo imediatamente o sangue subir às minhas bochechas. O interrogador percebeu que eu havia corado, se apoderou de minha negação e voltou a fazer a mesma pergunta diversas vezes, durante várias horas, me ameaçando e intimidando. Vez após vez, eu dava a mesma resposta.

Depois de um tempo me deixaram ir embora. Fui para casa envergonhado de mim mesmo, implorando ao Senhor por perdão e para cuidar da segurança do pastor Grigoryev. Pela graça de Deus, essas duas bênçãos me foram concedidas, mas esse não é o fim da história. Dois anos depois, essa mesma pergunta me foi feita. Vou lhe contar o que aconteceu em um dos capítulos seguintes.

Felizmente, como eu disse, o pastor Grigoryev não foi preso, mas meu pai de novo era mantido em cativeiro. Acusaram-no de violar o artigo 58 do Código Penal Soviético, cometendo “agitação antissoviética”. Ele foi acusado de realizar reuniões ilegais e – citando diretamente seu processo criminal – “incitar as pessoas contra o governo soviético, encorajando membros de grupos sectários de Ivanovo e de cidades vizinhas a pararem de trabalhar nas iniciativas soviéticas no dia do sábado. Além disso, ele organizou o recolhimento de fundos para doar material destinado a ajudar aqueles que já haviam sido sentenciados por causa de suas atividades contrarrevolucionárias”.

Papai permaneceu na prisão durante o ano e meio seguinte, sendo constantemente interrogado. A despeito da arbitrariedade e do autoritarismo do sistema de justiça e da quantidade de “evidências” que eles inventavam, os tribunais de Ivanovo falhavam repetidamente ao tentar sustentar as acusações da KGB contra ele.

Durante esse período, a KGB continuou me convocando para interrogatórios e tentaram me recrutar como informante.

– Quantos visitantes estão frequentando suas assembleias secretas antissoviéticas? – o interrogador me perguntava. Nenhum dos inquisidores denominava nossas reuniões de “cultos”, pois, se fizessem isso, estariam admitindo que o governo estava nos perseguindo por causa da religião, algo que eles negavam. Então, renomeavam nosso cultos, para que eles soassem mais subversivos.

Nessa época, eu já havia me acostumado com tais desafios e me encontrava muito mais apto para ser “astuto como a serpente” e “sem malícia como as pombas”.

– Bem, – respondi de maneira polida, porém evasiva – nós não fazemos listas dos nossos convidados, nem daqueles que manifestam desejo de ir à nossa casa para orar a Deus conosco.

As sessões se prolongavam, muitas vezes até altas horas da madrugada. Finalmente, o interrogador me perguntou:

– Você gostaria de ver seu pai?

Eu não disse nada.

Ele deu de ombros.

– Bem, vamos dar-lhe uma oportunidade de *ouvi-lo*, pelo menos.

Foi o coronel Victorov, o chefe da KGB na região de Ivanovo, que orquestrou a cena. Ele mandou que um guarda me colocasse na área da recepção, próximo à porta de entrada de seu escritório, onde eu conseguia estar perto o suficiente para ouvir o que se passava, mas não podia ver dentro. A seguir, outros guardas colocaram meu pai na sala do coronel por outra porta. Papai não fazia ideia de que eu estava ali fora.

– Então, como você está se sentindo, Peter Stephanovich? – perguntou o coronel.

– Como prisioneiro, tenho passado por algumas inconveniências, – ouvi a voz preciosa de meu pai responder – mas não fui abandonado por meu Deus neste lugar. Portanto, não tenho do que reclamar.

A conversa continuou por alguns momentos até que finalmente meu pai disse:

– O senhor pode me permitir ter uma Bíblia?

– É claro que não – rebateu o coronel. Logo depois disso, ouvi o barulho de passos e uma porta a se fechar. O coronel apareceu na porta da frente, ao lado de onde eu me encontrava sentado.

– Entre.

Entrei naquele escritório e a vaga esperança que ainda sentia de ver meu pai

ali dentro se esvaiu. Haviam-no tirado dali, sem dar nem mesmo a chance de nos vermos.

– Então, – disse o coronel – o que você acha? Deu pra entender que a vida não é um mar de rosas para o seu pai aqui na prisão?

Eu não disse nada.

– Ouça-me com atenção, jovem – o coronel resmungou. – Se seu pai tivesse escolhido vir até aqui por conta própria, pela porta da frente, ele poderia sair da mesma maneira. Mas como ele não quis, como ele teve que ser trazido pela porta dos *fundos*... – ele deixou a sentença sem terminar. Então, continuou:

– Tenho certeza de que você entende o que eu quero dizer.

É claro que entendi. O coronel estava me dizendo que, caso meu pai tivesse virado informante, eles o teriam soltado. E agora a mesma proposta estava sendo feita para mim.

Sentei-me por um momento em silêncio. Eu não estava pensando nas palavras do coronel, mas em minha querida mãe. Todas as noites em que eu era interrogado ela ficava em oração. Quando voltava para casa, eu a encontrava de joelhos, clamando ao Pai celestial. Talvez seja por isso que tomei coragem para fitar os olhos do coronel.

– Se você quiser, pode me manter aqui também – eu disse sem rodeios. – Não posso fazer aquilo que minha consciência não permite.

Mas eles me deixaram ir. O Sol já havia raiado, mas, mesmo assim, ao me aproximar da casa pude ver mamãe pela janela, de joelhos em oração. Quando abri a porta, ela olhou nos meus olhos e disse algo que permanece em minha memória até os dias de hoje:

– Misha, agora posso entender as palavras que Simeão falou para Maria no templo: “Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma” (Lucas 2:35).

Julgamentos como o do meu pai eram realizados em “sessões fechadas”. É possível que alguns dos meus leitores que não estejam familiarizados com aquela cultura possam imaginar que as cortes eram secretas. Não era esse o caso. As autoridades soviéticas dificilmente temiam a publicidade em assuntos jurídicos. A verdade é que o cidadão comum tinha medo – medo de comparecer a julgamentos ou mesmo de visitar delegacias ou escritórios da KGB. Quem sabia o que poderia ocorrer a quem se aproximasse desses lugares?

Contudo, as autoridades evitavam a publicidade quando isso era de seu interesse. Por isso, o julgamento de presos políticos era realizado em cortes “fechadas”, significando que as portas à prova de som do tribunal eram fechadas.

Eles tinham absoluta certeza de que nenhum curioso ficaria perambulando pelos corredores e confiantes de que nenhum jornal subserviente tentaria descobrir informações desfavoráveis àqueles que se encontravam no poder.

No caso do meu pai, nenhum outro parente desse “inimigo do povo soviético” foi informado da data do julgamento. Graças a Deus, uma ou duas das testemunhas de acusação eram, na verdade, pessoas honestas que sinceramente simpatizavam conosco. Meses se passaram e, finalmente, no outono de 1946, uma dessas testemunhas teve a coragem de revelar algumas informações para minha mãe.

– Seu marido irá novamente ao tribunal para ser julgado – ele disse. – Esse provavelmente será o último julgamento.

Mamãe ficou alarmada.

– O último?

– O que estou querendo dizer é que dessa vez ele receberá uma sentença – respondeu o amigo. – Provavelmente irá para um campo de trabalho forçado.

– Quando será o julgamento?

Aquela testemunha disse a data para ela e explicou:

– A presença de vocês no tribunal não será permitida. Mas, se vocês ficarem do lado de fora do prédio, poderão ver a polícia o escoltando na entrada e na saída.

Então, no primeiro dia do julgamento, mamãe, meus dois irmãos e eu ficamos aguardando do lado de fora do tribunal, perto da porta, onde ficava um guarda. De repente, de uma esquina vimos surgir um carro negro da polícia, sem identificação.

– Afastam-se! Saiam daqui – o guarda gritou asperamente em nossa direção.

Nós nos afastamos e ao longe conseguimos ver papai sair do carro.

– Ele está tão pálido – minha mãe sussurrou. O ano e meio passado numa cela escura havia retirado toda a cor do rosto do papai.

– Olhem! – ela gritou. – Ele está nos vendo!

Um largo sorriso amoroso havia aparecido na face do papai. Seus olhos brilhavam de alegria e nosso sorriso brilhava de volta em direção a ele. Depois que ele e os guardas desapareceram dentro do tribunal, corremos lá para dentro, mas as portas da sala de julgamento estavam bem trancadas.

O que vou contar agora pode parecer surpreendente, mas deixe-me explicar. Aqueles que possuem poder absoluto, um poder que não é de forma alguma compartilhado pelos outros, fazem uso de várias formalidades. Por exemplo, a porta de entrada principal da sala de julgamento era à prova do som. Mas isso

era mera formalidade, pois ninguém ousaria se aproximar de uma daquelas portas e colocar os ouvidos ali para tentar escutar alguma coisa.

Além disso, as autoridades tinham tanta confiança no terror que inspiravam no público que, depois que as portas frontais da sala de julgamento eram trancadas, elas não se importavam com as entradas laterais. Em minhas perambulações incansáveis depois que papai havia entrado na sala do tribunal, olhei por um escuro corredor e vi algumas pessoas entrando pelo que imaginei ser uma porta lateral. Pouco depois me esgueirei cuidadosamente para onde havia duas estantes repletas de livros, próximas à parede. Lá, entre as estantes, ficava a porta – e, olhando novamente, pude perceber que ela não estava completamente fechada.

Esse descuido pode ter acontecido, como mencionei, devido à confiança das autoridades no medo que haviam conseguido colocar no cidadão comum. Ou então a abertura poderia existir devido ao mau estado de conservação dos prédios públicos. Devido à guerra recentemente terminada, poucos prédios recebiam manutenção adequada. Ou, talvez, Deus, em Sua misericórdia, não permitiu que os guardas fechassem completamente aquela porta para que eu tivesse a oportunidade de ser inspirado pelo comportamento do meu pai perante o tribunal.

Qualquer que seja o motivo, depois dessa descoberta, comecei um jogo de gato e rato. Perambulava pelo corredor, me escondia entre as estantes (longe da vista de qualquer pessoa que estivesse por perto) e colhia o máximo de detalhes possível. Depois, andava casualmente de volta e segredava o que havia ouvido para minha mãe e meus irmãos.

Graças novamente à providência de Deus, a fresta na porta estava posicionada no ângulo exato que me permitia ver papai sentado ao lado de sua defensora pública, uma mulher cujo sobrenome era Kulikova. Talvez você esteja se perguntando por que a União Soviética concedia o privilégio de possuir um advogado de defesa para alguém que já havia sido condenado de antemão. Eis o porquê: logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria entre as superpotências começou e os governos ocidentais – incluindo líderes como Winston Churchill – começaram a tornar públicas as atividades repressoras do governo soviético, incitando-o a prestar contas de seus atos. Nessa época, víamos na imprensa manchetes do tipo: “Churchill compra briga com os soviéticos”.

Essa pressão, exercida especialmente pelos Estados Unidos, começou a surtir efeito. O governo soviético passou a tomar providências para pelo menos criar

uma aparência de respeito aos direitos humanos. Por isso, os tribunais forneciam um advogado ao réu, embora essa fosse apenas outra “formalidade”.

Mas, enquanto eu ouvia, fiquei surpreso ao perceber que a advogada Kulikova estava, de fato, tentando defender meu pai. Ela parecia nutrir profundo respeito por ele e parecia estar muito tocada pelo que ele dizia. Mais tarde, soube que ela instruíra meu pai, em particular, para falar abertamente.

– O promotor vai lhe dizer para parar de falar sobre religião e sobre sua fé, mas não dê ouvidos; continue falando o que quiser.

– Tem certeza? – papai perguntou.

Ela sinalizou que sim.

– Fale-nos sobre essas coisas, por favor. Não sabemos nada sobre Deus, nem sobre a Bíblia. Eu ficaria feliz em ter essa oportunidade e sei que algumas pessoas do júri também.

Assim, por aquela fresta na porta, pude ver meu pai apresentar a mensagem da salvação durante seu julgamento, da mesma forma que o apóstolo Paulo havia feito tantos anos antes durante o dele. Sempre que o promotor fazia uma pergunta, papai dava o seu melhor para respondê-la de maneira que o grande amor de Deus, a beleza do evangelho e a confiabilidade da Bíblia fossem demonstrados.

– Pare! Pare! – o juiz gritava, tapando os ouvidos. – Prisioneiro, eu já lhe mandei responder às perguntas diretamente. Cesse essa propaganda de ideologias religiosas. Você é um inimigo do Estado soviético! E sobre essas igrejas que você organizou, só posso dizer que é uma vergonha ver feridas tão feias surgindo no corpo saudável do Estado!

Contudo, graças ao conselho da advogada Kulikova, a mensagem de Deus ressoava nos ouvidos de muitos à medida que os dias se passavam. Certa vez, durante um intervalo numa das sessões de julgamento, uma pequena mulher idosa saiu das portas à prova de som e se aproximou de nós.

– Vocês são a família de Peter Stephanovich Kulakov? – ela perguntou.

Mamãe fez que sim.

– Sou a esposa dele, e esses – disse ela apontando para meus irmãos e eu – são nossos filhos.

A mulher nos deu um amável sorriso.

– Ah, eu tenho aprendido *tanto* nesse julgamento! – ela disse com ardor. – Sento-me nessa sala de tribunal dia após dia, e fico pensando: *Como posso expressar minha gratidão a essa família tão corajosa?* Quando ouvi, durante as sessões de interrogatório, que o pai do seu esposo foi membro da primeira Duma

da Rússia, senti o desejo de lhes dar algo especial.

Logo depois de dizer isso, ela abriu a bolsa e entregou à minha mãe um livrinho antigo.

– Esse livro traz a fotografia de todos os membros da Duma. E aqui – disse ela abrindo uma página que estava marcada – está o retrato do seu sogro.

Nem preciso dizer que esse livro se tornou uma das relíquias mais preciosas de nossa família.

Mesmo assim, enquanto eu via e ouvia pela fresta da porta, não conseguia deixar de me enfurecer ao observar aquela farsa de julgamento. *Meu pai está sendo falsamente acusado*, eu pensava comigo mesmo. *Como cristão, acredito que Deus permite que os governos existam e que não é nosso dever nos opormos a eles. E é evidente que o Espírito Santo está ajudando meu pai a comunicar a mensagem cristã ao júri, pois esse é o terceiro julgamento com as mesmas acusações. Mas isso já passou do ponto do ridículo.*

Todavia, dessa vez o promotor não permitiria que meu pai escapasse. Depois que a advogada Kulikova proferiu um discurso bem pensado e muito tocante em defesa de meu pai, o promotor passou de todos os limites. Após zombar dos argumentos da defesa, ele foi para o lado pessoal.

– Está claro para mim – ele berrou – e também deve estar claro para qualquer mente pensante dentro deste recinto que a advogada Kulikova se apaixonou pelo acusado. Afinal de contas, ele é um homem bem-apessoado. É por isso que ela está tentando cegar nossos olhos para a culpa evidente do réu.

Foi assim que ele prevaleceu e, por trás daquelas portas fechadas do tribunal de justiça, meu pai foi condenado a dez anos de trabalho corretivo, que começaria num campo em Komi, próximo ao Círculo Ártico, e depois continuaria no Cazaquistão.

Dez anos?, eu pensei, enquanto meu coração quase parava ao ouvir aquelas temíveis palavras. *Oh, Senhor, por favor, me conceda a chance de ver meu pai antes que ele seja levado. Quero encorajá-lo, agradecer por tudo o que ele fez por nós e assegurá-lo de que nós, seus filhos, valorizamos o exemplo que ele nos deu e sempre seguiremos a Cristo mesmo sob as maiores dificuldades.*

Corri pelo corredor até onde minha família estava sentada. A porta se abriu e o juiz e o promotor apareceram. Arranjei coragem e me apresentei.

– Sou o filho de Peter Kulakov – eu disse. – Meu pai recebeu sua sentença?

O juiz assentiu.

– Dez anos em campo de trabalho corretivo.

– Posso ter a permissão de fazer uma curta visita a ele? Eu entendo que os

prisioneiros em campos de concentração ficam totalmente isolados e não podem receber nenhum visitante.

O juiz disse que não.

– Ele pode morrer lá – eu disse desesperado – e eu nunca mais voltaria a vê-lo!

– Não é minha função fazer arranjos de visitas para condenados – ele disse asperamente, enquanto continuava a andar.

Ao mesmo tempo em que falava com o juiz, espreitava com o canto do olho para ver para onde meu pai estava indo e, para minha alegria, descobri que ele não fora levado para as delegacias da KGB, onde eu nunca teria a chance de vê-lo. Ele ainda se encontrava no tribunal, enquanto seus papéis eram preparados. *É agora ou nunca*, disse comigo mesmo e encontrei um lugar calmo onde abri o coração ao Senhor numa oração curta, mas ardente. Quase imediatamente depois, ouvi uma voz interior dizer: “Seu pedido lhe será concedido.”

Papai provavelmente está numa das salas subterrâneas, pensei e, quando ninguém estava olhando, comecei a descer as escadas. Lá no corredor, do lado de fora de uma cela, vi um soldado de plantão, guardando a entrada.

– Meu pai acabou de ser condenado a passar dez anos num campo de trabalho forçado – eu disse para ele baixinho. – Posso falar com ele por cinco minutos? Só cinco minutos!

Olhamos dentro dos olhos um do outro. O soldado devia ser apenas um pouquinho mais velho do que eu.

– Por favor – implorei. – Só cinco minutos.

Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém estava observando, colocou a chave na fechadura e abriu a porta.

– Misha, *Misha*!

Eu imediatamente senti o prazer do forte abraço de meu pai. Por alguns segundos ficamos conversando, ele me contando do seu amor por mim e eu lhe dizendo como nós, seus filhos, éramos gratos por sua firmeza de caráter. Por fim, ele pediu que eu ficasse quieto por um instante.

– Mikhail, – ele disse – eu sei que logo eles o prenderão também. Durante os interrogatórios e ao longo das três sessões de julgamento, eles vêm coletando material contra você.

Ele sentiu meu corpo enrijecer e me abraçou ainda mais forte.

– Não tenha medo disso, meu filho! Esse é o caminho que Jesus trilhou antes de nós. Ele já preparou o caminho para mim e para você. O Senhor será com você e vai lhe dar toda a coragem de que precisar. Ele será o seu suporte.

Uma de suas mãos acariciava meus cabelos negros e encaracolados.

– Eles irão cortar seu cabelo. Mas não se preocupe. Ele crescerá novamente. Mikhail, lembre-se de que todos os seguidores fiéis de Jesus passaram por esse caminho. Seu pai já esteve nessa jornada mais de uma vez. Portanto, não desanime. O Senhor lhe dará forças.

Então sua voz ficou ainda mais séria:

– Você sabe quem nos delatou?

– Foi o Klanov – eu disse, sussurrando.

Ele fez que sim e me contou que havia mesmo sido Klanov e outra nova crente, que chamarei de Ptakhina.

Fiquei sobressaltado.

– Não acredito! A irmã Ptakhina? Ela é uma excelente mulher cristã!

– Não a chame de “irmã” – ele disse num tom amargo. – Ptakhina não é irmã nenhuma para nós. Nunca mais deixe que Klanov ou Ptakhina entrem novamente em nossa casa. Se eles o fizerem, irão delatar nossas atividades.

Ali naquela cela com meu pai, enquanto aqueles segundos preciosos se passavam, minha mente pelejava com aquele conselho. Meus pensamentos faziam uma retrospectiva pelos últimos meses. Durante esse período, eu estava trabalhando como pastor leigo para os crentes de Gorsky (cujo nome original, Nizhny Novgorod, foi devolvido em 1990), que ficava a 160 quilômetros de Ivanovo, onde morávamos.

Naquele pequeno grupo, havia uma mulher verdadeiramente cristã, a mãe espiritual daquela igreja, chamada Anna Bukhalina. Embora portadora de deficiência física e solteira durante toda a vida, Anna possuía personalidade alegre e encorajadora. Em 1933, ela foi presa e passou vários anos na prisão devido às suas atividades religiosas. Ela me contou sobre uma conversa que travou com outras mulheres da cela. “Por que você está aqui?”, foi o assunto discutido. A maior parte respondia que estava ali porque havia escondido ouro e joias quando o governo exigiu que todos entregassem esses bens.

– Anna Bukhalina, por que você está aqui? – alguém perguntou.

– Também fiquei com meu ouro – ela respondeu.

– Você também? Quantas joias você possuía?

Anna piscou os olhos:

– Estou falando do ouro que é minha fé em Jesus.

Enquanto me contava do tempo que passou presa, Anna disse algo que me fez discordar das palavras de meu pai naquela cela.

– Mikhail, – Anna começou – deixe-me lhe falar um pouco sobre o

ensinamento de Cristo acerca do amor pelos inimigos. Eu escolho orar por eles, porque eu os amo. Desejo lavar os pés deles, assim como Jesus lavou os pés sujos de Judas. Se Jesus amou Judas, por que nós não deveríamos demonstrar amor pelos nossos inimigos?

– Mas, irmã Anna, – eu disse – quando essas pessoas entram em nossa igreja e nos delatam, podemos até ser presos.

– A maior parte dos informantes é extremamente infeliz, Mikhail – ela respondeu com gentileza. – E sentem medo. Eles nos traem numa tentativa desesperada de preservar a própria vida e liberdade. Mas fazer isso os deixa infelizes. Devemos mostrar a eles nosso amor. Afinal de contas, se frequentarem nossos cultos e descobrirem que somos um povo pacificador e que ora pelo bem-estar do governo, essa não seria uma coisa boa para delatarem? Não seria um testemunho para as autoridades?

A sabedoria poderosa de Anna havia me tocado tão profundamente que naqueles momentos finais com meu pai na cela levantei a cabeça, o fitei e disse:

– Papai, lembrarei do que você me disse sobre Klanov e Ptakhina, mas Jesus nunca fechou as portas para Judas.

Ele concordou pensativo.

– Você está certo, está certo. Mas tome cuidado. *Tome cuidado!*

Nesse momento, nosso encontro foi subitamente interrompido.

– O que está acontecendo aqui? – alguém gritou bem alto. O comandante invadiu a cela.

– Soldado! O que você fez?

Ele ordenou que eu me retirasse imediatamente e saí dali não só com a tristeza de me despedir de papai, mas também com um grande fardo de culpa pensando no que poderia acontecer com o soldado que havia sido tão gentil comigo.

As advertências insistentes de meu pai me levaram a ficar de olho em Klanov e Ptakhina. Ao passo que os observava, sabendo o que eu sabia, comecei a compreender o que a irmã Anna havia dito: os informantes eram mais dignos de pena do que de censura.



Eu venci o mundo

Caro leitor, retorno agora aos eventos que estava descrevendo ao fim do capítulo 1, quando, juntamente com dois agentes da KGB que me haviam prendido, viajava em um trem que tinha partido de Rezekne, na Letônia, com destino a Ivanovo.

Assim que o trem chegou em Ivanovo, os dois agentes me colocaram num carro que estava esperando por nós na estação e me levaram ao escritório regional da KGB. Um deles ficou comigo numa sala de espera enquanto o outro foi avisar sobre nossa chegada. Por fim, fui levado à presença de um capitão chamado Kurochkin, um dos interrogadores chefes. Conhecia bem o capitão Kurochkin, pois, dois anos antes, quando meu pai fora preso, ele havia ido pessoalmente à nossa casa realizar buscas e me havia convocado diversas vezes para ser interrogado.

Quando ele finalmente me viu, seu rosto assumiu um ar de sarcasmo, com um sorriso sombrio. *Ahhh*, – sua expressão demonstrava – *algo me diz que isso vai ser delicioso!*

– Bem, – disse ele – até que enfim você está aqui.

Ele ficou olhando para a bolsa que eu carregava.

– Onde está sua *svetilnik*? Entregue-a para mim.

Comecei a procurar dentro da bolsa, achei minha Bíblia e a entreguei para o capitão. *Ele já foi informado de que eu estava com a Bíblia*, pensei, *e agora está só mostrando que conhece o codinome que os cristãos usam para designá-la*. O salmista diz que a Palavra de Deus é “luz” para nossos caminhos e em russo *svetilnik* quer dizer “lâmpada”.

Em seguida, Kurochkin pegou um receptor telefônico, disse algumas palavras e, quando um guarda apareceu, entregou a ele um pedaço de papel que

obviamente continha instruções a meu respeito. Depois de olhar para o papel, o guarda me conduziu por longos corredores dentro da prisão da KGB, que, até onde sei, ainda existe.

Descemos vários grandes lances de escadas até chegarmos a um cômodo sem janela. Uma lâmpada, dependurada no teto por um longo fio, iluminava tão mal o ambiente que a princípio nem consegui distinguir a presença de um homem uniformizado sentado numa mesa. A partir de sua expressão sombria, deduzi que aquele deveria ser o carcereiro chefe. Depois de examinar por si mesmo o papel, murmurou para o guarda algo que não consegui entender. Depois, me olhou com apatia de cima abaixo.

– Tire a roupa – ordenou.

Fui completamente revistado, assim como minhas roupas e a bolsa que mamãe me havia entregado. O guarda retirou todos os botões e fechos de metal (para que eu não os afiasse e os transformasse em armas), pegou meu cinto (para que eu não me enforcasse) e meu relógio (pois o objetivo principal da KGB era desorientar os prisioneiros e fazê-los perder a noção de tempo). Depois disso, me tiraram daquele lugar e me conduziram para o fundo do corredor escuro até chegarmos a uma porta de ferro munida de uma barra presa por uma tranca. Um soldado que ali estava de plantão abriu a porta com uma enghoca metálica ruidosa. Assim que entrei, ouvi o barulho da porta se fechando.

Olhei ao redor. *Isso não é uma cela*, pensei com ar taciturno. *É uma caixa, isso sim!*

Aquele pequeno ambiente era absolutamente vazio, exceto pela presença de um pequeno balde de metal para ser usado como banheiro. *É isso*, pensei. *Estou em odinokha – em confinamento solitário*. Não havia janelas. A única luminosidade provinha de uma lâmpada fraca posicionada no teto. As paredes cheiravam a mofo. O único lado positivo do meu caixote era que o chão não era feito de concreto, como na prisão de Daugavpils, mas de madeira, pintada há tanto tempo que a cor já estava gasta e desbotada. *Uma pequena bênção, mas ainda assim uma bênção*, refleti, *pois o chão é o único lugar que tenho para dormir, bem ao lado do balde para uso sanitário*.

Virei-me e comecei a observar a porta de entrada por onde eu tinha acabado de passar. Havia um buraco retangular localizado bem no centro da porta. Do outro lado do buraco ficava uma tampa metálica, que podia ser aberta somente por quem estava do lado de fora. Os prisioneiros chamavam esse buraco, em tom de desdém, de *kormushka* (passa-comida). Quando o carcereiro abria aquela tampa em sua direção, ela se virava para baixo, na posição horizontal, e pelo

buraco ele passava uma tigela cheia de algo que lembrava vagamente comida e que eu pegava através da abertura. A *kormushka* também tinha outra finalidade. O carcereiro ficava de olho em mim através do *volchok*, um pequeno olho mágico localizado mais acima na porta. Se ele decidisse que precisava me ameaçar por algum motivo, abria a *kormushka* e começava a gritar através dela.

Como a cela não tinha relógio, o meu havia sido retirado e não havia nem mesmo janelas para que eu pudesse ver o céu escurecendo, precisava confiar no meu relógio biológico para decidir quando deveria dormir. Quando eu achava que era noite, deitava com as costas no chão de madeira, colocava minha bolsa debaixo da cabeça para servir como travesseiro, fechava os olhos e, tremendo de frio, tentava ignorar o brilho rosado da lâmpada passando pelos meus olhos. Essa situação se repetiu durante diversas noites.

Todas as manhãs eu achava, surpreso, que de alguma maneira eu havia conseguido dormir, no fim das contas. Diversas vezes, era acordado pelo barulho da *kormushka* sendo aberta, quando um guarda me passava o desjejum. Meus músculos ainda doíam devido ao frio e às duras tábuas de madeira do chão. Eu rolava, me assentava e examinava o que havia na tigela – geralmente uma papa ou mingau aguado, que parecia cimento. De tarde, eu recebia sopa com uma fatia de pão, e à noite, uma tigela com água quente, uma colher de chá de açúcar e outra fatia de pão. Não era possível morrer de inanição com aquela dieta, mas o sentimento de fome nunca me deixava. Nunca consegui me esquecer daquela sensação. Até hoje, não suporto presenciar desperdício de comida.

Ficar por muito tempo em confinamento solitário sem livros, rádio, nem mesmo um lápis e um pedaço de papel, sem a oportunidade de conversar com outro ser humano, e absolutamente nada para fazer, é uma tortura que nem todo mundo consegue aguentar. Eu não fazia ideia de quanto tempo seria mantido ali; por isso, procurava disciplinar meus pensamentos. Criei um currículo mental dos assuntos que iriam ocupar minha mente e em que ordem. Começava repetindo as passagens bíblicas que sabia de cor e refletia sobre elas cuidadosamente. Pensava nas pessoas importantes em minha vida e orava por elas. Como eu não tinha como controlar os minutos e as horas, nem sempre era fácil cumprir esse plano, mas eu tentava.

Diversas vezes, ficava pensando na minha família, imaginando como estavam se virando minha mãe, Victor e David. Muito mais tarde, descobri que nosso fiel Pai celestial havia cuidado do bem-estar e segurança deles. Um dos homens batizados juntamente comigo em 1945 era um especialista muito habilidoso em trabalho com lâminas de metal. Logo depois que meu pai foi

preso, ele foi nos visitar.

– Meu trabalho é uma ocupação perfeita para os adventistas do sétimo dia – o homem nos contou. – As pessoas da minha profissão trabalham para o Estado como todo mundo, mas temos flexibilidade quanto aos horários.

Ele olhou para meu irmão Victor, na época com 16 anos de idade, e disse:

– Você gostaria de ir comigo à fábrica onde trabalho? Lá você seria meu aprendiz.

Victor concordou instantaneamente e, quando nos mudamos para Daugavpils, dois anos depois, ele já era muito bem capacitado. Em Daugavpils, Victor continuou a desenvolver suas habilidades. Depois que Stephen e eu fomos presos, ele conseguiu um trabalho que proporcionava renda fixa suficiente para cobrir pelo menos as despesas essenciais. Mas, como já disse, eu não sabia, enquanto estava na prisão, que Victor estava empregado. Portanto, continuava orando para que Deus os preservasse.

Embora eu não conseguisse ter noção do passar dos minutos e horas dentro da cela, era possível contar os dias, basicamente através da contagem dos desjejuns, almoços e jantares que me eram entregues pela *kormushka*. Finalmente, depois de vários dias solitários, um guarda chegou à minha porta e me levou para o corredor. *Até que enfim, pensei, uma mudança de ambiente! Para onde estarão me levando agora?*

Depois de andar bastante pelo corredor, o guarda me mandou parar em frente a outra cela. *Acho que entendi. Primeiro, eles nos colocam na odinotchka para chamar atenção e depois nos transferem para uma cela “normal”. E aí já temos a noção exata de para onde seremos enviados novamente se não nos comportarmos.*

Quando a porta de minha nova cela se abriu, o coração começou a bater mais rápido. Lá dentro havia outro ser humano vivo! Embora nunca houvéssemos nos visto antes, o outro prisioneiro e eu espontaneamente nos abraçamos durante um bom tempo. Assim que o guarda fechou e trancou a porta, sentamos nas pequenas camas que ali havia para nós e começamos uma boa conversa.

– Meu nome é Mikhail Kulakov.

– O meu é Ivan Fyodorov. – Ele parecia ter aproximadamente 60 anos de idade, com o cabelo grisalho cortado curto, como todos os outros prisioneiros. – Estou tão feliz por vê-lo! Você acabou de sair da *odinotchka*? Eu também! Nossa, é terrível ficar sozinho! Como eu sofri nesses últimos dias!

E, durante vários minutos, ele descreveu detalhadamente tudo o que havia passado. Enquanto ele falava, eu olhava ao redor da cela. Ele percebeu meu

olhar e deu um largo sorriso.

– As camas! – disse ele. – Olhe para nossas camas de ferro. Camas de verdade!

Havia três camas na cela, grudadas ao chão e dispostas em formato de ferradura. Cada cama tinha mais ou menos 60 centímetros de largura somente e menos de dois metros de comprimento. Não havia molas, apenas uma trama de pequenos filetes metálicos, sobre os quais estava jogado um fino colchão.

– Elas parecem meio duras – eu disse.

Ele concordou.

– Mas bem melhor que o chão, não é mesmo?

– Com certeza – eu disse animado. – E tem roupa de cama também!

Como Ivan havia chegado primeiro na cela, ele tinha escolhido a melhor cama – distante o suficiente da janela, para não pegar resfriados e o mais longe possível da *parasha*, o balde para uso sanitário. Coloquei minha bolsa na cama localizada em frente à dele, mas, na verdade, o lugar onde dormíamos não fazia muita diferença. O mau cheiro do balde estava sempre presente. A cela era pintada de cinza escuro e media mais ou menos 4 m x 2,5 m. Com as três camas, sobrava pouco espaço para tentarmos fazer qualquer tipo de exercício.

Mas pelo menos havia uma janela! Claro, era uma janela cheia de barras grossas e coberta, pelo lado de fora, por uma tela de madeira que os prisioneiros chamavam de “mordaca”. Mas em cima, logo acima da tela, conseguíamos ver um pedacinho do céu, que permitia a entrada de um pouco de luminosidade na cela durante as horas do dia. Logo depois que anoitecia, eu ia até a janela e ficava olhando para as estrelas.

Obrigado, Senhor, por esse pedacinho do céu, eu orava. *Ele ajuda a me sentir conectado com meu Criador e Salvador.*

Repentinamente, a *kormushka* se abria.

– Hora de dormir! – gritava um guarda.

Na primeira noite, olhei com cuidado para as roupas de cama.

– Essa fronha está cinza – eu disse a Ivan. – Fico imaginando qual terá sido sua cor original.

Ele resmungou e deu de ombros. Antes de colocar a cabeça ali, pus minha jaqueta por cima. Em seguida, peguei o cobertor para me cobrir, mas ele tinha um cheiro tão forte do suor de outra pessoa que estremeci e o joguei longe.

Hoje, quando relembro minha experiência na prisão, percebo que alguma agência governamental do mundo soviético pós-guerra deve ter passado alguns regulamentos mínimos a respeito do cuidado com os detentos. Isso aliviou a vida

de milhões de prisioneiros tanto em prisões como em campos de concentração. É claro que nós, prisioneiros, não éramos informados sobre essas reformas. Mas podíamos sentir que elas existiam, mesmo com a grande má vontade dos comandantes das prisões em cumpri-las.

Nossas refeições, por exemplo, conquanto não fossem muito nutritivas, pelo menos nos chegavam com regularidade. Uma vez por dia, normalmente no período da manhã, éramos levados ao banheiro. A cada dez dias, tínhamos a oportunidade de tomar banho, embora não tivéssemos mais do que cinco a sete minutos para fazê-lo. A cada dez dias também passávamos por uma troca de livros. Eles nos emprestavam livros de autores russos ou estrangeiros aprovados pelo regime comunista. Alguns desses livros eram interessantes. Outros, nem tanto.

Durante quinze minutos, todos os dias, éramos conduzidos a um pátio cercado por altas paredes de tijolos grossos, sobre as quais havia torres de vigia. Tínhamos que caminhar em silêncio, em fila indiana, com as mãos para trás. Se eu volvesse o olhar para cima, em direção ao céu, uma sentinela gritava:

– Olhe pra baixo!

O chão não tinha mais grama e estava gasto pelas pisadas. *Meu pai deve ter caminhado por aqui*, pensei, de repente, *assim como eu, com a cabeça para baixo e as mãos para trás*. Quando me aproximava de uma das paredes, conseguia ouvir alguém caminhando levemente logo além, evidentemente em outro pátio estreito como aquele. *Será que é o Stephen?*, eu pensava, com um nó na garganta. *Parece seu jeito de caminhar*.

Tirando a ida ao banheiro e os preciosos quinze minutos de ar fresco e exercício, Ivan e eu definhávamos em nossa cela. Descobri que não tinha tanta sorte assim em ter um companheiro de cela, como havia pensado. Depois de ter me contado sobre seu sofrimento durante o confinamento solitário, sua vontade de conversar quase desapareceu por completo. Ele parecia não ter interesse algum em discussões significativas. A única coisa de que me lembro com detalhes é a história sobre a noite em que ele foi preso.

– Quando me aposentei, – disse ele, com lágrimas nos olhos – comprei uma vaca. O nome dela era Burenka. Ela me amava muito. Era meu animalzinho de estimação. Na noite em que a KGB foi me buscar com o carro negro, minha querida Burenka colocou a cabeça para fora do estábulo e começou a mugir de tristeza. Ainda conseguia ouvi-la de dentro do carro, enquanto nos afastávamos: muuuu... muuuuu.

Passei cerca de um mês apenas com Ivan e a primeira vez que ouvi aquela

história a achei bonita, até mesmo comovente. Mas, na décima vez, já havia perdido quase que completamente o charme. Na vigésima, todo o fascínio tinha ido embora.

Quando tentei falar com ele acerca de Deus, descobri que Ivan não demonstrava interesse algum nesse assunto.

– Então você não acredita na existência de Deus? – perguntei-lhe.

Ivan deu de ombros.

– Não nego que Ele possa existir – respondeu num tom de voz que beirava o tédio. Ele me contou que as únicas coisas que o haviam conectado com Deus foram certos rituais ou celebrações nos quais ele e todas as outras pessoas envolvidas se embebedaram muito. Ele se recusava a pensar em Deus como uma pessoa com quem é possível e necessário viver em comunhão constante.

– Esse negócio de religião não significa nada pra mim – ele disse, sem qualquer emoção. – É totalmente inútil.

Durante um tempo, eu me culpava por ser incapaz de despertar o interesse de meu companheiro de cela pelas coisas eternas. Enquanto ele se assentava na cama, eu tentava lhe contar as histórias da Bíblia da maneira mais interessante que podia. Mas, enquanto eu falava, a cabeça dele começava a se inclinar. Logo o queixo encostava no peito e ele cochilava.

Todavia, era contra as regras da prisão tirar cochilos durante o dia. O carcereiro, sem saber, acabou se tornando um aliado de Deus. Quando nos inspecionava pelo olho mágico, percebia que Ivan havia caído no sono. Abria ruidosamente a *kormushka* e seu grito enchia a cela:

– Chega de dormir durante o dia, prisioneiro! Se você fizer isso de novo, será mandado para o *karster*!

O *karster* era um minúsculo ambiente utilizado para punir as pessoas que haviam quebrado as regras da prisão. As pessoas enviadas para o *karster* não tinham direito a aquecimento, refeições regulares, nem idas ao banheiro. Apenas o carcereiro chefe podia dar autorização para um prisioneiro ser levado até lá.

Quando ouvia aquelas temíveis palavras, Ivan se virava, reclamava baixinho algumas vezes e punha a cabeça na posição correta com um olhar de temor. Enquanto conversávamos, pode até ser que ele ouvisse o que eu dizia, mas nunca participava das conversas espirituais. Elas não pareciam surtir nenhum efeito. Lembrei-me do comentário de Jesus em Mateus 11:15: “Aquele que tem ouvidos, ouça!” Para minha tristeza, Ivan parecia espiritualmente surdo.

Sentado em minha cama, aos 21 anos de idade, enquanto olhava para aquele homem três vezes mais velho que eu, pensava com tristeza: *Que*

responsabilidade tremenda nós, que nos denominamos cristãos, temos. Aqui na Rússia é, em parte, culpa dos cristãos o fato de muitos dos nossos compatriotas serem alcoólatras, de as taxas de criminalidade estarem em ascensão e da maior parte das crianças crescer sem conhecimento algum daquilo que é santo e eterno. Se cada cristão trabalhasse e orasse com fervor pela salvação de seus amigos e vizinhos, como nosso país seria mais livre e feliz! Ivan Fyodorov e outros descrentes nunca experimentarão a alegria de uma vida plena até conhecerem o Salvador e O aceitarem em seu coração.

Os dias se arrastavam. Uma das maiores dificuldades do confinamento, especialmente com alguém que não compartilha de seus interesses, é a quantidade de tédio que se sente. Nos primeiros dias, já havia observado todas as características peculiares de Ivan, seus gestos e hábitos de comportamento. Porém, logo depois que pensei estar fadado a ficar olhando para sempre o cabelo grisalho de meu companheiro de cela, um novo prisioneiro foi levado para se unir a nós.

Averbakh (não consigo lembrar seu primeiro nome) era um judeu de meia-idade, com um rosto agradável e bonito. Enquanto ele nos contava sobre suas experiências, meu queixo caía ante os atos inexplicáveis das autoridades soviéticas.

– Vocês são prisioneiros recentes, não são? – ele nos perguntou, enquanto nos olhava de alto a baixo.

Fizemos que sim.

– Já passei oito anos em campos de concentração – ele disse. – Aí eles me deixaram livre por alguns anos. Mas me prenderam de novo e fizeram outro julgamento com base em acusações diferentes.

Ele parou um pouquinho e seu rosto se contorceu num sorriso amargo:

– E o que torna isso tudo mais absurdo é que eu era um fiel comunista, como vários que existem por aí. Me afiliei ao partido. Acreditava em suas ideias. Vivía suas filosofias. Então, certo dia, a NKVD me prendeu, me levou a julgamento e me contou quais eram as acusações. Todas falsas! Não fiz nada daquilo de que me acusaram. Nada!

– Você foi preso numa das operações de expurgo – sugeri.

Ele suspirou profundamente.

– Isso mesmo. Num expurgo.

Anos mais tarde, tive a oportunidade de ler as obras de Alexander Solzhenitsyn, o filósofo e intelectual russo que também passou vários anos da vida em campos de concentração. Solzhenitsyn estudou em detalhes os grandes

expurgos de Joseph Stalin, especialmente aqueles ocorridos nos anos terríveis de 1937 e 1938. Eis a conclusão a que ele chegou:

A composição das multidões presas durante aquela poderosa onda e jogadas semimortas no arquipélago era de uma diversidade tão grande que quem quer que tente deduzir sua lógica cientificamente irá exercitar longamente o cérebro até encontrar uma resposta. (Para os contemporâneos dos expurgos essa lógica era ainda mais incompreensível.)

A verdadeira regra subjacente às prisões daqueles anos era a *atribuição de quotas*, as normas estabelecidas e as localidades planejadas. As cidades, distritos e unidades militares recebiam quotas específicas de presos a serem enviados num determinado tempo preestabelecido. A partir daí, tudo dependia da criatividade do pessoal encarregado pelas operações de segurança.[1]

Posteriormente, em minha própria experiência em campos de concentração, tive a chance de conhecer vários prisioneiros políticos. Discretamente, um deles me contou a seguinte história tragicômica que descreverei usando as palavras de Solzhenitsyn, o qual a registrou em seu livro *Gulag*:

Passo a contar um episódio daqueles anos, da maneira como de fato ocorreu. Uma conferência distrital do partido estava acontecendo na província de Moscou. Ela estava sendo presidida por um novo secretário do Comissariado Distrital do Partido, que viera substituir o anterior, que havia sido *preso*. Para concluir a conferência, um tributo ao camarada Stalin foi iniciado. Obviamente, todos se levantaram (assim como todos haviam se inclinado até os pés ao longo da conferência ante a simples menção de seu nome). O pequeno auditório ecoou com ‘sonoros aplausos, aumentando até o louvor’. Durante três, quatro, cinco minutos os ‘sonoros aplausos, aumentando até o louvor’ continuaram. Mas as palmas começaram a ficar fracas e os braços levantados já estavam doendo. Os mais velhos estavam ofegantes de cansaço. Já estava se tornando tolo além da conta, até para aqueles que nutriam verdadeira adoração por Stalin. Contudo, quem ousaria ser o primeiro a parar? O secretário do Comissariado Distrital do Partido poderia tê-lo feito. Ele estava em pé no palco, e havia sido a pessoa que iniciara a homenagem. Mas ele era recém-chegado. Estava ocupando o lugar de um homem que havia sido preso. Ele sentia medo! Afinal de contas, os homens da NKVD estavam

em pé no auditório aplaudindo e observando para ver *quem* pararia primeiro! E naquele lugar pequeno, obscuro e desconhecido do Líder, os aplausos continuaram – seis, sete, oito minutos! Eles já estavam esgotados! Já estavam fadados ao fracasso! Eles não poderiam parar agora até que tivessem um colapso nervoso, um ataque do coração! Na parte de trás do auditório, era possível trapacear um pouco, bater palmas com menor frequência, com menos vigor, com menos avidez – mas lá frente, com o *presidium*, onde todos podiam ver? O diretor da fábrica local de papel, um homem independente, de opiniões fortes, permanecia com o *presidium*. Ele estava consciente da insanidade da situação, mas continuava aplaudindo! Nove minutos! Dez! Angustiado, aquele diretor assistia ao secretário do Comissariado Distrital do Partido, mas este não ousava parar. Que loucura! Até a última gota! Com entusiasmo forçado estampado na face, olhando uns para os outros com uma tênue esperança, os líderes distritais continuavam aplaudindo até caírem onde estavam, até serem levados para fora do auditório carregados em macas! Mesmo assim, aqueles que permaneciam não hesitavam... Então, depois de onze minutos, o diretor da fábrica de papel assumiu uma expressão de homem de negócios e se assentou. E depois, oh, um milagre aconteceu! Para onde foi todo aquele entusiasmo universal, desinibido, indescritível? Um por um, todos os outros foram parando de aplaudir e se assentaram. Eles haviam sido salvos! O esquilo fora inteligente o bastante para saltar fora do círculo rolante.

Foi assim, contudo, que eles descobriram quem eram as pessoas independentes. E foi assim que deram um jeito de eliminá-las. Naquela mesma noite, o diretor da fábrica foi preso. Facilmente, deram a ele uma sentença de dez anos sob o pretexto de algo completamente diferente. Mas depois de ter assinado o Formulário 206, o documento final do interrogatório, seu interrogador o fez lembrar:

– Nunca seja o primeiro a parar de aplaudir!

(E o que devemos fazer? Como é que paramos então?)

É dessa forma que funciona a seleção natural de Darwin. E é dessa forma que reduzimos as pessoas à estupidez.[2]

Durante meu período de encarceramento na prisão da KGB em Ivanovo, percebi que os prisioneiros não passavam muito tempo na mesma cela. Só Deus e a KGB sabem por que essas mudanças constantes ocorriam, mas a rotatividade

pelo menos me dava a oportunidade de mudar de ambiente e de conhecer outras pessoas.

Assim, certo dia tive que me separar de Ivan e Averbakh e fui levado a uma nova cela, já ocupada por dois outros homens. Sentei-me na cama que restava e comecei a observá-los.

– Meu nome é Mikhail Kulakov – eu disse ao mais jovem entre os dois.

– O meu é Alexey.

Ele parecia ter cerca de 25 anos de idade, não muito mais velho que eu. Mas seu corpo magro, rosto pálido, bochechas sem carne e expressão sombria me diziam que ele já era detento antigo daquela “casa estatal”.

O outro homem pareceu não ter notado minha presença. Ele era baixo, tinha cerca de 30 anos e um cabelo bagunçado que ainda não havia recebido o corte curto da prisão.

– Meu nome é Mikhail Kulakov – eu disse novamente, me dirigindo a ele.

Ele murmurou algo incompreensível, mostrando no rosto seu desgosto e desespero. Sentado na cama, ele pressionava com vigor as costas contra os tijolos da parede da cela, como se estivesse tentando medir forças com ela. Alexey e eu tentávamos incluí-lo na conversa, mas ele quase nem prestava atenção no que dizíamos. Ele apenas ficava sentado ali, falando consigo mesmo e, de vez em quando, batendo com a cabeça na parede. Gradualmente, a partir dos problemáticos fragmentos de discurso que ele soltava, conseguimos juntar as partes e compreender a história toda.

Aquele homem não havia sido um radical, nem um causador de problemas, mas um comunista devoto. Durante a Segunda Guerra Mundial, fora promovido ao *status* de tenente-coronel, severamente ferido e capturado pelos inimigos. De algum modo, conseguiu escapar e retornar para o lado soviético, onde recebeu tratamento médico.

Ele estava ávido para retornar à linha de frente, mas os líderes do partido solicitaram que ele fosse liberado dos deveres militares para que se tornasse administrador da região de Gavrilovo-Possadsky, se é que entendi direito seus murmúrios. Depois de passar certo tempo nessa posição importante, a KGB o prendeu subitamente, sem qualquer advertência prévia, ou motivo que ele pudesse imaginar.

– Que tipo de justiça é *essa*? – ele rosnava consigo mesmo na cela. – Qual foi o meu crime? Foi ser levado prisioneiro de guerra? Foi ter sangrado profusamente, por causa de minhas feridas? Foi ter conseguido escapar dos nazistas? Foi ter demonstrado interesse em voltar à linha de frente e combater de

novo? Foi isso? *Por que estou aqui?*

Ele encarava as paredes da cela. Então, dizia com rispidez:

– Isso não é uma instituição estatal. É uma gangue particular!

Bum! A *kormushka* se abriu e um carcereiro empurrou três tigelas de uma mistura gosmenta de aveia com carne. Alexey e eu pegamos nossas tigelas e entreguei a terceira ao tenente-coronel.

– Não! – ele gritou, afastando a comida. – Eu declaro guerra de fome! Exijo uma reunião com o promotor público!

Ele continuou a gritar isso a plenos pulmões e meia hora depois foi removido da cela – ou para ser alimentado à força, ou para ser confinado na cela de punição. Eu nunca soube qual dessas opções. Foi a última vez que o vimos.

Esse dia foi um dos mais tristes de toda a minha vida, não somente por causa do tenente tratado com tanta injustiça. De vez em quando, enquanto ele ainda estava na cela, tentava tirar seus murmúrios da mente por meio da leitura de um livro que alguém havia deixado lá. Para meu espírito já abatido, um livro em especial foi a gota d'água.

Chamava-se *Anton, Pobre Miserável*, escrito pelo célebre autor Dmitry Grigorovitch. Era uma história muito bem escrita – bem escrita *até demais* – sobre um pobre camponês russo durante a época da servidão. Grigorovitch o escreveu, sem dúvida, para ser um conto de admoestação aos fazendeiros, que o leriam no fim de um dia nos campos, ou para homens de negócios relaxarem antes do jantar.

Todavia, eu não recomendo a leitura de *Anton, Pobre Miserável* numa cela, enquanto se tenta distrair a mente de um problemático tenente-coronel. Eu olhava pesarosamente para meu companheiro de cela batendo a cabeça contra a parede e depois abria o livro e lia sobre as agonias daquele camponês. Fechava o livro, com tristeza, para ouvir mais murmúrios do coronel, que eram de partir o coração. Quando ele, por fim, foi removido daquela cela para um fim desconhecido, encontrei-me no abismo da primeira e única, porém muito profunda, depressão da minha vida.

Honestamente, não sei dizer onde aquele espírito de desânimo teria me levado caso um verso da Bíblia, que havia aprendido na infância, não tivesse surgido subitamente em meus pensamentos: “Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore” (Tiago 5:13). Com lágrimas inundando-me os olhos, inclinei a cabeça e derramei minhas dificuldades perante o Senhor. Enquanto eu orava, outro versículo – um que meus pais amavam – me veio à mente: “Eu lhes disse essas coisas para que em Mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão

aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (João 16:33). Com essas palavras, raios celestiais de divina luz penetraram nas paredes sombrias daquela cela de prisão e levaram encorajamento à minha alma.

[1] Aleksandr I. Solzhenitsyn, *The Gulag Archipelago* (Nova York: Harper & Row, 1973), p. 71.

[2] Ibid., p. 69, 70.



Identificando nosso "crime"

A investigação a meu respeito durou seis meses. “Seis meses” parece fácil de dizer agora. Mas, naquela época, eu não tinha a menor ideia de quanto tempo fazia que eu estava ali.

A vida na cela era dura, mas as mais terríveis e excruciantes experiências, entre todas, eram os interrogatórios. Eles sempre eram realizados em quartos escuros, sem vida, cheirando a fumaça de cigarro. Uma estante ficava contra a parede, com suas duas portas de madeira separando-a em duas partes. Um interrogador se assentava atrás de uma escrivaninha e eu, o prisioneiro, numa cadeira de frente para ele. A expressão dos interrogadores era sempre hostil; a linguagem, sempre abusiva; e as perguntas, sempre arquitetadas para me confundir e me fazer tropeçar nas próprias palavras. Sentia-me sob tensão constante.

As autoridades frequentemente usavam a falta de sono para tentar quebrar a força de vontade do prisioneiro e nublar sua razão. Eu poderia ser interrogado a qualquer momento do dia ou da noite, e eles trabalhavam 24 horas por dia para tentar fazer com que eu assinasse documentos me autoincriminando, ou para me levar a deixar escapar evidências sobre meus amigos e outros cristãos. Por vezes, eu estava tão cansado que não sabia que horas eram, nem mesmo em que dia da semana estávamos.

Ao fim de cada sessão, me levavam de volta para a cela, onde trocava o fedor de cigarro pelo de urina proveniente do balde. A perseguição continuava mesmo dentro da cela. Dormir durante o dia era, obviamente, proibido. Eu não podia nem mesmo me deitar na cama ou apoiar o corpo na parede. Embora meu corpo estivesse desesperado por um pouco de sono, parecia sempre haver um guarda olhando pelo buraco da porta da cela. Assim, quando começava a cochilar, um deles gritava: “Acorde!” O simples fato de tentar permanecer acordado esgotava

ainda mais minhas forças.

Por fim, o horário dos prisioneiros dormirem, 22h, chegava, anunciado pela batida do guarda na porta e pelo brusco comando “Hora de dormir!” Imediatamente, eu caía na cama inconsciente, apenas para ser acordado poucas horas depois e ser enviado a outro interrogatório que se estendia, muitas vezes, por diversas horas. Depois disso, caía na cama de novo e só acordava com os gritos dos guardas cedo pela manhã.

Embora eu tivesse que suportar tortura mental, nunca fui fisicamente ferido ou espancado. O interrogador se atirava sobre mim, me ameaçava, quase me convencia de que uma grande surra me esperava, mas isso nunca aconteceu. A influência que Deus usou para atar as mãos daquele homem, eu só posso imaginar. Talvez John Ruskin estivesse certo quando afirmou: “As multidões pensam que apreciam fazer o mal; contudo, nenhum ser humano realmente tem prazer em fazer o mal, pois Deus criou o mundo.”

Décadas mais tarde, depois que o comunismo perdeu poder, me uni a vários outros prisioneiros políticos, solicitando à KGB arquivos de alguns materiais usados em meu caso. No quadro anexo se encontra um trecho desses arquivos, que traduzi do russo.

As acusações feitas contra mim eram expressões típicas da intolerância e ódio direcionados a qualquer ideologia contrária à do governo, e eu as ouvi repetidamente ao longo daqueles seis meses na prisão de Ivanovo. Pelas “evidências” que eles me apresentavam, pude deduzir que Stephen, meu irmão, estava de fato confinado naquela mesma prisão, embora nunca mais tenhamos nos encontrado desde o dia em que fomos presos pela primeira vez. Mas ambos éramos acusados dos mesmos crimes de “agitação antissoviética em grupo”. Nossas conversas, durante as reuniões da igreja realizadas em nossa casa com qualquer pessoa que demonstrasse interesse por religião, eram consideradas ofensas sérias contra o Estado soviético.

Certo dia, meu interrogador mencionou um nome familiar.

– Você conhece uma mulher chamada Ptakhina – ele afirmou.

Eu não disse nada.

– Além de atraí-la para suas conspirações antissoviéticas, você ainda se uniu ao seu irmão, tentando influenciar o filho dela a aceitar suas ideias.

Agora entendo algo que estava me incomodando, pensei em silêncio. Papai me advertiu a respeito dessa mulher durante os poucos minutos naquela cela subterrânea. Mas isso esclarece outro mistério.

Em 1946, Stephen voltou para casa, depois de servir o exército, onde teve a

oportunidade de passar por uma poderosa experiência espiritual de conversão. Ele estava cheio de desejo de compartilhar com os outros sua alegria no Senhor.

– Stephen, – eu disse, enquanto repetia as advertências de papai a respeito de Ptakhina – precisamos ter cuidado.

– Você tem certeza de que o papai sabia do que estava falando? – ele perguntou descrente. – Da forma como vejo a situação, Ptakhina é uma mulher consagrada a Deus, uma ex-batista que passou muito tempo na prisão e suportou inúmeras dificuldades.

Desse modo, quando Ptakhina pediu para conversar conosco, certo dia, Stephen foi muito atencioso.

– Estou preocupada com meu filho – ela nos contou. – Ele é uma pessoa sem Deus. Não tem tempo para o cristianismo. Vocês são jovens e têm a idade dele. Talvez ele os ouça. Por favor, falem com ele sobre o nosso Deus.

– É claro que iremos – Stephen disse prontamente.

Mas, assim que ficamos sozinhos, repeti as admoestações de nosso pai.

– Ela é da KGB – eu insisti. – Ela é parte dos motivos pelos quais papai está num campo de trabalhos forçados.

– Precisamos ir testemunhar para ele – Stephen disse com firmeza – e deixemos que Deus cuide das consequências. Se quiser, pode vir junto, mas, mesmo se você não for, eu irei sozinho.

Então fui com ele. O filho de Ptakhina era mesmo um jovem cínico, que, além de rir de todos os assuntos sagrados, ainda ficava fumando cigarros durante nossa conversa, deliberadamente enchendo o ambiente de fumaça. Meu irmão debateu com ele, usando todos os argumentos válidos que provassem a verdade da fé cristã e a existência de Deus. O jovem ateu ria cada vez mais alto, parando de vez em quando para refutar acaloradamente.

Durante a discussão, lancei o olhar em Ptakhina. *Qual é o problema com ela?*, perguntei-me. *Ela parece estar realmente nervosa. Nunca vi nada do tipo. Pode até ser que esteja preocupada com a salvação do filho, mas seu corpo inteiro está tremendo – a cabeça, as mãos, os pés.* Ela percebeu que eu a estava observando e tentou esconder a agitação.

E agora eu sabia por quê. Ficou claro que as autoridades a haviam forçado a, além de fornecer informações a nosso respeito, nos convidar para conversar com seu filho, para que o governo tivesse ainda mais evidências a respeito de nossas atividades “subversivas”. Como milhares de outras pessoas, ela havia se tornado um instrumento da KGB.

Outra testemunha que apresentaram estava em situação ainda mais triste.

Alguns meses antes de meus irmãos, minha mãe e eu partirmos para a Letônia, uma jovem garota chamada Sonya, juntamente com Elizabeth, sua irmã mais velha e minha colega de classe na escola de artes, começou a frequentar os cultos em nossa casa. Sonya não escondeu o fato de que estava profundamente apaixonada por mim. Lembrando-me do conselho de mamãe, me comportei de maneira cuidadosa e formal com essa garota, enquanto observava em detalhes seu comportamento.

Ela tem verdadeira obsessão por mim, concluí, mas nenhum interesse real de se tornar cristã. E, mesmo se ela tivesse, nunca conseguiria suportar a vida de uma esposa de pastor, especialmente nas difíceis condições opressoras do regime soviético.

– Sonya, – eu disse, por fim – você sabe que eu provavelmente vou parar na prisão. Seria terrivelmente difícil para você ter que viver sob essa constante ameaça.

Mesmo depois de ter ido morar na Letônia, escrevi cartas para ela, tentando voltar sua atenção para o Salvador. E agora, durante o interrogatório, descobri que as autoridades sabiam tudo acerca de Sonya.

– Essa jovem – disse o interrogador, enquanto fitava um papel em sua escrivaninha – testemunhou que você não permitiu que ela se tornasse membro do Komsomol (a organização comunista voltada para os jovens). Você concorda com essa informação?

– Não – eu disse.

Ele pegou o papel e o virou para o meu lado, de modo que eu pudesse vê-lo.

– Está tudo aqui na transcrição do interrogatório que fizemos com ela. Está vendo? E aqui está a assinatura dela no fim da página. Você refuta essas afirmações? Não está vendo as palavras da moça?

– Eu vejo as palavras, mas é impossível que tenham sido ditas por ela.

– E por que não?

– Sonya e eu nunca conversamos nada sobre o Komsomol.

– Então de quem seriam essas palavras, na sua opinião?

– Provavelmente da pessoa que a interrogou – eu respondi.

– Oh! – ele exclamou e pegou nervoso a caneta. – Você está difamando o sistema soviético de investigação?

Dizendo isso, ele escreveu uma ou duas frases enfáticas a esse respeito em seu bloco de notas.

Pobre Sonya, pensei. Os interrogadores devem tê-la aterrorizado tanto que

ela assinou todas as acusações falsas que puseram em sua frente.

Descobri como isso era verdade no dia em que a trouxeram e nos colocaram juntos no mesmo ambiente. Lá, na presença do advogado de acusação e do interrogador, ela teve que ouvir enquanto cada uma das acusações assinadas por ela era lida.

– Isso é verdade? – o promotor perguntava depois de cada leitura.

Ao fim de cada pergunta, antes de dar qualquer resposta, Sonya me olhava com expressão cheia de amor, tentando conseguir algum tipo de sinal. Observando meu rosto confuso ou meus ombros levantados, ela negou cada uma das acusações feitas.

O advogado de acusação percebeu que estava perdendo o caso. Por isso, ele e sua equipe mudaram rapidamente de tática.

– Então – ele disse ríspidamente – parece-me agora que você nos deu falso testemunho!

Ela o encarou agoniada.

A voz do promotor endureceu.

– E agora, testemunha? Você gostaria de trocar de lugar com o acusado?

Assustada, Sonya abaixou a cabeça. Evitando meus olhos, ela disse:

– É verdade.

– O que é verdade?

– O que eu disse sobre ele tentar me impedir de me unir à Komsomol.

– Sonya, quando é que eu lhe falei qualquer coisa sobre a Komsomol?

Ela olhou para o advogado de acusação.

– Bem, – ela murmurou – na verdade, ele nunca disse nada pra mim, mas escreveu em uma de suas cartas.

– Como eu teria escrito isso numa carta? – perguntei. – Todas elas passaram pela censura!

Subitamente o interrogatório conjunto foi encerrado. Enquanto os guardas me colocavam para fora daquele lugar, olhei para Sonya e tentei mostrar, através de minha expressão, que eu entendia a situação difícil em que a tinham colocado e que não tinha nada contra ela. Desde aquele dia, nunca mais tivemos qualquer tipo de contato.

Hoje, quando olho em retrospectiva para meu julgamento, vejo que minha maior tortura mental ocorreu enquanto tentava proteger da melhor forma possível meu pastor e líder da igreja Grigoryev. No capítulo 4, mencionei a visita que fiz à igreja de Moscou, quando ele me advertiu sobre Ivan, o informante, e como eu, depois de retornar para casa, inocentemente

repeti essa conversa na presença do idoso Klanov (que, no fim das contas, também era espião). Depois, enquanto era interrogado para a investigação de meu pai, menti e disse que não me lembrava de ter conversado com Grigoryev.

E agora, em meu julgamento, o promotor voltava a esse assunto.

– O pastor Grigoryev lhe fez uma advertência contra um homem chamado Ivan e lhe chamou atenção para a existência de informantes, de maneira geral?

Minhas escolhas eram simples, porém mortais.

Sempre fui ensinado a dizer a verdade. Entretanto, se eu testificasse que o pastor Grigoryev havia, de fato, me advertido a respeito da existência de agentes secretos, eu colocaria em risco a liberdade daquele amado líder da Igreja Adventista na União Soviética. Se dissesse que ele não havia dito nada daquilo, estaria mentindo e meus pais, pessoas tão tementes a Deus, não haviam me criado para ser mentiroso. Para completar, no sistema legal soviético não existia, de forma alguma, a possibilidade de se recusar a responder. Era preciso dizer sim ou não, e pronto.

Mas recusar a responder foi o caminho que eu decidi ser o correto a escolher. Permaneci em silêncio. *Senhor, por favor, me livre dessa terrível armadilha, orei. O que devo fazer? Sei que Raabe mentiu para preservar a vida dos espias israelitas. Mas eu não quero mentir!*

Obviamente, meu silêncio não pegou bem entre a equipe de acusação e isso me custou várias noites de interrogatório sem dormir. Em minha alma, eu me culpava por não ter sido cuidadoso o suficiente de modo a evitar a primeira mentira. Culpava até outras pessoas mais sábias em minha vida, que já haviam descoberto como ser cuidadosas em ocasiões como essas, mas que não tinham me ensinado esses princípios.

Foi nesse momento que comecei a entender sob nova perspectiva o testemunho de João acerca de Jesus: “Muitos viram os sinais miraculosos que Ele estava realizando e creram em Seu nome. Mas Jesus não Se confiava a eles, pois conhecia a todos” (João 2:23, 24). A necessidade de ser prudente, verdadeiro e genuíno – as virtudes apresentadas por Jesus por meio da imagem das serpentes e das pombas – se tornou clara para mim (ver Mateus 10:16).

Foi então que decidi dar um passo além do silêncio. Depois de forte luta em minha alma e após muito tempo em oração e reflexão (contrariando todos os meus hábitos e inclinações), decidi verbalizar minha recusa:

– Não responderei essa pergunta – eu disse para o interrogador.

Nem descreverei as obscenidades e ameaças que caíram sobre minha cabeça quando eu disse aquilo. Se eu as contasse, este livro teria sua publicação

proibida! Acredito que é suficiente dizer que coloquei perante o Senhor meu pedido de perdão pela imprudência e por ter sido vacilante. Oro para que essa amarga experiência pela qual passei sirva como advertência aos meus irmãos e irmãs em Cristo.

Aqueles anos foram tempos terríveis e de muita tristeza para pessoas boas, de consciência. Embora a pressão da imprensa internacional tenha forçado os tribunais abertos da União Soviética a começarem a levar em consideração alguns direitos humanos, havia prisioneiros como eu que passavam por julgamento secreto, perante a Junta Especial (cujo acrônimo em russo era OSO), uma comissão formada por três homens do Comissariado Popular de Assuntos Internos. Felizmente, essas comissões foram abolidas depois da morte de Stalin, em 1953. Um júri, num julgamento aberto, não seria convencido pelas evidências inconsistentes pelas quais fui acusado.

Eu soube a respeito de minha sentença quando me levaram até o escritório do carcereiro chefe. Ele sinalizou para um homem vestido como civil que estava assentado ao seu lado, claramente um representante da OSO.

– Qual é o seu nome? – o agente da OSO perguntou com voz áspera, desprovida de emoção.

– Mikhail Petrovich Kulakov.

– Pela decisão da Junta Especial, de acordo com o Artigo 58, partes 10 e 11 do código criminal da URSS, você está sentenciado a cinco anos em campos de trabalho forçado corretivo.

Ele jogou sobre a mesa uma caneta em minha direção e um formulário de declaração de sentença. Imediatamente depois de assinar aquele papel, algo surpreendente aconteceu. O carcereiro chefe suspirou, mostrando empatia.

Olhei para ele desconfiado.

– Misha, Misha, – ele disse, com a voz emocionada – meu jovem, durante seus seis meses aqui você se comportou de forma tão exemplar a ponto de não quebrar sequer uma das regras da prisão!

De repente, ele percebeu que o representante da OSO lhe lançava um olhar confuso, repleto da mais severa reprovação.

– Mas, infelizmente, – ele continuou com firmeza – seu Deus o traiu. Durante os anos em que vagar pelos campos de concentração, irá amaldiçoar seu pai por ter feito de você um cristão.

Com essas palavras, ele chamou o guarda e me mandou de volta para a cela.

Lá, assentado em minha cama de ferro e pensando no que havia acontecido

nos últimos minutos, não pude deixar de refletir sobre o estranho comportamento daquele carcereiro. *Com certeza, ele teve um ano e meio para observar o piedoso estilo de vida do meu pai aqui dentro desta prisão e está vendo agora como Stephen e eu temos nos comportado. Também estou certo de que sabe que nosso único crime foi o de testemunhar sobre nosso Salvador e isso deve tê-lo impressionado. Talvez essa impressão não seja tão forte quanto a sentida pelo carcereiro de Paulo e Silas, que imediatamente após o terremoto se converteu ao cristianismo. Todavia, pude perceber claramente como ele estava emocionado e a luta espiritual que estava sendo travada em sua alma.*

Anos mais tarde, depois de o Senhor mandar um tipo diferente de “terremoto” que libertou muitas pessoas do opressor sistema penitenciário soviético, tive a oportunidade de conhecer vários carcereiros que chegaram a nós com a mesma pergunta dos tempos bíblicos: “Senhores, o que devo fazer para ser salvo?”

Porém, naquele momento, meu destino era um campo de concentração, no qual ficaria isolado de todo tipo de relacionamento com o mundo exterior, com exceção de duas cartas censuradas que eu teria a permissão de mandar a cada ano. Lá, eu também aprenderia, por experiência própria, que, “quando o homem vira um animal, ele se torna ainda pior do que qualquer bicho”.



O Sol por trás das nuvens

Passei os primeiros dezoito meses da minha sentença de cinco anos (1948-1953) num campo de trabalho corretivo localizado em Mordóvia (cerca de 640 quilômetros a leste de Moscou). No restante do tempo, fui transferido para vários outros campos da região de Karaganda, no norte do Cazaquistão.

“Campo de trabalho corretivo.” Eu sorria amargamente a cada vez que ouvia esse termo ser repetido. *Como as autoridades acham que vão “corrigir” alguém com um programa como esse?, me perguntava. Se estão tentando nos fazer “evoluir”, para nos tornarmos felizes cidadãos soviéticos, a estratégia utilizada é, no mínimo, estranha. Qual é o verdadeiro objetivo desses campos, além de nos desumanizar? As autoridades se justificam, dizendo: “Não dá para fazer um omelete sem quebrar os ovos.” Isso pode até servir como solução temporária para acalmar a consciência, mas não ajuda em nada os prisioneiros.*

Assim que comecei a cumprir minha sentença, o governo implantou regulamentos novos e ainda mais duros para a vida nos campos. Cada um de nós recebia um número que era costurado em todas as nossas roupas. Ficávamos completamente isolados do mundo exterior, com exceção da oportunidade de mandar as duas cartas anuais e censuradas – e a lareira no escritório do responsável pela censura ficava sempre acesa, inflamada pelas cartas que ele tinha preguiça demais para inspecionar. Diariamente, éramos levados para trabalhar até a exaustão. A situação se agravava ainda mais devido à fome e ao cansaço constantes.

Lá na Letônia, minha mãe descobriu onde eu estava a partir do endereço que constava no remetente de minha primeira carta. Ela começou a me mandar pequenos pacotes com comida de tempos em tempos. Diferentemente do que faziam com as cartas, as autoridades dos campos não limitavam o número de

pacotes de comida. Mesmo assim, não era sempre que mamãe conseguia enviá-los. O país sofria a devastação dupla traz da pela Segunda Guerra Mundial e pelo sistema econômico socialista. Naqueles anos, a maior parte da população levava uma vida miserável, marcada pela fome. Assim, era um luxo para mim receber quatro ou cinco pacotes por ano, cada um contendo pequenas porções de cebola e alho, meio quilo de açúcar, um pouco de aveia e frutas secas. A cada pacote que chegava, eu conseguia, durante alguns dias, me livrar das terríveis dores estomacais provocadas pela fome.

Uma das cartas de mamãe trouxe terríveis notícias sobre meu irmão Stephen, que agora se encontrava num campo de trabalho corretivo perto do Círculo Ártico. “Seu irmão está muito doente.”

Num capítulo anterior, mencionei que, quando papai foi mandado em exílio para a Sibéria, mamãe, Victor e eu fomos para lá morar com ele. Porém, não havia escola para crianças da idade de Stephen. Ele foi viver com minha avó, cuja casa se localizava em uma região desfavorável para a manutenção do estilo de vida cristão no qual Stephen fora educado.

Alguns anos mais tarde, ele entrou para o exército e, durante cinco anos, serviu como engenheiro de campo das linhas de frente. Embora quase vinte milhões de soldados e cidadãos tenham morrido na luta contra o fascismo, Stephen teve a vida miraculosamente preservada. Ali, na frente de batalha, ele pôde sentir claramente a mão protetora de Deus e entregou a vida a Jesus. Quando retornou para casa em 1946, após o serviço militar, estava inflamado por Deus, ávido para contar a todos sobre o Salvador e para partilhar o evangelho com as pessoas.

– Stephen, seja cuidadoso – eu o advertia sempre. – Nosso pai já está na prisão por causa de sua fé e você sabe o quanto ele agia com cautela.

– Nada irá me impedir – Stephen respondia. – Deus é tão real para mim que eu simplesmente não consigo esconder essas maravilhosas verdades. Continuarei falando abertamente às pessoas sobre meu Criador e Salvador.

– Admiro seu zelo, meu irmão. Mas, por favor, tome cuidado. Seja prudente como a serpente e...

– Olha, Misha, – ele começou, me interrompendo – sou oficial militar. Acredito que meu serviço ao país foi apreciado. Você não viu a quantidade de medalhas que recebi?

– E daí?

– E daí que acredito ter conquistado o direito de confessar minha fé em Jesus tão francamente quanto achar necessário.

Mas, como descrevi no último capítulo, o governo não via as coisas dessa maneira e o honrado oficial Stephen, juntamente com seu irmão sem honras, Mikhail, foi preso na mesma época e com a mesma brutalidade. E agora eu recebia em carta a triste notícia sobre o estado de saúde dele.

Em março de 1953, depois de cumprir os cinco anos previstos por sua sentença num campo de trabalho corretivo próximo à cidade de Vorkuta, no extremo norte do país, Stephen perdeu completamente a saúde. Ele foi transferido para um assentamento próximo, onde deveria permanecer para sempre como exilado. Depois de ter sido liberado do campo, mamãe obteve permissão para encontrá-lo. Dois meses após essa visita, Stephen morreu como mártir, com apenas 32 anos de idade, e foi sepultado no solo gelado de Vorkuta. Sua fé nunca vacilou.

Eu sou culpado? Esta pergunta me vinha com frequência à mente. *Quem foi o culpado pela morte tão dolorosa e prematura do meu irmão? Seria Klanov? Ptakhina? Algum outro espião como eles?*

No fim das contas, isso não fazia a menor diferença. Nem eu nem Stephen nutríamos qualquer sentimento de raiva contra essas pessoas. Conhecíamos bem a realidade do sistema brutal no qual vivíamos – e sob o qual muitos morriam.

Em 1991, 38 anos após a morte do meu irmão, a União Soviética se dissolveu. Uma Comissão Presidencial de Exoneração foi formada logo em seguida. Essa comissão declarou a inocência de 4,5 milhões de pessoas, a maior parte delas já morta na época. É claro que esse gesto foi um pequenino retorno diante da tragédia e dos horrores proporcionados pelas prisões e campos. Mas, pelo menos, a exoneração admitia que o ex-condenado havia sido injustamente punido e removia o estigma que pesava sobre a família desses supostos “inimigos do povo soviético”. As pessoas exoneradas também receberam o privilégio de utilizar gratuitamente o sistema público local de transportes e, em alguns casos, o governo as ajudou a conseguir abrigo.

Recentemente, um grupo russo de defensores dos direitos humanos colocou uma coroa funerária na sepultura de Stalin, perto do muro do Kremlin. Na coroa, eles puseram um laço que continha os seguintes dizeres irônicos:

*Daqueles postumamente exonerados
Ao que foi postumamente condenado.*

Para todos nós que vivenciamos a corrupção e a violência daquele sistema, esse foi um bom lembrete de que a morte não exime os pecadores e malfeitores da responsabilidade sobre seus atos de ofensa. Existe um justo Juiz e, por fim,

todos nós seremos julgados por Ele.

Embora eu entendesse essa verdade bíblica, uma sentença de cinco anos soa como uma eternidade para alguém com pouco mais de vinte. Alguns dias, eu sentia como se a lúgubre rotina do campo fosse perdurar para sempre. De manhã, a primeira coisa que fazíamos era nos colocar em fila para que guardas armados nos contassem e nos levassem do campo para o local de trabalho. À noite, quando o trabalho terminava, éramos contados novamente e levados de volta para o campo. No portão, os guardas faziam uma segunda contagem e nos revistavam. Quase morríamos de fome e vivíamos infestados de piolhos. Nunca me esquecerei da experiência humilhante de me sentir enfraquecido pela fome e de sentir o desejo incontável de me coçar o tempo inteiro.

Mas uma das maiores fomes que eu sentia era da Bíblia. O acesso a ela me foi negado durante o primeiro ano e meio da sentença. Certo dia, chegou um dos pacotes de minha mãe. Fui convocado a comparecer no escritório do responsável pela censura e fiquei por perto enquanto ele retirava a embalagem para examinar o conteúdo. Lá, em cima dos alimentos, repousava um pequeno livro usado. Meu coração quase parou. Era um Novo Testamento!

– O que é isso? Uma *Bíblia*? – ele resmungou. Pegou a capa gasta do Novo Testamento e, numa arrancada só, afrouxou a encadernação, fazendo com que as páginas se espalhassem sobre a mesa. Para meu deleite, duas páginas escorregaram da mesa em minha direção e caíram no chão.

– Por favor, posso ficar com esse livro? – pedi, olhando em seus olhos, para que ele não suspeitasse do que acabara de cair em meus pés.

– Não é permitido – ele respondeu bruscamente, ajuntando as páginas numa pequena pilha. Deixei cair no chão um pouco do papel que embrulhava o pacote, como que por acidente, para cobrir aquelas duas preciosas páginas que ali estavam. Quando ele acabou de revistar o pacote, me entregou. Abaixei e peguei o papel – com as duas páginas amassadas, mas bem seguras, embaixo – e o usei para embrulhar o pacote.

Depois que saí do escritório, me esforcei ao máximo para caminhar devagar. Quando me aproximei do alojamento, tive que me conter para não começar uma corrida. Assim que entrei, removi a embalagem com mãos trêmulas. Ali, diante de mim, se encontravam duas páginas preciosas do evangelho de João. As primeiras palavras que me saltaram aos olhos foram parte da oração de Jesus em favor de Seus seguidores: “Pai, quero que os que Me deste estejam comigo onde Eu estou e vejam a Minha glória, a glória que Me deste porque Me amaste antes da criação do mundo” (João 17:24).

Não encontro palavras para descrever como me senti naquele momento. O coração parecia a ponto de explodir. “Misha”, Deus parecia estar dizendo, “não Me agrado em vê-lo mantido como prisioneiro nesse alojamento sujo e malcheiroso. Quero que você esteja comigo em Meu reino de bondade e amor.” Aquele pequenino raio de luz celestial que refletia das páginas sagradas penetrou as grandes cercas de arame farpado daquele campo de concentração e iluminou minha vida.

Havia também alguns aspectos positivos naquela vida no campo de trabalho forçado. Aprendi as alegrias de compartilhar a fé com outros condenados e de desfrutar de uma comunhão pessoal com Deus que não teria sido possível do lado de fora.

– Mikhail, – um colega prisioneiro dizia com frequência – eu o invejo.

– Você me inveja? Por quê?

– Por causa da sua fé em Deus.

Eu sacudia os ombros e dizia:

– É exatamente isso que faz com que eu me sinta em dívida com você. Desde a infância, tive o grande privilégio de ver a imagem de Deus por meio do exemplo de vida de meus bondosos pais, e de conhecer e amar Sua Palavra. Até mesmo aqui, no gulag, minha âncora é a Bíblia.

E eu não estava me referindo somente às duas páginas do evangelho de João. Por diversas vezes, minha criativa mãe tentava me enviar um exemplar do Novo Testamento. Mas, a cada tentativa, os guardas descobriam. Por fim, ela conseguiu arquitetar um astuto plano.

Em um dos pacotes de comida, ela incluiu um grande saco de farinha. Obviamente, isso chamou a atenção do censor. Ele começou a apalpar o saco e sentiu que havia ali vários objetos. Abriu e começou a retirar, um por um, vários ovos crus, sem dúvida, dizendo consigo mesmo: “Ah! Que mãe mais inteligente esse prisioneiro tem! Ela mandou ovos envolvidos por farinha!” Satisfeito com a busca, fechou o saco novamente, sem perceber que, embaixo dos ovos, bem no fundo, havia um Novo Testamento inteiro, escrito em alemão.

Depois disso, minha pergunta mudou de “Como faço para conseguir uma Bíblia?” para “Onde vou conseguir escondê-la?” A solução foi fazer um rodízio, deixando a Bíblia em diversos locais diferentes. Durante um tempo, a ocultei debaixo de um dos pisos do alojamento. Depois, a abriguei num fundo falso da minha caixa de equipamentos de pintura. Outras vezes, eu a amarrava a uma de minhas pernas ou a enfiava em uma das botas. Quando a Bíblia estava escondida em meu corpo, precisava tomar muito cuidado ao entrar e sair do campo. Mas,

nesses momentos, o Senhor também me ajudou. Percebi que alguns dos soldados que nos revistavam já estavam entediados com o seu trabalho e se tornavam bem descuidados. Eu dava um jeito de ficar na fila deles e evitava os mais diligentes.

É incrível lembrar as coisas de que era possível se safar apenas por conhecer os revistadores. Mas é claro que esse conhecimento não veio da noite para o dia. Só passei a saber dessas coisas mais ou menos no quarto ano de confinamento. Em um dos campos no norte do Cazaquistão, os outros prisioneiros e eu éramos levados todos os dias para trabalhar numa fábrica de tijolos. Lá, me tornei amigo de um homem chamado Kirillov, um dos empregados civis. Ele era responsável pelos registros. Sua função era contar e registrar o número de tijolos que produzíamos.

Logo descobrimos que Kirillov nutria simpatia profunda por nós, devido à condição de cativos, pois ele próprio havia passado vários anos preso. Assim, vários prisioneiros começaram a escrever cartas para a família, as escondiam dos revistadores e as entregavam para Kirillov enviar. Ele nunca recusava as cartas, mesmo que, desse modo, estivesse colocando em risco a própria liberdade.

E foi assim que me tornei muito útil aos meus colegas prisioneiros. Os familiares e amigos queriam muito ter fotografias dos seus queridos que estavam distantes. Mas, obviamente, nenhuma câmera era permitida. Contudo, como eu era formado em Artes, os outros prisioneiros começaram a me pedir que fizesse desenhos deles em lápis ou pintasse retratos com tinta e caneta. Depois que a “conexão Kirillov” foi estabelecida, ele recebia os retratos e os enviava clandestinamente. E, além de enviar as imagens, ele ainda se disponibilizava para levá-las até a cidade, pedir a um fotógrafo que fizesse cópias delas, para que vários parentes pudessem ver o rosto de seus queridos e matar a saudade. Um dos presos, cujo rosto eu desenhara a lápis, ficou tão agradecido que me presenteou com uma impressão fotográfica, a qual eu guardo com carinho por mais de cinquenta anos.

Tenho em grande conta a memória do nobre Kirillov, que não hesitava em se engajar num perigoso jogo dia após dia. Ele me passou o endereço de sua casa, para que minha mãe pudesse enviar livros por meio dele. Quando chegavam, ele os contrabandeava para dentro da fábrica. Assim, logo tive a alegria de possuir a Bíblia inteira e dois volumes dos *Testemunhos Para a Igreja*, em alemão, língua que meus pais me encorajaram a aprender para que eu tivesse acesso aos livros de Ellen White traduzidos para esse idioma.

Agora que eu tinha uma Bíblia, aproveitava cada oportunidade para lê-la. Diversas vezes me voltava para os versos que o Senhor me havia apontado

alguns dias depois de ser preso na Letônia. Eu os citarei aqui usando a Nova Versão Internacional, com exceção das quatro últimas palavras, que coloquei em itálico e que se encontram traduzidas diretamente da minha Bíblia em russo:

“Bendigam o nosso Deus, ó povos, façam ressoar o som do seu louvor; foi Ele quem preservou a nossa vida impedindo que os nossos pés escorregassem. Pois Tu, ó Deus, nos submeteste à prova e nos refinaste como a prata. Fizeste-nos cair numa armadilha e sobre nossas costas puseste fardos. Deixaste que os inimigos cavalgassem sobre a nossa cabeça; passamos pelo fogo e pela água, mas *o Senhor nos libertou*” (Salmo 66:8-12).

Querido Deus, eu orava, estou aqui deitado num beliche do alojamento de um campo de concentração. Há homens amontoados em cima de mim, embaixo de mim e ao meu redor. Como o Senhor irá me libertar? O sistema soviético parece tão fixo, tão resistente a mudanças. Como o Senhor trará a luz do evangelho para nossa nação? Eu não sei como o Senhor fará, mas estou certo de que o Senhor tem a solução.

É possível que alguém esteja pensando que o campo de trabalho forçado seria um lugar propício para compartilhar com os outros minha esperança e fé em Deus e em Suas promessas. Mas essa não era a realidade. Éramos continuamente oprimidos e humilhados, vivíamos desencorajados e famintos. Era muito difícil ter esperança. Eu consegui, sim, encontrar uns poucos amigos que se interessavam pelas coisas espirituais e posso dizer que alguns deles começaram a aceitar a Cristo.

Contudo, é triste lembrar que conheci muitos cristãos amargurados também, incluindo um homem que chamarei de Ivan. Ele pertencera a um ramo dissidente da Igreja Adventista. Eu sentia profunda tristeza por ele, pois, além de ser muito crítico em relação ao movimento adventista tradicional, demonstrava ser uma pessoa extremamente infeliz. Ivan havia sido enganado por pessoas que enganaram a si mesmas. Apesar de algumas diferenças, nos encontramos diversas vezes para compartilhar nossas experiências.

O maravilhoso poder celestial, a despeito das adversidades, rompia ocasionalmente as barreiras. Certo sábado, enquanto caminhava entre dois alojamentos, vi Ivan e outro homem que eu não conhecia conversando, sentados.

– Mikhail, – Ivan me saudou – deixe-me lhe apresentar meu amigo Nicolai. Ele acabou de chegar ao campo.

Estendemos as mãos e nos cumprimentamos. Ele parecia ter mais ou menos a

minha idade.

– É um prazer conhecê-lo – eu disse.

Depois de olhar ao redor e de se certificar de que não havia ninguém mais nos escutando, Ivan perguntou:

– Tem aí alguma coisa pra ler pra gente?

Olhei de relance para Nicolai. Ele parecia confiável.

– Claro – eu falei, enquanto colocava a mão no bolso. – O Novo Testamento que minha mãe enviou está aqui.

– Leia alguma coisa – Ivan insistiu.

Coloquei o livro junto ao peito e li um capítulo em voz baixa, traduzindo do alemão. De tempos em tempos, lançava um olhar para Nicolai e observei que ele me fitava com muita atenção. Quando concluí a leitura do capítulo, fechei o livro e o coloquei furtivamente dentro do bolso, para evitar ser visto por um guarda que porventura estivesse passando por ali.

– Por favor, continue. – Nicolai falava baixo, mas com insistência. – Leia um pouco mais!

Surpreso, voltei de novo o olhar para ele. *Esse indivíduo existe?*, pensei comigo mesmo. *É tão difícil encontrar pessoas com essa sede pela Palavra de Deus!*

– Claro – respondi, enquanto tirava o Novo Testamento do bolso, o abria e continuava a leitura.

Não vi Nicolai novamente por um tempo. Como eu conhecia Ivan muito bem, suspeitei que ele pudesse ter enchido a cabeça de Nicolai com diversas mentiras sobre a Igreja Adventista e tentado impedir que mantivéssemos contato. Porém, várias semanas depois, Nicolai e eu fomos, juntamente com um grupo de prisioneiros, transferidos para outro campo. Ivan, assim como sua influência negativa sobre aquele jovem, foi deixado para trás.

O novo campo acabou se transformando numa agradável mudança de rumos para mim, pois, durante um período, não tive que realizar o trabalho árduo e estafante do campo anterior. O médico encarregado do hospital, também prisioneiro, ficou sabendo de minhas habilidades artísticas e me incumbiu da tarefa de decorar a clínica com placas atraentes e informativas. Trabalhei no hospital por algumas semanas e não tive dificuldades em ser liberado aos sábados. O médico era judeu. Por isso, entendia minha crença e não colocava objeções.

No segundo sábado nesse novo campo de concentração, encontrei Nicolai por acaso. Quando ele me viu, seus lábios se abriram num largo sorriso.

– Oi, Nicolai! O que aconteceu? Você parece tão feliz!

– É claro que estou feliz! – ele respondeu animado. – Vou lhe contar o que aconteceu. Hoje eu me recusei a ir trabalhar e então eles me jogaram numa cela de punição. O comandante do campo, em pessoa, foi me interrogar. Aí, eu lhe disse: “Se você permitir que eu folgue aos sábados, trabalharei em dobro no domingo.” Ele me olhou, com ar de quem achava aquilo muito esquisito. Mas, por fim, disse: “Se é isso que você quer, vá em frente e tire o dia de folga.” Então, alguns minutos depois, eles me soltaram!

Ouvi aquela história boquiaberto.

– Nicolai, então você está me dizendo que decidiu celebrar o sábado?

– É isso mesmo! – Seu sorriso cresceu ainda mais.

– Então você é meu irmão de fé – exclamei exultante, enquanto o envolvia em um abraço. – Hoje nós poderemos celebrar o sábado juntos!

Foi naquele mesmo sábado que ele me contou uma história surpreendente que seria fonte de força e encorajamento muitas vezes depois, em minhas próprias lutas pessoais.

Cerca de dois ou três meses antes daquele dia, Nicolai estava a mais de 1.500 quilômetros de distância dali, num campo de concentração na região de Krasnoyarsk. Lá, seu trabalho era derrubar árvores nas densas florestas da Sibéria. Nicolai era extremamente religioso. Essa foi a primeira característica que observei em meu novo amigo. Ele fora criado na Igreja Uniata, uma igreja cristã oriental que reconhece a supremacia do papa, mas que mantém suas próprias tradições canônicas, litúrgicas e espirituais distintas.

– Desde criança, aprendi a nunca trabalhar nos dias festivos da igreja – ele me contou. – Contudo, naquele verão, quando chegou um dia festivo, os guardas me forçaram a ir para a floresta com o restante dos prisioneiros. Eles me mostraram a árvore que eu deveria derrubar. Naquele momento, uma forte tempestade começou. Por causa disso, os outros presos correram e se esconderam embaixo de uma árvore. Eu, não. Ajoelhei-me ao lado da árvore que me havia sido designada. Meu pecado me causava profunda dor. Então orei: “Senhor Deus, por favor, me perdoe! Quando eu sair da prisão, nunca mais farei qualquer tipo de trabalho nos dias festivos da igreja!”

Nicolai contou que, subitamente, ele foi rodeado por uma luz brilhante. Estupefato, viu um anjo que havia aparecido e voava bem próximo a ele. Usando a língua materna de Nicolai, o ucraniano, o anjo disse: “O dia santo do Senhor é o sábado.”

A luz se esvaiu e o anjo se foi. Nicolai permaneceu de joelhos por alguns

momentos, absolutamente pasmo. Então, ele se levantou e correu para contar aos outros prisioneiros o que havia acabado de ouvir e ver.

– Pela expressão do meu rosto, – Nicolai explicou – os outros eram capazes de perceber que algo extraordinário havia acontecido, mas não sabiam o que dizer. Eles simplesmente balançaram os ombros e se entreolharam, intrigados.

Não encontro palavras suficientes para demonstrar o quanto a história de Nicolai me encorajou. À medida que estudávamos juntos a Bíblia nos meses que se seguiram, pude ajudá-lo a fortalecer ainda mais a fé e compartilhar as três mensagens angélicas que foram confiadas a nossa igreja.

A tarefa de pintar as placas do hospital terminou rapidamente e tive que trabalhar, com os outros, na fábrica de tijolos localizada perto do campo. Mas, pelo menos, tinha Nicolai como colega de trabalho e como alguém com quem podia compartilhar minhas lutas. O privilégio de folgar aos sábados foi logo tirado do meu amigo. Por isso, a cada sábado, tínhamos que driblar as dificuldades para encontrar tempo para observar o dia santo do Senhor. Sempre que me recordo daqueles dias, agradeço a Deus por me enviar uma pessoa com fé e dedicação tão genuínas que me foram verdadeira bênção naquela época difícil.

Hoje, mais de cinquenta anos depois, consigo me lembrar de um momento especialmente irônico no campo. Era sábado e os guardas estavam fazendo vistorias em cada um daqueles que, por algum motivo, se recusavam a trabalhar. De algum modo, eles não conseguiram localizar Nicolai, mas me acharam, algemaram minhas mãos atrás das costas e me mandaram sentar no chão. Enquanto eu permanecia ali sentado, com as algemas machucando os punhos, comecei a ouvir pelo alto-falante do campo uma conhecida música patriótica comunista:

Quão ampla e bela é nossa terra

Onde todos respiram tamanha liberdade...

Que paradoxo era ouvir essas palavras enquanto estava sentado no chão algemado!

Enquanto eu escrevo este livro, em 2007, Nicolai vive com sua fiel família adventista na cidade de Vinnitsa, na Ucrânia. Durante uma cruzada evangelística realizada em 2004 pelo pastor Mark Finley em Kiev, Nicolai compartilhou com o público a história de como o Senhor graciosamente lhe revelara a verdade acerca do sábado.



O ser (des)humano

Uma das consequências cruéis de um sistema político que, em primeiro lugar, tenta ensinar que não existe Deus e que, em seguida, aprisiona as pessoas arbitrariamente é o sentimento medonho de desespero que toda essa situação desperta. Por ser cristão, conseguia olhar além das cercas de arame farpado para uma Terra gloriosa e transformada. Porém, meus amigos ateus não tinham a mesma segurança que provém da confiança em um Deus de amor. Alguns prisioneiros se suicidavam. Outros tentavam escapar, na maior parte das vezes, sem sucesso.

Certa noite, durante uma forte tempestade invernal de neve, quando a neve havia se erguido até o topo da cerca que contornava o campo, dois de meus amigos tentaram passar por ela. Um guarda alerta, que observava o local através dos flocos de neve que caíam, teve a impressão de ver algum movimento do lado de fora do campo e acionou o alarme. Todos os prisioneiros foram despertados e contados. Meus dois amigos não se encontravam em parte alguma. O comandante enviou esquadrões com cães e eles foram encontrados a quarenta quilômetros do campo. Depois de serem espancados impiedosamente, foram algemados e escoltados de volta. Como estavam impossibilitados de colocar as mãos no bolso, elas congelaram. Alguns dias depois, os membros escurecidos tiveram que ser amputados.

Se tão-somente aqueles homens tivessem esperado um pouco mais! Um mês depois, Stalin, o cruel ditador, morreu. Embora a rotina para os prisioneiros dos campos tenha se mantido a mesma durante algum tempo, muitas pessoas sentiram uma pontinha de esperança no coração de que, de algum modo, as coisas poderiam mudar para melhor. Até hoje, do profundo do meu ser, me arrependo por não ter conseguido convencer aqueles dois amigos a respeito da beleza das boas-novas. Ou talvez eles tenham prestado atenção em meu

testemunho sobre um Deus que não Se esquece de nós e que, em tempo oportuno, nos resgataria da opressão, mas mesmo assim resolveram ignorá-lo. Eles não me deram sinal algum do grupo ao qual pertenciam.

Mas minha fé conseguia causar efeito em outras pessoas. Minha sentença estava se aproximando do fim e muitos dos outros prisioneiros sabiam disso. Certo dia, um homem se aproximou de mim no alojamento.

– Venha aqui fora comigo para que ninguém nos ouça – ele disse.

Assim que chegamos do lado de fora, ele fixou os olhos em mim com expressão séria.

– Eu sei que já está chegando o dia em que você será solto. Sei também que você é cristão. Tenho um pedido especial para lhe fazer.

– Caso me seja possível, terei prazer em realizar esse pedido – assegurei.

– Eu era engenheiro em Moscou e minha família ainda mora lá. Minha sentença é muito longa e não faço ideia de quando ou se vou me encontrar novamente com meus amados. Por isso, gostaria de pedir que você me fizesse um enorme favor. Quando sair deste lugar, vá à igreja e ore por minha querida esposa e pelos meus filhos.

Comecei a piscar rapidamente, para não permitir que lágrimas se formassem em meus olhos.

– Fique tranquilo. Vou fazer isso, sim. Pode ter certeza.

Querido Deus, por favor, coloque agora em minha boca as palavras que eu preciso dizer para confortar a alma necessitada desse homem.

Enquanto ponderava sobre o que falar, o homem enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma colher.

– Quero que você fique com isto – ele disse. – Pode ser útil para você na vida do lado de fora e também servirá como lembrete do meu pedido.

– Não vou esquecer do que você me pediu – prometi. – Sabe, respeito sua crença de que é importante orar dentro da igreja. Mas tenho boas notícias para você! Eu já li a Bíblia de capa a capa e descobri que Jesus nunca disse que as orações precisam ser feitas em lugares especiais para que sejam respondidas. Pelo contrário, Ele disse certa vez que orações feitas em particular atingirão o coração de Deus.

Ele ficou me encarando, com um raio de esperança nos olhos.

– Isso é sério?

– Pode ter certeza que sim – garanti. – Posso orar por você agora?

– Aqui?

Ele olhou em volta com medo, examinando para ver se havia algum guarda

nos vigiando. Segurei as mãos daquele homem e comecei a orar, mencionando o nome dele e dos membros de sua família. Ele começou a soluçar e senti, em suas mãos, os arrepios de sofrimento. Que o Senhor ajude cada um de nós a nos lembrarmos de orar sempre por aqueles que estão sofrendo ao nosso redor e também pela reunião da grande família de Deus no Céu!

Um dos aspectos mais sombrios do comunismo soviético, sob a direção de Stalin, é que não havia respeito algum pelas pessoas. Certo dia, enquanto cumpria pena no campo de Dubravlag, na Mordóvia, tive a oportunidade de ver um novo grupo de prisioneiros chegar. Entre eles se encontrava um homem cujo rosto me parecia muito familiar.

Aquele homem parece Leonid Sobinov, o cantor de ópera mundialmente famoso. Mas não pode ser. Sobinov já morreu.

Aproximei-me daquele homem de meia-idade.

– Com licença, seu nome é Sobinov?

Ele me olhou, parou um pouco e disse, por fim:

– Sim. Eu me chamo Boris Sobinov.

– Você é filho de Leonid?

– Isso mesmo.

– Não acredito que estou conversando com Boris Sobinov! – exclamei. – Seu pai era conhecido como o Orgulho da Rússia. Vocês dois realizaram concertos em todo o país. Suas habilidades como pianista virtuose e compositor são lendárias. É um grande privilégio conhecê-lo.

Mas a pergunta que fervilhava dentro de mim era a seguinte: “Mas por que você está *aqui*?”

Por algum motivo, esse talentoso músico simpatizou comigo e nos tornamos bons amigos. Certo dia, ele me contou sua trágica história. Em 1917, após a Revolução Bolchevique, vários oficiais do exército leais ao czar deixaram o país, levando consigo o jovem músico de seu regimento, Boris Leonidovich Sobinov, então com 22 ou 23 anos. Ele foi parar em Berlim, onde terminou seus estudos de música e com o tempo se tornou professor do conservatório da cidade. Ele e a esposa não tiveram filhos e se dedicavam de maneira integral à música, até mesmo enquanto a Segunda Guerra Mundial assolava tudo ao seu redor.

– Embora morasse na Alemanha, – ele me explicou – eu continuava sendo um russo patriota. Fiquei feliz quando o exército russo e os Aliados derrotaram os nazistas. Quando as tropas soviéticas entraram em Berlim, recebi nossos libertadores de braços abertos. Fiquei amigo de vários oficiais e os recebia cordialmente em meu luxuoso apartamento. Eu os levei para passear pela cidade

e conhecer os bonitos edifícios e outros locais que não haviam sido destruídos pelas bombas.

De repente, essa camaradagem chegou ao fim. Alguém que possuía um alto cargo na hierarquia russa tomou uma decisão arbitrária, brutal e desprovida de sentido. Assim, certo dia, alguns dos oficiais amigos de Boris bateram à sua porta.

– Por favor, saia – disse um deles.

Boris passou para o lado de fora da porta e perguntou:

– O que está acontecendo?

– Boris Leonidovich, – um dos oficiais tomou coragem para responder – embora nutramos respeito pessoal profundo por você, recebemos a incumbência de prendê-lo.

Apenas uma pessoa como eu – que havia visto esse tipo de coisa acontecer repetidamente – conseguia começar a entender o choque proveniente de tamanha injustiça. Para Boris, isso não fazia o menor sentido.

– Mas por quê? – ele gaguejou. – O que eu fiz?

– Por favor, venha conosco.

Logo depois de ser preso, Boris foi transportado de volta para a Rússia, acusado de atividades contrarrevolucionárias e sentenciado a dez anos de trabalho em campos de concentração. Imagine um músico sensível, com a mente repleta de sinfonias nunca escritas, os dedos trêmulos com concertos de piano jamais tocados, sentado próximo a um forno aberto na Bielorrússia, arrancando piolhos e mais piolhos do corpo para depois jogá-los ao fogo!

Nossas tarefas diárias em Dubravlag consistiam em marchar escoltados até a floresta para derrubar árvores ou realizar variados trabalhos agrícolas. Eu sentia muito pesar ao ver o sofrimento físico e mental daquele homem.

– Tenho me perguntado, Boris Leonidovich, – eu disse a ele, finalmente, depois de reunir coragem – se tenho a permissão de saber se você acredita em Deus.

Ele sinalizou que não com a cabeça.

– Sempre tive muito pouco em comum com a religião. Na Alemanha, as pessoas me perguntavam: “Você é luterano ou católico?” E eu sempre respondia: “Sou músico.”

De fato, Boris Sobinov vivera da e pela música. Tendo alcançado sucesso estonteante como pianista, ele considerava a falta do instrumento musical mais penosa do que a atmosfera sombria ou o trabalho pesado.

Mas, certo dia, me deparei com um novo e animado Boris. Era como se ele

tivesse ressuscitado dos mortos.

– Acabei de conversar com Devetaykin, o diretor do Departamento Cultural e Educacional! – ele me contou, entusiasmado.

Acredito que, neste ponto, preciso responder à pergunta que deve ter deixado muitos dos meus leitores de sobrelhas erguidas: “Centro de Desenvolvimento Cultural num campo de trabalho forçado soviético?”

É isso mesmo. Muitos dos campos stalinistas mantinham departamentos de educação e cultura – uma maneira que os comandantes encontraram de fazer de conta que estavam reeducando os encarcerados. E o Sr. Devetaykin era de fato o chefe desse departamento no nosso campo. Ele era a pessoa responsável por cuidar da entrega de alguns jornais comunistas no campo (umas poucas cópias ficavam disponíveis numa mesa em um pequeno cômodo de um dos alojamentos). Ele também tinha o encargo de nos controlar e conduzir rumo “à direção apropriada da educação comunista”, o que significava que ele supervisionava cada tentativa dos prisioneiros de se entreterem com música, canções folclóricas ou poesia. Na realidade, era apenas outra forma de despersonalização.

Impressionado pela mudança no humor de Boris, perguntei:

– E o que o diretor Devetaykin disse?

– Pelo que entendi, – Boris replicou com voz trêmula – nosso campo receberá um piano em breve!

A ideia de poder finalmente voltar a tocar o instrumento teve um impacto profundo sobre meu amigo. Ele batia os pés no chão repetidamente, contorcia as mãos, massageava os dedos, se perguntando se ainda teria habilidade para tocar. Em seu rosto era possível identificar uma mistura de alegria e preocupação. Dia após dia, ele esperava pelas boas-novas.

Mas o piano nunca chegou. Parece que o diretor Devetaykin, ao invés de entregar o piano ao campo, resolveu levá-lo para a própria casa. Boris Sobinov ficou arrasado.

Pouco tempo depois, ele e alguns outros prisioneiros foram levados para trabalhar fora da zona da floresta. À noite, quando retornaram, descobri que a tarefa deles havia sido a de escavar e retirar o conteúdo das latrinas externas usadas pelos guardas. Foi terrível ver a expressão no rosto daquele ex-professor do Conservatório de Berlim. Ele parecia completamente destruído, esmagado pela humilhação que teve de suportar.

A partir daquele momento, a personalidade dele começou a mudar. Boris, que era usualmente polido e amigável, começou a usar linguagem indecorosa. Talvez

seja surpreendente para você o fato de saber que, em condições normais, mesmo em campos de concentração, somente as pessoas mais cínicas e mais endurecidas xingavam ou usavam palavreado obsceno na frente dos cristãos. Os presos sabiam que eu era cristão e, quando se esqueciam e usavam linguagem chula, em geral me pediam desculpas.

Boris percebeu que eu estava admirado e triste devido à sua mudança de comportamento. Isso o deixou desconfortável. Certo dia, provavelmente desesperado para abrir o coração com alguém, ele me disse, com voz trêmula:

– Olhe! Apenas olhe o que eles fizeram comigo! Eles não têm respeito algum pelas pessoas. Não têm respeito algum pela história, nem pela cultura! Eles não respeitam nem a *si mesmos*!

Em seguida, como que tentando justificar a mudança em sua personalidade, ou talvez na tentativa de acalmar a própria consciência, ele me contou sobre sua juventude.

– Quando era garoto, eu tinha uma natureza violenta e o pavio muito curto. Quando alguém me irritava, eu pegava o que estivesse por perto, mesmo que fosse um prato valioso, e lançava contra o chão. Mas, com o tempo, minha esposa me ajudou a mudar. Ela é uma pessoa calma, sóbria, cheia de autocontrole. Toda vez que eu explodia de irritação ou de raiva na presença dela, ela nunca respondia à altura. Em vez disso, me olhava com olhos gentis e compreensivos. Isso me ajudava a acalmar e a me recompor. Mas agora – ele resmungou – minha velha e má natureza está de volta.

Ele e eu fomos separados e nunca mais nos encontramos. Durante vários anos, nunca soube como sua trágica vida terminou. Há pouco tempo, descobri que Boris Leonidovich Sobinov foi, por fim, “exonerado” e liberto da prisão em 1955, um ano antes de morrer de câncer. Muitas vezes me lembro dele com tristeza. Fico pensando em quantas pessoas responsáveis e inteligentes perdem a oportunidade de responder ao chamado de Deus e aceitar o presente de Sua graça, a qual é capaz de transformar nossa natureza pecaminosa e nos levar à vitória sobre o eu.

Fui transferido novamente. Eu e centenas de outros prisioneiros, em sua maioria jovens, fomos depositados em vagões de carga de um trem e transportados de Dubravlag para um campo denominado Peschlag, no norte do Cazaquistão. Cada vagão possuía dois níveis de camas de tábuas, um pequeno barril com água para beber (todos compartilhavam a mesma caneca) e um barril grande para as necessidades físicas. Uma ou duas vezes por dia, o trem parava e

dois de nós – acompanhados por guardas – tínhamos a incumbência de carregar o barril para uma vala de escoamento e depositar ali o conteúdo. Durante as paradas, os guardas davam uma fatia de pão e um pedaço de peixe salgado para cada um de nós. Em seguida, eles nos amontoavam em uma das extremidades do vagão e batiam nas paredes com grandes martelos de madeira, para se certificar de que ninguém havia feito buracos de escape.

Finalmente, chegamos a um acampamento de trânsito, onde ficamos por alguns dias aguardando, presumo eu, que os documentos necessários para irmos a um dos vários campos da região fossem preparados. Era inverno e fazia um frio terrível. Havia fornalhas de carvão nos alojamentos para prover o aquecimento necessário. Mas eles estavam tão superlotados e tão empesteados com o mau cheiro proveniente do barril de urina que muitas vezes eu precisava sair para conseguir respirar um pouco de ar fresco. Uma coisa que os guardas não podiam esconder de nós era o céu noturno, lindo, sem nuvens. Enquanto caminhava entre os alojamentos, eu olhava para cima e contemplava as estrelas cintilantes.

Querido Pai, eu orava, o Senhor tudo vê, o Senhor tudo sabe e o Senhor tem domínio sobre todo o mal para o bem eterno daqueles que confiam em Ti. Sei que Tu tens um plano para minha vida.

Sempre me sentia mais forte depois de cada oração. Então, corria de volta para o alojamento não apenas porque os guardas nos trancavam ali pontualmente às 21h, mas na expectativa de conseguir uma das camas de tábuas para dormir. Havia mais de duzentos prisioneiros naquele ambiente e quem perdesse tempo acabava tendo que se deitar na terra fria.

Mas mesmo aqueles que tinham a sorte de conseguir uma cama para dormir ainda sofriam com a superlotação. Precisávamos deitar de lado, encaixados como colheres, condenados a passar a noite na mesma posição, pois, se alguém quisesse se virar, todos na cama teriam que fazer o mesmo. Além disso, havia outra tortura: as camas eram muito curtas. De todo jeito que eu tentava arrumar as pernas, meus pés sempre acabavam do lado de fora. Essa tormenta noturna permaneceu como uma lembrança dolorosa ao longo de toda a minha vida.

Finalmente, nossos documentos ficaram prontos e um dia, em janeiro de 1951, os guardas, armados com rifles, se posicionaram do lado de fora dos alojamentos.

– Juntem seus pertences! – eles gritaram. – Vamos levá-los para seu novo campo!

Carregando nossas trouxas, saímos cambaleando pela neve.

– O novo campo fica a 16 quilômetros daqui – um guarda gritou. Precisamos chegar lá na hora do sol se pôr. Vamos lá! Comecem a correr.

– Eles estão malucos – alguém murmurou bem baixinho. – Não podem nos fazer correr o dia inteiro.

Mas fizeram. E, finalmente, no pôr do sol, chegamos vacilantes ao novo campo de concentração. Através do cansaço e do suor, consegui divisar opacamente alguns alojamentos novos. Escolhi um e corri para dentro, me escondendo do frio. Assim que todos entraram, os guardas nos trancaram. Exaustos e suados por termos sido obrigados a correr enquanto carregávamos nossos pertences, depois de termos comido peixe salgado antes de começar aquela horrenda maratona, só havia um desejo em nossa mente: água! Procuramos em todos os cantos do alojamento, mas só encontramos um balde sujo com um líquido misterioso dentro. Eu estava com tanta sede que tive coragem de molhar os lábios naquele fluido antes de cair num sono profundo num beliche de tábuas, morto para o resto do mundo.

– Levantando! Levantando!

Foi com o grito dos guardas que me dei conta de que já era de manhã.

Nossa primeira tarefa foi deixar os alojamentos prontos para receber pessoas. Não havia água encanada. E, de fato, o fornecimento de água continuaria a ser um problema durante todo o tempo em que ficamos ali. Finalmente, alguém teve a ideia de levar baldes de neve para derreter perto da fornalha. Mais ou menos meio-dia, chegaram pães e cereais, e logo estávamos instalados e de volta à rotina de campo. Uma semana depois, nossa *banya* (casa de banho) foi aberta e tínhamos permissão de nos banharmos a cada dez dias. Entretanto, cada um recebia somente uma – e às vezes apenas meia – bacia de água. Não é preciso imaginação fértil para chegar à conclusão de como era a qualidade do nosso banho.

As noites eram um pouco mais tranquilas. Ainda dormíamos em camas de tábuas, mas eram beliches de dois andares para quatro pessoas: duas em cima, duas embaixo. Os colchões e travesseiros eram cheios de palha, a qual era repostada de tempos em tempos.

Dedicamos o restante daquele inverno a construir novos alojamentos. Era um trabalho desalentador. Um dos motivos é que não estávamos trabalhando em projetos úteis, como a construção de pontes ou estradas, mas simplesmente erigindo mais lugares para abrigar prisioneiros tão miseráveis como nós. Porém, ainda mais desanimadoras eram nossas condições de trabalho. Os meses do inverno haviam congelado o chão. Mesmo assim, tínhamos que cavar buracos

para os alicerces dos novos alojamentos. Nossas únicas ferramentas para isso eram pás, picaretas e pés-de-cabra. Essas ferramentas ricocheteavam para fora do solo. Mesmo sendo de metal, conseguiam extrair apenas pequenas partículas por vez.

– Vamos fazer uma fogueira em cima dos lugares onde precisamos cavar – alguém sugeriu. – Talvez isso ajude a amolecer o solo.

Então, pegamos uma pilha de gravetos, acendemos e aguardamos com paciência, enquanto a madeira queimava e se transformava em brasas. Colocamos os tições de lado e voltamos a cavar.

– Não fez a menor diferença – um dos prisioneiros gritou. – O chão continua duro como sempre!

Num dia difícil como aquele, observei que um preso, cuja idade girava em torno dos 40 anos, estava se comportando de forma estranha. Em sua face havia uma expressão de profundo desespero e ele estava golpeando a terra com seu pé-de-cabra o mais rápido e forte que conseguia. Embora estivesse tossindo e engasgando sem nenhum controle sobre si mesmo, continuava cavando.

– Calma! – eu chamei a atenção dele. – Desse jeito você vai acabar se matando.

Ele me encarou com um brilho nos olhos:

– Exatamente. É isso que estou tentando fazer: sobrecarregar o coração. Se eu não morrer, talvez eles me levem para o hospital. Se eu ficar com alguma deficiência, aí eles vão me liberar deste trabalho.

Faltava pouco tempo para o fim dos meus dias de prisioneiro. Mas ainda havia provas e tragédias à minha frente.



Nada a perder

A vida no campo de concentração ficou um pouco mais fácil quando o verão chegou. Além de podermos desfrutar de um clima mais agradável, não tínhamos mais que passar o tempo inteiro ali dentro. Todas as manhãs, os guardas nos acordavam com seus gritos, nos contavam e nos conduziam por uma caminhada de mais de 1,5 quilômetro até uma fábrica independente de tijolos. Seguramente cercada por arame farpado, essa enorme indústria era constituída de uma mina aberta de extração de terra própria para fazer tijolos, de uma estação de modelagem, câmaras para secagem e fornalhas. Três turnos de duzentos prisioneiros trabalhavam na fábrica, sendo que o turno da noite era composto por mulheres de um campo de concentração próximo. (Era cômico – e, por vezes, trágico também – ver os homens e mulheres, durante a mudança de turno, tentando fazer sinais uns para os outros com olhares, gestos ou tentativa de comunicação oral.)

Um dos meus amigos na fábrica era um jovem chamado Anatoly. Ele era um dos vários jovens que haviam crescido em Moscou e que compunham a “juventude de ouro” – filhos dos mais bem posicionados governantes soviéticos e membros do Partido Comunista. Mas Anatoly se destacava ainda mais entre os componentes dessa classe privilegiada. Seu rosto demonstrava uma espécie de nobreza interior que eu não conseguia ver nos outros.

Será que ele é cristão?, eu me perguntava. Mas, depois de algumas conversas cuidadosas com ele, percebi que Anatoly não partilhava de minhas convicções religiosas. Para falar a verdade, esse assunto nem sequer o interessava.

E eu sei por quê, pensei suspirando. *Meu país se encontra imerso em seu ateísmo militante. Assim, se alguém não nasce numa família com forte tradição religiosa, ou se o sofrimento não leva a pessoa a procurar fé em algo maior que si mesma, que tipo de esperança é possível ter?*

Mas Anatoly tinha um coração grande e nobre.

– Seu cristianismo não me chama a atenção – ele me disse, certa vez. – Mas você tem o direito de crer no que quiser.

E, quando outros jovens faziam chacota sobre minha fé em Deus, Anatoly sempre me defendia. Ele não falava muito sobre si mesmo. Mas, gradualmente, a partir do que os outros sabiam sobre ele, consegui entender um pouco de sua história.

– O que Anatoly fazia em Moscou? – perguntei a um amigo dele. – Ele se porta e fala como alguém que fazia parte da *intelligentsia*.^[1]

O amigo deu risada.

– Ele era um simples operário numa fábrica.

– Sério? – balancei a cabeça incrédulo. – Mas com as conexões que ele tem? E a alta posição dos pais dele?

– Estou lhe dizendo a verdade. O pai e a mãe de Anatoly faziam parte do pequeno grupo de membros do partido que realmente acredita nos ideais do comunismo.

Ele riu ainda mais.

– Acredite você ou não, existe esse tipo de pessoa. Gente que acredita de verdade no sistema comunista, olha ao redor, vê toda a corrupção existente no governo de Stalin e se recusa a usar a posição privilegiada para benefício próprio ou da família.

Ele cumprimentou Anatoly, que estava conversando em um grupinho ali perto.

– O pai dele poderia ter feito uma única ligação telefônica ou pedido a recomendação de algum amigo influente e Anatoly teria a chance de estudar de graça na universidade de maior prestígio em Moscou. Mas não, o pai e a mãe dele eram comunistas verdadeiros e disseram que ele deveria ganhar o próprio sustento de forma honesta.

– E tem mais uma coisa esquisita – aquele amigo continuou. – Você sabe que a mãe de Anatoly é membro do alto escalão do Comitê Central do Partido Comunista, certo? Ah, você não sabia? Mas ela é. E está tendo tanta dificuldade como a sua em tentar mandar comida para o filho.

– Por quê? – perguntei. – Minha mãe está passando muita fome, mas com certeza a mãe de Anatoly tem fartura de comida.

– Sim, mas ela precisa tomar cuidado. Não se esqueça, Anatoly é um “inimigo do povo soviético”. Ela precisa demonstrar fé no sistema judicial do Estado. Do contrário, eles podem prender algum de seus outros filhos.

Eu não sabia, naquela época, que a KGB, com o aval de Stalin, não poupava sequer a família das pessoas mais próximas a ele. Mikhail Kalinin, presidente da União Soviética, teve que testemunhar, sem fazer nada, sua própria esposa ser acusada de atividades antissoviéticas e ser mandada para a prisão.

Sempre que Anatoly e eu recebíamos pacotes de casa, compartilhávamos um com o outro. Certa vez, mamãe enviou uma pequena porção de cevada em grão, que eu levei no dia seguinte para a fábrica de tijolos. Na hora do almoço, Anatoly e eu achamos um balde de latão, colocamos água dentro dele e fizemos a cevada em cima de um forno de carvão. Havíamos levado colheres do acampamento e, embora não tivéssemos sal nem qualquer outro tempero, devoramos aquela cevada, raspando até o último restinho do balde.

Certa manhã, mais no fim do verão, começamos nossa caminhada usual até a fábrica de tijolos. Os guardas, com rifles de prontidão, gritavam as ordens costumeiras:

– Não se adiantem! Não fiquem para trás! Um passo para a direita ou um passo para a esquerda será considerado fuga. Atiraremos imediatamente sem qualquer aviso!

Enquanto andávamos apressados, Anatoly chegou perto de mim.

– Misha – ele disse baixinho.

– O quê?

– Eu decidi dar um tempo hoje.

Virei a cabeça tão rápido que o pescoço chegou a doer.

– Você decidiu fazer *o quê*?

A voz dele se tornou um suspiro delicado:

– Eu vou fugir com alguns outros caras.

– Você está ficando maluco? *Ninguém* consegue fugir! Você sabe disso. E, caso conseguisse escapar, iria para onde? Como seria possível se esconder da KGB?

Anatoly deu de ombros e, com um toque de ironia na voz, citou uma famosa frase de Karl Marx no *Manifesto Comunista*:

– “Não temos nada a perder, a não ser nossas algemas.”

Ele só pode estar brincando, pensei. Isso é absurdo. Ele sabe disso.

A ideia é tão impossível que não consigo nem assimilá-la direito. Deve ser papo furado de prisioneiro, ou quem sabe a expressão dos seus desejos.

Mas eu estava enganado.

Meia hora depois, eu estava trabalhando no setor de modelagem, carregando tijolos crus. De repente, ouvi disparos.

– Todos parem agora! – bradaram os guardas. – Em formação imediatamente!

Enquanto corríamos para o pátio, ouvimos as mesmas ordens serem repetidas em todas as áreas da fábrica.

À medida que o grupo crescia, os murmúrios ficavam mais altos, pois várias testemunhas oculares chegavam e começavam a contar a história. Todos os dias, caminhões de depósito eram carregados com tijolos e levados para fora dos portões da fábrica. Mas, enquanto estavam vazios, ficavam estacionados a certa distância, longe dos guardas. Pode parecer estranho que os caminhões vazios não fossem vigiados, mas a atenção da equipe de segurança se voltava para a possibilidade de fuga embaixo dos carregamentos de tijolos. Para evitar que isso acontecesse, os guardas tomavam amplas precauções, como olhar embaixo do caminhão e colocar bastonetes de metal cortante entre os tijolos.

Depois que todos os relatos das testemunhas oculares foram ouvidos e comparados, chegamos a uma conclusão sobre o que acontecera. Quatro prisioneiros estavam envolvidos no esquema: Anatoly e três amigos. Eles haviam planejado a ação cuidadosamente, pensando em todos os ângulos possíveis. Nisso, descobriram a única fraqueza: os caminhões vazios que não eram vigiados. Nesse dia, vários caminhões chegaram de uma só vez. Anatoly e seus amigos escolheram o maior e mais novo dentre eles e se esconderam ali antes que fosse carregado. Eles forçaram o motorista a sair e o renderam. Os três amigos subiram até a cabine e Anatoly escalou pela lateral do caminhão e se escondeu na carroceria.

O prisioneiro que ficou ao volante era motorista experiente. Ele colocou o motor para funcionar e se dirigiu, com a maior velocidade possível, em direção ao portão fechado. A barra de madeira que o mantinha trancado cedeu e ele se abriu. O caminhão foi em frente, se desviando para não atingir uma barra de metal mais pesada. Nessa manobra, quase matou um guarda, que conseguiu chegar para o lado a tempo.

Nesse momento, os guardas conseguiram se recuperar do susto e começaram a atirar no caminhão em fuga, que estava se dirigindo a velocidade máxima para a estrada que levava à cidade de Karaganda, a mais próxima de nosso campo de concentração. Os guardas que ficavam nas torres de vigia ouviram os tiros à distância. Quando viram o caminhão de depósito se aproximando a uma velocidade muito maior que a de costume, concluíram corretamente que uma fuga estava acontecendo e abriram fogo também.

Eles nem precisavam ter desperdiçado munição. A batida contra o primeiro portão havia perfurado o radiador do caminhão. A água começou a vazar e, quando o veículo estava próximo ao campo, o óleo do motor superaqueceu. Ao mesmo tempo em que a chuva de tiros vinda das torres atingia o caminhão, os pistões pararam de funcionar por falta de lubrificação e o veículo parou abruptamente.

Os três homens que estavam na cabine se esconderam do lado oposto aos disparos.

– Anatoly, pule! – eles gritaram da lateral do caminhão. – Nós ainda podemos conseguir!

Não houve resposta.

– Anatoly, venha logo!

Nenhuma resposta.

Um dos homens subiu na carroceria para ver o que estava acontecendo. Anatoly estava estatelado num dos cantos, terrivelmente ferido pelas balas provenientes das torres altas. Ele não tivera onde se esconder.

– Venha! – seu amigo gritou. – Nós o carregaremos.

Anatoly sinalizou que não com a cabeça.

– Não vamos sair daqui sem você!

– Estou morrendo – ele disse reunindo as últimas forças. – Vocês precisam ir.

Lançando um último olhar desesperado para o amigo, aquele jovem desceu da carroceria. Ele e os outros dois saltaram a vala e começaram a correr pelo campo. A essa altura, os guardas estavam saindo em bandos da área do campo, para perseguir os prisioneiros. Os fugitivos foram logo capturados, algemados e levados de volta para o campo, onde foram jogados em celas de punição. Outros guardas subiram na carroceria do caminhão e puxaram o agonizante Anatoly para o chão. Eles aproveitaram essa oportunidade para expressar de maneira brutal o sentimento que nutriam contra esse “inimigo do povo”, espancando-o e chutando-o sem misericórdia.

Depois de um tempo, os guardas nos conduziram do pátio da fábrica para o campo.

– Anatoly está morto – alguém me contou assim que cheguei. – Os guardas vão nos forçar a enterrá-lo.

Aquele seria meu primeiro funeral.

O corpo de meu amigo estava todo perfurado pelas balas e suas roupas tinham enormes manchas de sangue. Quando tirei a camisa dele, fiquei chocado ao perceber que seu corpo estava coberto de hematomas, provocados pelos

chutes dos guardas raivosos.

Um dos prisioneiros fez o caixão e, depois de termos vestido Anatoly com suas melhores roupas, o pusemos ali dentro. Foi então que tive uma ideia.

– Encontre um pedaço de latão – eu disse para um dos colegas de Anatoly.

– Por quê?

– Quero colocar o nome dele no metal – expliquei. – É possível que a mãe de Anatoly queira enterrá-lo em algum outro lugar.

Quando me trouxeram o latão, peguei um martelo e um prego e com eles escrevi o nome completo de Anatoly ali. Quando carregamos o caixão numa carroça, vários de nós – escoltados por guardas vigilantes – a seguimos para um lugar fora do campo, onde cavamos a sepultura num pedaço de solo árido.

A morte de Anatoly nos surpreendeu e deprimiu. Apenas vários dias depois é que consegui me lembrar da mãe dele. Como mencionei antes, mesmo fazendo parte do alto escalão do Partido Comunista, não havia favoritismo algum em relação a ela. Suspeitei que os comandantes do campo não se dariam ao trabalho de informá-la sobre a morte do filho e que as autoridades teriam ainda mais motivos para manter essa tragédia por baixo dos panos.

Preciso mandar uma mensagem para ela, decidi. Mas talvez eu deva tentar atenuar a situação. Obviamente, eu precisaria conseguir driblar, de algum modo, a censura. Então, escrevi um cartão postal que dizia algo mais ou menos assim: “Seu filho está muito doente”, e consegui enviá-lo clandestinamente através da gentileza de um trabalhador civil lá da fábrica de tijolos. Minha intenção era mandar outros cartões gradualmente revelando mais da verdade, mas faz tanto tempo que honestamente não me lembro se consegui fazer isso.

[1] Nota dos editores: na Rússia, o termo *intelligentsia* era usado para definir certa categoria de intelectuais.



Uma adorável surpresa no exílio

Sempre achei interessante que minha sentença de cinco anos em campos de concentração tenha terminado no mesmo mês da morte de Joseph Stalin. No dia 5 de março de 1953, Stalin morreu, e no dia 18, juntamente com outros prisioneiros cuja sentença havia terminado no mesmo período, troquei a vida nos campos pelo “banimento eterno”. Meu destino era uma remota vila de pescadores chamada Mirsikul, na região de Kustanai, no norte do Cazaquistão. Ela fazia parte da Sibéria ocidental, onde o frio invernal é severo e a população, esparsa.

Era um dia agradável de primavera quando, depois de parar por várias prisões de trânsito ao longo do caminho, me mandaram subir na carroceria de um caminhão velho e mal pintado, junto com outros condenados, tanto homens quanto mulheres. Agora éramos livres. Não havia soldados com armas perto de nós. Em vez disso, eles estavam sentados na cabine junto com o motorista. Nós estávamos “livremente” sentados no chão sujo da carroceria do caminhão e “livremente” balançando para cima e para baixo, batendo uns nos outros, a oitenta quilômetros por hora, numa estrada que cruzava as estepes infinitas do norte do Cazaquistão.

Finalmente chegamos em Mirsikul, um povoado que consistia de algumas casas de pau a pique e dois ou três alojamentos feitos de argila e esterco, cada um deles contendo vários apartamentos. A vila era tão pequena que não possuía nem mesmo um escritório para o comandante local. Por isso, um dos soldados nos ordenou que ficássemos perto do caminhão enquanto outro saiu em busca de um representante do governo soviético.

Logo o soldado estava de volta, acompanhado de um homem baixinho, cujo rosto moreno escuro e porte distinto nos mostravam que estaríamos sob o

comando de um membro da amigável e hospitaleira nação cazaquistanesa. Descobri depois que, se o grupo de prisioneiros com quem cheguei não fosse tão grande, ele teria nos convidado até sua casa para participarmos de uma festa do chá.

Embora a essa altura eu não soubesse nada acerca dessa prática de hospitalidade, pude ver no rosto dele emoções em conflito. Sendo um homem de cultura oriental, ele gostaria de nos desejar boas-vindas não só como convidados, mas também como futuros vizinhos. Contudo, sua posição oficial o obrigava a manter um pouco de distância de nós e lhe dava certo sentimento de superioridade.

Por essas razões, ao invés de nos receber em sua casa, ele nos deu as boas-vindas ao ar livre, ali mesmo, ao lado do caminhão. O soldado entregou cartas de apresentação e documentos pertencentes a cada um de nós. Então, fazendo uso da polidez e diplomacia orientais (sem empregar nenhuma das ameaças ofensivas a que nos acostumamos nos campos), o comandante fez uma pequena declaração oficial, que dizia mais ou menos o seguinte:

– De acordo com o artigo *tal* do código criminal da URSS, vocês estão sentenciados a banimento perpétuo neste lugar. Qualquer tentativa de fuga resultará em 25 anos de servidão penal.

E acrescentou:

– No dia 15 de cada mês, vocês devem comparecer à minha casa para comprovar sua presença aqui. Agora todos devem assinar estes papéis. Eles contêm sua sentença e a assinatura será a prova de que sabem da situação e a compreenderam plenamente.

Ele segurava a pasta com os papéis em uma das mãos e foi pedindo que nos aproximássemos, um por um. Assim, nos aproximamos do novo líder e assinamos nossa liberdade.

Quando me lembro dessa cena, na qual um homem possuía controle tão inquestionável sobre outros seres humanos, me recordo de uma anedota russa que, embora contenha humor irônico e amargo, mostra como é possível perder qualquer senso de dignidade e valor próprio em uma sociedade que se priva do conhecimento de Deus.

A piada é mais ou menos a seguinte:

Certo dia, numa fazenda agrícola coletiva soviética, o chefe do grupo convocou uma reunião com os trabalhadores.

– Vocês, fazendeiros, falharam em cumprir as metas do plano estatal de produção agrícola – ele disse em voz alta. – Devido a esse ato de traição contra o

Estado, vocês estão condenados a ser executados por enforcamento. Entenderam?

Todos permaneceram submissos e silentes. Ninguém protestou.

– Alguma dúvida? – o chefe perguntou.

Um dos fazendeiros levantou a mão.

– Pois bem, – o chefe vociferou – o que ainda não está claro para você?

– Compreendi os motivos pelos quais seremos enforcados – o fazendeiro replicou. – Sem problemas até então. Minha única dúvida é a respeito das cordas. O governo vai providenciar ou devemos trazer de casa?

Enquanto eu esperava minha vez de assinar o papel, não pude deixar de olhar ao redor. *Não existem belezas naturais neste lugar*, pensei em desespero. *Nenhuma árvore. Nem mesmo arbustos! O único motivo para alguém se estabelecer aqui é mesmo aquele lago enorme onde deve haver alguns peixes.*

Também existia ali uma fazenda agrícola coletiva, onde fui designado para trabalhar. Mesmo diante de todo esse quadro, Deus havia reservado algumas alegrias para mim. Quase que imediatamente, um dos aldeões se apresentou:

– Meu nome é Behnke – ele disse, num forte sotaque alemão. – Sou pescador e exilado, assim como você. Eu e minha família gostaríamos de convidá-lo a ficar conosco.

Tocado por sua bondade, eu disse que sim de imediato e ele me levou até sua casa. Ele, a esposa e cinco filhos viviam numa casa de pau a pique, uma pequena habitação de dois cômodos, cujo chão era feito de uma mistura de argila e esterco. Deixei escapar algumas palavras em alemão e Behnke e sua esposa ficaram radiantes.

– Você é um homem letrado? – meu anfitrião perguntou.

Sinalizei que sim.

– Minha mulher e eu nunca tivemos acesso à educação formal – ele disse com ar melancólico. – Por isso, meus filhos não sabem ler a língua de nossos antepassados.

– Em retribuição à sua bondade em me dar um lugar para ficar, – disse eu – ficaria feliz de poder lhes ensinar alemão.

Passei a dormir no cantinho de um dos cômodos, que também era usado como copa e quarto das crianças. À noite, eu ia pescar com meu novo amigo e, de dia, trabalhava na fazenda, numa oficina de equipamentos agrícolas. O encarregado daquele setor simpatizou-se comigo.

– Você ficará responsável por consertar colheitadeiras – ele me disse.

– Eu não tenho conhecimento algum de mecânica – respondi, me desculpando.

– Sem problemas. Eu lhe mostrarei o que fazer.

Mesmo com toda a gentileza que ele demonstrou, aquele trabalho definitivamente não tinha nada a ver comigo, e tenho certeza de que atrapalhei mais do que ajudei. *Por que é que ele me escolheu para essa função?*, eu me perguntava com frequência. Mais tarde, ele respondeu a essa pergunta quando me disse, em particular, o seguinte:

– Logo da primeira vez que o vi, disse para mim mesmo: “É melhor eu tomar conta desse rapaz.”

A única conclusão a que posso chegar é que o Senhor o impressionou a ter aquele sentimento.

Eu ficava arrasado de pensar que teria que passar o resto da vida naquele povoado minúsculo. Como já disse, meu trabalho era entediante e a paisagem ao redor da vila se parecia com um deserto. Mas o que mais me deprimia era a falta de pessoas para conversar sobre assuntos espirituais. A maior parte da população pertencia à etnia cazaque, povo muçulmano cuja língua me era desconhecida.

Querido Pai celestial, eu orava no pequenino sótão da casa dos Behnke, *tenho apenas 26 anos de idade. É isso que o Senhor planejou para mim? Exílio permanente nesta localidade distante? Meu Deus, me sinto tão sozinho!*

Lá, de joelhos, me senti como o profeta Elias, quando perseguido por Jezabel, e disse a Deus: “Senhor, basta. Já passei por problemas demais. Tire a minha vida!”

Embora eu nunca tenha pensado em me suicidar, parecia, para mim, naquela época, que a morte seria a única maneira de escapar daquela existência miserável.

Até que, certo dia, recebi um pacote de minha mãe. Fiquei tão feliz em poder abri-lo sozinho, longe dos olhos de algum censor! Minha alegria duplicou quando percebi que aquela encomenda continha uma Bíblia. Agora eu poderia lê-la abertamente. Se você nunca foi forçado a ler a Bíblia em segredo e escondê-la dos outros, não vai conseguir dimensionar o quanto passei a apreciar minha recém-adquirida liberdade.

E como o Senhor me confortou e falou comigo por meio de Sua Palavra! Nunca me esquecerei de determinado sábado. Eu estava sentado junto ao lago, lendo o Evangelho de João, um livro que sempre trazia ânimo para minha alma. *É por isso que o papai sabe esse evangelho inteiro de memória*, me lembrei. *Ele acredita que, para ser um cristão vitorioso nas lutas da vida, é preciso*

permanecer na “videira verdadeira”, que é um tema central do livro.

Naquele dia, eu estava lendo João 13, acerca de como Jesus instituiu a Santa Ceia. *Tenho sido privado de participar da Ceia por tanto tempo, pensei pesaroso. E, se eu ficar neste lugar, continuarei sendo privado disso e de muito mais.*

Mas, logo em seguida, as palavras de Jesus a Pedro falaram ao meu coração: “Você não compreende agora o que estou lhe fazendo; mais tarde, porém, entenderá” (João 13:7).

Obrigado, Senhor, eu orei. Eu agradeço pela certeza de que, um dia, ainda vou entender.

E não demorou muito para que essa compreensão chegasse. Logo descobri que Deus tinha uma surpresa muito especial, uma alegria totalmente inesperada reservada para mim. É quase impossível descobrir a felicidade que senti quando fiquei sabendo que havia um pequeno grupo de adventistas do sétimo dia numa vila próxima, localizada naquela mesma região.

Pai celestial, como eu desejo conhecer esse grupo de cristãos! Mas é ilegal viajar sem permissão oficial. Por favor, me ajude!

Uma enfermeira viajante visitava nossa vila de pescadores de tempos em tempos. Em uma de suas visitas, fui até ela para fazer um *check-up*. Durante o exame, ela disse:

– Conte-me sobre você. De onde você vem? Qual era sua profissão antes de chegar aqui?

Ela parecia estar ouvindo minha história com interesse genuíno, especialmente quando mencionei que havia me formado em Artes um ano antes de ser preso.

– Formado em Artes? – ela perguntou.

– Isso mesmo.

Aquela enfermeira me observou por um instante.

– Precisamos tirá-lo deste lugar – ela disse por fim. – Se você é professor de Artes, precisamos do seu trabalho em Semiozernoye.

Semiozernoye era o centro daquele distrito e seu nome, cujo som é agradável a ouvidos russos, quer dizer “sete lagos”. Suspirei anelante, enquanto pensava: *Semiozernoye... é ali que o grupo de adventistas está.*

Pouco depois, durante essa mesma conversa, ela fez um pedido hesitante, quase se humilhando:

– Eu moro num pequeno apartamento e é impossível comprar algo aqui na região para decorá-lo. Será que você poderia pintar um quadro para mim?

– É claro – eu disse. – Minha mãe mandou um jogo de tinta a óleo e eu adoraria fazer isso por você.

Quando terminei o pequeno quadro e o entreguei, ela ficou muito agradecida.

– Em troca, – ela me falou – escrevi uma receita para você.

Eu a olhei confuso.

– Receita para quê?

– Para você realizar um exame físico no centro médico de Semiozernoye – ela disse, piscando os olhos. – Apenas entregue isto ao comandante. Ele lhe dará permissão para ir.

Imagine minha alegria, depois de meses numa paisagem desértica, ao ver vários lagos de águas claras rodeados por arbustos. Depois de agradar os olhos com esse cenário por alguns instantes, rapidamente localizei os adventistas. Eles ficaram muito felizes em me ver e me convidaram para ficar com eles por alguns dias.

O exame no centro médico foi uma espécie de bênção com um lado bom e outro ruim.

– Não há nada de errado com você, camarada Kulakov – o médico me assegurou. – Você tem saúde plena. Pode voltar para sua vila.

Senhor Deus, acho melhor não pedir por uma doença crônica... Mas, se esses forem Seus planos para mim, por favor, abra uma oportunidade para que eu me mude para este lugar e encontre trabalho.

Visitei a escola local e pedi para ver a diretora.

– Sou professor de Artes – eu disse, me apresentando.

– Professor de Artes? – ela perguntou, sem esconder a animação na voz. – Esta escola nunca teve a chance de ter um professor de Artes. Gostaria de contratá-lo.

– Imagino que você deve suspeitar do meu problema – contei. – Sou exilado e moro em Mirsikul. Só pude vir a Semiozernoye por causa de um exame médico.

– Vamos resolver essa questão – ela respondeu. Então me mandou ao coordenador de educação do distrito, que também foi muito simpático comigo.

– Quero contratá-lo, – ele disse – mas para isso vou precisar da permissão do departamento de polícia.

Em seguida, fui para o escritório do chefe de polícia.

– Então você é artista, certo? – ele perguntou.

– Isso mesmo.

Ele olhou para o pedaço vazio de uma das paredes do escritório.

– Preciso pendurar um retrato de Dzerzhinsky ali – ele explicou. – Você pode pintar um para mim?

Dzerzhinsky foi o fundador da KGB.

– Posso sim. Só vou precisar de uma ou duas fotografias.

– Excelente – o chefe disse, satisfeito. – Sendo assim, lhe darei permissão para se mudar para cá.

Pinte o retrato, que ele pendurou cheio de orgulho naquela parede e logo eu estava dando aulas de Artes em duas escolas da cidade: uma russa e outra cazaque. Os adventistas da região me ajudaram a alugar um quarto barato na casa de uma senhora idosa.

Todos os dias, no meu caminho para o trabalho, eu passava em frente à casa da irmã Agaphia. Pelo menos uma vez por dia, ela me convidava para entrar e fazer uma refeição com ela. O que eu não sabia era que ela estava me observando bem de perto.

– Mikhail, – ela disse certa vez – você sabia que em Kushmurun existe um grupo ainda maior de adventistas?

– Puxa, eu não sabia. Eu adoraria poder conhecê-los, mas você sabe da minha situação: não posso viajar essa distância toda.

Ela concordou pensativa.

– Minha sobrinha mora lá. O nome dela é Anna. Ela cresceu numa excelente família adventista. Seus pais são Ivan e Maria Velgosha. Acredito que ela virá em breve aqui em Sermiozernoye para comprar livros didáticos para ela e para seu irmão mais novo.

– Vou ficar muito feliz em ter a oportunidade de conhecê-la.

Nunca me esquecerei do dia em que vi a doce e bela sobrinha de Agaphia pela primeira vez. Enquanto escrevo este livro, já se passaram 55 anos, mas a primeira impressão que tive a respeito dela permanece vívida, forte e marcante. Ainda me lembro dos passos suaves de Anna, ao entrar na casa pequena e bem-arrumada da tia. E como poderia me esquecer de seu bonito vestido branco, com bolas azuis escuras, de modelo simples, porém se ajustando tão bem à sua forma esguia?

Seu cabelo escuro e espesso estava reunido em duas tranças esplêndidas, cujas extremidades eram presas por fitas pretas. As tranças se cruzavam na altura dos ombros e depois levadas para cima novamente, onde eram amarradas pelas fitas em lindos laços, logo acima das orelhas. Todas essas características me chamaram a atenção à primeira vista, e gostei de tudo o que vi. Mas, quer você acredite em mim ou não, o que mais me impressionou e conquistou

imediatamente meu coração foi a expressão que observei em seus olhos grandes, bem abertos.

Tia Agaphia já tinha falado a meu respeito para Anna, mas ela não fazia ideia de que eu estaria ali naquela noite de sexta-feira. Mas, assim que ela entrou na casa, logo se deparou comigo. E foi naquele momento que vi, através de seus amáveis olhos, a expressão confusa da alma pura de uma moça inocente e modesta. Seus olhos me falaram, mais do que qualquer palavra que ela pudesse ter dito, de sua sinceridade e humildade como cristã. Pude perceber que ela seria capaz de amar de forma altruísta e fiel.

No dia seguinte, um sábado, passamos o tempo todo juntos. Na primeira vez em que nos encontramos, eu já havia tomado uma importante decisão. *Anna é a mulher que eu gostaria de ter como amiga e companheira ao longo de toda minha vida.*

Quando a acompanhei até a estação de trem, pedi que ela voltasse para me visitar outras vezes. Não demorou muito tempo para que o pai de Anna viesse visitar sua irmã, Agaphia, e, muito provavelmente, dar uma boa olhada no possível futuro genro. Simpatizei com ele à primeira vista. Era uma pessoa de bom coração e com princípios morais; possuía caráter nobre e a mesma abertura, sinceridade e simplicidade cristãs que tanto haviam chamado minha atenção em sua filha. Ele e Anna me lembravam do alegre comentário feito por Jesus quando viu Natanael: “Aí está um verdadeiro israelita, em quem não há falsidade” (João 1:47). Mesmo aos 26 anos de idade, eu já havia tido muitas oportunidades para constatar que esse tipo de pureza e humildade eram virtudes raras no mundo. Dentre os vários charmes de Anna, foi esse o que determinou minha escolha.

– Ivan Pavlovich, – eu lhe dirigi a palavra de maneira respeitosa, porém franca – estou profundamente interessado em Anna e gostaria de pedir-lhe a mão dela em casamento.

Ele me olhou de alto a baixo.

– Mas você é um exilado.

Sinalizei com a cabeça que sim. Um pequeno sorriso começou a surgir na face daquele homem.

– Contudo, mesmo sendo exilado, imagino que haveria muitas moças que ficariam felizes em viajar até aqui para casar com você.

– Muito obrigado por suas palavras gentis.

Ele olhou para um dos cantos daquele ambiente durante um momento.

– Sei que não falta muito tempo para que seu pai receba a liberdade e saia do campo de concentração. Por que não esperamos até que ele esteja livre para

podermos discutir esse assunto com ele?

Ele deve ter percebido minha expressão de desapontamento, pois as palavras que se seguiram me encheram de coragem:

– Mas não se preocupe. Essa é uma escolha sua. Se você quiser, pode conversar com Anna a esse respeito da próxima vez que ela vier aqui.

Alguns dias depois, mandei um telegrama para ela, convidando-a para uma visita. “E você se importaria de trazer seu passaporte consigo?”, perguntei.

Na sexta-feira à tarde daquela semana, caminhei até a pequena estação de trem, localizada a quase cinco quilômetros de distância da vila, para encontrá-la. Enquanto esperava, percebi que, embora a maior parte da paisagem fosse estéril, ali perto havia um pequeno bosque com belas bétulas, rodeadas de grama bem verde e flores do campo. Logo uma locomotiva de apenas um vagão parou ao lado da placa de madeira que servia como estação. Anna, a única passageira a chegar, desceu do trem.

– Anna, – eu disse logo depois de nos cumprimentarmos – vamos até aquelas árvores e nos assentemos ali. Dessa maneira, poderemos conversar sem ser interrompidos.

– Tudo bem – ela disse, e quando nos sentamos me lançou um olhar confuso.
– Você pode me explicar por que me mandou um telegrama?

Agora eu é que havia ficado confuso.

– Eu nunca tinha recebido um telegrama antes na minha vida – ela explicou.
– Fiquei preocupada. Pensei que você estava doente e precisava da minha ajuda.

Abri a boca para começar a falar, mas ela não havia terminado.

– E por que motivo – ela perguntou corando – você me pediu para trazer o passaporte? Você não imagina o quão embaraçoso isso é para mim?

Concordei e meu rosto também ficou vermelho. Naquela época, na União Soviética, os passaportes eram formas de identificação usadas por casais que registravam sua intenção de se casar.

– Anna, por favor, me perdoe – eu disse, e as palavras começaram a jorrar da minha boca; palavras que soarão estranhas para casais que namoraram em condições menos repressoras.

– Anna, com certeza você já percebeu que a vida para os cristãos em nosso país é repleta de perseguições e dificuldades. Não sei o quanto sua tia lhe contou a meu respeito, mas meu pai e irmão mais velho ainda estão presos. Meu tio Alexander vive exilado num lugar localizado acima do Círculo Ártico.

Como eu disse, essas não são as palavras normais ditas por um pretendente prestes a propor o casamento. Mas a querida Anna me olhava com tanta simpatia

que ganhei coragem para continuar.

– Gostaria de lhe dizer com franqueza que tenho orado a Deus para que coloque em meu caminho uma moça que esteja disposta a partilhar uma vida de perseguições como cristã. Anna, – continuei, reunindo toda a ousadia possível e tentando falar da maneira mais amável que sabia – vejo em você a pessoa que, com a ajuda de Deus, será capaz de me ajudar a seguir a Jesus e servi-Lo em Sua causa. – Respirei fundo e me apressei em dizer: – Anna, peço-lhe que aceite meu pedido e se case comigo!

Os olhos dela piscaram rapidamente em lágrimas e ela olhou com timidez para as flores durante um tempo. Depois de uma longa pausa, ela me disse, enfim, com voz suave:

– Vou falar com meus pais sobre o pedido que você me fez.

Será que minhas palavras caíram em “bom solo”?, me perguntei. Será que terei uma resposta positiva, e em breve?

Anna e eu oramos juntos, pedindo ao Senhor que estivesse no controle dessa questão muitíssimo importante. E, por coincidência, trinta anos mais tarde, tivemos a oportunidade de voltar juntos àquele mesmo bosque e agradecer ao Pai celestial por haver respondido àquela oração.

Embora soubesse que minha proposta fora extremamente ousada, não fazia ideia de que havia sido também a confirmação maravilhosa da história de um milagre. Isso é algo que Anna só me contou posteriormente, após ter aceitado o pedido.

– Já apareceram vários jovens não adventistas interessados em se casar comigo – ela me confidenciou. – Mas sempre tive convicção plena de que só poderia ser feliz se me casasse com um homem que partilhasse de minhas crenças. E eu me apeguei a essa convicção, mesmo sabendo que não havia nenhum jovem adventista num raio de mais de seiscentos quilômetros.

– Mas por que você está disposta a se casar com um exilado? – perguntei. – Nós estamos fadados a permanecer aqui pelo resto de nossa vida.

– Vou lhe dizer por quê. Depois que concluí o ensino médio, fiz magistério e passei a dar aulas numa escola localizada em uma região rural remota. Certa vez, quando estava em Kushmurun visitando meus pais, percebi que a recepção de um casamento estava sendo realizada no quintal de nosso vizinho. A filha dele, minha ex-colega de escola, havia acabado de se casar. Meu pai me viu olhando melancólica para aquela alegre cena e veio ao meu lado. Ele disse: “Anna, você deve se lembrar do que Jesus disse. ‘Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, e todas as outras coisas lhes serão acrescentadas’ (Mateus 6:33).”

Refleti sobre aquelas palavras de conforto e aceitei o conselho que ele me deu.

Então Anna se virou para mim e me olhou nos olhos:

– Passou pouco tempo e, certa noite, tive um sonho. Naquele sonho, uma voz muito distinta me disse: “Seu marido será Mikhail Kulakov.”

Senti um arrepio na espinha.

– Você ouviu meu nome no sonho?

– Ouvi.

– Antes mesmo de nos conhecermos?

Ela sinalizou que sim.

– Fiquei pasmada com isso e tentei recordar se eu conhecia alguém com esse nome. Mas definitivamente não havia ninguém.

– Um ou dois meses depois desse sonho, um pastor itinerante veio realizar a Santa Ceia em nosso pequeno grupo de crentes, já que não temos nosso próprio pastor. Enquanto fazíamos os preparativos, ele me perguntou: “Você sabe alguma coisa a respeito de algum exilado adventista que tenha vindo para esta região? Em Moscou recebemos uma mensagem da mãe de um jovem que provavelmente não more longe daqui. Ele recebeu a sentença de banimento eterno e se chama Mikhail Kulakov.” Quando ele mencionou seu nome, corei a comecei a tremer. Não esperava por isso.

Quanto mais Anna me contava a seu respeito, mais eu tinha a certeza de que o Senhor havia nos unido. Tivemos a alegria de nos conhecer num momento em que os adventistas da Rússia estavam começando a reviver, a superar os anos de intensa perseguição que se seguiram após a década de 1930, quando todas as igrejas foram fechadas e seus pastores, presos. Durante esse período negro, nenhuma literatura adventista nova foi publicada. Então, as pessoas entesouravam as velhas revistas da igreja, com suas gravuras, artigos e relatórios sobre o progresso da obra em outras partes do mundo.

– Todos os sábados, quando era menina, – Anna me contou – eu ficava folheando aquelas revistas e olhando as fotografias de outros grupos adventistas russos sentados ao redor de seus pastores. Mamãe e papai também me mostravam fotos da nossa congregação junto com o pastor. Eu os ouvia falar sobre o quanto apreciavam a presença e o trabalho daqueles fiéis ministros do Senhor, e como eles andavam a pé de uma vila até a outra, por vezes correndo risco de perder a própria vida. E, finalmente, todos deram testemunho de sua fé sofrendo perseguições, sendo que muitos morreram em campos de concentração.

Ela prosseguiu:

– Eu sentia um respeito tão profundo por eles que pensava: *Oh, como eu*

seria feliz em ter um ministro por marido! Assim, quando ouvi que você também foi perseguido por servir o evangelho, aceitei seu pedido e fiquei feliz em poder unir minha vida à sua, para ajudá-lo a trabalhar para o Senhor em Sua igreja.



Minha noiva angelical

Era uma sexta-feira, 6 de novembro de 1953, e eu estava novamente esperando na pequena estação de trem próxima ao bosque de bétulas, onde havia pedido a Anna que se casasse comigo. Mas agora, ao invés de grama verde e belas flores, eu esperava em pé sobre uma grossa camada de neve. Um vento frio e cortante fazia com que a temperatura abaixo de zero provocasse uma sensação ainda maior de desconforto, enquanto aguardava o trem que me levaria na viagem de quarenta quilômetros até Kushmurun, onde Anna e eu nos casaríamos no domingo.

Ah, como eu gostaria de poder levar algumas flores para minha futura esposa, eu pensava pesaroso. Andei pela vila inteira atrás de um buquê e aqui estou eu de mãos vazias. Acredito que todas as flores devem ter morrido neste inverno. Não tenho nada para oferecer a Anna, a não ser o meu amor. E onde está o trem?, me perguntei enquanto olhava para o relógio. Já era para ter chegado às seis da tarde!

Eram oito da noite quando o trem finalmente apareceu no horizonte. Mesmo eu tendo pulado para baixo e para cima e feito todos os exercícios que conhecia para afastar o frio, aquelas duas horas congelantes haviam entorpecido meu corpo, em especial os pés. Eu ainda os sentia congelados quando cheguei à estação de Kushmurun. E ali descobri que Anna e seu irmão mais novo também tinham passado por um teste de paciência, por conta do atraso.

Até que enfim, tarde da noite, chegamos à casa de Ivan e Maria Velgosha, os pais de Anna. Essas duas pessoas amadas eram descendentes de ucranianos muito trabalhadores. Antes da revolução, Paulo, avô de Anna, construíra uma espaçosa casa de madeira para sua família numa vila próxima. Mas, quando o governo de Stalin transformou a vila numa fazenda coletiva, a casa de Paulo,

seus cavalos e equipamentos – e praticamente todas as outras coisas que ele havia lutado tanto para conseguir, incluindo o trigo que ele tinha armazenado – foram de repente tirados dele.

Por isso, naquela sexta-feira, fui recebido numa habitação bem mais simples – uma casa de um andar, feita de pau a pique, que media 11 m x 7 m, dividida em dois cômodos. Acrescente quatro camas, duas mesas, um fogão e algumas cadeiras e fica difícil encontrar espaço vago. Contudo, era ali que Ivan, Maria, seus dois filhos e a mãe de Ivan moravam. Era também o lugar onde um grupo de 30 a 35 adventistas se reunia a cada sábado para adorar a Deus.

No domingo, ali seria a capela do nosso casamento – e eu não poderia ter escolhido lugar melhor para me casar. A casa da família Velgosha era tão repleta de uma atmosfera de amor cristão que nós não trocaríamos aquele local nem pela mais elegante catedral.

– Mãe, os pés de Mikhail estão *congelados*! – Anna gritou enquanto entrávamos. – Por favor, coloque um pouco de água quente num balde, rápido!

Assim, foi com meus pés agradecidos imersos num balde de água que fui apresentado aos parentes de Anna e a alguns irmãos em Cristo que viviam naquela pequena cidade. A amável irmã Agaphia havia chegado alguns dias antes para preparar a casa para o casamento.

Como já disse, por ser exilado, eu tinha limitações para viajar. Tive inclusive que conseguir permissão oficial para ir para Kushmurun me casar. Eu não conhecia ninguém na igreja daquela cidade, com exceção do pai de Anna; portanto, não tinha nenhum padrinho. Anna também teve problemas para conseguir as damas de honra. No domingo, três primas dela foram ao casamento. Porém, como elas não eram cristãs, Anna não as convidou para serem damas, pois, se elas participassem de uma cerimônia religiosa, poderiam correr riscos.

Nós nos casamos numa manhã de domingo, no dia 8 de novembro de 1953. O governo comunista havia tentado impor mudanças até mesmo nos costumes tradicionais do casamento. Todo ritual religioso ou costume popular, incluindo enfeitar a noiva para a cerimônia, era considerado como símbolo do capitalismo e as autoridades fizeram de tudo para eliminá-los. Contudo, Anna, para minha alegria, ignorou essas restrições e usou um esplêndido vestido branco longo. E, embora as autoridades não permitissem a confecção da tradicional “grinalda da noiva”, Anna descobriu uma mulher na vila que as fazia muito bem, em segredo, e as vendia “por baixo dos panos”. Mas, a despeito do que ela vestia, minha preciosa noiva era a personificação da pureza, dignidade e delicadeza celestiais.

Eu estava trabalhando como professor havia apenas dois meses, e não tivera

condições de economizar para comprar um terno novo. Por isso, vesti um terno usado, mas muito bonito, enviado de Moscou por seu dono, o pastor Matsanov.

A cerimônia foi realizada pelo irmão Konev. Três meses antes, em uma visita a Moscou, ele fora ordenado ancião da igreja, para que pudesse servir como pastor leigo aos crentes de Kushmurun. Nosso casamento – na presença de quase quarenta convidados – foi seu primeiro ato oficial na nova função. Ele estava muito nervoso, mas tentava esconder sua apreensão tossindo de vez em quando. Konev também repetia duas vezes algumas palavras e frases. Como a maioria dos noivos e noivas, Anna e eu não nos lembramos de nada do sermão do casamento, embora suponhamos que tenha sido repleto de palavras de admoestação, designadas para nos guiar no caminho da felicidade em nossa vida de casados.

Mas de uma coisa eu me lembro muito bem. O irmão Konev chegou ao fim do sermão e começou a falar, com cuidado, as palavras do voto. Nós dissemos “Da” (Sim) e ele nos declarou marido e mulher. Então ele se voltou para mim, tossiu novamente e pausou em tom pomposo.

– Agora, irmão Mikhail, mostre-nos como você ama sua esposa Anna.

Fui pego desprevenido. *Do que ele está falando?*, pensei. *Como posso demonstrar meu amor por Anna aqui e agora?* Eu podia sentir os olhos de todos sobre mim, esperando que eu fizesse alguma coisa. *Mas o quê?*

Daquele silêncio agonizante, emergiu um sussurro rouco, de alguns dos convidados:

– Beije-a!

Ah, agora entendi. Então aproveitei aquela excelente deixa, peguei Anna em meus braços e a beijei, embora em minha alma eu sentisse que isso poderia embarçar minha noiva angelical, tão pura e inocente. Para ser franco, esse não foi nosso primeiro beijo. Depois da terceira visita que ela me fez, quando tínhamos nosso passaporte em mãos e já havíamos registrado a intenção de nos casarmos no cartório do Estado, nós nos beijamos. Mas, quando o fizemos, não estávamos em público, e sim em particular. Aquele beijo foi cheio de modéstia cristã e da compreensão total de que só pertenceríamos um ao outro quando fôssemos oficial e solenemente declarados marido e mulher.

Depois que o culto terminou, movemos alguns móveis e a capela doméstica se transformou num salão de festas. Os membros da igreja e os parentes da família Velgosha, cuja maioria não era crente, nos fizeram agradável companhia e a comida simples, porém apetitosa, deixou a todos alegres. Ninguém se apressou para ir embora. Ficamos até tarde da noite ouvindo e contando histórias

interessantes e cantando músicas cristãs e folclóricas.

Finalmente, os membros da igreja local tomaram o caminho de volta para casa. A maior parte vivia com cônjuges ou filhos não cristãos. Mas os parentes ficaram conosco, pois não havia trem para levá-los de volta àquela hora da noite. Naqueles tempos, era bem natural que os convidados ficassem no mesmo quarto que o dono da casa. Assim, naquela noite, quinze pessoas compartilharam os dois ambientes da casa.

– Agora – alguém finalmente disse – precisamos tomar uma decisão importante.

Todos pararam de conversar e ficaram encarando. Aos poucos, começaram a sorrir. Ouvi até algumas risadas.

– Que decisão? – eu perguntei, confuso.

– Em qual cama os recém-casados irão dormir.

– Eles devem dormir na cama de Anna – outra pessoa sugeriu.

Olhei para Anna e ela estava corada como nunca.

– Não – ela disse bem fraquinho.

Todos irromperam em risos. Alguém falou:

– Mas você está *casada* agora, Anna.

– Eu não consigo – ela enfatizou. – Não com *todo mundo* aqui.

– Não acredito, Anna!

Ela abanou a cabeça, sem alterar sua posição.

– Então tudo bem. Você dorme na cama sozinha.

– E deixar Mikhail dormir no chão? – ela respondeu indignada. – De jeito nenhum! Ele vai dormir na minha cama e *eu* dormirei no chão.

– Impossível, Anna – eu disse, contrariado. – Não vou dormir numa cama enquanto você precisa dormir no chão.

Mas o decreto da minha rainha, avidamente reforçado por seus parentes, foi imutável. Assim, em nossa noite de núpcias, eu dormi na cama dela sozinho, enquanto ela e os outros familiares passaram a noite no chão.

Quando Anna e eu nos recordamos daquele fim de semana tão feliz há mais de meio século, nos lembramos com muito carinho da generosidade daqueles parentes queridos e membros da igreja. A vida era difícil para todos nós. Mesmo assim, nossos convidados compartilharam de sua bondade conosco da melhor forma que podiam, nos presenteando com várias provas de seu amor. Os pais de Anna nos deram uma luxuosa cama de plumas, com dois travesseiros de pena de ganso, um cobertor grosso e um presente que continuou rendendo fruto: uma vaquinha que eles mesmos haviam criado.

Durante os primeiros meses em que estávamos casados, Anna me disse:

– Acredito que o meu chamado é criar filhos para que sejam pessoas espirituais, que ajudem a espalhar o evangelho.

Depois de algum tempo, ela deu à luz nosso primeiro bebê, uma menina.

– Ela vai crescer e me ajudar a criar nossos outros filhos – Anna falou. – Vamos dar a ela o nome de Evangeline.

A palavra russa para “evangelho” é quase uma transliteração do grego e soa como *evangelya*. Mas Anna também tinha outro motivo para escolher esse nome. Ela havia lido a tradução para o russo do livro *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, e se impressionara profundamente com a doçura da menina que se chamava Eva (Evangeline St. Clare).

Meu “banimento eterno” acabou não durando para sempre, mas apenas cerca de um ano. A mão poderosa de Deus estava se movendo para mudar o clima político do país. Não muito depois da morte de Stalin, em 1953, o governo declarou anistia a todos os prisioneiros políticos que tiveram sentença igual ou inferior a cinco anos. Em tese, poderíamos nos mudar para onde quiséssemos. Contudo, passei vários meses sem ouvir falar da tal anistia, pois as autoridades locais mantiveram essa notícia em segredo, para não perder parte considerável de sua mão de obra.

Mas, finalmente, ficamos sabendo das boas-novas da liberdade. Então, Anna, nossa filha recém-nascida, Evangeline, e eu viajamos primeiro para visitar meu pai, que ainda estava cumprindo sua sentença e na época vivendo no campo de Spasshy, perto de Karaganda, no Cazaquistão. Após a morte de Stalin, os parentes próximos passaram a ter permissão para visitar os prisioneiros dos campos. Papai permaneceu preso até 1956, mas Deus foi bondoso para com ele. Papai aprendera sozinho princípios da hidroterapia e de saúde. Quando criança, ele era o médico da família. Agora, podia usar suas habilidades para aliviar o sofrimento dos outros prisioneiros. Nos últimos anos de sua sentença, as autoridades o consideravam como o médico do campo.

Despedimo-nos de meu pai e em seguida fomos visitar mamãe na Letônia. Ela amou Anna desde a primeira vez que a conheceu. Apreciava a sinceridade de sua fé e sua habilidade em fazer tudo com perfeição.

Com grande seriedade, mamãe me disse:

– Cuide bem dela.

Ela amava citar as palavras do famoso poeta russo Nekrasov, que viveu na época do regime de servidão. A servidão russa era quase equivalente ao sistema

de trabalho escravo. Em 1859, 23 milhões de servos viviam em condições piores do que qualquer camponês europeu pensaria em suportar.

Os versos de Nekrasov que minha mãe citava demonstravam sua abominação em relação ao que as mulheres tiveram que suportar naqueles tempos terríveis. Elas eram escravas do marido e dos filhos, os quais, por sua vez, eram escravos também:

*Três destinos excruciantes recaíram
Sobre a sorte das mulheres da Rússia:
Ser escrava do marido,
Ser escrava do filho,
E servir a escravos até a sepultura.*

Anna, em retorno, estava profundamente impressionada com minha família.

– Quando vi você e seus dois irmãos na igreja, sentados no mesmo banco, – ela me contou muito tempo depois – inclinei a cabeça e orei: *Senhor, se Tu nos abençoares com mais filhos, por favor, nos presenteie com três meninos também, para que eles possam te servir e espalhar o evangelho.*

Providencialmente, o Senhor de fato nos concedeu três filhos, que hoje são ministros, e outras duas filhas, que se casaram com homens maravilhosos que também servem ao Senhor como pastores.

Em 1955, minha pequena família se mudou novamente. Fomos para o sopé de uma região montanhosa, na fronteira da região sul do Cazaquistão. Ali, na cidade de Almaty, numa rua chamada Wide Cranny, vivia um grupo de adventistas do sétimo dia fiéis, simples e muito espirituais. Naquela época, não havia organização formal da igreja, mas aquelas pessoas queridas nos enviaram um chamado para que nos uníssemos a elas, o qual aceitamos. Lembro-me até hoje das famílias Pavelko, Tchikov, Frolov e das senhoras Butenko e Pronevich, duas viúvas, cujos maridos haviam sido pastores e foram mortos em campos e prisões.

Gradualmente, outros foram chegando para encher nossos bancos: as famílias Misheryakov, Rybalko e Vasilenko, a irmã Martha Samohvalova, filha de um ex-líder da igreja russa (Genrich Lebsack), sua filha Ruth e outros. A despeito das dificuldades e perseguições, essas pessoas nos receberam com grande afeição, oferecendo a casa para podermos realizar os cultos e compartilhando as últimas migalhas de pão com aqueles que vinham adorar de longe.

Anna e eu ainda nos recordamos de quão cuidadosos eram nossos primeiros

visitantes nos cultos de sábado. Já mencionei que, com a morte de Stalin, o governo começou a ceder em algumas restrições, mas os viajantes que nos honravam com sua presença ainda mantinham viva na memória a lembrança das perseguições. Assim, quando chegavam de ônibus, andavam pelas ruas um de cada vez, ou em pares, para não atrair atenção indevida.

Além disso, aquelas décadas de perseguição deixaram uma série de outros problemas também. Como não havia uma organização estruturada da Igreja Adventista no Cazaquistão, nem em nenhuma das outras repúblicas ao redor, a liderança em Moscou sabia muito pouco a nosso respeito. Por isso, não podíamos depender da organização para nenhum tipo de apoio financeiro.

Como nossa igreja local não era reconhecida oficialmente pelas autoridades, embora no início de 1956 eu tenha tentado registrá-la por diversas vezes, o governo exigia que eu tivesse uma profissão estatal. Como, na época, todos os trabalhos eram estatais, eu poderia ter tido problemas com o sábado, caso não tivesse conseguido emprego com outros adventistas como parte da equipe de uma companhia de construção, que era contratada para projetos específicos. Era a equipe – e não o Estado – que fazia o registro de ponto. Assim, eles me pagavam pelas horas que eu trabalhava, mas permitiam que eu tivesse tempo livre para visitar os membros e conduzir as atividades da igreja.

Nossos três primeiros anos de casados foram marcados pela pobreza. Era difícil conseguir até mesmo itens essenciais, como o leite para nossa família. Mas minha doce esposa era tão paciente!

– Misha, – ela dizia – louvo ao Senhor porque, a despeito das dificuldades, tenho forte convicção de que não é apenas um dever, mas um privilégio poder servi-Lo. Não é uma bênção contemplar a expressão de felicidade no rosto daqueles que se reúnem nas casas para adorar a Deus?

É claro que eu concordava com ela. Que presente dos Céus ter uma companheira tão fiel para me prover encorajamento!

Em 1958, três pastores chegaram em Almaty com uma missão: cumprir a recomendação da liderança da igreja em Moscou e oficialmente me ordenar como ministro do evangelho. Um desses homens era Kasimir Andreevich Korolenko, que secretamente visitou nossa congregação, bem como outros grupos localizados ali perto. Infelizmente, as autoridades o prenderam naquele mesmo ano e o acusaram de cometer um crime inacreditavelmente abominável, totalmente contrário aos ensinamentos e estilo de vida do cristianismo.

– Korolenko, – seus captores disseram – você tem dois filhos, não é mesmo?
O pastor sinalizou que sim.

– Se você não reconhecer seus atos imorais, Korolenko, vamos encontrar algo contra seus filhos e acusá-los. Vamos prendê-los e então a família deles ficará sem pai.

Por isso, para proteger os filhos, Korolenko admitiu sua “culpa” no tocante às acusações feitas contra ele. Mas, para todos os que o conheciam pessoalmente, ficou óbvio que as autoridades ateias do Tadjiquistão, onde ele vivia, haviam inventado essas terríveis acusações apenas para cumprir os métodos do governo stalinista de exterminar as religiões.

Pouco depois de seu julgamento, os anciãos dos grupos adventistas espalhados naquela região se reuniram em Almaty e pediram que eu comparecesse.

– Mikhail Petrovich Kulakov, – eles me disseram – além de o investirmos com a responsabilidade de pastorear a igreja de Almaty, também o incumbimos de coordenar o trabalho da Igreja Adventista em toda a região sul da URSS.

Ao fazerem isso, eles estabeleceram uma organização adventista clandestina no Cazaquistão e nas repúblicas da Ásia Central. Essa decisão também lançou minha família em vários anos de vida e trabalho que foram verdadeiros crisóis de testes e provações.



Leis veladas

Senhor Deus, por favor, dê-me sabedoria.

Eu estava sentado em frente ao responsável pelo Concílio de Assuntos Religiosos e Ministros da URSS no Cazaquistão, localizado na capital da república, Almaty, e tinha uma missão.

– Gostaria de solicitar permissão oficial para realizar serviços de culto abertamente – eu disse.

– Muito bem. Para receber a permissão, você precisa nos fornecer o nome, endereço e local de trabalho de todos os membros, além de uma lista de não membros que os visitam.

– Posso citar um trecho da Constituição soviética? – perguntei. – “A igreja é separada do Estado.”

– Pode citar o quanto da constituição você quiser – ele disse em tom áspero. – Mas nós dois sabemos que existem leis veladas, que nunca foram escritas.

Nós nos entreolhamos em silêncio por alguns instantes. Por fim, me despedi e deixei aquele escritório. Eu sabia os riscos a que nossos membros e amigos seriam expostos caso eu concordasse com as exigências feitas. Assim, nossa igreja de cem membros em Almaty continuou a realizar cultos secretos, pois ainda éramos considerados ilegais.

E logo ficamos sabendo que o enérgico substituto de Stalin, Nikita Krushev, possuía a mesma linha dura no tocante à religiosidade.

– Cristianismo? – ele zombava. – Nós destruiremos o cristianismo, assim como todas as outras religiões em dois ou três anos.

As décadas anteriores haviam mostrado que prisão em massa não funcionava. Portanto, novas táticas foram anunciadas:

– Espalhem má vontade em relação aos cristãos entre a população de ateus, cuja mente sofreu lavagem cerebral. Concedam às autoridades locais a liberdade

de seguir os próprios impulsos para cumprir esse objetivo. Submetam os líderes da igreja e membros ativos a humilhação pública e julgamentos, para desencorajá-los e desiludi-los.

O líder local não perdeu tempo. Logo seus oficiais fecharam nosso pequeno templo localizado na rua Krestyanskaya, o qual havíamos construído com grande sacrifício e dificuldade. Novamente precisávamos nos reunir na casa dos membros da congregação. Mas agora as autoridades monitoravam cautelosamente esses pequenos ajuntamentos e seguiam de perto os adoradores que entravam.

Logo, os membros da igreja que abriam a casa para a realização de cultos começaram a ser multados. O nome dos visitantes era anotado e eles eram depois abordados em seu local de trabalho. Você consegue imaginar como era convidar alguém para ir até a igreja com você, e os dois sabendo da provação que poderia vir em seguida?

Certa vez, provavelmente na tentativa de assustar minha família e a mim, assim como para obter evidências para me prender, os agentes da KGB invadiram nossa casa durante uma de minhas ausências e confiscaram grande quantidade de literatura religiosa. Graças a Deus, a maior parte dos meus livros estava escondida no sótão da família Lubenchenko, vizinhos gentis que arriscavam a própria segurança com esse gesto. Que o Senhor os recompense pelo amor e o altruísmo que demonstraram!

Minha filha Evangeline tem lembranças vívidas daqueles tempos perigosos. A meu pedido, ela concordou em partilhar algumas dessas memórias nos parágrafos seguintes.

Evangeline escreve:

Lembro-me de que os cultos de sábado eram realizados na casa dos irmãos da igreja. Num sábado, nos encontrávamos em um lugar e no seguinte, em outro. As casas eram todas muito simples, mas limpas e organizadas. Até mesmo as cortinas das janelas eram passadas a ferro para a celebração do dia do Senhor.

Todos os lares tinham um estoque de tábuas. Nos sábados pela manhã, elas eram colocadas sobre dois ou três tamboretos e cobertas por tapetes ou panos, formando bancos sem encosto para que pudéssemos nos sentar. Algumas vezes, tantos adoradores se reuniam que era necessário colocar bancos em dois ou três cômodos da casa.

As cortinas eram bem fechadas, para impedir que os cânticos fossem escutados e então denunciados. Quando o louvor terminava, alguém abria

novamente as janelas e o ar fresco balançava as cortinas onduladas e refrescava os adoradores. Um balde de água e uma caneca colocada sobre um pires ficavam à disposição para aqueles que precisassem beber água.

Eu era muito menina, mas já conseguia apreciar profundamente a reverência solene daqueles cultos e também os maravilhosos cânticos. Naquela época, não havia classes da Escola Sabatina específicas para as crianças. Portanto, nós nos assentávamos junto aos nossos pais nas tábuas recobertas por panos. Durante os intervalos, as crianças tinham permissão para sair e brincar quietas. Não me lembro de termos feito brincadeiras de mau gosto, nem mesmo de gritarmos. Todos sabíamos muito bem que não podíamos chamar a atenção das autoridades.

Certo sábado de manhã, enquanto adorávamos juntos a Deus, a polícia subitamente bateu à porta. Observei fascinada a maneira como vários membros cercaram de imediato a entrada da casa num denso semicírculo, formando uma barreira humana, enquanto os outros esconderam todas as Bíblias e hinários debaixo das camas, dentro de utensílios da cozinha ou em qualquer outro lugar que pudesse servir de esconderijo.

Nunca me esquecerei de uma noite fria e nebulosa, alguns anos mais tarde. Nessa época, eu tinha seis anos de idade, dois irmãos e uma irmã. Minha avó materna estava nos visitando. Assim, meus pais nos deixaram em casa sob seus cuidados enquanto realizavam um culto na casa de um dos membros da igreja que ficava um pouco distante.

De repente, nosso cão Dozor (que em russo significa “patrulha”) começou a latir bem alto. A porta da frente da casa começou a tremer com as fortes batidas.

– Quem é? – vovó perguntou.

– Abra essa porta! – uma voz masculina gritou.

– O que você quer?

– Queremos conversar com Kulakov. Abra a porta!

As batidas continuaram. Alguém começou a dar pancadas no vidro da janela. Vovó não disse uma palavra, mas abriu as cortinas por alguns segundos para que as pessoas do lado de fora pudessem ver que não havia ninguém na casa além dela e das crianças. Isso não satisfez os visitantes.

– Queremos ver Kulakov! Kulakov, sabemos que você está aí dentro! Abra a porta, mulher!

– Mikhail Kulakov e sua esposa não estão aqui – ela respondeu com firmeza.

– Eles me instruíram a não abrir a porta para ninguém.

Subitamente, vovó se lembrou das lições da Escola Sabatina e hinários que estávamos guardando em nossa casa naquele dia. Esses materiais haviam sido

cuidadosamente datilografados em fino papel de arroz, e várias cópias com carbono foram feitas de cada original. Os papéis estavam soltos; ainda não haviam sido encadernados.

Vovó pensou: *Se esses homens entrarem aqui e encontrarem esses materiais para estudo da Bíblia, levarão Mikhail para a prisão.* Por esse motivo, enquanto aqueles punhos esmurravam a porta, vovó começou a jogar montes daqueles papéis no fogão a lenha, mexendo-os com uma vareta para que se queimassem mais rapidamente. As outras crianças e eu ficamos vendo as chamas consumir de forma voraz o fino papel.

Meu pequenino irmão Pavel compreendeu que aqueles homens do lado de fora poderiam roubar as coisas que nos pertenciam. Irrrompendo em lágrimas, ele disse, soluçando:

– Será que eles vão levar meus lápis de cor que estão na caixa de cereal?

Então percebemos que Dozor havia parado de latir.

Vovó ouviu, atenta.

– Acho que eles devem ter ido embora – ela disse depois de um tempo.

Em seguida, ouvimos vozes familiares.

– Mamãe, papai! – eu gritei.

Vovó destrancou a porta e meus pais correram para o lado de dentro.

Tem tanta neblina lá fora! – papai contou. – Chegamos a nos perder. Ficamos vagando pelo pasto do vizinho. Então ouvimos Dozor latindo à distância e soubemos o caminho de volta.

Vovó contou para eles o que havia acontecido e juntos agradecemos a Deus por Sua bondade em ter deixado a neblina impedi-los de voltar para casa até a polícia ir embora.

Mikhail continua relatando a história:

Anna e eu realmente nos perdemos. Enquanto tentávamos nos achar, caminhando com cuidado na lama e driblando a densa neblina, ficamos desorientados. Quando ouvimos o latido agitado de Dozor à distância, soubemos que direção deveríamos trilhar.

No momento em que chegamos perto de nossa casa, a neblina já havia se dissipado um pouco. Sem saber dos visitantes que tinham acabado de ir embora, bati na janela. A cortina se abriu bem pouco, e pudemos ver o olhar assustado da mãe de Anna. Ao nos reconhecer, ela abriu a porta e nos contou a história.

Em seguida, ela começou a chorar.

– Tenho uma confissão a fazer – ela disse soluçando. – Eu estava com medo

de que os policiais invadissem a casa e a revistassem. Por isso, comecei a queimar as cópias do hinário.

Até o fim de sua vida, ela se lembrava desse incidente com grande arrependimento.

– Confio que o Senhor vai me perdoar – ela dizia. – Imaginei que, se aqueles ateus levassem embora a literatura cristã, eles a destruiriam de qualquer forma. Só não queria que você fosse preso.

A despeito da crescente perseguição policial, nossa igreja em Almaty continuava a crescer. Nessa época, eu realizava várias cerimônias batismais noturnas. Outras congregações adventistas localizadas em cidades adjacentes também aumentavam em número, especialmente aquelas que ficavam em áreas povoadas por alemães que haviam sido deportados de Volga, da Crimeia e da região norte do Cáucaso para a Sibéria e as repúblicas asiáticas. Nesse ambiente novo e desconhecido, esse querido povo ansiava pela Palavra de Deus.

E os adventistas de Almaty atenderam às suas necessidades. No fim da década de 1950, muitos deles destemidamente e cheios de alegria viajavam até essas congregações recém-fundadas para realizar cultos na casa dos irmãos, como no lar de Friedrich e Maria Stele, em Kaskalen. Essa família criou um filho, Arthur, que consagrou a vida a Deus e mais tarde se tornou um líder proeminente de nossa igreja. O filho dele, também chamado Arthur, foi presidente da Divisão Euroasiática da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Não tenho palavras para expressar a importância de minha querida esposa, Anna, para o meu ministério. Por isso, começando no início do próximo capítulo, eu a convidei para compartilhar algumas de suas memórias de como foi a vida para nossa família e igreja durante os anos do governo Krushev.

Anna, minha joia
mais preciosa
que rubis

Anna Kulakov escreve:

Muitas vezes eu penso, com alegria no coração, nas várias pessoas maravilhosas com quem tivemos o privilégio de viver, nos encontrar e trabalhar. Eu via tanto amor altruísta entre os irmãos e irmãs em Cristo naqueles tempos!

Sim, nós vivíamos em pobreza e aflição. Como Mikhail dedicava a maior parte de seu tempo ao ministério, seu pequeno salário não era suficiente para atender todas as necessidades de nossa família, que crescia rápido. Felizmente, desde a infância meus pais me ensinaram, por meio de seu exemplo, que a economia também é uma fonte de renda. Meu marido apreciava isso e, muitas vezes, me agradecia e encorajava.

– Anna, – ele dizia com frequência – você provavelmente ganha mais dinheiro do que eu.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei da primeira vez que o ouvi falar isso.

– É muito simples – ele explicou. – Pense da seguinte forma: você nunca joga fora nenhum alimento, tudo é aproveitado sempre. Você cuida de cada roupa tão bem que é possível aproveitá-la; quando fica pequena para uma criança, a outra ainda pode usar.

Durante os cinco anos que passamos em Almaty, nossa família foi abençoada com mais três filhos, além de Evangeline. Embora eu me esforçasse ao máximo para esconder nossas necessidades, nossos queridos irmãos e irmãs em Cristo observavam as dificuldades que enfrentávamos e muitas vezes tentavam aliviar nosso fardo.

Como poderei me esquecer dos vários amigos que sempre iam me visitar, quando eu estava na maternidade? Naqueles dias, visitas na seção da

maternidade eram proibidas, mas, para nossa alegria, o guarda ficava no piso térreo, e minhas amigas adventistas sempre davam um jeito de descobrir qual era a janela do meu quarto. Elas escalavam pedras ou usavam pilhas de tijolos, colocavam a cabeça para dentro e me diziam palavras carinhosas, repletas de amor cristão.

Diversas vezes, uma enfermeira chegou ao quarto levando tortas quentinhas, pequenos potes de geleia ou um delicioso suco de framboesa.

– Kulakova, – ela dizia, usando a versão feminina do meu sobrenome – algumas pessoas passaram e pediram para entregar-lhe isto. Que família enorme você deve ter!

E, de fato, eu sentia mesmo o amor da grande família de Deus.

Mikhail era um jovem pastor e gostava de visitar as famílias das pessoas que se interessavam pela mensagem cristã. Desde a morte de Stalin, a igreja não era perseguida de forma tão severa, mas ainda existia o risco de qualquer pastor ser preso e condenado a cinco ou dez anos de prisão.

Essa possibilidade tirava minha paz de espírito. Na primavera de 1959, tínhamos três crianças pequenas e eu estava esperando um quarto bebê. Com apenas 26 anos de idade, era muito difícil pensar que poderia perder meu marido e ser forçada a criar quatro filhos sozinha.

Naquele ano, testemunhamos um milagre marcante. Certo dia, Mikhail foi de ônibus para a cidade de Issyk, onde ele daria um estudo bíblico e iria preparar uma família inteira para o batismo. Os adventistas daquela cidade estavam muito felizes porque aquelas pessoas queridas estavam prontas para pertencer à família de Deus. Todos sabíamos que essa não era uma decisão fácil, pois, naquela sociedade dominada pelo ateísmo, os conversos corriam o risco de perder amigos íntimos, e talvez até mesmo a própria liberdade. Orávamos continuamente para que eles sentissem encorajamento proveniente de Deus.

– Provavelmente chegarei em casa mais cedo que de costume hoje – Mikhail me disse antes de sair.

Mas já era noite, ficava cada vez mais tarde e ele não chegava. Eu me sentava na cama em que nossos três filhinhos dormiam tranquilamente e não conseguia parar de pensar nele. *Talvez ele esteja preso*, disse para mim mesma. Durante as últimas semanas, ele havia mencionado que algumas pessoas estranhas o estavam observando e seguindo por toda parte. Todas as vezes que ele mencionava os espiões, meu coração doía.

Meu Deus, eu orava repetidamente, sussurrando para não acordar as crianças, *por favor, proteja meu marido no serviço para Ti.*

Passei a maior parte do dia seguinte de joelhos. Não conseguia comer, nem trabalhar. Eu estava preocupada, não consigo mesma, mas com Mikhail. *Se eu tão-somente soubesse onde ele está!*

O sol se pôs no terceiro dia, e nada de Mikhail aparecer. Deixei as crianças sob o cuidado de minha mãe e, junto com uma irmã da igreja chamada Vera Frolova, que conhecia bem a cidade e cujo marido havia passado dez anos em campos de concentração, cruzei a cidade até o escritório da KGB, para tentar descobrir o máximo de informações possível. O edifício era enorme e cinzento, com janelas estreitas e degraus de mármore. Eu nunca havia estado ali antes; por isso, não fazia ideia da pessoa com quem deveria conversar. Cheguei perto do oficial de plantão na mesa de recepção.

– Estou procurando meu marido – disse. – Eu o esperava em casa dois dias atrás.

Ele me olhou surpreso.

– Seu marido está desaparecido? E por que você veio aqui? Por que não foi até a polícia?

Eu não tinha a mesma experiência de Mikhail no trato com as autoridades, então parei por um momento, sem saber o que dizer. Mas Deus me deu coragem para falar abertamente, algo que eu nunca teria conseguido por minhas próprias forças.

– Meu marido é pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia – respondi. – Sabemos que ele tem sido seguido por agentes da KGB durante as últimas semanas. Eles devem tê-lo prendido e o colocado em algum lugar aqui neste edifício.

O oficial, que agora estava ouvindo com atenção, abriu uma grande pasta e começou a verificar a lista de nomes. Então, sinalizou que não com a cabeça:

– Seu marido não está aqui. Como eu disse, este é o lugar errado para procurar por ele. Vá até a polícia.

Meu coração congelou. Tive vontade de chorar ali mesmo. *Como é terrível não saber de nada*, pensei. *Se eu apenas pudesse me comunicar com Mikhail! Se tão-somente soubesse onde ele está, me sentiria muito melhor. Pai celestial, orei, confio meu precioso marido a Ti e imploro por Tua proteção.*

Vera e eu andamos até a sede da polícia e fiz minhas perguntas ao funcionário que estava lá.

– Você ainda não entendeu, mulher? – ele disse com um sorriso de zombaria no rosto. – É a mesma história de sempre. Seu querido marido achou outra mulher e trocou você por ela.

Não ousei discutir com ele, mas em minha mente ecoavam os seguintes pensamentos: *Não me importa o que você diz sobre meu marido. Eu sei que ele me ama verdadeiramente. Conheço a dedicação profunda que ele tem pelo Senhor. O que você está dizendo me convence mais ainda de que Mikhail foi mesmo preso pela KGB. E por algum motivo desconhecido querem manter sua prisão em segredo, talvez para tentar descontrolar a mim e a igreja.*

Quando cheguei em casa naquela noite, minha mãe veio se encontrar comigo à porta.

– Mamãe, qual é o problema? – perguntei, depois de perceber o olhar de preocupação em seu rosto.

– Enquanto você esteve fora, – ela explicou – dois agentes trouxeram um papel do escritório principal da KGB. É uma convocação ordenando que Mikhail compareça lá às dez horas da manhã da sexta-feira para ser interrogado.

O que isso significa?, pensei. *Sempre fui uma pessoa crédula. Estou acostumada a acreditar nas pessoas. Até mesmo dei ao nosso governo ateu o benefício da dúvida por diversas vezes. Mas será que esses visitantes que vieram aqui em casa disseram a verdade e Mikhail não está nas mãos da KGB? Onde mais ele poderia estar?*

Na sexta-feira de manhã, peguei o papel da convocação e fui até o escritório da KGB. Lá dentro, usei um telefone para entrar em contato com o oficial cujo nome estava escrito ali.

– Meu marido não aparece em casa há mais de três dias – disse a ele. – E acredito que ele não tem outro lugar para estar, a não ser aqui neste prédio.

Então, parei para ouvir com cuidado qualquer indício de que eu estivesse correta.

– Como a convocação é direcionada ao seu marido, – ele me disse em tom rude – recuso-me a conversar com a senhora.

Depois que cheguei em casa, comecei a ouvir notícias obscuras. Um por um, os membros da igreja de Almaty estavam sendo interrogados pela KGB. Os agentes estavam tentando induzir os membros a fornecer evidências contra a igreja e, claro, contra o pastor. Além de intimidar e ameaçar com punições, as autoridades exigiam que os irmãos assinassem uma declaração de juramento, prometendo manter segredo sobre as intimações.

Todavia, a despeito das advertências, cada um desses amigos ia até minha casa logo em seguida, para me contar todos os detalhes do interrogatório.

– Queremos que você fique sabendo dessas coisas – eles diziam – para poupá-la de sofrimento desnecessário e para adverti-la sobre as coisas que a

KGB está tramando.

– O que eles perguntaram? – eu fazia questão de saber.

– Eles falam o seguinte: “Só queremos confirmar alguns fatos já conhecidos do Serviço Secreto. Sabemos que Kulakov estimula os jovens a se recusarem a servir o exército soviético. Também é do nosso conhecimento que ele encoraja os pais a proibirem os filhos de ir à escola aos sábados.”

– Você está percebendo qual é a estratégia deles? – meus amigos perguntavam. – É simples entender o que estão tentando fazer. Estão mantendo seu marido em custódia secreta, enquanto verificam se conseguem reunir testemunhos para as acusações que estão tentando fabricar contra ele.

Eu não conseguia comer, nem dormir. Já fazia quatro dias desde a última vez que havia visto Mikhail. Estava pronta para desistir, mas, momento após momento, sentia uma esperança celestial fortalecer minha alma debilitada, derramando compaixão e apoio por meio da família da fé, que não se esquecia de mim, nem de meus filhos. Através da porta aberta da pequenina casa localizada na rua Shelikhova, 195, muitas pessoas vieram desejar boa sorte, oferecer suporte e conforto. Quando alguns saíam, outros chegavam. Todos que vinham me ver demonstravam sua preocupação através do amor, encorajamento e oração intercessória. Esse era o maior conforto para mim.

Naquele sábado, fiz o meu melhor para me erguer acima da aflição mental e física para que, juntamente com as crianças, pudesse ir ao culto na casa de um dos membros da igreja. Justamente naquele dia, a lição da Escola Sabatina falava sobre Atos 12, que conta como Pedro foi liberto da prisão enquanto os cristãos oravam com fervor e sem cessar.

Lá, rodeada pela família na fé, pedi ao Senhor que protegesse Mikhail e fortalecesse minha fé. Os outros se uniram em oração junto comigo.

– Por favor, Senhor, – eles pediam – por favor, intervenha. Liberte esse marido da prisão. Permita que ele volte para sua esposa e filhos pequenos, que foram deixados sem o pai!

O irmão Sukhodolov concluiu aquele momento de oração com a seguinte súplica, que veio de dentro do coração:

– Ó, Deus, Todo-poderoso, responde nossa súplica por um milagre, como fizeste há tanto tempo em favor de Teu servo, o apóstolo Pedro. Senhor, Tu livraste Pedro da prisão e estamos cheios de esperança de que farás o mesmo por nosso querido pastor Mikhail.

Encorajada pelas orações dos fiéis, voltei para casa passando por um caminho enlameado, devido à neve que caía. Fisicamente, me sentia muito fraca.

Grávida e cansada, agonizava com a incerteza da situação do meu marido. Lembro-me vividamente de como meus filhos pequenos se agarravam a mim, enquanto meus pais apenas ficavam sentados ali perto, com a cabeça abaixada.

Um pouco depois, naquela tarde, algumas irmãs da igreja chegaram para me encorajar, ler a Palavra de Deus e orar.

– O Senhor é meu pastor – uma delas leu com fervor – e nada me faltará.

Antes de terminar o texto, alguém começou a bater alto e com força na janela, gritando:

– Anna, Anna, venha depressa! *Pedro* está chegando. Galya (meu apelido), Galya, venha encontrar alguém! *Pedro está a caminho!*

A princípio, nenhum de nós conseguiu entender o que estava acontecendo. Saí correndo da casa e encontrei a irmã Olya Lybenchenko perto da minha janela, calçando apenas galochas nos pés. Ela viera correndo na lama para me poupar de quaisquer minutos extras de preocupação e para ser a primeira a anunciar algo extraordinário.

– Vá encontrar *Pedro*! – ela falou com voz estridente. – Eu o vi vindo do ponto de ônibus!

Olhei para o morro íngreme que levava à nossa rua. Era verdade, alguém estava vindo em direção à nossa casa. Foi só então que consegui entender: ela estava se referindo a Mikhail! Meu precioso marido veio correndo em nossa direção. Ele me pegou em seus braços, enquanto nossas crianças se juntaram, agarrando-o.

– Louvado seja Deus! – exclamei. – Mesmo nos dias de hoje, Ele opera milagres tão grandiosos como na época dos apóstolos!

Durante aqueles quatro dias, Mikhail esteve, sim, preso na cadeia da KGB, onde muitas acusações foram feitas contra ele por causa de seu ativo trabalho missionário. Mas o Senhor o conduziu a uma libertação miraculosa. Aqueles que tentaram abater seu espírito perceberam que todos os esforços não geravam resultados e então decidiram deixá-lo livre, pelo menos por um tempo.

Mikhail continua:

Com a permissão de minha querida e corajosa Anna, vou interromper por um instante seu relato, para que Evangeline possa descrever brevemente suas próprias lembranças daquele dia.

Evangeline escreve:

Eu não entendia o que estava acontecendo. Só sabia que papai não voltara

para casa aquela noite. Em minha memória, encontra-se estampada a imagem do corpo esbelto de mamãe, com sua barriga protuberante e olhos enormes. Eu conseguia perceber com clareza a tristeza e ansiedade que o rosto dela revelava.

Mamãe deixou a mim e a meus irmãos com a vovó e foi até a casa de Vera Frolova, para pedir que ela a ajudasse a encontrar o papai. Pouco depois que ela saiu, um homem que eu não conhecia bateu à porta.

– Mikhail Kulakov mora aqui? – ele perguntou rudemente.

– Sim, ele mora – vovó respondeu. – Mas não está em casa agora.

– Então, onde ele se encontra?

Vovó o encarou de modo fixo e penetrante.

– Ele está lá com vocês!

Vi a expressão raivosa que surgiu no rosto daquele homem.

– Onde você conseguiu essa informação? Por que é que nós iríamos prendê-lo e depois vir aqui procurar por ele? Aqui, – ele falou, mostrando um pedaço de papel – entregue isso a Kulakov. Ele deve comparecer ao escritório da KGB às dez horas da manhã, na sexta-feira.

Mamãe voltou para casa doente e cansada. Ela não conseguiu descobrir onde papai estava nem o que lhe acontecera. Torturada pela incerteza, passou a noite em oração. Na manhã seguinte, levou a intimação ao escritório da KGB, mas novamente voltou para casa sem nenhuma novidade. Nós, os filhos, conseguíamos sentir seu sofrimento; por isso, ficávamos em silêncio bem juntinho dela. Quietinha, eu elevava minhas orações infantis a Deus, pedindo a Ele que ajudasse meus queridos papai e mamãe.

Nunca me esquecerei de nossa alegria quando, no sábado de tarde, nossa tristeza se transformou em grande felicidade. Nossa bondosa vizinha, que à distância viu papai voltando para casa, bateu com força em nossa janela para anunciar as boas-novas. Papai estava vivo, livre e vindo para casa nos encontrar!

Anna continua:

Essa experiência difícil foi um grande teste da minha confiança em Deus, mas, a partir de então e durante as várias provas que se seguiram, aprendi que Cristo está pronto para nos conduzir por todas as dificuldades desta vida terrena. A única coisa que precisamos fazer é não perder a esperança.

Mikhail viajava muito, visitando nossas congregações espalhadas pelo Cazaquistão e pelas repúblicas da Ásia Central. Lembro-me muito bem de uma história que ouvi das irmãs Laluev, que moravam em Karabalty. Elas eram filhas de Ivan Evdokimovich Laluev, trabalhador incansável da seara do Senhor. Ele

também era constantemente ameaçado e perseguido. Sua vida e ministério terreno foram abreviados na prisão, onde ele morreu como um verdadeiro seguidor de Jesus.

Elas me contaram que na primeira visita de Mikhail aos crentes de Karabalty a KGB ficou com suspeitas. Essa cidade não ficava distante de uma instalação militar secreta que tinha o misterioso nome “Caixa de Correio”. É provável que ela tenha recebido esse título porque devia funcionar como um centro de pesquisa também. Havia vários centros do gênero, guardados por militares, dos quais nada de sabia, além do endereço postal.

Então, quando meu marido estava realizando um culto na casa da família Laluev, as autoridades o prenderam e o levaram para ser interrogado.

Ivan Laluev e o restante daquele pequeno grupo de crentes ficaram chocados. Eles se sentiram responsáveis por não ter conseguido proteger o homem que fora lhes ministrar. As várias horas que Mikhail passou sob a custódia da KGB foram momentos de fervente oração. Quando as autoridades finalmente o liberaram, ele retornou para a casa dos Laluev. Lá, encontrou aquela família e vários outros membros da igreja ainda de joelhos, em oração. O chão de madeira trazia evidências de suas lágrimas.

Com essa experiência, concluo minha história, pedindo a Mikhail que continue a escrever suas memórias. Tenho medo de que as coisas das quais me lembro contenham muitas lágrimas, embora nem todas elas tenham sido lágrimas de tristeza – houve muito choro de alegria também. É difícil dizer quais ocorreram em maior quantidade. Graças a Deus pela esperança gloriosa de um Salvador que mal pode esperar para enxugar dos nossos olhos toda lágrima (Apocalipse 21:4).

Mikhail e eu concordamos de todo o coração com a seguinte estrofe de um dos belos hinos de Margaret Clarkson:

*Ó, Pai, Tu és soberano,
O Senhor da dor humana
Transformando tristezas terrenas
Em ouro para ganho celestial.
Todo o mal subjugando,
Como só o grande Conquistador pode fazer,
Teu amor cumpre o propósito
De fazer bem eterno à nossa alma.*



No tribunal

Mikhail escreve:

Quanto mais Anna e eu servíamos na igreja de Almaty, mais admirávamos aqueles santos fiéis e mais queríamos saber acerca de seu passado. Durante o fim da década de 1930 e começo dos anos 1940, as forças de Stalin contra o cristianismo varreram toda a União Soviética com o mesmo fervor de Saulo, conforme relatado em Atos 9:1: “respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor”.

Vera Stepanovna Butenko, que tinha oito anos de idade em 1934, se lembra muito bem daqueles tempos.

“A igreja de Almaty contava com quarenta membros naquela época”, ela se recorda. “Lembro-me dos lindos hinos congregacionais conduzidos pela irmã Sabina e seis membros do grupo musical da família Ribalko. Essas pessoas cantavam com todo o coração, mesmo durante a terrível fome que durou vários anos. Eles louvavam a Deus por Sua salvação e cuidado. Eram tempos em que nossa igreja vivia como a igreja cristã primitiva descrita no livro de Atos: tendo tudo em comum.”

Em 1935, a família Chiznov chegou, trazendo mais cinco cantores à congregação, que agora se reunia na rua que se chamava Kirghiz. Por volta de 1936, o grupo já havia aumentando para sessenta membros e os cultos, sob a direção do pastor Remfert, passaram a ser realizados na rua Podgorny, em vez de na casa da família Luchinikov. Parecia natural pensar que essa experiência feliz perduraria para sempre.

Mas, infelizmente, 1937 chegou. Um ano muito triste na história da Rússia, quando a repressão religiosa de Stalin começou a todo vapor. Os adventistas de Almaty não foram poupados.

O golpe ocorreu durante um culto, que, naquela época, era realizado na

sexta-feira à noite na casa da família Luchinikov. O irmão Stepovoy estava dirigindo o culto e o pastor Remfert estava prestes a iniciar o sermão. Os dois estavam de pé no púlpito, embaixo de uma lâmpada de querosene pendurada no teto.

De repente, houve uma comoção e pela porta entrou correndo uma mulher exibindo um enorme pedaço de pau. Ela às vezes ia às reuniões, mas se comportava de forma suspeita. Por isso, todos desconfiavam que ela era uma provocadora enviada pela NKVD.

A mulher voou em direção ao púlpito, gritando:

– Eu exijo que vocês me aceitem como membro desta igreja!

Em seguida, ela movimentou o pedaço de pau como se fosse um taco de beisebol, atingindo e destruindo a lâmpada de querosene. Alguns homens foram em sua direção para detê-la, mas ela resistiu, arranhando freneticamente o rosto com as unhas e batendo a cabeça contra a parede.

Três dias depois, os jornais locais publicaram um artigo provocador, criticando aquela “seita”, que, segundo eles, espancava brutalmente e estuprava mulheres. Eles mencionaram como “provas” o rosto arranhado e a cabeça cheia de hematomas daquela mulher. O pastor Remfert e dois outros líderes da igreja, os irmãos Shishkov e Rybabov, foram presos imediatamente. As autoridades os forçaram a andar pelas ruas num carro negro oficial para apontar onde ficavam as casas dos outros membros. Ao todo, 32 pessoas foram presas, incluindo os chefes das famílias Butenko, Dyadichkiny, Sitnik, Stepovoy e Goncharenko. Somente uns poucos tiveram tempo de se esconder. Tudo o que restou da igreja de Almaty foram algumas viúvas e crianças.

O pastor Remfert e os irmãos Shishkov e Rybabov foram assassinados. A senhora Bazalivich, tesoureira da igreja, sumiu sem deixar vestígios. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ela. Os outros membros presos foram enviados para a região ártica, na República de Komi, onde se misturaram a trezentos outros prisioneiros. Todos foram escoltados até a taiga (floresta densa). Lá receberam serrotes e machados, mais um suprimento de comida, constituído de pão seco e peixe salgado. Depois, foram deixados sozinhos para prover a própria subsistência. A única água que tinham era a que estava debaixo de seus pés – a espessa camada de neve.

Alguém fez uma enorme fogueira e, na temperatura abaixo de zero, os prisioneiros procuravam lugares com limo para fazer de cama e travesseiro. Quando alguém morria, as pessoas disputavam suas roupas e as usavam. Doze homens adventistas morreram ali, longe de suas famílias. Foram enterrados pelo

irmão Stepovoy em sepulturas que seus descendentes nunca conseguirão encontrar.

Mesmo nesse cativeiro cruel, os fiéis encontraram maneiras de adorar a Deus. Eles encontravam sua Betel, assim como Jacó, por meio de caminhadas solitárias pelas trilhas marcadas na tundra, onde buscavam comunhão com Deus e forças, embora suspeitassem que apenas a volta de Jesus os reuniria com sua amada família. E o Senhor respondia.

Numa tarde, certo homem adventista chamado Makar Stepovoy estava voltando por uma trilha na floresta depois de um árduo dia de trabalho. Suas pernas estavam tão cansadas que ele praticamente se arrastava. De repente, ele viu, um pouco à sua frente, uma pequena sacola. Ele se abaixou para pegá-la e descobriu que estava repleta de torradas. Com dedos trêmulos, Makar colocou uma das torradinhas na boca, enquanto sua mente lutava para processar o turbilhão de pensamentos:

Quem, nesta terra assolada pela fome, colocaria uma sacola com torradas nesta trilha? Talvez os corvos, como na história do profeta Elias?

Outro cristão, Alexandr V. Frolov (o marido de Vera, que havia acompanhado minha esposa em suas visitas às autoridades quando a KGB me mantinha em custódia secreta), me contou a história de seu milagre. Ele foi preso em 1939 e mandado para a região gelada da Sibéria. Certo dia, durante o inverno, ele estava retornando de uma caminhada de oração e, de repente, viu uma corça em cima de um monte de neve, logo à frente.

“Ela estava parada ali como se estivesse esperando por mim”, Frolov se recorda. “Por acaso, eu estava carregando um machado. Eu o ergui acima da cabeça e o lancei contra o animal com todas as forças, e consegui matá-lo com um golpe só. Em nenhum momento aquela corça recuou ou tentou correr. Enterrei a carne na neve e foi assim que eu e outro adventista conseguimos sobreviver naquele inverno. Quem preparou aquele animal para mim? Com certeza, Aquele que conhece todas as nossas necessidades!”

Num dia frio de março, em 1961, o chefe da câmara de vereadores me convocou para ir ao seu escritório.

– Mikhail Kulakov, – ele disse – por ordem da câmara de vereadores você deve comparecer ao tribunal para responder às acusações de que estava realizando serviços religiosos ilegais.

Os tribunais públicos eram a última tática que Nikita Krushev estava empregando na esperança de se ver livre do que ele chamava de “preconceitos

religiosos”.

“Precisamos remodelar a consciência daqueles que estão concluindo a implantação do socialismo em nossa União Soviética”, ele e outros líderes do partido declaravam. “Vivemos em um novo mundo de igualdade e fraternidade universais e justiça para todos. A religião não é somente o ‘ópio do povo’, como Marx disse, mas também um feio impedimento para o caminho de um futuro brilhante. *Lembrem-se! A luta contra a religião é uma luta em favor do socialismo!*”

Naquela época, ninguém imaginava que, quase cinquenta anos mais tarde, Dmitry Ageev, participante de uma das Conferências de Moscou sobre Direitos Humanos, olharia sobriamente para trás e reconheceria a falência dessa triste filosofia.

“O extremismo”, ele disse, “que ameaça se tornar uma das maiores catástrofes do século 21, é resultado direto da atitude de desdém em relação à personalidade humana e sua essência espiritual, atitude essa que foi ideologicamente consolidada e colocada em prática pelos regimes totalitários do século 20.”

Mas, em 1961, ninguém no poder sabia que isso aconteceria, nem se importava com essa possibilidade. As autoridades locais de Almaty, bem como a KGB, faziam tudo que lhes era possível para erradicar a fé adventista e as outras religiões. Como as décadas anteriores de prisões, assassinatos e deportações para a Sibéria apenas pareceram servir para que o número de membros das igrejas crescesse, os líderes do partido mudaram de abordagem.

“Utilizem métodos ideológicos na guerra contra a religião”, eles ordenavam. Traduzindo essa expressão, eles queriam dizer que os cristãos deveriam ser atacados em artigos de jornal mentirosos, demitidos de seus empregos e subjugados nos chamados tribunais públicos.

– Kulakov, – o oficial me falou – ao se preparar para o julgamento no tribunal público, esteja pronto para o pior. Embora a decisão do tribunal público não tenha implicações legais, seu caso pode muito bem ir para a corte criminal, onde você será condenado por atividades ilegais. Portanto, traga consigo roupas apropriadas e suprimento de comida para viagem.

Com o coração pesado, me arrastei de volta para casa, para poder compartilhar aquelas terríveis notícias com Anna. Lembrando das outras vezes em que eu fora preso e dos anos que passara na prisão, nós nos preparamos para a possibilidade de ficarmos separados nos anos seguintes.

Alguns dias depois, recebi a intimação. Minha audiência seria realizada na

sede de um clube localizado na propriedade de uma fábrica de botas de feltro. Anna, tentando ser valente e esconder das crianças as lágrimas, preparou uma mala com comida e algumas roupas, para estarmos preparados, caso fosse necessário. Antes de sair de casa, peguei no colo nosso quarto filho, Mikhail Jr., na época, com um ano e meio, e o abracei bem forte. Embora as outras crianças também estivessem agarradas a mim, era especialmente doloroso pensar em me separar daquele bebê ainda tão dependente.

– Pai celestial, – orei – o Senhor não poupou Seu próprio filho para salvar os pecadores; portanto, consegue entender o que estamos passando neste momento. Sustenta-nos, ó Deus. Pedimos que, se possível, não sejamos separados. Confiamos completamente no Senhor.

Anna e eu deixamos as crianças na casa dos avós e nos dirigimos à sede do clube. Como você se lembra, a partir dos primeiros capítulos deste livro, meu primeiro julgamento e o de meu pai foram realizados em absoluto segredo, mas este julgamento público – conduzido de acordo com a ridícula filosofia nova em relação à religião – seria totalmente diferente. A ideia era que os “representantes do público” tivessem a oportunidade de ouvir abertamente o caso e dar sua opinião sobre a culpa ou inocência do acusado.

O clube estava lotado. A maioria dos membros da igreja estava assentada no auditório. As autoridades da cidade trouxeram vários membros da Komsomol (Liga Comunista da Juventude) para encher a plateia. Esses jovens haviam sido cuidadosamente treinados para interromper a ação legal com discursos e brados destinados a demonstrar ódio pela religião e desprezo pelos crentes.

Depois que o magistrado responsável abriu a sessão, o promotor do Estado foi o primeiro a falar. Num longo discurso bombástico, ele fez o máximo para manchar meu nome e denegrir a congregação.

– Kulakov, – o juiz disse por fim – você tem cinco minutos para responder.

Cinco minutos?, pensei. *Isso é tudo?* Mas é claro que eu não esperava de forma alguma por justiça.

Levantei-me e me aproximei da plataforma. Em minhas mãos, segurava dois panfletos contendo citações das obras de Lênin, o fundador do comunismo soviético. Pode ser surpreendente para os leitores o fato de que, antes da Revolução Bolchevique de 1917, Lênin tenha criticado severamente por escrito o governo czarista por sua perseguição aos crentes não ortodoxos. Ele prometia que, se os comunistas vencessem, plena liberdade religiosa seria concedida ao povo russo.

Portanto, eu simplesmente li algumas dessas declarações em voz alta.

Mostrei como Lênin considerava as leis de perseguição aos cristãos não ortodoxos como infames.

– Todas essas leis são injustas e opressoras – eu lia. – Elas são impostas à força sobre o povo. Todos devem ter o direito não apenas de crer no que quiser, como também de propagar a fé que desejar.

Mas mal tive tempo de ler duas ou três frases quando o magistrado me interrompeu.

– Olhem para ele – o juiz disse, cheio de desdém. – Kulakov é um velho espertalhão, que sabe desviar a atenção dos outros. Quer agora confundir o oponente usando a arma dele!

Eu continuei a leitura.

– Fique quieto! – o magistrado gritou.

– Ei! – alguém gritou nervosamente da última fileira.

Olhei para lá e vi em pé um homem que eu não conhecia.

– Ei, seu juiz sem Deus! – ele bradava, e eu conseguia perceber a exasperação em cada sílaba que proferia. – Por que você está tentando fazer Kulakov se calar? É a vez dele falar!

– Silêncio! – o magistrado bradou de volta. – Polícia, polícia! Tirem daqui esse bêbado intoxicado!

Depois que aquele homem indignado, que de forma alguma parecia bêbado, foi removido do ambiente, os jovens do Komsomol, juntamente com outros, ergueram a voz.

– Vamos lá! – eles gritavam. – Este lugar está muito quente para Kulakov!

– É isso aí – alguém dizia. – Exílio! Ele merece o exílio!

– Para a Sibéria! Sibéria Oriental, quem sabe na região de Kluma!

Minha querida Anna não estava acostumada a esse tipo de coisa. Enquanto ouvia os gritos e ameaças, permanecia em contínua oração. *Querido Pai, a despeito do que acontecer, por favor, não deixe que fiquemos separados. Mesmo se ele for deportado para o lugar mais assustador da Rússia, permita que possamos ir todos juntos.*

Subitamente, a audiência chegou a um fim abrupto, não sei ao certo o porquê. Essa situação me lembra a cena do livro *O Peregrino*, de John Bunyan, na qual Christian era aterrorizado por leões, mas eles não conseguiam lhe fazer mal porque estavam acorrentados. Fui liberado e mandado de volta para casa. Anna estava tão traumatizada que não conseguia caminhar sozinha. Precisei apoiá-la de um lado, enquanto uma de nossas queridas irmãs adventistas a apoiava do outro. Felizmente, a caminhada até nossa pequena casa na rua

Shelikhova era de apenas cinco ou seis quarteirões.

Enquanto escrevo este livro, ouvi uma intrigante “voz do passado” que me fez recordar daquele julgamento público, me convencendo de que nada neste mundo acontece sem ser inteiramente esquecido, ou perdido sem vestígios.

Em novembro de 2005, a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia recebeu um pedido de informação a meu respeito por parte de um cidadão russo, que estava tentando entrar em contato comigo. Como o sobrenome dele era o mesmo do de alguns dos meus parentes, mencionei isso em resposta.

“Eu não o conheço”, escrevi. “Talvez você seja um parente distante.”

Naquela carta, incluí meu e-mail e logo em seguida recebi uma resposta:

Permita-me fazer uma apresentação com maior propriedade. Infelizmente, posso desapontá-lo. Não pertenço à sua família, mas sou alguém com quem o senhor teve contato no passado distante: tivemos uma breve conversa muitos anos atrás.

Acredito que era o início da década de 1960, no começo de março, em Almaty. Era uma daquelas noites de frio intenso, com lama congelada crepitando embaixo dos pés. Naquela noite, uma das chamadas audiências públicas estava sendo realizada numa fábrica de botas. O tópico em discussão era a atividade de uma organização que o senhor liderava. Ali, vários comentários rudes foram lançados contra o senhor.

Eu fazia parte do grupo de voluntários da Komsomol. Estava ali para ajudar a preencher o auditório, mas também para ampliar minha visão, ter acesso a novos pontos de vista. Senti-me mal após a reunião, pois sabia que, mesmo de maneira discreta, havia participado de uma desprezível corte que agia de forma contrária à lei.

Na saída, me aproximei do senhor enquanto saía daquele lugar. Acredito que sua esposa estava ao seu lado.

Eu disse:

– Acredito que essa reunião deve ter sido deprimente para vocês.

O senhor me olhou com uma expressão de tristeza e me falou:

– Você estava lá. Viu o que aconteceu.

Depois de muitos anos, percebi que o seu nome aparecia na mídia. Depois, fiquei sabendo sobre sua capacidade como líder da Igreja Adventista na URSS e, finalmente, como diretor do Instituto de Tradução da Bíblia. Mais de uma vez tive a oportunidade de vê-lo na TV e também me lembro de seu discurso no Soviete Supremo da URSS.

Em relação à sua tradução do Novo Testamento [...], que Deus abençoe e

acompanhe essa nobre iniciativa!

Enquanto eu lia a carta desse homem, lembrei-me das palavras do Salmo 126:5, que diz: “Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão.” Agradei ao Senhor por ter me dado a oportunidade de ver os resultados de uma semente plantada 45 anos antes, naqueles tempos em que éramos forçados a testemunhar do Salvador muito mais por meio de nossa vida do que por palavras.



Divisão na igreja

Para poder contar sobre um dos mais complicados dilemas que os adventistas russos enfrentaram durante décadas de opressão, e mostrar os problemas causados e como eles foram triunfantemente resolvidos, preciso voltar alguns meses antes do julgamento de Almaty, que descrevi no capítulo anterior.

Certo dia, no fim do outono de 1960, eu estava andando pelas ruas de Moscou, pensando e orando sem cessar. Tinha 33 anos e estava terminando o segundo ano como líder do movimento adventista clandestino no Cazaquistão e nas outras repúblicas asiáticas. Meu coração não estava apenas pesado devido às minhas responsabilidades, mas entristecido, porque o pastor Korolenko, que ocupou essa posição antes de mim, acabara de receber a sentença de oito anos de trabalho em campos de concentração. Todos os dias, eu esperava que a mesma coisa fosse acontecer comigo.

Por isso, viajei até a capital do país para me encontrar com alguém a quem respeitava profundamente, um homem humilde de espírito e de constituição delgada, o já idoso pastor Steven Kulizhski, presidente do Concílio de Todas as Uniões da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Um dos fardos em meu coração era que, apesar de sua posição importante, o pastor Kulizhski representava apenas uma das duas principais facções do adventismo russo. A outra era sediada em Rostov-on-Don, na região sul da União Soviética.

“Mas por que os adventistas russos se dividiram em duas facções?”, posso ouvir algum leitor confuso se perguntando. “Não seria melhor permanecer juntos para formar uma oposição unida perante as autoridades?” A resposta a essa pergunta mostra o plano inteligente de Deus para a organização da igreja, e as tragédias que acontecem quando esse plano não é plenamente levado em conta.

O principal motivo pelo qual não podíamos ficar unidos é que o governo

tornava praticamente impossível a comunicação de uns com os outros. O Estado soviético tinha um medo quase patológico das organizações ou ajuntamentos que ele não controlava. Como o governo era proprietário e monitorava todos os serviços de comunicação, como telefone e correios, e como as únicas casas de impressão pertenciam ao Estado, os adventistas haviam percebido, tempos antes, que seria quase impossível – e muito perigoso – tentar manter conversas a longa distância, quer por telefone ou por escrito, sobre as igrejas em crescimento no país.

Isso obviamente significava que não podíamos realizar votações dos líderes da igreja. E, mesmo se conseguíssemos criar algum tipo de política detalhada de trabalho que satisfizesse a todos, não teríamos condições de implementá-la. Sem meios de comunicação seguros, os líderes da igreja consideravam impossível manter o pulso sobre as igrejas espalhadas por um país maior que o Canadá, Estados Unidos, México e América Central juntos. Sob as condições repressoras daquele regime, não havia condições de a Igreja Adventista estar toda “no mesmo ritmo”.

Portanto, o inevitável aconteceu. Agentes da KGB infiltrados na igreja, assim como a velha natureza humana, levaram os líderes e membros leigos de uma área a suspeitar dos líderes e membros de outra região, os quais eles conheciam pouco ou nada. Rumores se espalharam e não houve meios de usar a verdade para silenciar as mentiras. Que diferença seria se pudéssemos realizar reuniões campais regionais, trazendo oradores de todas as partes da nação, assim como da Associação Geral!

Você deve imaginar a frustração que os líderes adventistas sentiam. Durante aqueles anos terríveis, o pastor Grigoryev fez o seu melhor para manter a igreja unida. No meio da década de 1940, a pressão dos outros países forçou Stalin a permitir, contrariado, um mínimo de liberdade religiosa. Juntamente com os líderes de outras denominações, Grigoryev obteve a permissão para organizar um “comitê de liderança da igreja”. Contudo, ele não tinha condições de reunir os líderes adventistas talentosos espalhados pela nação. Por isso, teve que depender daqueles que estavam disponíveis por perto – e cuja nomeação não despertava objeções por parte das autoridades.

– Vocês também têm a permissão de publicar um jornal da igreja – as autoridades estatais disseram. – Mas terão que incluir artigos ocasionais que encorajem os leitores a ser patriotas, a amar o país. Deixem que eles saibam o que estamos fazendo para promover a paz entre as nações e o bem-estar de nossos cidadãos.

Grigoryev não viu problema nisso e encarregou a função de editor a um pastor ordenado, que ele acreditava ser capaz de desempenhar esse papel muito bem.

– Nossa igreja não tem nenhuma publicação desde 1928 – ele disse para aquele homem. – Vamos compensar o tempo perdido.

Mas o editor em potencial se mostrou uma pessoa inflexível e, quando soube do pedido das autoridades relacionado à cobertura de imprensa ocasional em favor do Estado, foi contra.

– Impossível! – ele disse. – Isso bate de frente com minhas convicções. É melhor não publicar nada do que fazer concessões ao sistema.

Eu conhecia o pastor Grigoryev e aquele editor em potencial muito bem. Ambos eram adventistas fiéis, mas tinham opiniões diferentes quanto aos métodos adequados para espalhar o evangelho. Fiquei triste ao perceber o desapontamento daquele antigo líder, ao assistir à oportunidade de publicar material da igreja ser desperdiçada. Passaram-se 35 anos até que a igreja tivesse a permissão para publicar novamente e isso depois de diversas solicitações junto ao governo. Ademais, não foi um jornal da igreja, mas um pequeno calendário com referências a versos da Bíblia.

Enquanto isso, as facções começavam a se formar. A perseguição havia removido muitos líderes sábios e influentes, que talvez teriam sido capazes de salvaguardar a união da igreja. Após a morte de Grigoyev, em 1952, a igreja se dividiu em dois grupos principais, e vários grupos menores que se identificavam vagamente com uma das tendências maiores. Ambos lutavam pelo domínio sobre o outro.

O que era mais triste e desconcertante é que ninguém conseguia apontar as razões reais da divisão. Nenhum dos grupos podia ser acusado de repudiar as doutrinas adventistas. Cada facção tinha certeza absoluta de que estava do lado da verdade, protegendo a igreja dos seguidores infiéis de Jesus.

Em alguns casos, o problema envolvia decisão sobre minúcias, como, por exemplo, se a igreja deveria realizar uma Santa Ceia aberta ou reservar esse rito apenas para os membros fiéis. Em uma sociedade livre, seria possível lidar com tais questões de forma direta, por uma organização estabelecida, cujos líderes e outros pensadores poderiam disponibilizar conteúdos em forma de seminários e literatura. Para nós, isso era impossível.

Além disso, devido às restrições de publicação impostas pelo governo, as obras de Ellen G. White eram muito raras. Quase ninguém tinha acesso a elas. Foi apenas em 1950 que os membros começaram a traduzir e a “imprimir”

(datilografando em segredo e fazendo múltiplas cópias com papel carbono) livros como *Parábolas de Jesus*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Caminho a Cristo* e *O Maior Discurso de Cristo*. Isso significa que a verdade completa e equilibrada acerca da justificação pela fé ainda não havia alcançado os adventistas da Rússia, até o momento em que tiveram a oportunidade de ler aquelas traduções em papel de arroz.

Como eu desejaria que tivéssemos acesso cedo e frequente a advertências inspiradas como esta: “Justiça própria não é verdadeira justiça, e aqueles que a ela se apegam terão que sofrer as consequências de uma decepção fatal. Muitos hoje em dia presumem obedecer aos mandamentos de Deus, todavia não possuem no coração o amor de Deus para transmiti-lo a outros” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 279).

A organização clandestina da Ásia que eu liderava procurava permanecer neutra no tocante aos grupos em conflito. Visitei os dois centros e tentava manter relações fraternais e cristãs com ambos.

Entretanto, naquele dia gelado do outono de 1960 eu estava caminhando pelas ruas de Moscou, ao invés de ir direto até o escritório do Conselho de Todas as Uniões (um apartamento localizado na Avenida Mira), por causa de minhas próprias suspeitas. Elas haviam sido plantadas em minha mente pelos líderes da facção de Rostov-on-Don.

– Irmão Kulakov, – eles me alertaram – alguns homens que trabalham naquele escritório junto com o pastor Kulizhski não são fiéis à causa de Cristo!

Será que devo levar meus pesados fardos ao escritório da avenida Mira e compartilhar com eles?, perguntei-me. Se é verdade que há lobos ali dentro, posso trazer ainda mais perigos para o trabalho do Senhor. Ao invés disso, irei à casa do pastor Kulizhski para encontrá-lo lá depois do expediente. Eugenia, sua esposa hospitaleira, fará por mim o que faz a todos os pastores viajantes, mesmo os que chegam de última hora: ela me dará comida e um lugar para passar a noite.

Eu conhecia o sistema de transporte público de Moscou bem o suficiente para planejar minha chegada de modo que estaria na casa do pastor Kulizhski ao mesmo tempo que ele. O trajeto envolvia tomar dois ônibus. Portanto, peguei o primeiro. Quando cheguei ao terminal de conexão, fiquei muito satisfeito de ver o próprio pastor Kulizhski em meio à multidão. Ele me identificou no mesmo instante, mas sua face demonstrava um misto de surpresa, desprazer e ansiedade.

– Mikhail, Mikhail! – ele chamou com a voz extremamente agitada. – Por onde você andou?

Apressei-me para estar ao seu lado, espantado.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Por que você não foi até o meu escritório?

Eu o encarei e disse:

– Mas como você sabia que eu estava aqui na cidade?

– Na verdade, eu não sabia – ele admitiu. – Mas precisávamos muito de você lá hoje.

– Por quê?

Ele olhou em volta e depois disse sussurrando, ao meu ouvido:

– Hoje recebemos um Visitante – e em seguida parou de falar um pouquinho. Eu quase consegui ouvir o “v” maiúsculo saindo de sua boca e não teria ficado surpreso se ele tivesse terminado a frase dizendo: “vindo do Céu”.

– Vindo da Associação Geral! – ele concluiu triunfante.

Comecei a respirar ofegante. Agora eu conseguia entender a alegria do pastor Kulizhski.

– Quem? Quem é que veio?

– Você não vai acreditar: o próprio presidente, R. R. Figuhr! Ele veio até nosso escritório!

Minha cabeça estava em reviravolta.

– Mas... e as *autoridades*? Como ele conseguiu passar pelo crivo delas?

– Você quer saber quão oficial permitiram que a visita dele fosse? – O pastor Kulizhski olhou novamente com cuidado ao redor e depois continuou. – Com certeza eles sabiam quem ele era. Sábado passado, ele visitou a igreja de Moscou como turista. As autoridades não permitiram que ele pregasse e nem que fosse à frente cumprimentar a igreja. Mas deixaram que ele fizesse um bilhete para alguém ler no púlpito.

Ele percebeu que um ônibus se aproximava.

– Aquele é o nosso – o pastor disse e juntos embarcamos. – E hoje o pastor Figuhr pegou um táxi e apareceu no escritório! – Ele mal conseguia conter o entusiasmo. – Ele sabia o nosso endereço e simplesmente chegou lá!

Para entender os sentimentos do pastor Kulizhski, é necessário compreender um pouco mais sua situação naquela época. Amar e servir a igreja da maneira como ele fazia, mas ficar separado de seu órgão principal pela cortina de ferro, obtendo informações sobre o adventismo em outros países somente através de pequeninas informações, que se esperava que fossem verdadeiras, era difícil. Portanto, não é de se espantar que esse tenha sido um dos dias mais empolgantes de sua vida!

– Mas, Mikhail, meu filho, nós precisávamos de você hoje. Nós precisávamos de você!

– Por causa da barreira linguística? – tentei adivinhar. Eu havia aprendido inglês nos campos de trabalho forçado, primeiro de um arquiteto naval russo chamado Lapin, que vivera na Inglaterra durante 25 anos. Ele tinha sido mandado para lá pelo governo soviético, com o objetivo de estudar a arte da construção de navios. Quando voltou para casa, o governo decidiu que ele era um espião britânico e prontamente o enviou para os campos.

O pastor Kulizhski suspirou e concordou.

– Havia tanto que eu gostaria de ter dito a ele! Queria compartilhar nossas alegrias e aflições. Queria que ele entendesse o quanto nossa igreja está sofrendo, não apenas devido às perseguições, mas também por causa das divisões e lutas internas. Queria ter orado com ele. Queria ter discutido sobre como a Associação Geral pode ajudar os adventistas deste país.

– Então o que você fez? – perguntei.

– Convidamos uma das mulheres de nossa igreja para traduzir. Mas o inglês dela não era muito bom e, para ser franco, eu não a conheço muito bem; por isso, não quis falar demais sobre os problemas de nossa igreja na presença dela.

Então ele me olhou com tristeza:

– Se tão-somente você tivesse ido ao escritório hoje! Ele e eu poderíamos ter compartilhado tantas bênçãos ali. Por que motivos você não foi nos ver?

Abaixei os olhos e confessei:

– Por causa de uma suspeita imperdoável! – e brevemente lhe contei toda a história.

Mais tarde, depois que sua gentil esposa, Eugenia, nos convidou para jantar, perguntei a meu anfitrião:

– O pastor Figuhr deixou algum conselho para os irmãos da Rússia?

– Sim, ele deixou – disse Kulizhski, me observando com cautela – e isso pode lhe parecer surpreendente.

– Pois bem, o que ele disse?

– Ele sugeriu que procuremos oportunidades para desenvolver relações de trabalho com o governo soviético.

Ele estava certo. Foi, *sim*, uma surpresa. Eu levaria dez anos refletindo sobre essas palavras para começar a ver alguma luz nelas. Primeiro, eu tinha que superar meus preconceitos pessoais e aprender mais sobre confiança na orientação do Senhor.

Recebi algumas respostas a esses questionamentos quando Deus

providencialmente abriu as portas da sede da Associação Geral para mim, em 1970. Minha tia me convidou para visitá-la em San Francisco e o governo, por incrível que pareça, me deu permissão para ir. Os líderes da Associação Geral insistiram para que eu os visitasse em Takoma Park. Lá, tive o privilégio de orar junto com eles e de ter uma longa conversa sobre um assunto que me perturbava bastante: como construir relações com o grupo de governantes do Estado sem comprometer os princípios básicos de nossa igreja?

Os pastores Robert Pierson, Theodore Carcich, Walter Beach e outros compartilharam suas ideias comigo. Dentre vários materiais, recebi uma cópia do relatório que o secretário da Associação Geral, W. R. Beach, havia feito na assembleia da Associação Geral realizada em 1970.

“O Salvador não tentou nenhuma reforma civil. Não atacou nenhum abuso nacional, nem condenou os inimigos da nação. Não interferiu com a autoridade nem com a administração dos que se achavam no poder. Aquele que foi o nosso exemplo conservou-Se afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias do homem, mas porque o remédio não residia em medidas meramente humanas e externas. Para ser eficiente, a cura deve atingir o próprio homem, individualmente, e regenerar o coração” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 509). Isso Ele tentou fazer sem cessar.

Por isso, os adventistas do sétimo dia pregam as boas-novas de Deus, não política, nem reformas sociais. Eles nunca igualam a anarquia com a vontade do Senhor, nem por qualquer movimento de imaginação, nem através de exegese bíblica confiável. E a extensão do seu compromisso de lealdade para com Deus os proíbe de tomar parte em qualquer movimento secreto de resistência. Atividades “secretas” destoariam; seriam uma contradição com os adventistas do sétimo dia. Eles não conspiram contra ninguém, nem se escondem secretamente por medo. Pelo contrário, persistem como Jesus em Seu ministério público e suportam as consequências. Jesus disse: “O Meu Reino não é deste mundo” (João 18:36). O capitalismo, o comunismo e todas as teorias sobre a propriedade são irrelevantes. Os adventistas servem à humanidade, ficando lado a lado com homens de boa vontade em nobres empreendimentos. É possível que se sintam mais próximos dos oprimidos, dos destituídos e dos pobres; mas também precisam dar sua mensagem aos ricos e aos poderosos. Eles afirmam: “Não existe poder a

não ser o de Deus.” Até mesmo nos tempos mais amargos de opressão, em meio às dificuldades, a corrente da fé deve fluir com mais força e profundidade por causa disso. Embora essa fé possa ser escarnecida por alguns “poderes” de determinadas terras, o caminho dos mensageiros de Cristo é testemunhar de forma aberta por meio de ações e palavras. Esse é o caminho da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Quando voltei para meu país com esse material e os bons conselhos da liderança da Associação Geral, devo admitir que tive dificuldades em convencer alguns colegas de que deveríamos aceitar essa posição como o verdadeiro caminho da Igreja Adventista do Sétimo Dia para pregar as três mensagens angélicas ao mundo. Portanto, nossa luta prosseguiu por mais de uma década, enquanto a intolerância e a falta de compreensão de alguns inibiam tanto o crescimento da igreja como o estabelecimento de boas relações com a sociedade onde vivíamos e trabalhávamos.

Em 1975, as igrejas da parte central da Rússia me convidaram para me mudar do Cazaquistão para a cidade de Tula, localizada 250 quilômetros ao sul de Moscou. Embora ainda não tivéssemos permissão de estabelecer uma organização da Igreja Adventista para o país inteiro, em 1977, o governo soviético – em resposta a diversos pedidos de nossos membros – deu permissão às igrejas da República Russa para reunir seus representantes e realizar a eleição de um “pastor superior”. Naquele encontro, que foi realizado na cidade de Gorky, eu fui a pessoa escolhida para ocupar essa posição.

Ao mesmo tempo, os líderes das igrejas adventistas das outras repúblicas da União Soviética me incumbiram, juntamente com o pastor Nicolai Zhukaluk (o dinâmico líder de nosso trabalho na Ucrânia) como meu associado, de coordenar os esforços de toda a Igreja Adventista do Sétimo Dia naquele vasto território, enquanto lutávamos para alcançar novamente a paz e a cooperação fraternal para o cumprimento da missão dentro de nossa família da fé.

Outro passo em direção à cura ocorreu em 1981, quando uma assembleia histórica de todos os líderes adventistas da Rússia foi convocada. O presidente da Associação Geral, Neal C. Wilson, estava presente e, por causa de seu sábio conselho, pelo menos a união formal foi conquistada. Mas, devido às restrições do governo soviético, ainda não possuíamos organização oficial e, portanto, éramos separados da sede mundial da igreja. Sem a aprovação do Comitê de Assuntos Religiosos, não tínhamos a liberdade de imprimir uma página sequer de literatura, nem de convocar reuniões com os pastores ou convidar oradores do

exterior. Foi apenas em 1990 – *após trinta anos de oração, súplicas e persistência* – que obtivemos permissão para estabelecer a Divisão Euroasiática da Igreja Adventista do Sétimo Dia.



“A hora das crianças”

Enquanto eu, o pai, estava viajando pela União Soviética fazendo coisas de “adulto”, meus preciosos filhos estavam crescendo e aprendendo sobre o mundo, desenvolvendo suas próprias perspectivas únicas sobre os tempos dramáticos em que vivíamos. Agradeço com humildade ao Pai celestial as alegrias que Ele trouxe à vida de Anna e à minha e a coragem que essas crianças demonstraram em face da perseguição constante na escola e por toda parte.

Em 1860, Henry Wadsworth Longfellow escreveu um poema que deve mexer com o coração de todo pai, como faz com o meu. A primeira estrofe diz o seguinte:

*Entre a escuridão e a luz do dia,
Quando a noite ao céu se lança,
Uma pausa das ocupações se inicia,
Começa a famosa hora das crianças.*

O eu lírico do poema continua contando como ele colocava tudo de lado para dedicar um pouco de tempo exclusivo para as crianças. Era justamente isso que eu tentava fazer nas raras ocasiões em que conseguia estar em casa. Aprecio do fundo do meu ser a maneira como meus familiares queridos pareciam entender e perdoar minhas longas ausências.

Enquanto preparava este livro, pedi a meus filhos que escrevessem algumas memórias dos anos da infância. Embora eu tenha inserido alguns desses relatos em outros capítulos, é neste que reúno diversas histórias, de forma mais ou menos cronológica, de acordo com o momento em que esses eventos aconteceram, além de uma introdução sobre cada filho.

Nossa filha Evangeline, cujos relatos aparecem em outras partes do livro, nasceu em 1954. Ela é mestre em Religião pela Universidade Andrews e hoje trabalha na capelania de uma casa de recuperação no Estado de Nova York. Ela é casada com Alex Romanov, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Juntos, eles criaram três filhos maravilhosos. Uma de suas filhas é casada com um ministro e seu filho, Daniel, também é pastor.

Nossa segunda filha, Maria, nasceu em 1958, e é tecnóloga em Farmácia, licenciada e certificada, formada pela Faculdade Técnica Miller-Motte. Ela trabalha em sua área no hospital Erlanger, em Chattanooga, Tennessee. É casada com Paul Subkov, ministro adventista que pastoreia uma congregação russa na Universidade Southern. Juntos, criaram três filhos brilhantes e bem-sucedidos.

Nosso filho Peter nasceu em 1964. Ele é mestre em Religião pela Universidade Andrews. Foi o fundador e primeiro orador/diretor do centro de rádio e televisão A Voz da Profecia da Divisão Euroasiática. Atualmente, é diretor e orador do ministério de televisão “Light of Hope” [Luz de Esperança] e também pastor da Igreja Adventista de Lakeview, em Atlanta, na Geórgia.

Pavel Mikhailovich Kulakov foi nosso primeiro menino, nascido em dezembro de 1955, na cidade de Almaty, Cazaquistão. Ele é casado com Nina Avetisyan e juntos criaram duas filhas lindas. A mais velha se casou e deu a Anna e a mim nossa primeira bisneta. Pavel (a forma russa para “Paulo”) é ex-diretor da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (Adra) na Divisão Euroasiática e mestre em Administração pela Universidade Andrews. Atualmente, é superintendente distrital da Associação de Michigan e pastor da Igreja Adventista de Travers, Michigan.

Pavel escreve:

Deus preservou nossa vida tantas vezes e de maneiras tão maravilhosas naqueles dias! Ainda lembro como todas as noites, antes de nos deitarmos, nós, os filhos, nos reuníamos em círculo em volta do papai e da mamãe para orarmos juntos.

Na maioria das vezes, nós nos ajoelhávamos apenas com mamãe, já que nosso pai saía em longas jornadas para visitar uma igreja após a outra. Algumas delas ficavam a mil quilômetros da nossa casa. Todas as vezes que ele estava prestes a partir, demorávamos bastante para nos despedir, pois nunca sabíamos quando ou se o veríamos novamente. Recordo-me de como os olhos de mamãe se enchiam de lágrimas a cada despedida, pois, em seu coração, ela sabia que qualquer atraso imprevisto no retorno de papai poderia significar que ele fora

preso.

Na primavera de 1966, nossa família morava em Kokand, Uzbequistão. Certo dia, enquanto papai viajava, um homem idoso bateu à porta.

– Meu filho é oficial da KGB – ele nos contou depois que mamãe o convidou para entrar. – Pouco tempo atrás, ele estava conversando no telefone e eu consegui escutar o que ele dizia. Ele falou que a KGB possui um arquivo enorme sobre Mikhail Kulakov e que eles planejam prendê-lo.

Ficamos encarando aquele homem, boquiabertos.

– Vim aqui para adverti-los – ele continuou – porque tenho grande simpatia pela família de vocês e seria para mim fonte de grande tristeza ver essas criancinhas privadas da companhia do pai.

– Mas o que nós podemos fazer? – mamãe perguntou.

– Pelo que eu sei, vocês devem sair de Kokand imediatamente. Na verdade, eu os aconselho a deixarem o Uzbequistão.

Nossa família prontamente seguiu o conselho daquele homem, profundamente agradecida a Deus por nos ter dado essa advertência por meio de um anjo humano.

Elena Mikhailovna Rudoy (sobrenome de solteira: Kulakov) é nossa filha mais nova, nascida em 1970 em Chimkent, no Cazaquistão. Ela é formada em Medicina pela Universidade de Loma Linda e atualmente trabalha como médica em um dos hospitais localizados na cidade de Loma Linda. Ela se casou com Paul Rudoy, pastor associado da Igreja Adventista de Redland. Eles têm uma adorável filha, que está com 12 anos de idade.

Meu nome é Elena. Sou a filha caçula de Mikhail e Anna Kulakov, os melhores pais do mundo e meus heróis. Nasci no Cazaquistão, mas, quando eu tinha seis anos, meu pai recebeu um chamado para a Rússia, onde ajudaria a construir a organização da igreja naquele lugar. Para mim, isso era tão empolgante quanto uma viagem para a Lua! Enquanto o restante da família organizava as coisas para a mudança, eu tentava conseguir o máximo de informação possível.

– Como é a Rússia? As pessoas lá são diferentes? Vou ter meu próprio quarto? Vou ter amigos? Posso ajudar a fazer as malas?

Finalmente, alguém disse exasperado:

– Elena, se você realmente quer ajudar, então, por favor, pare de fazer tantas perguntas!

Achei a Rússia muito bonita. Em frente à nossa casa havia arbustos de lilases e a um quarteirão, uma floresta de bétulas. Todos amávamos nossa nova casa, exceto por duas coisas: não havia sistema de esgoto, nem água encanada. Precisávamos carregar água em pequenos baldes e subir uma íngreme colina, numa caminhada de mais de seiscentos metros.

A casa era feita de tijolos vermelhos, com dois pequeninos cômodos em cima e três embaixo. Assim que chegamos, comecei a fazer algumas contas de cabeça: *Tenho cinco irmãos e irmãs, pensei, e papai precisa ter um escritório para colocar os livros e estudar. Isso significa que não vou ter meu próprio quarto!* E assim foi. Tive que me contentar com um sofá velho e barulhento na sala de estar.

Contudo, dormir no sofá da sala até que tinha suas vantagens: eu ficava mais perto da cozinha do que todo mundo! E, como todas as crianças, eu vivia sentindo fome, embora não possa dizer que passasse necessidade. Mamãe e papai sempre conseguiam comida suficiente para nós seis, mas sei que muitas vezes eles tinham que negar a si mesmos para garantir que todos os filhos fossem bem alimentados.

A melhor comida sempre era reservada para os visitantes e, como papai havia se tornado líder da organização clandestina da igreja, nossa casa sempre tinha convidados. Os ministros vinham ver o papai de todas as partes do país: Letônia, Moldávia, Ucrânia. Durante muito tempo, o governo não permitiu que tivéssemos telefone em casa. Por isso, nunca sabíamos quem viria, nem quando.

Algumas vezes, os pastores chegavam e descobriam que papai estava fora, numa longa viagem. Assim, eles ficavam em nossa casa (e compartilhavam da nossa comida) até que meu pai retornasse. Nós, os filhos, nunca sabíamos onde iríamos dormir. Isso dependia do número de visitantes que passariam a noite conosco. Entendíamos que isso era parte da missão e ajudávamos o máximo que podíamos.

Esse foi um período empolgante não só para minha família, mas para todos os adventistas da União Soviética. Nossa igreja recebeu um pouquinho mais de liberdade, embora essa liberdade fosse supervisionada de perto pela KGB. Desde o primeiro instante em que nos mudamos para a nova casa, soubemos que a KGB havia instalado microfones secretos ali, para poder ouvir as coisas que dizíamos. Eles também contrataram Slava, o vizinho da casa ao lado, para ficar de olho em tempo integral em tudo o que acontecia em nosso lar.

Certo dia, eu estava do lado de fora brincando e Slava me falou:

– Você gostaria de vir até minha casa e comer *gogal mogal*?

– O que é *gogal mogal*? – perguntei.

– Venha e você descobrirá. Tenho certeza de que gostará. E vai poder ver meu porquinho de estimação também.

Fiquei deslumbrada.

– Você tem um porquinho de estimação?

– Venha ver!

Ele realmente tinha um porquinho de estimação, e eu gostei bastante de *gogal mogal*, que era uma sobremesa feita de ovos crus batidos com açúcar. Mais tarde, pude perceber que o único motivo que levava Slava a me convidar para ir à sua casa era a tentativa de obter informações sobre os visitantes que ficavam em nossa casa e o que eles conversavam com meu pai. Era por isso que ele sempre me falava para eu não contar aos meus pais que havíamos conversado! Mas Slava nunca conseguiu saber de muita coisa por meu intermédio. Todos sabíamos que não deveríamos repetir nada do que ouvíamos papai conversando.

Só de ouvir a palavra KGB eu já sentia um nó na barriga. Quando me recusei a participar das organizações para jovens comunistas, a KGB forçou a diretora da escola a me punir, diminuindo minhas notas. Também obrigou a professora a me ridicularizar na frente dos colegas e adverti-los para não serem meus amigos. Eles ameaçavam meus pais de me enviar para um orfanato, caso continuassem a me levar à igreja.

Para me animar, meus pais me deram um cachorrinho, que resolvi chamar de Consul. Ele era um cão de guarda. Certo dia, quando chegamos em casa depois da igreja, encontramos Consul morto perto da porta da frente. Sabíamos que os agentes da KGB o haviam matado porque ele tentara impedi-los de entrar enquanto estávamos fora.

Meu momento favorito na semana eram as sextas-feiras à noite. A preparação para o sábado era levada muito à sério. Limpávamos, esfregávamos, varriamos, lavávamos e cozinhávamos até o pôr do sol. Depois, vestíamos a melhor roupa e nos assentávamos à mesa de jantar, que recebia uma toalha branca especial para essa ocasião. Cantávamos hinos, líamos a Bíblia e estudávamos a lição da Escola Sabatina.

Sábado à tarde, depois do culto, quando papai estava em casa, muitas vezes fazíamos caminhadas ao longo dos trilhos da estrada de ferro. Quando um trem passava, eu sempre me lembrava das histórias de papai da época em que ele estava preso. Certa vez, ele, juntamente com vários outros prisioneiros, foi reposicionado em outro campo. Eles foram colocados em vagões de carga

lotados, como gado. Quando a noite chegava e eles precisavam dormir, o espaço era tão pequeno que eles precisavam se deitar bem perto uns dos outros. Se um homem se mexesse, todos precisavam mudar de posição também, de tão pouco espaço que havia.

Todas as vezes que eu ouvia o barulho do trem, conseguia imaginar vividamente os corpos dos prisioneiros espremidos juntos, ali no chão e na escuridão, sendo levados contra a própria vontade para um local desconhecido. Um trecho do Salmo 23, que nós memorizamos num dos cultos de sexta-feira à noite, vinha-me à mente: “Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois Tu estás comigo” (v. 4). Eu sabia que chegaria o dia em que meu pai, ou outro membro da família, seria preso e levado para o desconhecido. Ainda assim, sabia que, caso isso acontecesse, eu não estaria sozinha.

Daniel Alexandrovich Romanov é um dos nossos netos, filho de Evangeline e seu esposo, Alexander. Quando escrevi este livro, Daniel estava fazendo seu mestrado na Universidade Andrews. Ele se formou em dezembro de 2007 em Teologia e foi chamado para ser pastor associado numa igreja da Associação Georgia-Cumberland (Estados Unidos).

Daniel escreve:

Com alta voz e grande energia, meu avô (que eu chamo de *dedushka*, a palavra russa equivalente a vovô) conquistava minha atenção todas as vezes que me contava uma história da Bíblia. Mesmo quando eu era garoto, ficava esperando ansioso pelos cultos familiares em que *dedushka* estava presente, porque ele sempre se lembrava dos netos. Algumas vezes ele trazia um elefante de madeira, um *souvenir* de suas viagens à África e, fazendo barulho de animais, contava para nós a história do dilúvio e da graça de Deus. Outras vezes, ele dirigia o serviço de cânticos com grande entusiasmo e nós amávamos participar.

Agora, quando sigo o chamado de Deus para servi-Lo como ministro, vovô pode me ajudar a entender de forma mais profunda as Escrituras. Mas são igualmente importantes as lições que aprendi dele enquanto criança. Durante os verões, eu costumava ficar com meus avós em seu apartamento. Às vezes, recebia permissão para dormir no escritório de *dedushka*. Quando acordava, conseguia ver, com os olhos sonolentos, sua figura ajoelhada em oração. Eu voltava a dormir e quando acordava de novo via meu *dedushka* na mesma posição, ainda orando.

Ele também me ensinou a nutrir reverência profunda pela Bíblia, que levo comigo até hoje. Vovô sempre segurava a Bíblia nas mãos de maneira especial e a lia como se cada palavra lhe desse poder para viver. Algumas vezes, eu pregava meus sermões da faculdade para ele, para que pudesse fazer uma análise crítica. Ele sempre me lembrava de que as palavras de Deus, citadas das Escrituras, deveriam ser lidas com uma entonação especial, diferente da que eu usava no restante do sermão.

Quando estava no seminário, me recordo com vivacidade da diligência de meu avô no trabalho de traduzir a sagrada Palavra de Deus. Certa vez, quando meus avós passaram vários meses em nossa casa, *dedushka* dedicava diversas horas trabalhando na tradução. Desde bem cedinho, quando todos ainda estavam dormindo, até tarde da noite ele ficava sentado numa mesa rodeada de vários livros e dicionários. Eu mal podia esperar até o culto familiar, à noite, quando ele parava um pouco seu árduo trabalho e compartilhava conosco alguns *insights* maravilhosos que as Escrituras lhe haviam proporcionado.

Amo demais meus avós e guardo com muito carinho todos os princípios que eles me ensinaram.

Michael Mikhailovich Kulakov Jr., nosso segundo menino, nasceu em 1959, em Almaty, Cazaquistão. Ele foi o fundador e primeiro reitor da Universidade Adventista de Zaokski, na Rússia. Ele é doutor pela Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha, e atualmente dá aulas de Ciências Políticas e Filosofia no Columbia Union College, em Maryland. É casado com Lyudmila Lyakhu, com quem teve dois filhos promissores e independentes.

Michael escreve:

Todas as manhãs, antes de irmos para a escola, mamãe nos reunia.

– Vocês estão indo para a escola hoje – ela dizia – e vão encontrar oposição. Deixem-me ler algo para encorajar vocês.

Então, ela abria a Bíblia e lia alguns versos que escolhera. Entre os textos que mamãe lia com mais frequência, está Gálatas 6:7: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba.”

– Ninguém consegue insultar a Deus – ela dizia.

Como éramos alvo constante de zombaria na escola, esse verso nos servia como grande fonte de encorajamento. Nossa família vivia cercada por agentes da KGB e era quase impossível respirar sem que eles soubessem. Mesmo assim, minha mãe nunca deixava de me maravilhar. Não importava quanta perseguição

ela e papai estivessem sofrendo, continuava amável e cheia de esperança.

E, embora viajassem com frequência, papai era muito comprometido com seu objetivo de nos fazer entender com clareza o grande conflito.

– A única maneira de entender a queda de Lúcifer é num nível pessoal, relacional – ele nos dizia. – Deus é o poderoso Criador do Universo, mas também possui natureza aberta e amorosa, que O torna disposto a compartilhar Seu poder.

Antes de Gorbachev subir ao poder, nós, cidadãos soviéticos, não entendíamos nada sobre abertura e liberdade. Tudo era censurado: jornais, televisão, rádio. É por esse motivo que sou tão grato pela educação sem censuras que recebi do meu pai nos tempos de Krushev e Brejnev.

Foi em casa que fui educado, mas era na escola que tinha que fazer “provas”. Deixe-me lhe contar uma história que aconteceu quando eu tinha dez anos de idade. Eu adorava memorizar e recitar poemas e queria muito participar do concurso de poesia da minha escola. Lidiya Voinova, minha professora na escola intermediária Chimkent, no Cazaquistão, sabia do meu interesse. Mas, certo dia, ela veio me dar más notícias:

– Michael, você não poderá participar do concurso de poesia, a não ser que comece a usar o lenço vermelho que simboliza o comunismo.

– Eu não teria problemas em usar o lenço – disse a ela – se isso não significasse que eu estava me conectando com o partido de Lênin.

– E o que tem de errado com o partido de Lênin? – ela perguntou. – Não é a organização mais poderosa e avançada do mundo?

Eu havia aprendido a sempre respeitar meus professores, mas naquele momento percebi que teria que discordar da Sra. Voinova. Meus joelhos começaram a balançar e os lábios, a tremer.

– Mas meu pai disse que Lênin não acreditava em Deus – respondi. – E o partido de Lênin matou muitos padres e pastores, mais milhões de cristãos.

Ela ficou zangada.

– Você não deve nem mesmo *falar* essas coisas!

– De maneira alguma eu posso me unir ao Partido Comunista.

Ela deu de ombros.

– Então, de maneira alguma você pode participar desse concurso.

Pouco depois, enquanto estava sentado em minha carteira na sala de aula, ouvi meu nome ser anunciado no alto-falante: “Michael Kulakov, compareça imediatamente à diretoria.”

Com pernas trêmulas, me arrastei pelos corredores até a sala da severa

diretora Maria Kornilovna.

– Michael, – ela me perguntou – você gostaria de participar do concurso de poesia? Eu sei o quanto você gosta de decorar e recitar poemas.

Antes que eu tivesse tempo de responder, ela continuou:

– Só existe uma condição. Apenas um pequenino lenço vermelho e você estará lá. Estou planejando lhe dar apoio e não apenas para a competição da escola. Vou indicá-lo para o concurso regional.

O concurso regional! Essa era uma tentação enorme para mim e, enquanto eu pensava no que a diretora dissera, ela me deu ainda outro desafio, só que, dessa vez, em forma de mentira.

– Seu irmão mais velho, Pavel, não vê problema algum em usar o lenço comunista na escola. Você sabia disso? Nenhum problema mesmo. Tem uma menina que guarda o lenço dele e o entrega todas as manhãs para ele poder usar.

Senti como se tivesse recebido um choque mortal. Comecei a tremer e a olhei bem nos olhos.

– Tenho certeza de que isso não é verdade! – retruquei. – Pavel nunca usou o lenço vermelho e *eu* nunca o usarei!

No dia seguinte, um milagre aconteceu. A diretora me chamou de novo até sua sala e me deu a ordem – não um convite, mas a ordem – de participar do concurso de poesia.

– E você não vai ter que usar o lenço.

Sabendo que a competição seria difícil, passei o mês seguinte aprendendo e praticando todos os meus poemas. Se alguém me acordasse no meio da noite, ainda assim seria capaz de recitá-los. Até hoje me lembro deles em russo.

Finalmente chegou o dia do concurso. Fiz uma pequena oração: *Querido Jesus, para a Tua honra e glória, deixe-me ganhar essa competição.*

E foi isso que aconteceu! Então, minha diretora malvada me nomeou para representar a escola na competição regional. Ela sabia que eu era cristão, mas não contou às autoridades. Seu desejo era que eles não reparassem, tão forte era sua vontade de que a escola vencesse.

E, então, o dia da competição regional começou. Ela foi realizada numa enorme praça da cidade, lotada com milhares de pais e outras pessoas. Cada escola havia decorado um caminhão com seu nome, o levado até a praça e aberto suas laterais, para transformá-lo num palco. A secretária regional do Partido Comunista estava lá, em seu próprio e luxuosíssimo escritório móvel, que tinha sido construído para ela e colocado ali na praça.

De repente, alguém percebeu que eu não estava usando o lenço vermelho e

me delatou.

– Michael Kulakov está sendo convocado a comparecer ao escritório da secretária regional do Partido Comunista – as autoridades disseram à minha diretora. Ela ficou morrendo de medo. Por isso, se recusou a me acompanhar e mandou em seu lugar a professora de Artes e Música, a gentil e delicada Svetlana Sergeevna.

Pouco antes de entrarmos no escritório móvel, essa querida professora me deu um grande abraço e falou uma frase que nunca esquecerei:

– Ore ao seu Deus!

O escritório da secretária regional era bonito, mas ela, em si, era uma mulher muito sinistra. Ela me examinou do topo de minha cabeça até a sola do sapato. Era a primeira vez que me via, mas já consegui perceber qual era sua opinião a respeito dos cristãos.

– Jovem, – ela disse – você gostaria de alcançar tudo o que nosso país, esta superpotência, tem a lhe oferecer?

Ela não me deixou responder e continuou:

– Você gostaria de frequentar a melhor universidade? Gostaria de receber o melhor diploma e se tornar uma das pessoas mais bem-sucedidas desta nação?

Novamente, ela fez uma pausa. Eu não sabia o que dizer.

– A única maneira de alcançar esse tipo de sucesso é se tornando membro do partido. E o pequeno lenço vermelho será o primeiro passo. Você não quer ser bem-sucedido? Ou quer ser como seu pai, um sectário estúpido, sem cultura?

Aquelas palavras rasgaram meu coração. Essa mulher obviamente não sabia nada sobre minha família, a não ser o fato de que éramos cristãos, e acabara de cometer um erro grave em relação ao meu pai. Naquele momento, não parei para pensar no que deveria dizer. Apenas falei o que estava pensando.

– Com licença, mas a senhora não sabe nada sobre meu pai. Ele fala inglês e alemão, sabe ler hebraico e grego. Passou cinco anos cumprindo uma sentença penal com alguns dos maiores cientistas soviéticos dissidentes. Meu pai é uma pessoa amável, corajosa e muito culta. E tem mais. Eu tenho outro Pai. E esse Pai é maior que qualquer pai em todo o Universo. Sim, eu quero ser como meu pai, e também como meu Pai celestial.

Eu não estava olhando para o rosto da secretária regional, mas ela deve ter esboçado uma expressão de choque, por receber esse tipo de discurso de uma criança de dez anos de idade.

A primeira coisa que ela disse foi uma palavra muito suja. Em seguida, gritou:

– Fora daqui! Fique longe da minha vista!

Eu me virei e vi que a querida Svetlana Sergeevna estava tremendo. Ela me envolveu em seus braços, me abraçou rapidamente e saímos correndo dali.

Bem, esse é o fim, pensei. Nada de recitar poemas hoje.

Mas, ao invés disso, algo impressionante e maravilhoso aconteceu. Um homem alto e vestido com uniforme veio até mim e me pegou pelo braço.

– Venha comigo – ele disse. – Venha comigo rápido.

Ele me conduziu rapidamente pela multidão ali na praça até o caminhão da minha escola, me levando até o palco.

– Pode recitar seu poema agora.

A diretora sinalizou que sim, em concordância.

Enquanto eu tomava fôlego, percebi que milhares de pessoas estavam prestando atenção em mim. Comecei a declamar o poema. Mas, enquanto eu falava, logo reparei que ninguém estava ouvindo as palavras que eu dizia, nem quão bom era o meu desempenho. Ao invés disso, a atenção daquelas pessoas estava direcionada à parte da frente da minha camisa, onde o lenço deveria estar.

E então ouvi uma palavra ser repetida diversas vezes, passando de boca a ouvido, cada vez mais alto, se espalhando por aquela imensa multidão.

– Cristão. Ele é cristão. Um cristão. Um cristão. O menino é cristão.

Senti um nó na garganta ao perceber o que estava acontecendo, algo muito mais importante para a eternidade do que um primeiro prêmio regional de declamação de poesia (que eu, por sinal, ganhei). Deus estava tornando possível que um garoto ficasse de pé diante de milhares de soviéticos para testemunhar de maneira poderosa da sua fé.



O gelo começa a derreter

Nos dez anos que se passaram entre 1960 e 1970, enquanto eu considerava a sugestão do presidente da Associação Geral sobre procurar maneiras de cooperar com as autoridades, a vida corria como de costume para mim e minha família. O governo tolerava o cristianismo com muita má vontade e ainda existia a possibilidade de que minha liberdade terminasse repentinamente.

Nos mudamos várias vezes ao longo desses anos e meu coração sempre se lembra da minha preciosa esposa e filhos pelas lutas e estresses que enfrentaram. Minhas viagens, certamente, eram tudo, menos passeios. Enquanto viajava, eu estudava. Assim como vários outros cidadãos do mundo, percebi que uma compreensão firme da língua inglesa estava se tornando crucial. Por isso, me matriculei num curso por correspondência do Instituto de Línguas Estrangeiras de Moscou, o qual concluí em 1966. Em 1969, coloquei esse conhecimento em prática em Kishinev, na Moldávia, onde fui convidado para traduzir o representante da Associação Geral Marvin Loewen.

Por meio dessa oportunidade maravilhosa, passei a ser conhecido pela liderança mundial da igreja e, em 1970, fui convidado a participar da assembleia da Associação Geral (encontro mundial dos adventistas). Infelizmente, o governo soviético não me concedeu permissão para sair do país a tempo para esse evento, mas consegui visitar os Estados Unidos mais tarde naquele mesmo ano, graças ao convite de minha tia Valentina Popova, que morava em San Francisco.

Graças à providência divina, minha visita coincidiu com o Concílio Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ali formei amizades duradouras com vários líderes sábios e influentes, como Roland Hegstad, Robert Spangler e Neal Wilson. Foi um privilégio especial discutir a relação entre igreja e Estado com Walter Beach e Theodore Carcich.

– Sabemos – disse Carcich – que é necessária sabedoria extra para realizar a obra nos países socialistas. Peça a Deus para lhe dar esse discernimento.

Agradeço a Deus pelas horas que passei em discussão e oração com o então presidente da Associação Geral da Igreja Adventista, Robert Pierson. Quando nos despedimos, ele me disse:

– Estaremos do seu lado, fazendo todo o esforço necessário para trabalhar pela unidade da igreja e para apresentar os adventistas do sétimo dia como cidadãos que obedecem às leis.

Quatro anos depois, recebi uma carta do pastor Carcich, que era, na época, vice-presidente da Associação Geral:

“Estou indo a Moscou como turista”, ele escreveu. “Ficarei no Hotel Metropol. Seria possível você ir até lá se encontrar comigo?”

Muito satisfeito, fiz a viagem e encontrei esse grande e entusiasmado homem no quarto do hotel onde ele estava hospedado, bem no centro da cidade. Depois que nos cumprimentamos, Carcich me levou até a janela, que dava para uma vista esplêndida da Praça Vermelha e do Kremlin.

– Olhe! Que vista fabulosa! – ele disse com sua voz poderosa. – Sabe, logo depois que cheguei ao hotel, andei até a Praça Vermelha. Enquanto estava parado em frente aos prédios do governo do Kremlin, orei a Deus por esta grande nação, pelos seus governantes e em especial por seu líder, Leonid Brejnev.

Quando deixamos o hotel para fazer uma caminhada juntos, ele me falou:

– Imagino que devem ter “parafernálias” eletrônicas instaladas num hotel como esse. Quem quer que estivesse ouvindo, quero que saiba que não somos inimigos, mas que estamos orando por eles.

– É um grande prazer vê-lo de novo – eu disse. – Imagino que você veio com outras intenções, além do turismo.

Ele sinalizou que sim.

– Lá na Associação Geral, conversamos e percebemos que até hoje nenhum de nossos líderes mundiais foi recebido pelas autoridades soviéticas.

– É verdade.

– Então, estou aqui para quebrar um pouco o gelo. Tenho a esperança de me encontrar com alguns oficiais do alto escalão para debater dois assuntos importantes. Primeiro, gostaria de saber se seria possível que alguns adventistas soviéticos compareçam à assembleia da Associação Geral que será realizada em Viena, no ano que vem. Em segundo lugar, quero arranjar uma visita oficial do pastor Pierson à União Soviética.

– Isso seria maravilhoso – eu disse baixinho, com a cabeça a mil por hora.

Quando o dinâmico Theodore Carcich colocava um plano em ação, ele não parava no meio do caminho.

Ele colocou as mãos num bolso interior e pegou um pedaço de papel.

– Aqui está uma carta da Associação Geral para o governo soviético sobre esses assuntos – ele disse. – Você se importa de lê-la? Gostaria do seu conselho sobre a forma como expressamos nossa vontade e também sobre a melhor maneira de entregar esta carta às autoridades.

Peguei a carta e comecei a ler.

– Oh, não! Vocês não podem dizer *isso*!

– Não podemos dizer o quê?

– Olhe para esta frase – eu disse, apontando para uma linha. – Ela fala sobre o pastor Pierson como “o pastor chefe do rebanho”.

– E qual é o problema com isso?

Eu ri.

– Lembre-se, as pessoas que lerem esta carta vão tentar destacar qualquer coisa que possa servir como objeção, para impedir a Associação Geral de fazer sua vontade. Imagino um leitor oficial se deparando com esta frase e a entendendo literalmente, de propósito. Ele dirá algo do tipo: “Isso significa que esse tal Pierson acha que os adventistas soviéticos são animais, *ovelhas*? Que insulto!”

Carcich caiu na gargalhada.

– Tudo bem. A gente muda isso. Foi Duncan Eva que escreveu essa carta. Quando voltar para casa, vou lhe dizer que, daqui para frente, ele só irá escrever cartas para a rainha da Inglaterra!

Depois de algumas outras revisões, concordamos que eu prepararia uma tradução para o russo daquela carta para apresentar aos oficiais, juntamente com a original.

– Pastor Carcich, tem outra coisa que o senhor precisa saber.

– O que é?

– O senhor se lembra de quando visitei a sede da Associação Geral alguns anos atrás? Quando voltei, tive uma reunião com o Comitê de Assuntos Religiosos da URSS. Fui recebido com muito respeito e eles ficaram satisfeitos em ouvir meu relatório sobre a acolhida cordial que recebi na sede da Associação Geral.

– Ótimo, ótimo.

– Mas na última visita que fiz ao comitê descobri que eles estão bem aborrecidos.

– Aborrecidos? Por quê?

– Um dos líderes da Associação Geral visitou o Quirguistão recentemente – eu disse, mencionando o nome do líder. – Ele fez uma palestra na igreja adventista da cidade de Frunze [hoje Bishkek] e contou à congregação sobre alguns métodos astutos e evasivos usados por missionários para ganhar pessoas para Cristo em países em que a pregação do evangelho não é permitida.

– E a KGB estava escutando – o pastor Carcich adivinhou.

Sinalizei que sim.

– Isso mesmo. As autoridades locais não só consideraram isso como subversivo, mas também como violação de uma lei do Estado e reportaram o fato a Moscou.

– Então eles podem estar nos acusando de algo que nem mesmo pretendemos

– Carcich disse pensativo. – O que você sugere?

– Acho que seria melhor se eu fosse ao comitê sozinho e tentasse agendar um horário para o senhor.

Voltamos para o hotel Metropol e, de joelhos, imploramos ao Senhor para nos guiar e fazer com que as propostas do pastor Carcich fossem aceitas. Dessa vez, nenhum de nós se importou com a existência de microfones escondidos, pois queríamos que qualquer ouvinte soubesse que éramos sinceros na nossa fé em Deus e no nosso desejo de dar testemunho do Seu amor, bem como de estabelecer bons relacionamentos com o governo. Eu sabia que os governantes suspeitavam que alguns visitantes vinham ao país fingindo ser cristãos, mas, na verdade, tinham interesses totalmente diferentes. Nossos anfitriões precisavam saber que o pastor Carcich não tinha intenções ocultas em sua visita à Rússia. Por isso, decidimos que seria muito melhor sermos abertos e expor nossos objetivos cristãos, ao invés de deixar espaço para dúvida.

E Deus respondeu às nossas orações.

– Pastor Carcich, – eu lhe contei mais tarde – você está convidado para se reunir com alguns oficiais do mais alto escalão do Comitê de Assuntos Religiosos!



Alguns homens bons

“Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?”, Mordecai perguntou a Ester (Ester 4:14).

Eu poderia dizer o mesmo a respeito do pastor Theodore Carcich, enquanto observava esse grande homem em ação no dia em que ele se encontrou com o Comitê de Assuntos Religiosos. Embora o presidente do comitê, Koryedov, não estivesse no escritório naquele dia, Carcich e eu (como tradutor) fomos recebidos numa sala espaçosa por seu primeiro representante. Lá, descobrimos que à frente de cada pessoa havia sido colocada uma garrafa de refrigerante, num gesto de hospitalidade.

Mas não gostei da expressão no rosto do representante, pensei enquanto nos assentávamos. Ele está encarando o pastor Carcich com uma expressão amarga. Os olhos estão sombrios e as sobrancelhas, franzidas.

Carcich, que, felizmente, era capaz de gerar entusiasmo suficiente para contrapor o representante mal-humorado e uma sala cheia de gente, não se intimidou.

– Estou grandemente honrado e feliz por ter o privilégio de me reunir com uma equipe tão imponente de oficiais do Estado – ele começou. – Muito obrigado por sua graciosa receptividade.

Em seguida, ele começou a contar histórias de todas as coisas que vira em Moscou desde que havia chegado ao país. Mencionou a oração feita na Praça Vermelha e então abordou os assuntos que o levaram a procurar o comitê.

– Aprecio grandemente a oportunidade, como vice-presidente mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de negociar com vocês assuntos de interesse mútuo. Garanto-lhes que a igreja que represento ensina seus membros a serem cidadãos que respeitam as leis e...

– *Ah, fala sério*, Sr. Carcich – o representante interrompeu em tom de zombaria.

Nos doze anos que se seguiram, até a *perestroika* (reconstrução) de Gorbatchev, eu sempre ouvia esse mesmo tom de voz ser usado com todos os visitantes da Associação Geral. Isso acontecia porque a KGB havia tomado a firme resolução de não estabelecer nenhum tipo de relações com a sede mundial de nossa igreja. Eles reconheciam de maneira muito clara que, se os princípios organizacionais da Igreja Adventista mundial se fimassem, as igrejas espalhadas e fracamente conectadas logo se tornariam subordinadas a uma matriz localizada no país arqui-inimigo da União Soviética, os Estados Unidos. Algo assim era impensável. Portanto, num esforço de nos manter distantes, eles se recusavam até mesmo a usar da educação e gentileza, preferindo fomentar uma atmosfera de tensão. Isso justifica a expressão fria e rude do representante.

Espantado, o pastor Carcich interrompeu sua fala no meio:

– Pois não?

– Alguns meses atrás, – o representante disse em tom áspero – um dos funcionários da sua Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia visitou os fiéis da região sul da URSS. E, enquanto falava numa igreja ali, disse certas coisas que o povo soviético não gosta de ouvir.

O pastor Carcich era um homem grande e conseguia usar cada centímetro de sua estrutura corporal para efeitos dramáticos. Ele já ouvira a história de mim, mas, mesmo assim, se recolheu em espanto, demonstrando choque e remorso na expressão facial.

Depois de uma pequena pausa, ele diminuiu o volume de sua voz poderosa e perguntou com humildade:

– Posso saber o que esse homem disse?

O representante permaneceu em seu lugar em silêncio sepulcral.

Quando Carcich percebeu que não receberia resposta, segurou a cabeça com ambas as mãos e a balançou para frente e para trás.

– Oh, fico tão triste por isso! – ele lamentou. – Em nome da Associação Geral, por favor, nos perdoe por esses comentários. Permita-me assegurar-lhe que isso ocorreu de maneira não intencional e apenas porque não nos conhecemos muito bem. Agora que já temos mais intimidade uns com os outros, isso nunca mais se repetirá!

A incrível habilidade de Theodore Carcich para encantar até mesmo as pessoas mais hostis deu frutos naquele dia. Enquanto eu o traduzia, estava interessado em observar a profunda impressão que ele produzia naqueles

administradores importantes das questões religiosas daquele país ateu. Não sei bem o que pensaram a respeito daquele norte-americano, mas lhe deram permissão para ocupar o púlpito da igreja de Moscou no sábado seguinte para levar os cumprimentos da Associação Geral e dos irmãos em Cristo ao redor do mundo.

Foi um longo cumprimento – durou de 25 a 30 minutos! Ele, é claro, fez vários comentários agradáveis acerca do governo soviético, mas o maior encorajamento veio quando ele contou aos adventistas da Rússia o quanto eles eram amados por Deus e por Seus filhos de outros países do planeta.

Sua fala – totalmente reportada à KGB, obviamente – convenceu as autoridades de que, embora elas não *gostassem* daquele homem barulhento, excêntrico e bonachão, precisavam pelo menos suportá-lo. Portanto, durante várias semanas que se seguiram, ele e eu visitamos muitas igrejas em outras cidades, onde Carcich pôde pregar o evangelho de Jesus Cristo livremente.

Não é que as autoridades passaram a confiar nele. Isso teria sido o mesmo que o leopardo de Jeremias 13:23 mudar suas pintas. O que aconteceu foi que eles acabaram percebendo a impossibilidade de simplesmente ignorar a Igreja Adventista mundial, como haviam feito antes. Agora, precisariam exercer sua política de forma mais sutil, num nível mais camuflado.

A visita do pastor Carcich também resultou em algumas concessões adicionais. Gradualmente, os adventistas da Rússia foram recebendo permissão para estabelecer contato regular com a Associação Geral e até mesmo ir às assembleias gerais (começando com a convocação que ocorreu no ano seguinte, em Viena). Os líderes adventistas estrangeiros, embora ainda tivessem que visitar o país apenas como turistas, tinham autorização para falar em nossas igrejas. O governo até mesmo permitiu que o pastor N. Zhukalyuk e eu nos tornássemos membros da Comissão da Associação Geral.

Lembro-me de ficar observando Theodore Carcich e tentar analisar algumas de suas ações e palavras aparentemente extravagantes – uma abordagem tão diferente da que eu teria empregado diante dos mesmos desafios. Acredito que, depois disso, passei a compreender melhor as palavras de Paulo, que disse: “Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns” (1 Coríntios 9:22).

Os comunistas e o comunismo eram um enigma até mesmo para os cristãos russos. Recordo-me das conversas que tive com meu pai (que havia passado dez anos em campos de trabalho forçado) e com meu tio Alexander Demidov (que ficou exilado e preso durante um período total de trinta anos). Logo que eles

foram libertos e puderam se deslocar com liberdade, nos reuníamos com frequência para estudar, orar e conversar.

– Os pioneiros adventistas russos, aqueles que viram a revolução começar e a queda do czar, não acreditavam que os comunistas permaneceriam no poder por muito tempo – eles me diziam. – Apenas mais alguns anos e o poder soviético estará extinto.

Mas o regime durou muito mais do que todos esperavam.

– O comunismo *irá* cair – tio Alexander me assegurou. – Mas Deus não está com pressa. Ele está dando a Satanás o tempo que ele precisa para desenvolver todas as formas de vida e sistemas de governo pensáveis e impensáveis que tentam existir sem Deus. Mas, no tempo devido, o Universo inteiro verá a inadequação dessas ideologias e esses regimes entrarão em colapso.

– Mas, enquanto isso, o trabalho de salvar as pessoas não pode parar – meu pai acrescentou. – Precisamos pedir o Espírito Santo para nos mostrar o caminho e nos dar sabedoria e poder para cumprir nosso dever de forma eficaz.

Enquanto estudávamos, conversávamos e orávamos, Deus começou a nos revelar de maneira clara que, a despeito dos vários funcionários insensíveis em todos os departamentos do governo soviético (incluindo o Comitê de Assuntos Religiosos e mesmo a KGB), havia ali no meio algumas pessoas semelhantes a Nicodemos e Gamaliel.

Quanto mais contato eu tinha com o governo, mais dessas pessoas preciosas conseguia encontrar. A partir de 1970, passei a visitar o Comitê de Assuntos Religiosos com grande frequência. Entre outros itens, minha agenda de perguntas era mais ou menos a seguinte:

Podemos voltar a ter um sistema nacional de organização da Igreja Adventista?

Podemos abrir uma escola para treinar obreiros da igreja?

Vocês nos dão aprovação para enviar convites a estrangeiros a fim de que participem deste ou daquele programa que estamos planejando?

Podemos imprimir hinários e calendários? (Jornais e revistas da igreja eram proibidos, mas ocasionalmente o comitê permitia que as igrejas imprimissem calendários com referências bíblicas neles.)

Você não consegue imaginar o quão empolgado eu fiquei ao descobrir, dentro do comitê e de outros departamentos do governo, homens e mulheres que tinham desejo verdadeiro de nos ajudar. Muitos desses funcionários que colaboravam conosco não nos ajudavam por serem infiéis em suas funções, ou por serem cristãos. Eles simplesmente tinham mais visão que seus patrões. Ou

compreendiam que “o que é bom para os cristãos é bom para o Estado” ou eram serem humanos amigáveis e genuinamente bons, ávidos por ajudar. Alguns deles, todavia, possuíam, sim, grande fome espiritual e até mesmo estudavam a Bíblia em segredo conosco, para conseguir superar sua educação ateísta. Ainda hoje tenho cautela em publicar o nome dessas pessoas, mas sei que na eternidade nos encontraremos com muitas mulheres e homens russos como esses.

Certo dia, eu estava em minha casa, próximo a Moscou. Era madrugada e eu dormia pesado, quando acordei com uma forte batida na porta. Imagino que qualquer pessoa ficaria assustada por esse tipo de barulho no meio da noite, mas, quando se é um pastor adventista na União Soviética que já passou anos em campos de trabalho forçado, o coração se comporta de forma bem anormal ao ouvir punhos se chocando contra a madeira da porta.

Levantei da cama e caminhei cuidadosamente até a porta. *Será a KGB?*, me perguntei. *Será que vão me enviar para os campos novamente? Ou para o exílio?*

Não era nada disso. Era Alexander (só mencionarei seu primeiro nome), um grande amigo meu que trabalhava numa função importante dentro do governo havia vários anos.

– Desculpe-me por acordá-lo – ele sussurrou.

Engoli em seco, tentando recuperar a compostura.

– Alexander! Por favor, entre.

– Não, – ele murmurou – venha você aqui fora.

– Qual é o problema? – eu perguntei, enquanto saía pela porta.

– Nada – ele disse, falando tão baixinho que nem o mais sensível microfone conseguiria captar suas palavras. – Mas preciso ser rápido. Ninguém sabe que estou aqui. Você se lembra daqueles pedidos que levou ao meu escritório, solicitando que alguns de seus jovens fossem para o exterior, para que pudessem estudar num seminário teológico?

– Lembro sim. Seu chefe negou o pedido.

Alexander sinalizou que sim.

– Eu sei. Mas ele acabou de sair de férias. Portanto, assim que você puder, preencha novos formulários e me entregue. Vou conseguir alguém para assiná-los.

Várias outras histórias similares aconteceram, mas precisarei guardá-las comigo até chegarmos ao Céu. Mas permita-me deixar registradas algumas palavras de amor e gratidão a um amigo meu em especial.

No início de 1985, fiquei surpreso ao receber o convite para comparecer ao

escritório mais importante do Comitê de Assuntos Religiosos, para conversar com o novo presidente, o Sr. Konstantin Kharchev. *Isso é muito incomum, lembro-me de ter pensado. Até hoje nenhum outro presidente me deu a honra de ser recebido em seu escritório particular.*

Na primeira reunião com Kharchev, percebi de imediato que agora estaria lidando com um líder extraordinário, dono de uma nova visão. Fiquei maravilhado ao descobrir a liberdade que ele usava para expor sua atitude crítica em relação às perseguições passadas.

– Então, – ele disse com um sorriso irônico – eles pensaram que poderiam usar prisões e campos de trabalho forçado para provar que não havia Deus?

Durante aquela primeira conversa, repeti um pedido que já havia feito muitas vezes ao comitê.

– Precisamos muito ter uma organização da igreja oficialmente reconhecida – eu disse.

Ambos sabíamos que era exatamente isso que a KGB *não* queria, mas ele não fez alusão a esse fato. Em vez disso, falou:

– Olha, por que você não vai em frente e não constrói sua organização na base de um “acordo de cavaleiros”?

Segui aquele conselho e, a partir dali, a organização da igreja passou a existir de forma semioficial.

Em 1986, Kharchev e eu, juntamente com um grupo de cerca de 270 representantes da comunidade soviética, viajamos até Chautauqua, estado de Nova York, para participar de uma enorme Conferência de Diplomacia Pública, que foi realizada ali. Quando o presidente da Associação Geral, Neal Wilson, descobriu que Kharchev estava no país, imediatamente o convidou a visitar algumas instituições adventistas dos Estados Unidos. Kharchev decidiu então separar um tempo de sua viagem para ir até o Centro de Mídia Adventista e o Centro Médico de Loma Linda, lugares onde tive o privilégio de acompanhá-lo como tradutor, desempenhando essa função até mesmo numa conversa telefônica entre Kharchev e o senador Richard Lugar.

Konstantin Kharchev ficou muito impressionado com tudo o que viu e me falou diversas vezes:

– Nós precisamos fazer tudo isso na URSS!

Mas o mais interessante (para mim) aconteceu durante o trajeto de volta para Moscou. Estávamos agendados no mesmo voo da companhia Lufthansa: ele na primeira classe e eu, na econômica. Tínhamos nossas passagens em mãos e eu o estava ajudando a despachar sua bagagem. De repente, uma funcionária da

companhia aérea que estava nos ajudando passou para o nosso lado do balcão.

– Você se importa em nos dar licença um momento? – ela me perguntou educadamente. – Preciso conversar com esse homem.

Olhei para Karchev e pensei: *Acho que suas habilidades em língua inglesa são suficientes para conseguir se virar sozinho nessa situação.* Fiquei alguns metros afastado, enquanto eles conversaram brevemente. Kharchev me contou mais tarde o que ela lhe dissera:

– Temos um assento vago ao seu lado na primeira classe. Se o senhor quiser, pode dá-lo ao homem que está lhe acompanhando.

Kharchev concordou instantaneamente. Era um voo noturno, onze horas de viagem, direto até Moscou, mas nem ele nem eu dormimos um instante sequer. Ao invés disso, aproveitamos aquela excelente oportunidade para abrir o coração um ao outro. Finalmente, quando o avião começou o processo de aterrissagem pelo céu da manhã, rumo ao aeroporto internacional Sheremetyevo, Konstatin Kharchev se virou para mim e disse:

– Daqui por diante, você será meu pai espiritual. Por favor, diga-me como poderei ajudá-lo no que você está fazendo por Deus e pelo povo na URSS.

Nos anos que se seguiram, enquanto nossa igreja construía seu primeiro seminário, casa publicadora, centro de mídia e estabelecia suas diretrizes organizacionais, a ajuda desse homem nobre e corajoso foi de valor inestimável.



A tradutora da meia-noite e o "profeta" exilado

Querido leitor, acredito que você irá concordar, depois de ler a história de tirar o fôlego de Alla Shtabinskaya, que, para fazer justiça à sua vida e ao tanto que ela realizou por nossa igreja, seria necessário um livro dedicado apenas a isso.

Era um dia ensolarado de primavera em Moscou, no ano de 1952. Uma adolescente chamada Alla Shtabinskaya esperava numa longa fila num supermercado. Enquanto a fila andava vagorosamente, sua atenção se dirigiu a uma senhora idosa que estava passando pelo grupo de compradores.

O que ela está fazendo?, Alla se perguntou. *Ela está se comportando de forma estranha.*

Passo a passo, a pequena *babushka* (vovó) se aproximava e agora Alla conseguia ver que ela estava entregando pedacinhos de papel para cada pessoa, agindo de forma calma e casual, para não chamar atenção. Finalmente, ela chegou até Alla, colocou bem rápido um daqueles papeizinhos na mão da garota e foi até outra pessoa.

– Aquilo despertou em mim uma sensação saudável de curiosidade – Alla se recordou mais tarde. – Embora tivesse apenas 15 anos de idade, eu já buscava encontrar o sentido da vida, pois, assim como milhões de outros soldados russos, meu pai morreu durante a Segunda Guerra Mundial.

Algumas semanas mais tarde, Alla e sua mãe pesquisaram o endereço que estava escrito naquele pedaço de papel e descobriram que estavam entrando na única igreja adventista do sétimo dia de Moscou. Elas começaram a frequentar a igreja com regularidade e não demorou muito para que ela e a mãe expressassem o desejo de serem batizadas e de se tornarem membros.

A mãe de Alla logo foi batizada e recebida no rol de membros. Mas Alla teve

que esperar.

– Desculpe-me, – o pastor disse pesaroso – mas, de acordo com as leis soviéticas que legislam sobre as organizações religiosas, é ilegal batizar menores. Teremos que esperar você completar 18 anos.

Mas isso não desencorajou Alla. Ela continuou a frequentar os cultos da igreja que aprendera a amar.

– Daquele momento em diante, – ela se lembra – as autoridades começaram a nos seguir. Elas até mesmo colocaram um informante da KGB no apartamento vizinho ao nosso. Qualquer pessoa do outro lado da parede poderia nos ouvir conversando ou lendo. Portanto, para ter privacidade, tínhamos que sussurrar ou escrever bilhetes uma para a outra. Era apenas ao ar livre que podíamos conversar com liberdade, sem temores.

Mas a perseguição não parou aí. O governo comunista estava determinado a impedir os cristãos de avançarem para níveis superiores de educação. Por isso, informaram aos administradores do colégio de ensino médio em que Alla estudava que ela havia se tornado crente em Deus e ordenaram seus professores a diminuir as notas da moça para que ela não pudesse se formar.

Porém, isso não a deteve nem por um instante sequer.

– Como posso aprender mais sobre a Bíblia? – ela perguntou ao pastor. – Quero muito ter um conhecimento mais profundo das verdades de Deus.

O pastor disse algo que não apenas mudaria a vida de Alla, mas seria uma bênção para toda uma geração de adventistas:

– Sabe, existe uma quantidade imensa de literatura espiritual disponível na língua inglesa.

Subitamente, o coração de Alla se inflamou com o desejo de dominar a língua inglesa a um nível de proficiência. Ela começou a sonhar em se tornar tradutora profissional de literatura religiosa. *Quero dar minha contribuição à iluminação espiritual da sociedade russa*, pensou.

Por meio de uma série de milagres incríveis, Alla conseguiu superar uma multidão de obstáculos para poder estudar inglês no bem-conceituado Instituto Pedagógico de Línguas Estrangeiras de Moscou. Ela passou quatro anos na universidade e talvez o milagre mais encantador seja que ela conseguiu manter sua fé, pois o Partido Comunista havia transformado todas as instituições de ensino superior em fábricas de ateus.

Providencialmente, Alla tinha um aliado chave ao seu lado. Ela tem convicção de que Deus abriu o coração da coordenadora do Departamento de Língua Inglesa, pois, em suas viagens ao exterior, aquela preciosa mulher

aprendera algumas coisas acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E a coordenadora colocou em risco seu trabalho para ocultar da administração as convicções religiosas de Alla.

Mas, no quinto ano de Alla na universidade, um novo coordenador foi nomeado e a verdade veio à tona. Para seu horror, os administradores descobriram que, durante todo aquele tempo, estavam educando uma cristã convicta. Grandemente envergonhados e ansiosos para redimir sua integridade aos olhos dos superiores do partido, logo colocaram em prática medidas duras e opressoras contra aquela jovem cristã. Conta-se que em 1959, antes dos exames finais, tanto a universidade quanto o conselho da cidade de Moscou decidiram “assumi-la”. Seu objetivo era tentar acabar com a fé de Alla, ameaçando negar-lhe o merecido diploma.

– Fui convocada perante uma assembleia de representantes do conselho da cidade, depois ao Comitê Regional do Partido Comunista e em seguida ao Conselho da Komsomol – ela se recordou mais tarde. – Essas pessoas tentaram me humilhar, intimidar, ridicularizar e me pressionar a mudar de ideia e negar minha fé em Deus.

– Posteriormente, agentes da KGB, o Ministério de Assuntos Internos e o Departamento de Investigação Criminal me interrogaram em minha casa e também no instituto de línguas. Então, fui intimada a comparecer à “Petrovka 38” [um escritório da KGB], onde fui tratada de forma extremamente rude. Usando ameaças, tentaram me transformar em uma informante secreta, para poder delatar outros adventistas.

– Todavia, – ela prossegue – recusei terminantemente. Sabia que esse assédio era planejado pela administração da universidade, porque aconteceu logo antes de meus exames finais, numa tentativa de me impedir de conseguir o diploma. Mas meu pastor sempre se lembrava do meu nome em suas orações e essas perseguições apenas fortaleceram minha resolução de ser fiel.

– Certa vez, numa manhã de verão, dois milicianos apareceram em minha casa. Sem se apresentar ou mostrar quaisquer documentos, simplesmente me prenderam e me levaram a uma estação da milícia. O que eles queriam era se apossar de meu passaporte e rasgá-lo (algo que já haviam feito com muitos cristãos), de forma a torná-lo inválido. Isso impossibilitaria que eu continuasse em Moscou.

Naqueles dias, todos os cidadãos da União Soviética tinham que se registrar no escritório local da polícia ou da milícia no local de sua residência. Esse registro era carimbado no passaporte. Era ilegal morar em qualquer lugar fora da

área de registro e era impossível residir em Moscou sem possuir o *status* de residente permanente (o qual Alla possuía) ou receber um convite dos escalões mais elevados do governo.

Assim, no caso de Alla, a polícia estava tentando privá-la da oportunidade de continuar morando na capital. Se ela entregasse ou perdesse seu passaporte de Moscou, teria que ir embora e passar pelo processo tedioso de obter um novo documento. As autoridades poderiam garantir que a polícia negasse seu pedido e então ela seria compelida a deixar Moscou de uma vez por todas.

– Entretanto, – Alla disse – eu sabia o que eles queriam e me recusei a entregar o passaporte. Depois de muitas horas de ameaça, eles me liberaram e me mandaram ir andando para casa no meio da noite.

Por fim, – e essa é a versão oficial – Alla e sua mãe “perderam” a permissão de viver em Moscou e optaram “voluntariamente” por se mudar para a cidade de Tomsk, na Sibéria. Lá, a mais de 2.700 quilômetros de Moscou, essa persistente jovem cristã atingiu seu objetivo. Em Tomsk ela terminou seus estudos de inglês e recebeu o diploma. A partir de então, tinha as ferramentas necessárias para realizar seu sonho de traduzir literatura religiosa para a língua russa.

A liderança do movimento adventista clandestino, maravilhada e agradecida, rapidamente lhe forneceu cópias em inglês de livros como *Profetas e Reis*, *História da Redenção*, *O Desejado de Todas as Nações* e muitos outros. Então, essa brilhante mulher começou a trabalhar.

Os anos que Alla passou estudando gravaram-lhe na mente altos padrões de qualidade. “Eu trabalhava muito, principalmente à noite”, ela me escreveu mais tarde. “Vivia em constante medo de ser presa pelas autoridades devido às minhas ‘atividades subversivas’. Com a caneta na mão, traduzia livros inteiros, pensando cuidadosamente em cada palavra.”

Depois da tradução, ela enfrentou ainda outro desafio. Para evitar erros, ela se recusou a delegar a primeira digitação a outra pessoa. Contudo, ela morava num apartamento de paredes finas e o barulho incessante das teclas de uma máquina de escrever certamente levantaria suspeitas dos vizinhos.

– Então, eu vedei à prova de som minha operação de impressão o máximo possível – ela conta. – Coloquei uma lâmpada elétrica de escritório perto da máquina de escrever e depois cobri tudo com diversos cobertores. Aí, eu ligava o som para neutralizar o barulho das teclas, colocava minhas mãos e cabeça debaixo da cobertura pesada e datilografava por horas a fio nessa posição encurvada. A lâmpada gerava grande quantidade de calor, como uma sauna, e frequentemente eu precisava colocar a cabeça para fora para conseguir respirar

um pouco de ar fresco, antes de me enfiar de novo lá dentro e voltar a trabalhar.

Vivendo em condições tão extremas e em temor constante de ser presa, ela trabalhava a ponto de exaustão, sem nunca pensar na própria saúde. O que motivava Alla a dar continuidade a esse trabalho fatigante e perigoso?

– Eu vivia entre pessoas que procuravam felicidade na bebida, devassidão e criminalidade – ela responde quando lhe fazem essa pergunta. – Recebi um chamado do Senhor para lhes dar acesso a uma literatura que iria ajudar a deixar sóbria sua mente e aclarar seu pensamento.

Isso requeria fé, é claro. Enquanto a maior parte dos soviéticos (assim como o restante do mundo) presumia que o comunismo permaneceria no poder por tempo indeterminado, cristãos como Alla acreditavam que, de algum modo, as coisas iriam mudar. Já disseram muito bem que “fé é esperar para ver o que Deus irá fazer”, e os fiéis acreditavam no triunfo final do bem sobre o mal e no cumprimento da promessa de Cristo de que “este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14). Eles criam que Deus, em Seu tempo e da Sua maneira, removeria a cortina de ferro e finalmente abriria a imensa União Soviética para a proclamação do evangelho.

Alla Shtabinshkaya descansou em julho de 2004, aos 67 anos de idade. Um ano depois, sua mãe também faleceu, aos 92 anos.

Outro pilar da fé com a mesma grandeza – uma fé que não apenas sobrevive ao presente, mas que também vislumbra um futuro melhor – foi Alexander M. Demidov. No capítulo 2, contei a história de como, no fim de década de 1920, ele editou a revista adventista *A Voz da Verdade* até que as gráficas monopolizadas pelo Estado se recusassem a publicar o periódico.

Em 1930, Alexander foi preso e “isolado da sociedade” devido ao seu “crime”. Ele passou os trinta anos seguintes nas prisões e campos de concentração de Stalin. Em algum ponto da década de 1960, consegui localizá-lo. Ele ainda estava no exílio, vivendo acima do Círculo Ártico, na cidade de Noril’sk, numa latitude comparável a Barrow, no Alaska, ou ao extremo norte da Noruega.

Era a época do ano em que o Sol nunca é visto. Nós dois saímos de seu pequeno e abafado apartamento e fomos para as ruas da cidade, submersas na perpétua noite polar. À distância, próximo ao horizonte daquele céu escuro, podíamos ver um conjunto de torres de rádio e televisão bem iluminadas.

– Você está vendo aquelas antenas? – Alexander me perguntou, apontando

para elas.

– Sim, estou.

– Pode estar certo, meu amigo, – ele continuou – de que está chegando o tempo em que esse mesmo equipamento, erguido pelos comunistas para espalhar propagandas de sua ideologia, será usado por Deus para proclamar Seu evangelho eterno!

Fiquei muito feliz com aquelas palavras, mas, ao mesmo tempo, estupefato pela imensa fé, que era capaz de dar as costas a trinta anos de cárcere e exílio e olhar para frente com tanta certeza de um amanhã radiante e livre.

Quando os anos se passaram e o controle do governo sobre a mídia cessou, tive a oportunidade de testemunhar pessoalmente o cumprimento dessa profecia. Chegou o dia em que a liderança de nossa igreja assinou contratos com os novos proprietários daquelas mesmas estações de rádio e TV, obtendo permissão para usar as ondas com o objetivo de espalhar o evangelho!

Outro cumprimento dessa confiante profecia ocorreu na importante cidade da Sibéria chamada Novosibirsk. Em 1991, um vice-presidente da Associação Geral, Kenneth Mittleider, acompanhou meu filho Peter (fundador do primeiro centro de mídia cristão da Rússia) e eu até uma poderosa estação de rádio.

– Poucos anos atrás, – o gerente nos disse – esses transmissores eram usados para bloquear programas de rádio internacionais, como a BBC e *Voice of America* [Voz da América].

Mas nós, três adventistas, estávamos ali para assinar um contrato que nos permitiria usar aquelas mesmas torres para proclamar as três mensagens angélicas por toda a Ásia. O tempo de Deus havia chegado, a cortina de ferro, uma vez tão forte, estava rasgada em pedaços. E nossa igreja estava pronta. Quão verdadeiras as palavras da sábia e corajosa Coretta Scott King, quando escreveu: “É preciso um espírito, uma necessidade e um homem no início de cada grande avanço da humanidade. Cada um desses deve ser o certo para aquele momento específico da história. Do contrário, nada acontece.”



O primeiro seminário protestante da Rússia

Para contar a história da fundação de nosso seminário para capacitação ministerial na Rússia, o primeiro protestante do país, dependi fortemente de material do livro *God's Soviet Miracles*[1] [Milagres de Deus na União Soviética], de meu filho Michael Kulakov Jr., fundador e primeiro presidente dessa instituição educacional. O que se segue são palavras dele, revisadas e condensadas com cuidado para este capítulo.

Michael Kulakov:

Embora a perestroika de Mikhail Gorbachev tenha trazido um novo ar de otimismo à sociedade russa, o Partido Comunista ainda exercia bastante domínio sobre todos os aspectos da vida na Rússia. Mesmo assim, a educação de pastores adventistas estava sendo feita de forma clandestina e havia “escolas subterrâneas” em várias partes do país. Durante dez anos (1975-1985), antes de Gorbachev subir ao poder, meu pai vinha escrevendo cartas às autoridades soviéticas sobre as necessidades educacionais dos pastores. Para evitar um choque direto com o programa antirreligioso comunista, não ousávamos mencionar uma palavra sequer acerca de matricular novos candidatos ao pastorado, mas meramente solicitávamos permissão para prover educação adequada aos homens que já estavam trabalhando na Igreja Adventista como pastores leigos.

Necessitávamos de uma escola. Para isso, mantínhamos um fluxo constante, educado, porém insistente, de correspondência. Quantas aplicações, apelos, petições e outras obras-primas epistolares você acha que foram necessários para conseguir uma resposta positiva dos labirintos burocráticos soviéticos para a

construção de algo desconhecido – uma escola cristã? No dia 12 de março de 1986, nossa 76ª carta solicitando permissão para abrir uma escola religiosa por correspondência – tudo o que não ousamos pedir a princípio – repousava na escrivaninha do Comitê de Assuntos Religiosos.

A resposta do governo foi a de sempre. Embora não estivéssemos pedindo permissão para adquirir uma propriedade, a carta de resposta dizia: “Não podemos permitir que os senhores iniciem uma escola religiosa por correspondência porque não existe local disponível para fazê-lo.”

Contudo, o presidente do Comitê de Assuntos Religiosos, Konstantin Kharchev, era muito mais aberto do que seus predecessores. Ele conseguia entender, pelos nossos argumentos, que, quando os ministros de uma denominação são bem educados, o Estado se beneficia tanto quanto a igreja.

Logo recebemos boas notícias de Yevlampii Tarasov, o presidente do conselho do Departamento de Igrejas Protestantes:

– Vocês podem construir um pequeno prédio adjacente à igreja de Tula.

Tula era uma cidade localizada ao sul de Moscou, próximo à capital, e era lá que a liderança da igreja residia. O governo não havia permitido que a Igreja Adventista fosse sediada em Moscou.

Mas os vereadores da cidade de Tula – antigos veteranos do partido treinados na era de Stalin – objetaram fortemente.

– Nunca nesse mundo permitiremos que uma escola religiosa seja fundada em Tula! – eles disseram. – Somos uma cidade heróica, uma cidade de veteranos vermelhos!

Yevlampii Tarasov, seguindo as instruções de seu chefe, Konstantin Kharchev, correu até Tula para tentar virar o jogo. Soubemos mais tarde, por meio de observadores simpáticos à nossa causa, que uma verdadeira batalha ocorreu durante essa reunião.

– Não queremos ouvir uma palavra sequer sobre essa escola sectária cristã! Não numa cidade tão rica em gloriosas tradições revolucionárias!

Não tivemos outra opção a não ser procurar por alguma coisa fora dos limites da cidade. Uma antiga igreja ortodoxa que, na verdade, estava em ruínas chamou nossa atenção, mas o fato é que durante vários anos os cristãos ortodoxos já faziam solicitações para poder fazer uso daquela área. A última coisa que queríamos das autoridades era receber o prédio batendo de frente com o desejo da população e, assim, despertar má vontade. Portanto, desistimos.

Várias outras possibilidades surgiram aos nossos olhos, mas cada uma gerava algum tipo de reação oficial. Uma pequena casa particular com um pedaço de

terra era “muito próximo a Tula”, as autoridades disseram. “Além disso, é bem ao lado da linha de trem Moscou-Tula e seria um local muito público.” Outro lugar era muito perto da propriedade estatal de Leon Tolstoi e isso possivelmente ofenderia a sagrada memória desse herói nacional. Propusemos outros locais, mas a resposta sempre era: “muito próximo de Tula”.

– Qual é o problema? Será que nós cheiramos mal? – alguém do grupo finalmente perguntou.

A verdade é que as autoridades queriam nos manter longe da vista, pois nossa igreja em crescimento provava a falsidade de uma das crenças fundamentais do comunismo: “Sob o regime socialista, a religião está fadada a morrer.”

Nossos mapas de estudo da área mostravam que, quanto mais distantes ficássemos de Tula, mais longe estaríamos das estradas e linhas de trem que nos dariam a necessária conexão com Moscou.

– Então vamos tentar lugares mais próximos a Moscou – decidimos.

Depois disso, um simpático oficial do governo entrou em contato conosco.

– Por que vocês não pesquisam se existem algumas possibilidades em Zaokski? – ele sugeriu.

Não ficamos muito esperançosos, mas Zaokski realmente seria ideal e esse assentimento oficial nos deu coragem. Zaokski ficava a menos de 130 quilômetros de Moscou e uma estrada importante passava perto da cidade. Lá também havia linha de trem e serviço de telefonia. De bônus, ainda ficava ao lado de um parque nacional da Rússia, sendo talvez a região mais bonita e pitoresca dos arredores de Moscou.

Portanto, no dia 22 de agosto, convidei meus parentes Vitya e Anya para irem comigo no carro e me ajudarem na busca. Depois de andar por toda a região em volta do município de Zaokski, estávamos beirando o desespero. *Teremos que voltar de mãos vazias, pensei. Não há nada – absolutamente nada – adequado!*

Permanecemos ali o máximo que podíamos, mas, finalmente, decidimos nos render ao inevitável. Pegamos o rumo da estrada principal, com a cidade ficando atrás de nós, e dirigimos até um cruzamento ferroviário. Acima da linha férrea havia uma rua que era paralela aos trilhos.

Eu me lembrava de ter visto essa rua quando chegamos, mas não havia prestado atenção nela. Agora resolvi entrar ali. Havia típicas casas de campo – pequenas, de madeira e um pouco dilapidadas – ao longo da estradinha.

Subitamente a rua terminou. E lá, entre várias fileiras de altaneiros álamos, nos deparamos com as ruínas de um prédio grande de três andares, que tinha

grandes buracos como janelas.

– Parece que encontramos!

Saí desajeitado do carro e fui correndo em direção ao velho edifício. Lá dentro, alguns garotos estavam sentados numa pilha de entulhos e destroços, rindo e conversando ao lado de uma fogueira. Quando eles nos viram, ficaram quietos e começaram a nos encarar, curiosos.

– Oi, meninos! – eu disse.

– Oi! – eles responderam desconfiados.

– O que funcionava antes neste prédio? – perguntei. – Vocês sabem? O que havia aqui?

– Uma escola – um deles ressondeu.

– De quem é esta propriedade hoje em dia?

Um dos garotos deu um sorrisinho malicioso:

– Que diferença faz? Não serve pra mais nada mesmo!

– Então ninguém está planejando fazer nada com este lugar? – perguntei. – Algo como restaurar o prédio?

– Claro que não. Este prédio está em ruínas há muito tempo.

– Então o que aconteceu? Um incêndio?

– Acho que você descobrirá muito mais se perguntar a Ivan Ivanovich – uma das crianças falou. – Naquela casa ali. Ele era o diretor da escola. Pode lhe contar todos os detalhes.

Quando bati à porta, um senhor idoso apareceu, usando óculos de lentes grossas. Assim que descobriu meu interesse pela história da velha escola, sentou-se num banco, acendeu sem pressa um cigarro e começou a me contar.

– Essa escola foi construída nos anos 1930, usando o método de construção popular, ou seja, voluntários que trabalhavam na construção após o expediente de trabalho. Depois da guerra, a cidade começou a crescer e, conseqüentemente, a escola também. Precisávamos de um ginásio, mas, como a cidade crescia na direção contrária a nós, e não aqui por perto, uma escola novinha em folha com ginásio foi inaugurada mais próxima ao centro da população.

– Depois disso, a câmara de vereadores não sabia o que fazer com esse edifício, então o deixou às moscas – Ivan Ivanovich disse em tom de decepção. – Então, certa noite, um incêndio começou. E, muito embora o corpo de bombeiros fique a menos de dois quilômetros daqui, as chamas consumiram o prédio durante três dias e queimaram tudo, com exceção das paredes de tijolos. Depois disso, a cidade deu permissão a todos para dismantelar as paredes para pegar materiais de construção.

O antigo mestre olhou por sobre os ombros em direção ao edifício, que não mostrava sinais de desmantelamento.

– Infelizmente, – ele disse sorrindo com amargura – aquele trabalho de concreto foi feito para durar. Os tijolos e a argamassa foram cimentados juntos por um método conhecido apenas de quem o fez e ninguém conseguiu retirar um tijolo sequer!

Depois da nossa visita a Ivan, seguimos imediatamente para o escritório regional de planejamento arquitetônico e descobrimos, para nossa surpresa, que aquele prédio não existia oficialmente! No lugar dele, os arquitetos haviam desenhado pequenos lotes quadrados, designados para servir como futuras casas particulares. Todavia, o Arquiteto celestial tinha um plano diferente e conseguiu que fosse aprovado!

– Não, – nós cantávamos enquanto voltávamos para casa naquela noite – ninguém pode nos impedir de ensinar as verdades de Deus!

Resumo da história por Mikhail:

Naquela noite, ouvi o barulho do carro de meu filho Michael estacionando em nosso pequeno quintal e saí para cumprimentá-lo. Seus olhos brilhavam de alegria e ele lançou os braços em volta do meu pescoço.

– Papai, – ele exclamou triunfante – Deus respondeu às nossas orações hoje!

Ainda seriam necessários longos meses para superar os vários obstáculos burocráticos, mas cada vitória fornecia confirmação de que o prédio escolar em ruínas era o lugar que Deus havia escolhido para a construção de Seu seminário. De maneira maravilhosa, Ele usou amigos influentes em Moscou e Tula para vencer essas barreiras. Esses grandes homens, assim como Ciro, na antiguidade, foram usados por Deus como instrumentos em favor de Seu povo.

No dia 27 de janeiro de 1987, pela primeira vez em seus setenta anos de existência, nosso governo ateu concedeu permissão oficial para a Igreja Adventista do Sétimo Dia construir um centro espiritual e um seminário, e, ainda por cima, separou uma porção considerável de terra numa vila próxima a Moscou.

Dá para chamar isso de milagre, ou o quê?

Entretanto, ainda tínhamos sérios desafios à nossa frente. Qualquer leitor que viva num regime democrático que permite a livre iniciativa não consegue conceber a enormidade desses desafios. Como não havia empresas privadas de construção, nosso centro tinha que ser encaixado no programa do governo para cinco anos e planejado com vários anos de antecedência. A própria solicitação de materiais de construção podia levar anos, já que cada um dos pedidos de trabalho

ou material tinha que ser primeiramente aprovado pelo governo.

Mas Deus não pode ser parado. Ele colocou meu filho e seus colegas de trabalho em contato com muitas pessoas influentes cujos nomes não posso revelar, já que vários deles arriscaram a própria posição em seu desejo de fazer a vontade de Deus e ajudar nossa igreja.

Depois que a licença para construir foi obtida, precisávamos de voluntários para que a obra acontecesse. Quem sabe como tudo teria se organizado sem nosso mestre de obras Vasilii Novosad? Sem esse homem, é muito provável que o seminário não tivesse sido erguido em tão pouco tempo como foi. Novosad é um exemplo incrível de um servo de Deus. Além de ser alto, cheio de vida, sorridente, charmoso e alguém de fácil relacionamento, ele nunca reclamou de passar seis meses longe de sua família trabalhando na escola. Ele dormia com os trabalhadores da construção e trabalhava dia e noite, num frio congelante. Novosad não tinha automóvel. Mesmo assim, precisava resolver questões da construção e viajava para Tula e outros lugares de trem e até mesmo de carona.

O trabalho começou em março e o clima ainda estava gelado, invernal. A primeira tarefa foi construir no segundo andar do prédio semidestruído um abrigo para os trabalhadores dormirem. Na primeira noite, o forno para aquecimento não funcionou. Finalmente, os homens pediram a Novosad que parasse de lutar com o forno e todos dormiram no frio.

Desde o primeiro dia, quase todos os vizinhos de Zaokski demonstraram grande simpatia, compreensão e hospitalidade. As mulheres das casas vizinhas levavam leite, batatas, ovos e pão para os trabalhadores. Elas perguntavam sobre a saúde deles e emprestavam casacos de trabalho.

– Construam uma igreja aqui – muitos insistiam conosco. – Com certeza, viremos nos unir a vocês em oração a Deus. Fortaleçam mesmo o trabalho do Senhor! Estamos tão felizes que teremos uma igreja bem aqui em Zaokski!

Essas palavras de encorajamento, ditas com calor humano e sinceridade, nos motivaram a ser ainda mais perseverantes.

Logo um grande grupo de operários chegou da Ucrânia.

– Vamos trabalhar na construção durante duas semanas, sem custo algum para a denominação – eles anunciaram.

E esse foi o padrão de todo o projeto de construção. Vez após vez, chegavam voluntários para trabalhar durante duas semanas ou um mês, e assim a construção foi levada avante. Ninguém era pago por seus esforços.

Logo no início da construção, a liderança de nossa igreja enviou uma carta para os membros explicando os planos e objetivos daquela faculdade e pedindo

que as pessoas se dispusessem como voluntárias, quando possível, ajudando nos trabalhos de construção ou então dando apoio financeiro a essa causa. A resposta foi inacreditável. Dentro de dois ou três meses, crentes de todas as partes do país haviam conseguido o que, para nós, era uma enorme soma de dinheiro: quase meio milhão de rublos. Voluntários chegavam a Zaokski não apenas da Rússia, mas também da Ásia central, do Cáucaso, da Ucrânia, Moldávia, Bielorrússia e das repúblicas bálticas. Famílias usavam o período de férias para ir ao local. Armavam barracas para dormir e todos – pai, mãe e crianças – ajudavam na construção.

Durante aqueles dias memoráveis – de março de 1986 até dezembro de 1988 –, nossa igreja estava solidamente unida de coração e de alma, lado a lado para a realização de uma tarefa. Foi um exemplo poderoso de como o povo adventista, guiado pelo Espírito Santo, e inspirados uns pelos outros, é capaz de realizar grandes coisas pela causa de Cristo.

Dia 2 de dezembro de 1988 foi realizada a grande inauguração do campus, onde tanto o seminário quanto o centro administrativo da organização de nossa igreja foram construídos.

No livro *God's Soviet Miracles*,^[2] Michael afirma:

Temos grande alegria de possuir um novo e gigantesco complexo educacional, nomeado em homenagem a Garwin McNeilus, o grande visionário adventista de Minnesota que dedicou seu negócio ao Senhor. Graças à grande ajuda e inspiração de Garwin e [sua esposa] Marilee McNeilus, tivemos a oportunidade de desenvolver várias áreas cruciais do trabalho do seminário, incluindo nossa fazenda e o alojamento para alunos casados. Sem a ajuda desse casal, não teria sido possível [...] construir esse novo complexo que irá abrigar mais de duzentos alunos, juntamente com os funcionários casados, e conterá um piso com espaçosas salas de aulas, além de um refeitório, onde poderemos alimentar mais de trezentas pessoas de cada vez. Lançamos os alicerces de uma biblioteca de três andares e, com a ajuda deles, estamos trabalhando na construção de mais esse prédio.

Também foi providencial o estabelecimento de um departamento especial de assuntos soviéticos na Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, por seu presidente, pastor Neal C. Wilson, próximo à cidade de Washington. Ele designou um casal muito talentoso, o pastor Harold F. Otis e sua esposa, para cuidar desse departamento. Eles estavam animados com as oportunidades que se abriam na Rússia e dispostos a fazer qualquer coisa para ajudar a igreja lá.

Entre 1992 e 2005, 1.550 alunos de Teologia se formaram no seminário.

Antes de concluir essa história de como Deus conduziu o estabelecimento do nosso centro educacional em Zaokski, quero lhes contar algo emocionante.

Certo dia, eu estava visitando nossa igreja na cidade de Frunze (atual Bishkek), a capital do Quirguistão. Eu acabara de descer de um ônibus quando ouvi uma voz feminina chamar meu nome, dirigindo-se a mim da forma comum e respeitosa na Rússia de falar o primeiro nome seguido do nome do pai:

– Mikhail Petrovich!

Parei e me virei.

– O senhor sabe quem eu sou?

Sei sim, pensei comigo mesmo. Vi essa senhora na igreja de Frunze. E, pela expressão em seu rosto, ela parece agitada por causa de alguma coisa.

– Meu nome é Galena Vdodina – ela disse apressada e, depois de algumas palavras polidas expressando gentileza, foi ao ponto:

– Sou mãe solteira e tenho apenas uma filha, que se chama Irena. Fico muito feliz em poder dizer que o amor dela por Jesus tem crescido. Mas aí vem o problema. Ela acabou de concluir o ensino médio e isso significa que ou ela continua a estudar, o que, como o senhor sabe, é quase impossível para um cristão, ou começa a trabalhar em uma das fábricas do Estado.

Sinalizei que sim e já conseguia sentir quais seriam as próximas palavras dela. Era uma condição comum entre pais adventistas e de outras denominações cristãs.

– Portanto, a mandei para uma grande companhia estatal, onde ela está aprendendo um ofício – Galena continuou. – E o senhor sabe tão bem quanto eu que os ateus farão tudo o que se possa imaginar e o inimaginável também para destruir sua fé em Deus. Por favor, o senhor pode orar por minha filha Irena?

– Ficarei honrado em fazer isso – disse a ela. – Vamos até aquela alameda.

Sob a sombra de uma grande árvore, afastados do barulho da rua movimentada, apresentamos essa situação ao gracioso Salvador. As súplicas profundamente emotivas de Galena me impressionaram. Lembro-me de pensar: *Estou testemunhando a luta de uma mãe por sua amada filha.*

Um jovem enérgico chamado Valery estava trabalhando naquela mesma companhia, que manufaturava máquinas pesadas. Ele também era o líder da seção da Komsomol naquela fábrica, uma organização para jovens ateus que era a porta de entrada para se tornar membro do privilegiado Partido Comunista.

A função de Valery na fábrica era educar os trabalhadores mais jovens nos princípios do comunismo. Certa manhã, ele foi abordado por um superintendente.

– Camarada Valery, – o superior disse – quero lhe contar algo sobre uma de nossas novas funcionárias. O nome dela é Irena Vdodina. Ela é jovem e, pelo que ouvi falar, pertence a uma seita religiosa estranha. Isso significa que teremos que ver se ela deixa essas conexões ou precisaremos despedi-la. Senão – ele concluiu apontando o dedo para a garganta – nossa cabeça pode rolar. É melhor você começar seu trabalho logo.

– Está certo. Vou conversar com ela hoje mesmo, se possível.

Valery pediu à sua secretária que entregasse um bilhete convocando Irena ao seu escritório às cinco da tarde. Mas, entre os dois, era ele quem estava mais nervoso. *Nunca conheci um membro de uma seita de verdade antes*, ele pensou. *Como será que ela é?* Ele estava até roendo as unhas de nervoso quando uma jovem esbelta, graciosa e bonita entrou na sala.

– Por favor, sente-se, Irena. Pode me chamar de Valery. Conte-me um pouco sobre você, um resumo geral de sua vida.

Quando a jovem começou a falar, Valery ficou impressionado com a maneira como ela se portava. *É óbvio que ela tem cultura*, ele constatou. *E é bem educada também. Ela não se encaixa muito bem no estereótipo de membro de seitas que eu tinha em mente. Eu imaginava que essas pessoas eram como homens das cavernas, atrasados. Bem, acho que é melhor ir direto ao ponto.*

Ele limpou a garganta.

– Irena, tenho a informação de que você professa a crença em Deus. Por que você imagina que exista uma Divindade?

Ela o olhou nos olhos.

– Valery, você já teve a oportunidade de ler a Bíblia?

Ele piscou os olhos.

– Não.

– Já foi a alguma reunião numa igreja?

– Nunca.

Irena sorriu.

– Vai ser um prazer continuar essa conversa com você sobre Deus e religião se você reservar um tempo para ler a Bíblia, para que possamos discutir, de forma inteligente, sobre seu conteúdo.

Ele balançou os ombros.

– Parece lógico para mim – ele disse. – Vou fazer isso.

Então, Valery parou por um instante, embaraçado.

– Mas onde eu vou conseguir uma Bíblia?

– Minha mãe ficará feliz em lhe emprestar uma. Ela também pode lhe ajudar

a se familiarizar com o livro.

– Que ótimo! Isso seria muito gentil da parte dela.

Logo Valery estava apreciando a calorosa atmosfera cristã do lar de Vdodina. Quanto mais os três discutiam acerca de Deus e da Bíblia, mais sentido e sabedoria ele encontrava nos argumentos de sua instrutora.

– Valery, – Irena disse por fim – você precisa vir a uma de nossas reuniões.

Não muito tempo depois, o jovem líder do Komsomol estava em meio a um ajuntamento de adventistas. *Estou impressionado*, ele dizia para si mesmo. *Essas pessoas são sinceras e seu raciocínio é excelente. Gosto do bom senso que elas têm. E como se vestem bem!*

Agora Valery ficara com a pulga atrás da orelha. Seu próprio intelecto e educação estavam sendo desafiados. Então, ele pediu mais literatura, mais informações. Como era ilegal imprimir livros adventistas, eles eram digitados secretamente e, por isso mesmo, bem raros. O adventista comum, quando tinha a oportunidade de pegar um livro emprestado, se sentia sortudo ao receber a décima cópia em papel carbono de um manuscrito datilografado, encadernado à mão e feito com papel finíssimo. Mas os membros da igreja fizeram o máximo para suprir Valery com bons livros sobre criação e evolução, a inspiração da Bíblia, e outros livros traduzidos ilegalmente.

O jovem comunista fez anotações e compilou material, medindo argumento contra argumento. *Quanto mais eu estudo*, ele pensava, *mais me convenço de que existe sabedoria, luz e significado nos ensinamentos da Bíblia. E, agora que sei dessas coisas, sinto que não posso mais exercer minha função da Komsomol lá na fábrica.*

Por isso, certa manhã, ele comunicou à liderança do partido que havia se tornado cristão convicto e que não poderia continuar sendo membro do Partido Comunista. Isso chocou os líderes partidários do Quirguistão e eles não quiseram aceitar a decisão do jovem. Entretanto, a despeito das ameaças e tentações, Valery aceitou de todo o coração a Cristo como Salvador e foi batizado, tornando-se membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Esses eventos levaram Valery a outra decisão também transformadora para sua vida: pediu Irena em casamento. Hoje eles têm dois filhos: Alexei e Maxim. Irena me contou pessoalmente quão orgulhosa ela ficou no dia em que Valery se matriculou, em 1986, no curso por correspondência de Tula para formação ministerial.

Meu filho Michael se lembra de outro dia especial na vida de Valery.

– Em novembro de 1990, – conta Michael – quando eu estava em pé na

plataforma da capela do Seminário Zaokski, senti um nó na garganta. Durante a cerimônia de formatura naquele dia, tive a honra de entregar a Valery, o antigo difusor de ideias comunistas, seu diploma dessa instituição adventista do sétimo dia.

Foi para pessoas como Valery – com mente desejosa de conhecimento, que prontamente e com humildade reconheceram suas ilusões e erros passados e as quais receberam a verdade de Cristo para levá-la a outros – que esse seminário em Zaokski, pela graça de Deus, foi miraculosamente estabelecido.

[1] Mikhail Kulakov Jr., *God's Soviet Miracles* (Boise: Pacific Press, 1993).

[2] Ibid., p. 126.



Deus abriu as portas

A *cortina de ferro*. Churchill inseriu essa famosa frase na cultura moderna num discurso proferido no Westminster College, em Fulton, estado de Missouri, em março de 1946. Não se sabe ao certo se ele estava ecoando conscientemente o uso de “cortina de ferro” de H. G. Wells em um livro de 1904 intitulado *The Food of the Gods* [A comida dos deuses], mas foi uma maneira eficaz de descrever a tentativa dura e desesperada da União Soviética de se fechar para as influências que tanto temia.

Embora do lado de fora da cortina de ferro tudo parecesse tão sombrio e impenetrável quanto antes, do lado de dentro ela estava enferrujando rapidamente. No dia 11 de março de 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o poder na União Soviética. Esse homem, com sua marca na testa e expressão aberta e acessível, anunciou um lema surpreendente:

Mostraremos ao mundo que o socialismo tem uma face humana.

Na verdade, Gorbachev não fora o primeiro a reconhecer que a União Soviética precisava fazer isso. Até mesmo no governo de Leonid Brejnev havia líderes que entendiam que, mais cedo ou mais tarde, seria necessário mostrar ao mundo exterior que a URSS não estava completamente surda aos pedidos de seus cidadãos que acreditavam em Deus. E, certo dia, essa “face humana” se voltou – de forma voluntária ou não – e sorriu em nossa direção.

Ainda me lembro de quão surpresos nós, adventistas, ficamos quando, no começo da década de 1980, recebemos a seguinte mensagem do Comitê de Assuntos Religiosos: “A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem permissão para fazer o pedido de impressão de dez mil Bíblias às gráficas estatais.”

Dez mil Bíblias?, lembro-me de ter pensado. *Das companhias de impressão soviéticas?* Minha mente se voltou para Alla Shtabinskaya, com sua atividade

incansável de digitação noturna e seus pulsos doloridos. Pensei também nas dez folhas de papel finíssimas e nove papéis carbono encaixados firmemente na máquina de escrever. Lembrei-me das várias outras pessoas que lutavam sozinhas para realizar trabalhos de impressão, assim como ela. Recordei-me da maneira reverente com que manuseávamos e preservávamos as Escrituras, que eram produzidas com um trabalho tão repleto de amor.

E agora essa avalanche, esse Niágara de escritos sagrados vindo em nossa direção! Talvez você fique surpreso com a primeira pergunta que nos veio à mente: “Onde é que vamos armazenar as Bíblias?” Nossa igreja tinha funcionado de forma subterrânea por tantas décadas que não tínhamos sede oficial, nem depósito. Felizmente, os batistas de Moscou nos permitiram guardar metade do número de Bíblias em suas limitadas instalações e um gentil ancião da igreja de Tula, chamado Alex Romanov, e sua esposa, Lena, concordaram alegres em guardar a outra metade em sua casa (embora, com isso, tenham ocupado a maior parte do espaço de sua habitação). Eles também se responsabilizaram pela tarefa de distribuir as Bíblias.

Eu armazenei o restante no sótão de minha casa. Meu filho Peter, na época com 16 anos de idade, me ajudou a levar os pesados livros para a parte de cima da casa. No dia seguinte, ele levou uma das Bíblias para a escola e, na frente da professora e de toda a classe, abriu na primeira página.

– Vejam, – ele disse – esta Bíblia foi publicada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e impressa por um estabelecimento do governo soviético!

E depois chegou o ano de 1991. Como um colosso com pés de argila, o império soviético se esfacelou em pedacinhos. O poder totalitário do comunismo, que havia mantido nossos cidadãos como reféns durante setenta anos, se enfraqueceu ante os ventos da democracia.

Mas todos nós que havíamos experimentado perseguição e tormentas pela fé não conseguíamos ter a esperança de que aquela maravilhosa liberdade de consciência duraria muito tempo.

– Precisamos aproveitar o momento – dizíamos uns aos outros. – Precisamos plantar novas congregações e construir novas igrejas. Temos que apresentar uma imagem positiva da Igreja Adventista para o público em geral.

Essa última parte era extremamente importante, já que, durante séculos, a Rússia havia cultivado atitude exatamente oposta a quaisquer igrejas protestantes em seu território.

Quando olho para trás e relembro nossa luta desesperada para tirar vantagem dessas oportunidades concedidas por Deus, percebo que fomos bem-sucedidos

em algumas áreas, mas em outras, infelizmente, deixamos coisas por fazer.

Contudo, Deus, em Sua infinita misericórdia, continuou a nos surpreender. Depois de anos de cruel repressão e adversidade, o adventismo na Rússia não era capaz de se erguer para pregar o evangelho por si só. Que bênção podermos contar com a igreja mundial para nos ajudar nessa tarefa! A resposta superou todas as expectativas. Centenas de evangelistas de várias partes do mundo ofereceram apoio integral. Campanhas evangelísticas foram realizadas em todo o vasto território da União Soviética. Com isso, milhares saíram da escuridão da descrença e ateísmo para a aceitação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Apenas três meses depois do início de 1991, o Governante dos Céus escancarou os portões do Kremlin e nos convidou a entrar. Vou lhe contar como isso aconteceu.

O Kremlin, o símbolo do poder russo, é reconhecido como uma das estruturas arquitetônicas mais maravilhosas do mundo. Localizado em Moscou e construído com tijolos vermelhos, com suas enormes e formidáveis paredes decoradas, contém vinte torres e vários palácios luxuosos que servem como escritórios para os mais altos oficiais do governo. O Kremlin inspirava tanto medo nos anos do comunismo que, certa vez, quando eu visitava Moscou para reuniões pastorais às escondidas e precisei passar em frente aos seus edifícios, outro pastor me disse:

– Nem mesmo *olhe* em direção aos muros ou às torres: você pode se tornar suspeito de espionagem!

Durante o governo de Nikita Krushev, um novo palácio foi construído no interior daqueles muros. Finalizado em 1961, o Palácio do Congresso era considerado um dos mais elegantes do mundo. Tinha capacidade para comportar seis mil pessoas sentadas e foi projetado para acomodar convenções do Partido Comunista e outros eventos culturais de maior importância que alardeavam a grandeza e estabilidade inabalável do Estado soviético.

Quando esse palácio estava sendo construído, Krushev estava em alta. Dois anos antes do início da construção, a URSS havia conquistado uma série de primeiros lugares na corrida espacial: o primeiro míssil balístico intercontinental, o primeiro satélite, o primeiro animal a entrar em órbita da Terra. Enquanto a fundação do palácio era lançada, uma nave espacial russa circulava a Lua, tirando fotos do seu lado distante.

Podem ter sido esses triunfos que deram a Nikita Krushev a confiança para se gabar, enquanto o Palácio do Congresso era erigido:

– Dentro de dois anos, o governo soviético acabará de uma vez por todas

com o câncer da religião!

O que aquele enérgico líder teria feito de soubesse que trinta anos mais tarde seu império se esfacelaria e que as paredes daquele mesmo palácio do Kremlin ecoariam a voz de um evangelista adventista, pregando sobre a segunda vinda de Jesus?

Um empresário adventista chamado Garwin McNeilus ficou sabendo que um missionário coreano havia alugado o palácio para realizar uma cruzada evangelística de três dias. Rapidamente, ele entrou em contato conosco e nos prometeu seu apoio financeiro, caso conseguíssemos fazer os arranjos necessários para alugá-lo.

Novamente, Deus usou Seus homens para realizar a obra, provando tanto para os crentes quanto para os descrentes que, com Ele, nada é impossível. Se existem pessoas sedentas por ouvir a mensagem da salvação e se há mensageiros dispostos a proclamar as boas-novas, Deus abre todas as portas.

Pela graça de Deus, encontramos um mensageiro para o palácio. Ele teria a grande honra – e também a enorme responsabilidade – de proclamar as mensagens inspiradas pelo Senhor em um dos lugares mais públicos do império soviético. Esse homem de Deus era ninguém menos do que o pastor Mark Finley.

Um de nossos objetivos, compartilhado com fervor pelo pastor Finley, era colocar uma Bíblia nas mãos de todas as pessoas que fossem a pelo menos quatro das onze reuniões. E sabe quais veículos usamos para transportar as milhares de Bíblias? *Caminhões militares soviéticos!* As pessoas que os dirigiam e descarregavam os exemplares da Palavra de Deus eram soldados soviéticos! Milhares de pessoas testemunharam a chegada desses caminhões. Alguns entre a multidão exclamavam em voz alta:

– Olhem! Eles estão levando Bíblias para dentro do Kremlin! Vejam, vejam, caminhões militares repletos de Bíblias entrando no Kremlin!

Outros observavam em silêncio e choravam.

Passo agora a citar as palavras de um querido amigo meu, pastor Nikolai A. Zhukalyuk, sobre suas impressões a respeito daquela cruzada evangelística histórica, realizada em março de 1991. Suas palavras foram condensadas com cuidado, devido à restrição de espaço.

Pastor Zhukalyuk escreve:

Quando me aproximei dos portais do Kremlin, em Moscou, já havia uma multidão reunida em volta dos pontos de entrada, mesmo faltando meia hora para o início do programa evangelístico. Essas pessoas haviam conseguido

convites num escritório próximo, pertencente ao Kremlin. Os convites lhes davam permissão para assistir aos onze sermões de Mark Finley e agora elas os apresentavam aos guardas. Logo, uma torrente de seis mil pessoas passava pelo *hall* de entrada do Palácio do Congresso.

No enorme *lobby*, ministros adventistas de todas as partes da Rússia entregavam Bíblias para todos aqueles que haviam assistido às quatro primeiras sessões. No dia anterior, todos esses pastores tinham sido cuidadosamente instruídos por Mark Finley:

– Distribuam as Bíblias prontamente – ele dissera – e não se esqueçam de dar um sorriso amigo a cada pessoa. O sorriso é uma das condições para participar desse programa! Tudo bem, vamos praticar, todo mundo. Deem um sorriso para mim!

Muitos de nós tínhamos, de fato, nos esquecido de como sorrir. Alguns ministros tentavam produzir algo que lembrava um sorriso. Outros olhavam para as pilhas de Bíblias que esperavam para ser distribuídas. *Quão raro era esse tesouro há tão pouco tempo*, alguns pareciam estar pensando. *É difícil acreditar agora que a Palavra de Deus será distribuída de graça!* Outros pareciam estar imersos em memórias pessoais e vi muitos olhos úmidos, com lágrimas de alegria.

Quando começava o programa, cada noite, não era possível encontrar um assento vazio sequer no piso principal ou nas galerias. Muitos, do lado de fora, literalmente imploravam aos porteiros para lhes permitirem ao menos entrar e assistir em pé. Em meu caminho pelo auditório, eu andava lado a lado com pessoas que, com mãos trêmulas, folheavam a Bíblia que haviam acabado de receber.

Naquele grande auditório, ao meu redor, estavam assentados vários jovens voluntários, que, pela primeira vez na vida, se encontravam no famoso lugar de que antes só tinham ouvido falar por meio da leitura de livros didáticos. Homens e mulheres idosos e devotos faziam, reverentes, o sinal da cruz enquanto entravam. Aqueles que possuíam necessidades especiais estavam ali com suas cadeiras de rodas e muletas. Donas de casa se assentavam lado a lado com soldados. Em suma, havia uma representatividade fiel de toda a população de Moscou e região.

Esses são os verdadeiros proprietários deste maravilhoso auditório, pensei comigo mesmo. Foram os seus calos, suor e lágrimas que construíram este lugar. E agora, finalmente, essas pessoas têm a chance de adentrar suas paredes e ouvir as notícias mais importantes que receberão em toda a vida!

E, finalmente, o alto e cativante evangelista de 46 anos de idade, pastor Mark Finley, apareceu, juntamente com seu tradutor, Peter Kulakov. As pessoas irromperam numa longa salva de palmas, embora ele não estivesse ali pelos aplausos.

Depois de cumprimentar a assembleia, o pastor Finley disse:

– Por favor, levantem suas Bíblias. Bem alto!

Milhares de Bíblias, como estandartes de uma nova era que atestava a liberdade do Espírito, foram erguidas, levantadas por mãos de gratos ouvintes. De novo, era impossível esquecer as convenções do Partido Comunista que eram transmitidas pela televisão, nas quais os mesmos milhares de assentos eram usados para balançar pequenos livros vermelhos e lançar votos. Seria possível que esse fosse o mesmo auditório? Será que eu estava sonhando?

– Permita-me lembrá-lo – o pastor Mark Finley disse com avidez – que não é possível esperar auxílio algum da Bíblia se você a deixar numa estante, acumulando poeira. Se você optar por vendê-la, com certeza vai perder muito. Os escritos deste livro devem se tornar experiências em sua vida pessoal.

Resumo das reminiscências de Mikhail:

Deixe-me adicionar minhas recordações às palavras aptas e comoventes de Nikolai Zhukalyuk. Para mim, o fenômeno mais significativo desse evento foi que Deus, além de nos conceder a oportunidade de ter acesso a um dos maiores e melhores auditórios do centro de Moscou, mostrou que *o ateísmo não tinha poder algum na presença de pessoas que haviam se interessado pela fé em Deus*. Durante toda a série de Mark Finley, aquele auditório de seis mil pessoas era lotado *duas vezes ao dia* e não sobrava um assento vago sequer. As pessoas estavam famintas por ouvir a Palavra de Deus, sedentas para entrar num lugar onde pudessem ser ensinadas sobre Ele e onde pudessem aprender a falar com Ele por meio da oração.

Meu filho mais velho, Pavel, se lembra de que nem todos estavam felizes com a presença de Mark Finley.

“Todos os canais de televisão mostravam o fluxo interminável de pessoas passando pelos portões do Kremlin”, Pavel diz. “Mas, ao fundo, os espectadores também conseguiam ver uma fileira de nacionalistas russos segurando sinais de protesto. Os nacionalistas suspeitavam que todas as séries evangélicas realizadas por norte-americanos eram conspirações expansionistas e a mensagem de uma daquelas placas ainda permanece clara em minha memória. Naquela época, George H. W. Bush era o presidente dos Estados Unidos e o seu

sobrenome rima com a palavra *dush*, que em russo quer dizer ‘alma’. Assim, num cartaz alguém escreveu *BUSH NE TRON NASHIKH DUSH!*, que quer dizer: ‘Bush, fique longe da nossa alma!’ Contudo, quando Deus abriu os portões do Kremlin, nada, nem mesmo pessoas protestando e gritando, conseguiu deter a multidão que estava ávida por ouvir Sua palavra.”

Minha querida filha Evangeline ficou muito orgulhosa de seu irmão mais novo, Peter.

Evangeline escreve:

Preciso admitir. Eu me senti bem ao ver meu irmão mais jovem, Peter, de quem cuidei com muito amor, ficar ao lado de Mark Finley e traduzir seus sermões inspirados no enorme palácio do Kremlin.

Milhares de pessoas iam àquele ambiente majestoso para ouvir esses sermões. Embora Peter fosse jovem naquela época, fez um excelente trabalho de tradução. Ele falava de forma tão vívida que transmitia sentimentos e grande convicção.

– Peter, – perguntei – você não fica nervoso quando está de pé em frente àquele mar de pessoas?

– Não – foi sua resposta. – Eu amo traduzir o pastor Mark Finley. É algo que faço com alegria e coragem que me são dadas pelo Senhor.

Continuação das reminiscências de Mikhail:

Certa noite, eu estava sentado no auditório e testemunhei uma cena que me emocionou profundamente. Todos os assentos estavam preenchidos e os seguranças começaram a fechar as portas.

– Não há mais espaço! – os guardas diziam para as pessoas que esperavam do lado de fora. – O auditório está repleto. Não há mais espaço!

Eu conseguia ouvir a luta que se travava do lado de fora, enquanto várias pessoas empurravam, tentando entrar. Entre elas estava um homem idoso, com o cabelo desarrumado devido aos esforços e com lágrimas correndo pela face.

– *Por quê?* – ele perguntava aos guardas. – Por que vocês estão fechando as portas? *Por quê?* Durante setenta anos, *eles* fecharam as portas para Deus e agora *vocês* estão tentando fazer a mesma coisa!

Aquelas palavras de angústia ecoam em meus ouvidos até o dia de hoje, me impelindo a orar para que as portas da Rússia continuem abertas para a proclamação do evangelho.

Apenas a eternidade revelará para nós o significado completo do que

aconteceu dentro das paredes daquele palácio durante a crucial semana e meia da cruzada evangelística. Entretanto, podemos afirmar com confiança que o evangelho está sendo pregado como um sinal para todas as nações – e isso está acontecendo até mesmo onde o diabo e o Estado tentaram fechar as portas para Deus. Agradecemos a Ele porque hoje, em Moscou e arredores, há 27 congregações adventistas, com 3.410 membros.

Ainda assim, mesmo com o gosto da liberdade irrestrita em sua boca, algumas pessoas não conseguiam entender. Vou dar um exemplo.

Na década de 1990, ocupei o posto de secretário do departamento russo da Associação Internacional de Liberdade Religiosa (Irla). No começo de 1993, fui convidado a participar de um debate transmitido pela televisão em rede nacional. O assunto foi o livre exercício da religião na Rússia contemporânea. Em determinado ponto, estávamos discutindo a adequação de se permitir grupos como as Testemunhas de Jeová realizarem evangelismo.

– Não – vários participantes afirmaram. – Temos profunda preocupação de que essa seita estrangeira corrompa a mente dos nossos jovens.

Um membro do painel, que representava certas forças religiosas na Rússia, me colocou contra a parede.

– O que o senhor pensa? – esse representante perguntou de forma direta, dirigindo-se a mim. – O senhor acredita que é aceitável para a nossa sociedade tolerar a propaganda da ideologia de seitas?

Com paciência, expliquei a posição da Irla:

– Acreditamos que todas as crenças devem ter o direito de expressar livremente seus princípios – respondi – e que as pessoas devem ter o direito de julgar por si mesmas sobre como reagir. Posso discordar dos ensinamentos das Testemunhas de Jeová, mas Jesus Cristo e a história humana mostram que todos os que querem assegurar a própria liberdade devem se guardar da opressão contra aqueles de quem discordam.

Nesse momento, uma pessoa sentada próxima a mim girou o rosto distorcido por uma raiva aguda na minha direção e falou:

– Se tivesse uma arma comigo agora, eu o mataria aqui mesmo!



"Deem-lhes algo para comer"

Numa colina da Palestina, dois milênios atrás, Jesus disse algo para Seus discípulos que ecoou em minha mente durante vários anos. Levantando a voz sobre o burburinho das milhares de pessoas famintas, Jesus disse a Seus amigos: "Deem-lhes *vocês* algo para comer" (Mateus 14:16; Marcos 6:37; Lucas 9:13).

Coloquei a palavras "*vocês*" em *itálico* porque Mateus, Marcos e Lucas a enfatizam. Sob a direção do Espírito Santo, eles poderiam ter escrito simplesmente "deem-lhes algo para comer", pois na língua grega, que eles usaram para escrever, a palavra "*vocês*" não é necessária. Mas, quando está presente, denota *ênfase*. E, nessas três passagens paralelas, Jesus acrescenta "*vocês*".

Neste livro, contei histórias a respeito de como fiéis adventistas do sétimo dia russos oraram e trabalharam por oportunidades para compartilhar sua fé viva numa cultura em que predominava o ateísmo. Mas todos nós entendíamos de forma muito clara que, por trás de qualquer de nossos atos altruístas ou palavras humanas de gentileza, havia um alimento mais forte, as Sagradas Escrituras, que são tão necessárias para o progresso espiritual como o pão para o crescimento físico. Descrevi como muitos adventistas se assentaram em frente a máquinas de escrever e atuaram como editoras de uma pessoa só, enfrentando com bravura as ameaças de represália das autoridades enquanto faziam cópias da venerável Bíblia russa, uma tecla de cada vez.

Talvez esse seja o motivo pelo qual eu tinha, desde muito jovem, o sonho de traduzir a Bíblia para o russo contemporâneo. Talvez você não esteja ciente de que, até o momento presente, só existiu uma tradução russa da Bíblia disponível para o público em geral, chamada de Versão Sinodal. Gostaria de poder lhe dizer que essa versão é transparente e de fácil compreensão, mas, com todo respeito

àqueles que a prepararam, a opinião generalizada daqueles que a leem concorda com a do professor I. Yevseyev, presidente da Comissão Bíblica Russa.

Em um discurso de 1917, direcionado a oficiais da Igreja Ortodoxa Russa, ele admitiu que “a tradução sinodal da Bíblia, concluída em 1875 [...], exige revisão urgente, ou, melhor ainda, substituição completa”. Além disso, Yevseyev apontou: “Essa versão não segue com consistência o texto original. [...] [Mas] um problema ainda mais sério é seu retrocesso literário. A linguagem [...] é pesada, obsoleta e artificialmente aproximada do eslavônico, um século atrasada em relação à linguagem literária.”

Em adição a esses problemas, o russo, como todas as línguas, passou por várias modificações, de modo que os leitores modernos acham incompreensíveis certas partes da versão sinodal.

Pegue a palavra *soblaznitsya*, por exemplo. Ela costumava significar “escandalizar”, como na seguinte afirmação de Cristo: “Feliz é aquele que não se escandaliza por Minha causa” (Mateus 11:6). O leitor russo atual – aquele que não estudou eslavônico antigo – entenderá que o verso quer dizer: “Feliz é aquele que não é *atraído* por Minha causa.” E não é nada disso que Mateus quer dizer!

Outra palavra russa, *pochil*, tinha o significado de “descansar”, como no verso: “Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou” (Gênesis 2:2). Ao invés disso, uma pessoa pouco familiarizada com a Bíblia russa levaria um susto ao entender: “Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia *morreu*.” Ao ler essa passagem e nada mais, uma pessoa que acreditasse no movimento de que “Deus está morto”, pregado alguns anos atrás, poderia imaginar que recebera confirmação através da antiga versão sinodal!

Algumas distorções lançam dúvida e difamam seriamente a Deus e Seu caráter. Embora a Bíblia O apresente como um Pai de amor que precisa, às vezes, disciplinar Seus filhos, a versão sinodal O denomina um “castigador severo” (Ezequiel 7:9). Em Gênesis 5:22, a versão não diz que Enoque andava *com* Deus, mas *abaixo* dEle. Infelizmente, uma lista de distorções similares poderia continuar por tempo indefinido, construindo a imagem de um Deus que uma nação espiritualmente faminta achou por vezes desagradável. Ninguém que busca a fé deveria ter que trilhar um caminho tão pedregoso para alcançar o Salvador.

Uma pesquisa de opinião comprova os resultados. Numa enquete recente, 30% dos cidadãos russos disseram que possuem a própria Bíblia (a tradução

antiga, é claro), mas apenas metade afirmou já ter tentado lê-la. E, em sua maior parte, os que tentaram confessam que não entenderam muito do que leram.

É por isso que, ao longo de vários anos, eu e outros nos engajamos, em espírito de oração, na preparação de uma nova tradução russa da Bíblia.

“Por que”, nos perguntamos, “milhões de pessoas falantes do russo devem permanecer privadas de uma versão precisa das riquezas e do dinamismo das Escrituras Sagradas?”

Em 1992, abdiquei da minha posição de liderança na igreja, pedindo aos irmãos que me dessem a oportunidade de realizar esse sonho da minha vida. Em 1993, o Instituto de Tradução da Bíblia foi organizado em Zaokski como uma instituição da Divisão Euroasiática da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Desde o início, nosso objetivo era alcançar precisão na tradução, além de clareza e facilidade na leitura. Usando o grego – e, posteriormente, hebraico e aramaico para o Antigo Testamento – procuramos preparar uma versão russa adequada para leitura pública e eclesiástica e para uso litúrgico, assim como para estudo pessoal, pregação, ensino e memorização. Para alcançar esses objetivos, consultamos continuamente estudiosos locais e estrangeiros de diferentes denominações religiosas.

Em 2000, a casa publicadora estatal de Mozhaysk imprimiu nosso *Novo Testamento em Russo Moderno*. Ao mesmo tempo, faço questão de mencionar que muitos adventistas devotos se envolveram com afinco e tornaram possível a preparação do Novo Testamento (e, mais tarde, o Novo Testamento acrescido do livro de Salmos) em russo moderno e sua impressão.

Um grande amigo, o falecido pastor Robert Spangler, foi o homem que, antes mesmo de conversarmos sobre o assunto, percebeu claramente a necessidade de tradução. Quando descobriu que, durante toda minha vida, eu vinha sonhando e me preparando para essa tarefa, ele me deu o seguinte conselho:

– Mikhail, levantarei fundos para esse projeto, mas há apenas uma condição: prometa-me que você se empenhará nessa tarefa e seguirá o exemplo do historiador inglês Edward Gibbon, quando escreveu *Declínio e Queda do Império Romano*. Para não se distrair da escrita do livro, Gibbon raspou o cabelo de metade da cabeça!

– Bob, – eu respondi, com o rosto tão sóbrio quanto o dele – tenha a certeza de que farei meu melhor.

E ambos caímos na gargalhada.

Todavia, por trás dessa descontração, ambos estávamos falando muito sério. E, graças aos esforços do pastor Robert Spangler e da Sociedade Teológica

Adventista nos Estados Unidos, mais o pastor Austin Fletcher na Austrália, muitos de nossos adventistas fiéis contribuíram para a tradução do Novo Testamento e dos Salmos.

Meu querido amigo Bill Iles, empresário e administrador adventista, se dispôs a custear todas as despesas da impressão da primeira edição do Novo Testamento. Quando chegou o momento de imprimir o volume do Novo Testamento mais o livro de Salmos, Deus encontrou, na pequena vila de Arpin, no Wisconsin, um homem com uma visão maravilhosa das necessidades da obra de Deus ao redor do mundo – Arnold Gratias.

Uso a palavra “visão” deliberadamente, pois Gratias perdeu ambos os olhos num acidente, aos 16 anos de idade. Mesmo assim, isso não o tornou amargo para com seu Criador. Pelo contrário, seu amor pelo Senhor o levou a prosperar no ramo imobiliário, para poder levantar fundos para a pregação do evangelho em seu país, assim como em outras partes do planeta.

Fui apresentado a Arnold e sua esposa, na época seriamente enferma, em sua humilde casa. Quando ele descobriu que por apenas 1,5 dólar era possível imprimir uma cópia do Novo Testamento e entregar a Palavra de Deus a alguém na Rússia, ele me disse:

– Aqui está meu cheque para fazermos 30 mil livros!

Essa atitude fez com que eu me sentisse muito humilde, ao ver a mão do Senhor conduzindo esse projeto.

Fico feliz em poder dizer que, para a glória do nosso Deus, o *Novo Testamento em Russo Moderno* foi bem aceito pelo público da Rússia como um trabalho realizado – nas palavras dos jornais – “cuidadosamente” e “de forma responsável”. Ainda continuamos a receber cartas de gratidão e aprovação, como a seguinte, enviada pelo proeminente tradutor da Bíblia Ar’ye Olman:

Cansado de ler versões pobres de textos antigos, fiquei agradavelmente surpreso por uma tradução de Salmos tão excelente. Além de lúcida e fiel ao original, ainda consegue reter o estilo poético do texto hebraico! Vocês foram muito bem-sucedidos em transmitir a atmosfera autêntica das passagens bíblicas.

Ar’ye Olman

Pesquisador da Universidade de Bar-Ilan, Israel

Professor do Centro de Estudos Judaicos e Civilizações Judias

Membro do Instituto de Estudos Africanos e Judaicos da Universidade Estatal de Moscou

Antigo membro do Projeto de Tradução da Bíblia de Jerusalém

Nosso instituto foi grandemente encorajado quando a liderança da sociedade interdenominacional Amigos das Escrituras Sagradas nos pediu permissão para usar alguns trechos de nossa tradução da Bíblia em suas publicações para crianças. Quando vi o resultado, um livro intitulado *O Evangelho de Lucas*, eu e os outros membros do instituto ficamos extremamente satisfeitos e gratos a Deus pela oportunidade de ajudar a espalhar Sua Palavra.

Enquanto o Novo Testamento era publicado, trabalhávamos no livro de Salmos e em 2002 imprimimos os dois num só volume. Atualmente, uma equipe de cinco estudiosos (a maior parte deles pertencente à Igreja Ortodoxa Russa) e eu estamos trabalhando duro no Antigo Testamento. Se você tiver interesse em ver vários gráficos que descrevem as várias etapas do nosso progresso na tradução e ler sobre outros detalhes sobre o Instituto de Tradução da Bíblia, será um prazer receber sua visita no *site* www.russianbible.org.

Como esse projeto é uma de minhas maiores alegrias, eu poderia continuar indefinidamente, cansando-o com detalhes a respeito das complexidades de tradução, mas não o farei. Em vez disso, deixe-me contar uma história que mostra uma imagem trágica de alguns problemas comuns da sociedade russa atual, mas que também ilustra como a entrada da Palavra de Deus – nesse caso, nossa tradução do Novo Testamento realizada pelo Instituto de Tradução da Bíblia – traz luz (Salmo 119:130).

Como mencionei, assim que nossa tradução saiu da imprensa, começamos a receber cartas de apreciação. Uma delas foi de Anya Parinova, professora de Educação Física, que conhecemos enquanto moramos na Rússia.

“Não posso mais resistir ao desejo de expressar gratidão a vocês”, ela escreveu, “pelo grande trabalho realizado para a glória de Deus: a tradução do Novo Testamento. Por favor, leiam a seguinte história verídica, que envolve amigos muito queridos e próximos. Assim, quando se sentirem muito cansados, como se a última gota de energia já tiver sido gasta, sem forças para continuar essa grandiosa tarefa de tradução, tenham a certeza de que o trabalho de vocês não é em vão aos olhos de Deus.”

Anya nos contou sobre sua prima Lily, a quem ela considerava mais próxima do que a própria irmã: “Lily é uma pessoa incrível. Depois de observá-la por muitos anos, estou começando a entender o sentido das palavras bíblicas ‘a lei escrita no coração’.”

Lily e o marido, Rashid, tinham duas filhas: Katya e Nadya. Algumas décadas antes, Lily e suas filhas haviam ficado doentes e tiveram que passar

várias semanas internadas no hospital local. No quarto ao lado, estava uma pequena e calada menina órfã, chamada Olya. Atraída pelas duas meninas com idade próxima, Olya, que tinha cinco anos na época, começou a visitá-las. Às vezes, ia para brincar e outras, apenas para conversar. E, certo dia, essa criança abandonada, solitária, não conseguiu mais se aguentar. Ela sabia que logo suas novas amigas teriam alta.

– Mamãe, – ela disse, levantando as bochechinhas cheias de lágrimas para Lily – quero ir morar com você!

De coração partido, Lily abraçou bem firme aquela garotinha. *Bem que eu gostaria, mas isso seria impossível*, ela disse para si mesma. *Rashid, eu e nossas filhas moramos num apartamento minúsculo. Além disso, às vezes, não temos comida, nem dinheiro suficiente para nós. Trazer outra criança para casa nessas circunstâncias seria uma crueldade.*

Lily e suas filhas receberam alta no fim do mês. Mas, enquanto a mãe tentava retornar à sua rotina, ela não tinha paz. Ela sempre via diante de si aquele rostinho molhado pelas lágrimas e ouvia aquelas palavras de cortar o coração. Então ela checkou com o Departamento de Assistência Social para ver quais eram as chances que tinha de conseguir adotar Olya.

– Desculpe-nos – lhe disseram. – Não há a menor possibilidade de adotar essa criança e cuidar dela. Olya tem uma doença séria nos rins. Parece que a mãe dela lhe dava vodka quando bebê para fazê-la parar de chorar. Ela é responsabilidade do Estado.

Pouco tempo depois, Lily passou pelo hospital, pensando em ter uma conversa com o médico de Olya. Mas a menina a avistou, foi em frente e, com o rosto voltado para o chão, se agarrou com ambas as mãos nas pernas de Lily.

– Eu não vou deixar você ir embora! – a menina disse, soluçando. – Não até que eles me deixem morar com vocês, minha mamãe e minhas irmãs.

Dois médicos e três enfermeiras vieram correndo para ajudar, mas não conseguiam descerrar seus dedinhos, sob o risco de quebrá-los. Durante longo tempo, tentaram persuadir a garota a se soltar, mas ela estava irredutível. Finalmente, os funcionários desistiram. A garotinha de cinco anos havia derrotado o sistema e conseguido uma família.

– Não existe criança mais doce, mais gentil e prestativa – Lily dizia para sua prima Anya, à medida que os anos se passavam. – Olya é minha alegria e consolo.

As meninas cresceram e Olya se tornou uma jovem mulher de beleza extraordinária. Anya, que recentemente aceitara a Cristo como Salvador e se

unira à Igreja Adventista, visitava essa família de tempos em tempos. Mas, quando ela começava a contar a respeito do que a Bíblia dizia sobre seu novo amigo Jesus, o marido de Lily – um homem normalmente educado e amigável – só respondia com ironia e sarcasmo. Ele zombava tanto de Anya quanto do livro que ela amava, e esses momentos de exposição ao ridículo a magoaram muito.

“Mas, acima disso”, Anya escreveu em sua carta, “eu temia por Rashid e sua família. Tamanha arrogância ante a Palavra de Deus me assustava. Até mesmo depois que decidi permanecer calada sobre minha fé, Rashid continuou a escarnecer da Bíblia. Tudo isso era proveniente de um homem com boa educação, intelecto forte e mente brilhante! Em nossas discussões, ele sempre conseguia, de algum modo, sair vitorioso.”

Subitamente, de forma tão inesperada como o relâmpago num céu claro e azul, uma tragédia atingiu aquela família. Certo dia, ao retornar do trabalho, Rashid entrou no elevador e dois homens o abordaram ali dentro. Algum tempo depois, ele foi encontrado com múltiplas feridas causadas por esfaqueamento e com um traumatismo severo no crânio.

Os investigadores da polícia descobriram por fim que Rashid fora vítima de um contrato para matar que deu errado. Esse homem inocente era muito parecido fisicamente com o vilão que era alvo da gangue. Rashid sobreviveu de maneira miraculosa, mas o trauma na cabeça custou-lhe a visão e os danos severos infligidos ao fígado e ao pâncreas o levaram a desenvolver um estado grave de diabetes.

– Fiz tudo o que podia por você – o médico lhe disse, finalmente. – Agora seu destino será decidido pela forma como cuidarem de você.

E foi então que a incrível persistência de Olya se manifestou novamente. Ignorando sua própria necessidade de sono, ela se tornou a enfermeira do “papai”. Algumas vezes, Lily tinha que tirá-la à força do lado da cama do enfermo. As noites eram particularmente difíceis para Rashid e Olya não deixava que ninguém mais cuidasse dele.

Lily teve sua saúde seriamente enfraquecida devido às noites sem dormir e ficou muito doente. De algum modo, Olya encontrou força extra para tomar conta dela também.

– Se não tivesse sido por Olya, – Lily relatou depois – nem Rashid nem eu teríamos sobrevivido.

O tempo passou e Rashid, por um milagre, começou a recuperar a visão. Além disso, sua mente se tornava mais lúcida. Embora ainda estivesse inválido,

conseguiu prover o sustento para sua família, trabalhando como tutor de Física e Matemática.

“Muitas vezes”, Anya me escreveu, “observei a gentileza com a qual as filhas tratavam o pai. As mãos de Rashid tremiam demais e ele tinha dificuldade em servir chá na xícara sem derramar. Mas, de algum modo, sempre havia uma xícara de boca larga ao lado de seu prato, para que ele conseguisse servir chá sem ser envergonhado. Notei vários outros exemplos das ‘pequenas coisas’ de que o amor é constituído.”

E Rashid respondeu ao cuidado terno com heroísmo de sua parte também. Certa vez, ele dedicou uma hora inteira para conseguir escrever quatro palavras em um cartão de aniversário (“Lily, eu te amo”), em homenagem aos cinquenta anos da esposa. Todas as letras estavam perfeitamente retas. Ninguém acreditaria que as mãos trêmulas de Rashid teriam sido capazes de escrever aquilo.

Mas logo a tragédia bateu à porta novamente. Olya começou a se comportar de forma estranha e a agir com letargia. Objetos começaram a desaparecer do apartamento. Como um trovão num dia ensolarado, a verdade veio à tona: Olya estava viciada em drogas. Uma nova luta pela vida começou. O homem com que ela estava namorando lhe apresentara a agulha e logo um teste sanguíneo revelou que ela havia se infectado com o vírus da hepatite C. Como essa doença é incurável e infecciosa, Olya seguiu o conselho do médico e começou a morar sozinha. Felizmente, ela possuía um lugar para ficar, pois sua mãe biológica, que morrera aos 28 anos devido ao alcoolismo, havia deixado um apartamento para a filha.

“O que me causou maior angústia”, Anya me contou em sua carta, “foi assistir à moça que havia demonstrado tamanha força de espírito simplesmente desistir sem lutar quando sua doença se manifestou. A única coisa que a mantinha firme um pouco era o fato de que Lily sempre dava um jeito de estar por perto, em qualquer situação.”

A doença de Olya foi um golpe ainda maior para Rashid. Pensar que a menina que fora sua corajosa enfermeira estava agora reduzida a essa condição – e ele sem nenhuma possibilidade de ajudar – causava-lhe grande agonia. Mas foi justamente nessa época que um milagre quase imperceptível começou a ser operado em sua vida.

“Naquele período”, a carta de Anya continuava, “minha agenda me permitia passar várias semanas com aquela família. Rashid e eu fazíamos caminhadas diárias e conversávamos durante horas. Cuidadosamente, comecei a tocar no assunto da fé em Deus, fazendo meu melhor para abordar suas dúvidas e

questionamentos de maneira lógica, de forma a me adaptar à sua maneira costumeira de pensar. Alguns traços de sua antiga arrogância e sarcasmo ainda permaneciam, mas eram mínimos.”

Dois meses após essa visita, quando Anya já estava em casa, recebeu uma carta de Rashid. Depois dos cumprimentos usuais e de compartilhar as novidades, as linhas seguintes de Rashid a deslumbraram.

“Recentemente, eu estava lendo o Novo Testamento”, ele escreveu, “e pensei com gratidão no seu Instituto de Tradução da Bíblia. No passado, eu não conseguia entender esse livro. Simplesmente não fazia sentido. Essa nova tradução, contudo, parece transmitir tanto o espírito da mensagem como o sentido literal do texto. Além disso, as letras dessa edição são maiores e isso facilita minha leitura. Também sou grato por isso.”

Anya concluiu sua carta a mim com as seguintes palavras:

“Lembre-se de que seu trabalho nunca é em vão. Lembre-se de que, no devido tempo, milhares de Rashids orgulhosos se prostrarão ante a majestade do Senhor, dizendo: ‘Este é nosso Deus, em quem confiamos!’”

Certamente, respostas como essas nos encorajam de forma tremenda enquanto vemos a necessidade premente de disseminar uma versão precisa e acessível da Palavra de Deus, levando em conta, de maneira especial, que leitores como Rashid são acostumados com gigantes literários como Pushkin, Dostoiévski, Tolstoi, Lermontov e Turgenev, entre outros.

É isso que tentamos realizar e ficamos felizes quando as respostas atestam que estamos no caminho certo. Que o Senhor continue a nos dar Seu direcionamento e Sua bênção, para que, em resposta à ordem de Jesus “Deem-lhes vocês algo para comer” (Mateus 14:16), possamos fornecer uma Bíblia acessível e agradável às pessoas da Rússia!



Luz e sal no mundo

*De dar um novo passo, de dizer sua própria palavra
é do que eles têm mais medo.*

Fyodor Dostoiévski

Era o ano de 1989. Meu filho Michael e eu estávamos sentados no escritório elegante de Vadim Viktorovich Bakatin, o recém-nomeado ministro de relações interiores da União Soviética. Estávamos prestes a lhe fazer uma pergunta importante e esperávamos que ele respondesse com um *sim*.

Um, dois ou cinco anos antes, não teríamos nem mesmo uma sombra de chance de colocar os olhos no interior daquela majestosa sala, quanto mais esperar pela aprovação de seu predecessor. Mas as coisas estavam mudando. Embora ainda fosse demorar pouco mais de dois anos para que a cortina de ferro sucumbisse, o Partido Comunista e a KGB estavam começando a perder sua força sobre a nação.

E, nos altos escalões do governo, vários líderes progressistas e democráticos estavam observando como a Igreja Adventista demonstrava sua fé. Eles gostavam do que viam. Entre eles, estava o presidente do Comitê de Assuntos Religiosos, Konstantin Kharchev, e o renomado escritor de literatura infantil, criador da Fundação das Crianças da Rússia, Albert Likhanov. Esses homens acreditavam que nós, adventistas, poderíamos realizar um grande serviço pelo país por meio de nosso estilo de vida exemplar, radicalmente diferente da maneira de encarar a vida dos russos em geral, e através da nossa ênfase em ministérios de assistência social.

Por isso, nossos amigos que ocupavam posições privilegiadas arranjaram essa reunião com o ministro Bakatin e o familiarizaram completamente com fatos sobre o engajamento da igreja em projetos de caridade na região de Tula,

ao sul de Moscou.

O Sr. Bakatin nos recebeu cordialmente e com muita elegância. Enquanto sua secretária nos servia uma xícara de chá, ele mencionou sua apreciação pelo nosso trabalho na região de Tula. Eu não esperava a mesma recepção fria de Theodore Carcich e de vários outros oficiais nos anos anteriores, mas Michael e eu ficamos surpresos ao receber tanto calor humano e amizade de alguém tão poderoso.

Finalmente, sentimos que era o momento de ir direto ao ponto.

– Nós apreciaríamos muito – eu disse – se o ministério nos concedesse a permissão para iniciar um ministério nas prisões.

Uma expressão de grande alegria iluminou-lhe o rosto.

– Isso seria excelente! – Bakatin falou. – Concordo totalmente com o senhor e ficaria extremamente feliz de receber sua ajuda à sociedade soviética dessa maneira.

Lembro-me de ficar sentado ali quase extasiado de surpresa ao perceber quanto as coisas haviam mudado em meu país para a Igreja Adventista e outras denominações cristãs.

Mais tarde, quando deixamos aquela sala, o ministro Bakatin fez um comentário que nunca saiu da minha mente:

– Sabe, esta foi a primeira vez na vida que tive a oportunidade de me encontrar com pastores.

Na semana seguinte, com sua ordem direta, nossas congregações localizadas em toda a extensão da União Soviética receberam a autorização para visitar os presos em instituições de trabalho corretivo. A partir de então, podíamos ministrar às necessidades espirituais, sociais e emocionais deles, estabelecendo vínculos de amizade. E foi exatamente isso o que fizemos, passando a compartilhar as riquezas e alegrias da experiência cristã com eles.

Aquela visita ao alto oficial do Estado – um homem criado como ateu e comunista, mas que ainda assim percebia o potencial dos cristãos para causar um impacto moral nos presos em trabalho forçado – me fez dobrar os joelhos. “Senhor”, eu orei, “qual seria uma forma realmente eficaz e verdadeiramente cristã de revelar o Seu amor a pessoas que não O conhecem?” Enquanto eu ponderava sobre as necessidades materiais e espirituais pungentes do meu país, o seguinte questionamento me torturava: *O que irá convencer a mente e converter a alma das pessoas? O que precisa acontecer para que elas aceitem em seu coração as divinas verdades das três mensagens angélicas?*

Enquanto eu procurava uma resposta, comecei a ler as Escrituras em espírito

de oração. Um verso que falou a mim de maneira poderosa foi o Salmo 119:68: “Tu és bom, e o que fazes é bom; ensina-me os Teus decretos.” Esse versículo me ajudou a enxergar com mais clareza do que nunca a verdadeira sequência da maneira como Deus lida com os seres humanos. *Primeiro, Ele revela Sua bondade. Só depois nos ensina o que requer de nós.*

Infelizmente, em meu país, Deus, Sua vontade e Seus caminhos haviam sido praticamente apagados da mente de três gerações inteiras. Mas até mesmo essa retirada forçada de Deus operou para o bem, pois despertou em muitos corações uma fome voraz pelo Todo-Poderoso. E, assim como o faminto busca o pão da vida, essas pessoas se identificavam com aqueles que tanto haviam trabalhado para torná-Lo disponível.

Primeiro, Deus revela Sua bondade. Só depois Ele nos ensina o que requer de nós.

Acredito que uma autora inspirada tinha isso em mente quando disse: “Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 9). “A obra altruísta de cristãos do passado deveria ser uma lição objetiva e uma inspiração para nós. Os membros da igreja de Deus devem ser zelosos de boas obras, separando-se de ambições mundanas e seguindo nos passos dAquele que andou fazendo o bem. Com o coração repleto de simpatia e compaixão, devem eles ministrar aos que necessitam de auxílio, levando aos pecadores o conhecimento do amor do Salvador. Tal obra requer laboriosos esforços, mas produz rica recompensa. Os que nela se empenham com sinceridade de propósito verão almas salvas para o Salvador; pois a influência que acompanha a atividade prática da divina missão é irresistível” (ibidem, p. 109, 110).

À luz dessas palavras inspiradas, fica fácil entender por que “Cristo passou mais tempo curando do que ensinando” (Ellen G. White, *Gospel Herald*, 1º de maio de 1908).

Quando penso na “obra altruísta de cristãos do passado”, minha mente se volta para pioneiros adventistas russos como Henry Loeb sack, Michael Demidov, Yan Wilson, Grigory Grigoryev, Pavel Swiridoff, Pavel Pilch e, é claro, meus pais, Peter e Maria Kulakov.

Desafiando o perigo, esses pioneiros, sem hesitar, colocaram os interesses divinos em primeiro lugar em sua vida. Seu único objetivo – impossível de ser desarraigado do coração – era claro: proclamar a última mensagem de convite e advertências misericordiosas no grande território da Rússia, intimando as pessoas a se encontrarem com o Salvador nos ares.

Eles viviam com uma visão radiante do futuro, com a alma arrebatada por um senso de realidade. Para eles, os desafios e complexidades do que estava por vir provavelmente não eram mais distintos e definidos do que nosso próprio futuro. Ainda assim, a fé e a certeza nas promessas de Deus eram tão fortes que reuniam todas as nobres energias de seu ser no intuito de salvar seus companheiros. Cada um, de forma consciente ou inconsciente, adotou a seguinte passagem de Paulo como seu princípio de vida:

“Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (Atos 20:24).

Esses pioneiros eram de uma espécie forte. O pensamento de um dia de folga na semana ou mesmo de férias não passava pela cabeça deles. Na verdade, quando me lembro deles, nos dias de hoje, vejo que em alguns casos eles podem ter ido a extremos no zelo de disseminar as três mensagens angélicas. Por exemplo, Henry Loeb sack, que liderou o movimento adventista na Rússia até 1934, normalmente verbalizava suas fortes suspeitas de que qualquer pregador acima do peso, numa época em que os pastores precisavam caminhar muito, não era diligente o bastante para procurar interessados e visitar os membros. (O pastor Loeb sack, por exercícios ou tendências genéticas, era um homem muito magro!)

Os pregadores daqueles dias não eram proprietários de casas. Viviam em modestos apartamentos alugados, os quais sempre se encontravam abertos para convidados – pessoas que sentiam ter o direito de visitar seu pastor a qualquer hora do dia ou da noite, sem agendar antes. Os adventistas, naquela época, nunca ficavam em hotéis. Eles sabiam que todo pastor abriria as portas de sua casa para oferecer abrigo e até mesmo roupas quentes para dormir, caso não houvesse cobertores extras.

Esse espírito, acredito eu, foi o motivo para o crescimento notável da igreja durante aqueles tempos difíceis. O coração dos pioneiros estava energizado pelas palavras inspiradas da mensageira do Senhor: “Rússia, morada de milhões e milhões, cujas almas são tão preciosas à vista de Deus como a nossa própria, e que nada sabem das verdades especiais para este tempo” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 408).

Contudo, muito embora os pioneiros fizessem seu melhor, a obra precisou ser parada por um tempo. Por volta de 1935, todos os nossos ministros ordenados (150 no total), com exceção de dois, estavam encarcerados pelo regime de

Stalin. Junto com eles, mais de três mil membros ativos foram presos e a maior parte deles enviada para o exílio. Com uma exceção notável, todas as nossas igrejas foram fechadas. Apenas uma igreja adventista foi deixada em Moscou como vitrine para o Ocidente.

Ainda assim, muitas das pequenas igrejas sobreviveram, funcionando secretamente em casas de membros. Unidos por um amor genuíno e pela causa em comum, aqueles que restaram oravam por seus líderes nas prisões e pelos membros exilados e até mesmo tentavam ajudar os encarcerados, por vezes às custas da própria necessidade. A perseguição mais severa não conseguiu quebrar o espírito da igreja e a coragem dos membros. Pelo contrário, fez com que a igreja se unisse ainda mais.

Entretanto, e é aqui que começamos a passar por páginas realmente tristes da história de nossa igreja na Rússia, Satanás colocou um plano B ainda mais sombrio em ação. Ele havia tentado destruir a igreja do lado de fora e falhara. Então, começou a atacar por dentro.

Paradoxalmente, esse turbilhão interno aconteceu logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sob a pressão dos aliados ocidentais e por outros motivos, o governo de Stalin começou, de forma gradual, a modificar sua atitude em relação às igrejas. Todas as organizações religiosas da União Soviética começaram a desfrutar de um pouquinho mais de liberdade para cultuar, conquanto ainda sob controle estrito das autoridades. O pastor Grigoryev, como líder reconhecido do movimento adventista na Rússia, recebeu permissão para reestabelecer parte da organização.

Isso não foi fácil. A maior parte dos nossos líderes experientes havia morrido nas prisões e campos de trabalho forçado. Não existia escola para treinamento de novos pastores. Além disso, não possuíamos permissão para fazer qualquer tipo de contato com nossa sede mundial. Este não é o espaço adequado para descrever o longo e doloroso processo de restauração da organização da igreja na União Soviética. Apenas direi que é uma grande infelicidade o fato de tanto tempo, esforço e, acima de tudo, pessoas preciosas terem sido perdidos enquanto tentávamos resolver nossas diferenças. Sempre que o grupo de líderes se reunia para tentar decidir qualquer coisa, que, fossem estratégias de evangelismo ou outras coisas, essas divisões apareciam novamente e impediam o desenvolvimento de um espírito saudável de cooperação, a despeito do objetivo que se tentava alcançar em conjunto.

É verdade que as discordâncias são parte natural de qualquer trabalho em equipe e pontos de vista diferentes são cruciais para o processo criativo e de

resolução de problemas. Mas, quando opiniões divergentes entram em choque e quando as pessoas que discordam não se comportam com espírito de amor fraternal, isso causa dor desnecessária e perda de tempo e energia valiosos.

Precisamos aprender como manter abertas as linhas de comunicação. Temos que, com o espírito de Cristo, nos ajudar e ajudar outros a lembrar que o erro é humano e, por isso mesmo, nossa única segurança é a orientação do Senhor. Com essas tristes experiências do passado, oremos juntos e pensemos na forma urgente e eficaz com que precisamos cumprir a comissão evangélica. Minha oração é para que todos nos recordemos da preciosa advertência da mensageira do Senhor: “O pecado que mais se aproxima de ser desesperançadamente incurável é o orgulho da opinião própria e o egoísmo. Isso impede todo o crescimento” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 200).

Passo agora a me aventurar em um território meio ousado.

Se você conhece alguma coisa sobre a história recente da Rússia, sabe que logo depois do colapso do regime ateu da União Soviética, portas sem precedentes de oportunidades evangélicas se escancararam. E você provavelmente tem conhecimento, também, que atualmente a Rússia está mudando de novo. Alguns obstáculos de natureza completamente diversa têm fechado algumas portas. O nacionalismo está em ascensão e a intolerância religiosa contra as minorias – advogada por aqueles que se utilizam da Ortodoxia Russa para fins políticos – está se tornando uma nova e triste realidade. À medida que a riqueza da Rússia cresce e o país volta a se tornar uma grande potência política que precisa ser levada em conta, disposições antiocidentais e hostilidade contra instituições e missionários estrangeiros são alarmantes.

Meus questionamentos vão em duas direções: Será que aproveitamos ao máximo as oportunidades e as portas abertas? E, enquanto algumas portas se fecham, estamos devidamente posicionados para cumprir nossa missão em tempos mais difíceis?

Não me entenda mal. Agradeço ao Senhor os missionários estrangeiros que chegaram para nos ajudar durante aqueles primeiros anos maravilhosos de liberdade, todas as pessoas extraordinárias e generosas que vieram dos Estados Unidos, Europa e Austrália para proclamar a mensagem adventista ao povo de nosso país. Tive o privilégio de liderar a Divisão Euroasiática naquela época. Como poderia não estar repleto de gratidão?

Para falar a verdade, dois dos meus associados mais próximos no Instituto de Tradução da Bíblia, Ivan Lobanov e Marina Opiyar, ambos graduados com distinção em universidades russas, se converteram durante essas cruzadas. Como

vários outros jovens, foram os primeiros a se sentir atraídos às reuniões evangelísticas, pois elas lhes forneciam a chance de finalmente ouvir falantes nativos de inglês usarem a língua que eles haviam aprendido nas escolas russas. Assim, seu interesse na língua inglesa se transformou num interesse pelo evangelho de Jesus Cristo.

De 1990 a 1994, o número de membros da Igreja Adventista triplicou. Foi de 34.000 a 99.000. Mas na antiga URSS, cuja população total era de 290 milhões, aquele era apenas o início; somente um adventista para cada três mil habitantes. No mesmo período, o número de pentecostais cresceu 25 vezes.

Portanto, o que estou dizendo é que aprecio as bênçãos que recebemos durante aqueles anos nos quais a Rússia e outros países da Divisão Euroasiática estavam abertos para o evangelismo. *Mas minha convicção profunda – e o maior pesar do meu coração – é que não exploramos e aproveitamos inteiramente as oportunidades que Deus nos deu.*

E digo com muita franqueza que, para minha grande tristeza, o forte desacordo entre duas alas da igreja (sobre as quais falei anteriormente neste livro) mostrava – e por vezes ainda mostra – sua feia face de tempos em tempos. Esse foi um dos principais obstáculos quando nos reuníamos de maneira deliberada para orar e buscar soluções juntos. Ainda me lembro do pastor Bob Spangler, em sua última visita à Rússia em 1996, compartilhando sua preocupação com os resultados de nossos esforços.

– Eu tinha a esperança de que pelo menos meio milhão de pessoas seriam batizadas como resultado dessas campanhas – ele disse com tristeza.

Concordo totalmente com ele. E é por isso que ousou sugerir a busca de novas abordagens para o evangelismo, novas avenidas tão desesperadamente necessárias num país como a Rússia, que está se dirigindo novamente a um modo de vida autoritário de natureza diferente.

Acredito que, para alcançar a população com a mensagem de Deus, precisamos estar insatisfeitos com a situação vigente e dar um passo ousado adiante. Temos que estabelecer laços duradouros de amizade com pessoas-chave na sociedade para a qual fomos chamados a ser “luz e sal”. É impossível exercer influência permanente sobre nossa sociedade a menos que desenvolvamos laços genuínos e profundos de amizade – e, assim, uma influência positiva – com aqueles que modelam a opinião nacional.

Para mim, as palavras de Paulo aos coríntios adquiriram um sentido ainda mais profundo nestes últimos tempos: “Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns” (1 Coríntios 9:22).

Como precisamos nos identificar de forma próxima com aqueles a quem pregamos o evangelho de Cristo! É claro que sempre existe o perigo de, como adventistas, apagarmos nossas características distintivas, *mas isso não é menos perigoso do que nos isolarmos daqueles a quem somos chamados para servir*. É somente evitando esses dois extremos que seremos capazes de cumprir a comissão que Jesus nos confiou.

Peço que você analise comigo duas crises atuais da Rússia. A primeira delas é a inaptidão do governo para resolver problemas sociais e políticos, para lutar contra o crime, o alcoolismo, a corrupção e o terrorismo. A segunda é a assustadora tendência de suprimir os direitos humanos e a liberdade religiosa, desta vez com o objetivo de preservar a soberania russa e a singularidade de sua cultura. Será que os adventistas russos podem ficar satisfeitos com os resultados de nosso ministério enquanto observam novas formas sofisticadas de opressão voltando a atuar? Não teria chegado o tempo de procurarmos, em oração, novas alternativas para atingir as necessidades gritantes nessas condições radicalmente diversas?

Não seria útil para nós lançar um novo olhar na inspirada descrição do modo empregado por Jesus para alcançar as pessoas que Ele veio salvar? “[Jesus] tomava terno interesse em todas as várias alegrias e sofrimentos da humanidade. Identificava-Se com todos – com o fraco e desamparado, com o humilde e necessitado e com o aflito” (Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 178). Se Jesus, para o sucesso de Sua missão, Se identificava (no sentido de Se envolver ou de Se associar de perto) com todos os que necessitavam de Sua ajuda, *como podemos contar com o sucesso em nosso trabalho sem segui-Lo pessoalmente nesse quesito também?*

No capítulo 20, relatei a breve história de como nosso seminário em Zaokski – que recentemente recebeu o *status* de universidade – começou. Deixe-me mencionar alguns acontecimentos importantes que comprovam o ponto de vista que estou tentando esclarecer.

Como foi que, meia década antes do colapso do comunismo, a União Soviética nos deu, em adição ao pequeno lote onde se encontrava a escola incendiada, uma grande extensão de terra sem cobrar nada? Nada explica esse fato, a não ser a providência divina. Enquanto meu filho Michael procurava uma propriedade onde o seminário poderia ser construído, ele descobriu um orfanato do governo em crise, localizado numa vila próxima a Zaokski. Seu coração foi tocado e ele organizou uma equipe para ampliar e reparar as instalações do orfanato. Esse trabalho provocou uma mudança notável na opinião pública e, em

troca, o governo concedeu aqueles acres extras, os quais fizeram toda a diferença para a nossa escola.

Depois, logo que começamos nosso ministério em prisões e hospitais, além dos orfanatos, o governo descobriu o que estávamos fazendo, sem nenhuma campanha ou propaganda ideológica de nossa parte. Aqueles entre as autoridades que inicialmente nutriam suspeitas e atitudes hostis quanto à construção passaram a se interessar e a dar apoio, não só ao seminário, como também aos nossos amigos norte-americanos, à casa publicadora e à clínica estabelecidas em Moscou.

Nossa igreja recebeu reconhecimento público e proeminência porque ficamos conhecidos como um povo profundamente interessado no bem-estar de nossos concidadãos. Jornais de circulação nacional, revistas, rádio e televisão tornaram públicos esses primeiros passos da Igreja Adventista. E, posteriormente, durante a transição crucial para uma “nova Rússia”, muitos governantes de visão encararam nossa igreja de forma favorável – *porque fizemos um esforço consciente de nos identificarmos com as necessidades e melhores interesses de nossos cidadãos*. Os novos líderes do país, durante o governo de Gorbachev e Yeltsin, reconheciam que, num país com tanta diversidade religiosa, era necessário que todas as crenças fossem consideradas iguais perante a lei. E os cristãos adventistas foram capazes de demonstrar como a igreja pode ser útil para manter o equilíbrio entre as forças sociais do país.

Você consegue imaginar quão surpreendente foi para mim – alguém que passou meses sendo investigado e depois anos em campos de trabalho forçado – ser convidado, em 1990, juntamente com o patriarca ortodoxo russo, para falar perante o Soviete Supremo da URSS durante debates e conferências sobre a nova lei referente à liberdade de consciência? Naquela época, meus artigos sobre o assunto da liberdade religiosa eram prontamente impressos nos principais jornais da Rússia. Eu, entre outros, fui recebido pelo presidente e corajoso reformador Mikhail Gorbachev para discutir a questão de como a igreja deve se relacionar com o Estado.

Logo em seguida, a enxurrada de séries evangelísticas começou por toda a nação. Praticamente todos os nossos esforços missionários se concentraram no planejamento e realização dessas campanhas. Com frequência, reflito sobre o que foi feito, o que não foi e o que poderia ter sido feito melhor. Devido ao seu estilo e conteúdo, aqueles programas não levaram em conta os intelectuais e formadores de opinião, mas eram predominantemente voltados para o trabalhador comum. E, infelizmente, dentre aqueles que aceitaram, perdemos

muitos – em primeiro lugar, talvez, porque essas pessoas não perceberam que nos importávamos genuinamente com suas necessidades e com as necessidades mais amplas da comunidade.

É isso que, na minha humilde opinião, deveríamos ter feito. Naquela época, com nossas oportunidades únicas de influenciar a opinião pública por meio de nosso testemunho, apoiado por um ministério de coração voltado a atender às necessidades do nosso povo, *poderíamos ter nos posicionado com mais vigor em prol dos valores eternos e da liberdade religiosa.*

Infelizmente, isso não aconteceu. De algum modo, não atentamos para as seguintes palavras de Ellen White: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

Essa seria a minha sugestão, não apenas para o meu país, a Rússia, mas para todos os países e todas as culturas. Juntamente com a pregação do “evangelho do reino”, acredito que precisamos desenvolver uma estratégia que atue em quatro direções:

- 1 Precizamos defender com fervor a liberdade religiosa.
- 1 Precizamos servir com avidez as necessidades gritantes de nossa sociedade.
- 1 Precizamos nos envolver no ministério de espalhar a paz e a reconciliação.
- 1 Precizamos falar em prol da justiça social.

1 Enquanto as oportunidades para o evangelismo tradicional na Rússia estão sendo sufocadas, certas forças estão tentando pressionar meu país – de novo – a assumir atitudes de nacionalismo e intolerância. Seria presunção de nossa parte tentar proteger nosso direito de liberdade religiosa sem nos importarmos com os direitos e necessidades dos outros, sem nos envolvermos em círculos mais amplos da sociedade.

Felizmente, existem pessoas na liderança governamental que compartilham nosso ponto de vista sobre a ligação inseparável entre o progresso de nossa nação – assim como de qualquer outra – e a liberdade de consciência e religião. Outras organizações religiosas cristãs e não cristãs ecoam nossa preocupação e estão dispostas a cooperar conosco no desejo de servir o povo de nosso país. Enquanto trabalhamos junto com essas pessoas de bom coração devemos seguir o sábio e inspirado conselho:

“Nossos pastores devem tentar se aproximar dos pastores de outras denominações. Orar por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo

intercessão. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nesses pastores do rebanho” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 78).

Oro para que, pela graça de Deus, nosso relacionamento com outros cristãos seja marcado por caloroso respeito. Devemos aceitá-los como irmãos e irmãs no Senhor e então seremos capazes, quando a oportunidade certa surgir, de lhes falar das coisas que acreditamos que eles precisam saber. Tenho a certeza de que seremos ensinados pelo Espírito de Deus a saber o tempo adequado para revelar as verdades da Bíblia.

E quando – sem interferir na política e sem apagar nossas características distintivas – nos tornarmos tão íntimos de pessoas-chave em nossa sociedade de modo que elas passem a nos considerar amigos de verdade, seremos capazes de realizar muito pelo Senhor. Isso, certamente, exigirá grande ampliação de nossos recursos humanos e financeiros.

À medida que as pessoas ouvirem nossas vozes unidas protestando contra males sociais como a corrupção, o comércio sexual escravo, o abuso de drogas e outros, e à medida que nós – seguindo o exemplo do Salvador, que dedicou Seu tempo à cura dos doentes e alimentando os famintos – tentarmos, com todos os nossos meios, ajudar o próximo em suas lutas por uma vida pacífica e saudável, o respeito do público por nossa igreja crescerá imensamente. Como conseguiremos cumprir a tarefa que o Senhor nos confiou a não ser atuando como modelos genuínos, como uma inspiração e um recurso para a sociedade em sua reconstrução espiritual e constitucional?

A mente e o coração das pessoas se abrirão para nós quando elas começarem a nos ver como cristãos amorosos e gentis, como pessoas abertas a ouvir e a conduzir um diálogo claro e honesto, sob o espírito de nosso manso Mestre. E é bom saber que todas essas questões delicadas e importantes podem depender constantemente da direção de Deus. Ele está conduzindo Seus humildes seguidores rumo ao triunfo final, que é nosso por meio de Cristo Jesus, o Senhor.

Certo dia, cinquenta anos atrás, realizei um culto numa casa no pé de uma das colinas dos arredores de Almaty, no Cazaquistão. Havia membros de nossa igreja ali, bem como outros amigos da Palavra de Deus.

Um dos membros trouxera com ele um parente, membro do Komsomol, a organização comunista voltada para a juventude. Aquela foi a primeira vez que ele ouviu sobre o Salvador do mundo. O culto terminou e eu estava próximo à porta, prestes a sair. Subitamente, ele se virou para mim e perguntou de forma direta:

– Você tem certeza de que tudo o que acabou de ler na Bíblia é mesmo a verdade?

– Sim – eu respondi.

O jovem ficou me observando, confuso.

– Se tudo isso é verdade, então por que vocês não estão gritando essa mensagem em todos os lugares e ecoando-a em cada sino deste país?

Tudo o que fiz em minha vida e tudo o que escrevi foi e ainda é motivado pelo desejo de cumprir a ordem do Senhor, para que eu nunca tenha que ouvir – ou responder – essa pergunta!



Pavel Pilkh e sua esposa, Anna, tia de Mikhail, serviram ao Senhor na Rússia transcaucasiana e na região norte do Cáucaso. Ele foi preso no começo da década de 1930, enviado para um campo de trabalhos forçados e executado em 1937.



Meu avô Stephan Victorovich Kulakov participou da primeira Duma (parlamento) da Rússia. Essa foto pertence ao pequeno livro que uma mulher, espectadora do julgamento de meu pai, entregou à minha mãe em um intervalo do processo.



Retrato de família, em São Petersburgo, 1928. Meu irmão mais velho, Stephen, posa com calmo profissionalismo, mas eu devia estar inquieto, pois minha mãe está segurando meu pé com firmeza.



Uma tarde de sábado no verão da Sibéria, em 1936. Este riacho e a vila em que papai ficou exilado tinham o mesmo nome, Krasny Klyutch, que em russo antigo significa "riacho bonito". Meus pais, meu irmão Victor e eu amávamos nos sentar ali perto e ouvir a música da natureza.



No posto de tenente do exército soviético durante a Segunda Guerra Mundial, Stephen aprendeu a confiar em Deus no meio dos perigos. "Creio em Deus", ele disse finalmente a seus superiores, "e devo adorá-Lo no dia que Ele estabeleceu para esse propósito." Indignado, o comandante o transferiu para as forças de reserva. Enquanto voltava para casa, ele se encontrou com o pastor Constantine Titorenko, que, apesar de ter acabado de ser liberado do exílio, ficou feliz em batizar meu irmão clandestinamente.

Depois que papai foi sentenciado a trabalhos forçados na República de Komi, ao norte (e antes de as visitas familiares e fotografias serem proibidas), meu irmão Stephen, na época recentemente reconvertido, o visitou em 1947. Essa seria a última vez que eles se encontrariam. Um ano mais tarde, meu irmão e eu fomos presos e ele morreria em 1953.



Em 1953, Stephen, aos 32 anos, concluiu sua sentença nos campos de trabalho forçado bastante enfraquecido, possivelmente devido à tuberculose. Mamãe conseguiu se unir a ele em seu local de exílio, acima do Círculo Polar Ártico, e cuidou dele até à morte, três meses depois. Mais tarde, mamãe me contou como alguns de seus amigos cavaram no gelo permanente para preparar sua sepultura. Nessa foto, um daqueles jovens — que disse que o testemunho de Stephen e sua morte de mártir o conduziram a Cristo — pranteia a morte do amigo.





G. A. Grigoryev, líder adventista russo durante muitos anos, que me advertiu a ficar alerta quanto aos informantes da KGB presentes dentro da igreja.



Fevereiro de 1948. Aqui você me vê dando uma aula de Artes para alunos do quinto e sexto anos em Daugavpils, Letônia. Dentro de um mês e meio, a KGB me prenderia e me transportaria de volta a Ivanovo, onde fui encarcerado, julgado e depois enviado para campos de trabalho forçado.

Minhas habilidades artísticas foram muito úteis enquanto eu estava num campo de concentração em Karaganda, em 1952. Como as fotografias eram proibidas, os prisioneiros pediam para que eu lhes desenhasse. Os desenhos eram levados clandestinamente do campo por um amigo civil que os enviava para os familiares dos presos. Muitas vezes, as gravuras eram primeiro copiadas diversas vezes por um fotógrafo, para poderem ser mandadas para vários parentes. Não me lembro desse homem aqui que desenhei (foram tantos!), mas ele me deu essa cópia como prova de sua gratidão.



Este é Anatoly, meu amigo e companheiro de prisão num dos campos. Quando um de nós recebia pacotes de comida mandados pela mãe, compartilhava com o outro. Num dia trágico, ele e alguns amigos tentaram escapar da fábrica de tijolos onde trabalhávamos. Anatoly morreu baleado pelos guardas. O funeral dele foi o primeiro que realizei. Encontrei entre os pertences dele esta foto anterior ao confinamento.

Um ou dois meses antes desta foto, logo depois de ser libertado do campo de concentração, assinei um documento dizendo que permaneceria permanentemente exilado em Mirkisul, Cazaquistão. Estou em pé num barco que pertencia a meu anfitrião e companheiro de exílio, Herr Behnke, colocando um peixe dentro do balde.



Nosso casamento foi realizado em novembro, durante o inverno. Como não tínhamos meio de transporte, estúdio fotográfico, nem dinheiro para gastar em retratos, a câmera usada foi a minha, velha, com tripé, e o fotógrafo é o irmão mais novo de Anna, Iliya, que removeu a tampa da lente, contou “um, dois, três” e em seguida a colocou de volta. Uma prima de Anna fez esse bonito vestido de tecido decorado, combinado com seda natural e linha cor-de-rosa.





Casados há seis meses, Anna e eu estamos em frente à casa de pau a pique dos pais dela, com o presente de casamento que eles nos deram, a novilha Zorka (pequena estrela). Um ano depois, Zorka deu à luz um bezerro. Quando nos mudamos para Almaty, vendemos os animais por quantia suficiente para comprar uma humilde cabana na região periférica da cidade.



Depois de ser preso pela KGB em Almaty, em 1959, os líderes da igreja local sugeriram que eu deixasse a cidade por um tempo. Por isso, passei um mês com meu tio Alexander Demidov e sua esposa, Evdokia, em Norilsk, acima do Círculo Ártico. Ambos eram exilados. Evdokia passou oito anos em campos de trabalho forçado. Ela adorava ler essa edição pré-comunista rara da Bíblia e a disfarçou, encapando-a com páginas de uma revista soviética. Esta é uma foto posterior que tirei com esse querido casal.



Nossos cultos secretos e estudos bíblicos na capital do Cazaquistão, Almaty, e região resultaram em vários batismos. Como eu ainda não era ordenado, o amado pastor Kazimir Korolenko realizou essa cerimônia batismal clandestina em 1957, na qual 18 pessoas preciosas se entregaram a Jesus. Infelizmente, sua participação nesse e em outros batismos levou-o à prisão mais tarde naquele mesmo ano.



Em março de 1961, eu fui convocado a participar do meu primeiro “julgamento público” em Almaty, Cazaquistão. O pano drapeado rosa, próximo ao apoio para livros, está adornado com o martelo e a foice. A mulher de aparência austera era presidente de um dos comitês executivos locais. O homem me observando atentamente era o promotor. Eu não tinha advogado de defesa e recebi cinco minutos para responder o equivalente a uma hora de acusações contra mim. Na foto, estou lendo um panfleto que continha algumas declarações de Lênin defendendo que o governo não deveria perseguir a igreja. Logo em seguida, o juiz me silenciaria. Anna se encontrava na audiência e ficaria severamente traumatizada por esse “julgamento”.

Em 1964, nasceu nosso quinto filho, Peter. Como não era permitido visitar a seção da maternidade, a tia de Anna, Agaphia, ajudou as outras crianças a darem uma olhadinha na mamãe e no novo irmãozinho pela janela.





De 1962 a 1967, encontramos refúgio em Kokand, Uzbequistão, de onde eu viajava secretamente para as igrejas do Cazaquistão e da Ásia central. Sentados à mesa (da esquerda para a direita) estão Michael, Peter no meu colo, Pavel, meu pai, Maria e minha mãe. Anna e Evangeline estão em pé. Na mesa está o violino que eu usava para acompanhar nossos cânticos.



Setembro de 1966. Evangeline (ponta esquerda) segura o tradicional buquê do primeiro dia de aula, para presentear a professora, sabendo que a ausência do lenço vermelho dos Jovens Pioneiros lhe causaria problemas. Ao seu lado estão Pavel e Maria, que tinham uma professora gentil que não os incomodava por causa do lenço. Michael, na frente de Anna, está animado por começar a primeira série, enquanto o pequeno e despreocupado Peter dá uma risada travessa. Estou atrás da câmera e, antes que eles saiam para a escola, leio algumas palavras da Bíblia para eles, faço uma oração e os confio às mãos de Deus.



Na década de 1960, embora eu fosse um pastor às escondidas, trabalhava para o governo como fotógrafo itinerante, aproveitando para visitar secretamente as igrejas e grupos enquanto fazia fotos para passaportes e outros trabalhos fotográficos. Aqui estou tomando chá numa hospitaleira yurta (tenda nômade).



Esta foto foi tirada em homenagem ao aniversário de quarenta anos da minha preciosa Anna. É o ano de 1973 e nos reunimos num estúdio fotográfico em Chimkent, Cazaquistão. Na fileira de trás: Pavel, Evangeline, Maria e Michael. Na frente: Anna, Elena (segurando a boneca "Dasha"), eu e Pedro, que está observando pensativo o trabalho do fotógrafo.



No outono de 1970, graças ao convite da minha tia Valentina, que morava nos Estados Unidos, fiz minha primeira visita a esse país. O presidente da Associação Geral, Robert Pierson, generosamente organizou um passeio por vários lugares históricos da Igreja Adventista, incluindo o Ellen G. White Estate, localizado na sede da igreja. Aqui eu estou tentando erguer uma Bíblia similar à que a jovem Ellen segurou durante uma visão.



Embora o governo fosse extremamente contrário à organização da Igreja Adventista, em 1981 recebemos autorização para reunir delegados da região central da Rússia para eleger um “pastor sênior”, Nicolay N. Libenko (o homem de barba no centro da foto, em frente a duas mulheres de casacos claros). Isso marcou, de forma não oficial, a criação da Associação Russa Central.



Em setembro de 1990 tive a honra, juntamente com o patriarca russo ortodoxo Alexei II (à minha esquerda), de comparecer perante o parlamento para discutir a nova legislação religiosa da URSS. Falamos com muito cuidado, pois estávamos nos dirigindo aos líderes comunistas do país. “Se os senhores concederem liberdade ao povo para exercer suas convicções religiosas”, eu disse aos legisladores, “fortalecerão os sentimentos patrióticos de nossos cidadãos.” Esta foto foi retirada do jornal londrino *Daily Telegraph*, edição de 27 de setembro de 1990.



Em 1987, o presidente do Comitê de Assuntos Religiosos da União Soviética, Konstantin Kharchev, visitou os Estados Unidos e eu fui tradutor dele. O presidente da Associação Geral, Neal Wilson, o convidou pessoalmente a visitar várias instituições adventistas. Aqui o pastor Wilson está mostrando a Kharchev a escultura *O Bom Samaritano*, de Allan Collin, no campus da Universidade de Loma Linda. (Da esquerda para a direita: Wilson, Kharchev, eu e W. Augustus Cheatham.)



A transformação de um prédio escolar incendiado abandonado no Seminário Zaokski foi feita sem uso de guindastes e outras máquinas, pois a igreja não possuía nenhuma e o Estado não tinha permissão de emprestá-las para fins religiosos. Deus interveio miraculosamente de forma que, mesmo com vários trabalhadores movendo cargas pesadas para grandes alturas, não houve acidente algum durante a construção.





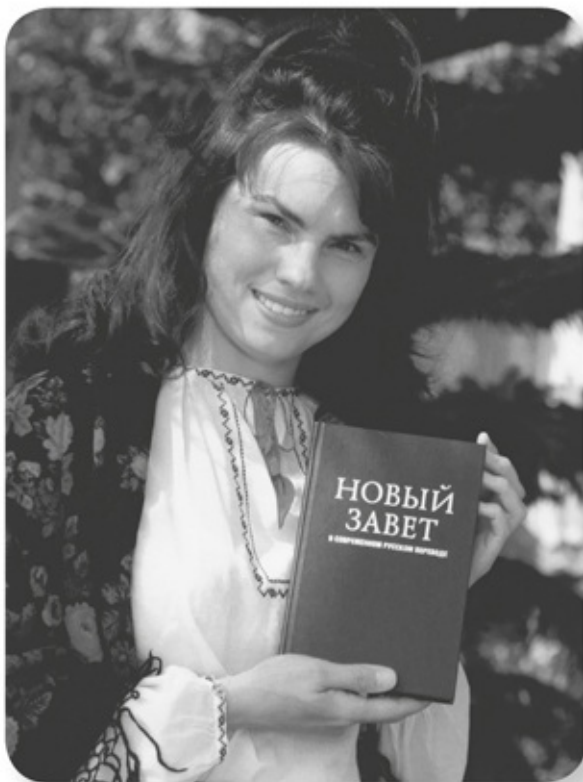
Esta é mais do que uma simples fotografia de homens de terno. Ela mostra um evento pelo qual colegas russos adventistas e eu vínhamos trabalhando e orando havia décadas. O ano é 1981, e o presidente da Associação Geral, Neal Wilson, está em frente ao Hotel Sovietskaya, em Moscou, com representantes de vários grupos adventistas da União Soviética – um movimento experimental, mas dramático em direção à unidade!

"Anna", eu disse, enquanto recebia o título de doutor honoris causa da Universidade Southwestern, "essa conquista é sua!" "Misha", ela me corrigiu gentilmente, "isso é o sorriso de aprovação do nosso gracioso Pai celestial, uma prova do amor que Ele tem por você e por mim."

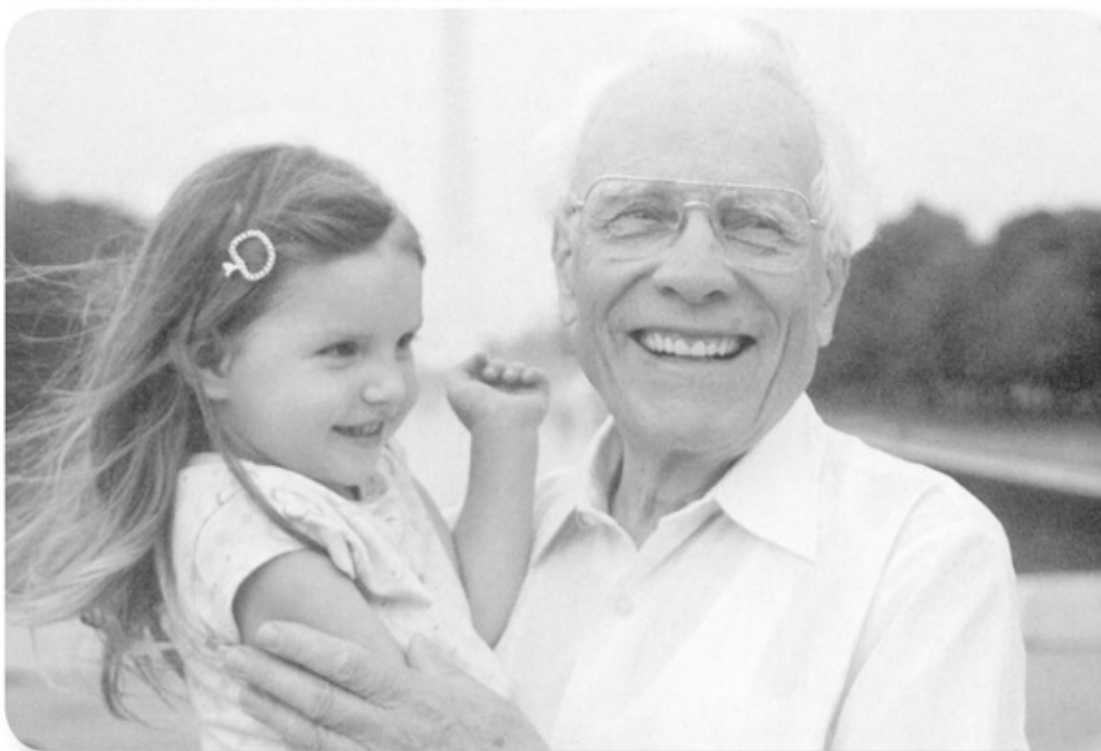




Em agosto de 2001, a Universidade Andrews me presenteou com um segundo doutorado honoris causa. Meus filhos queridos e sua descendência vieram de vários lugares para essa pose em frente à Pioneer Memorial Church. Parece que Anna e eu somos os únicos que não estamos esboçando largos sorrisos. Estávamos provavelmente nos lembrando dos tempos das câmeras de filmes vagarosos, quando, se alguém mudava de expressão durante a contagem de “um, dois, três” do tempo de exposição da máquina, o rosto saía todo borrado!



É o ano de 2003 e nossa filha mais nova, Elena, segura o *Novo Testamento em Russo Moderno*, do Instituto de Tradução da Bíblia.



A despeito das fotos sérias, eu também sei sorrir! E meu sorriso é ainda mais largo quando estou com minha família. Esta é minha bisneta Elizabeth, filha de Maria, a menina mais velha de Evangeline.

